

REVISTA DA SEMANA

Nº 45

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

2 - 11 - 46



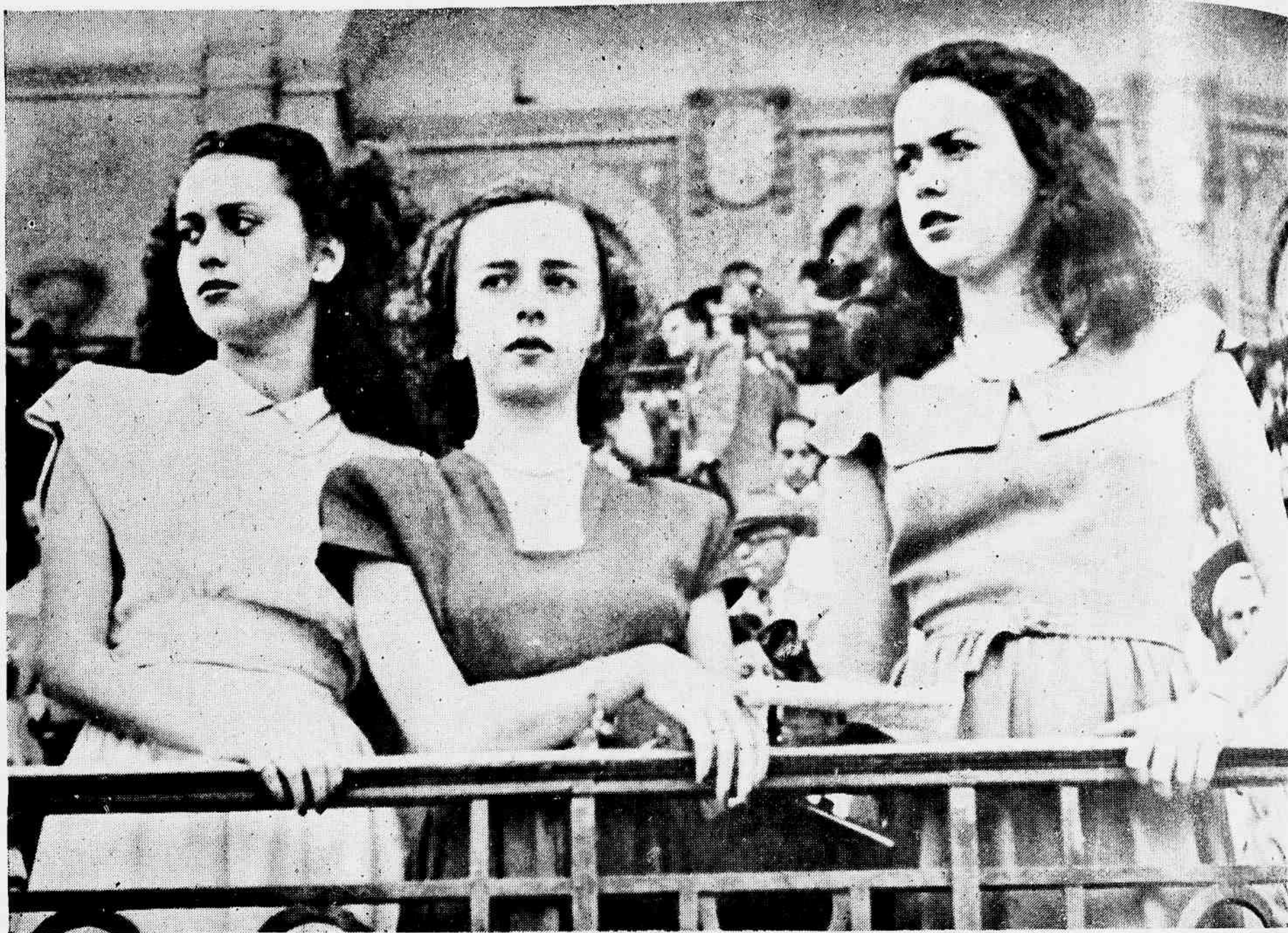
REVISTA DA SEMANA

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

9-11-46

Nº 45





JOCKEY CLUB MUNDANO

Domingo último o Jockey Club Brasileiro ofereceu aos admiradores do nobre esporte uma reunião, à qual compareceram elementos destacados da sociedade carioca. Pamos nesta página alguns flagrantes colhidos na "pelouse" da Gávea, durante os jogos das carreiras, que, como sempre, transcorreram num ambiente de entusiasmo e





"O MUNDO MARCHA", nasce nesta página, exatamente no dia 9 de novembro de 1946, ano do desentendimento entre as nações, quando nas conferências de paz se fala mais em guerra do que em qualquer outra coisa. O senhor Bevin, falando em nome da Inglaterra, diz que estamos farto de rumores alarmistas e todos desejam apenas paz, nada mais que a paz. Voz de menor ressonância é a do carioca Orestino Barbosa Alexandre, que se deixou enganar pelos propagandistas da borracha e foi para o Amazonas, ganhar dez cruzeiros por dia e pegar impudismo do pior. Esse também quer a paz e quer muita distância da região amazônica, do impudismo e dos propagandistas da "batalha da borracha". O pior é que, regressando, perdura de vista a mãe e demais parentes, que haviam ficado em Marechal Hermes. Falando à imprensa, Orestino não disse, entretanto, se já havia procurado os seus parentes nas "filas", em que é muito possível que se encontrem... "O Globo" denuncia a existência de uma fábrica de manteiga clandestina, dentro da própria Comissão Executiva do Leite, a famigerada CEL... Funcionários daquele órgão produziam diariamente dezenas e dezenas de quilos de manteiga com creme furtado da CEL... Leite para vender ao povo não havia, mas, em compensação, havia muita manteiga para ser vendida no câmbio negro... Manuel Soares, João Rosa, Honório da Silva Marques e Nery de tal eram os autores da facanha... Enquanto isso, de volta da Europa o jornalista Carlos de Lacerda, redator do "Correio da Manhã", revela que um ovo fresco na Itália custa metade do preço de um ovo pôdre no Brasil. A revelação só não causou espanto porque aí estão as batatas inglesas vindas da Holanda e que são vendidas, no Brasil, por preço muito abaixo das nossas, produzidas ali em São Gonçalo ou no Rio Bonito... A propósito, contra todos os preceitos constitucionais, o Estado do Rio continua a cobrar "imposto de exportação" dos gêneros alimentícios que vêm dali para o Rio de Janeiro, enquanto que as batatas da Holanda entram aqui livres e desembarcadas de qualquer onus... E' bom que conste que a Itália e a Holanda foram países invadidos e que o Brasil, ao contrário, nunca mudou de bandeira... Nós mesmos o temos governado. A respeito da crise da banha, noticia-se que o diretor do Abastecimento da Prefeitura do Distrito Federal foi ao Rio Grande do Sul para adquiri-la. Se a moda pegar, os diretores de serviços idênticos de mil e uma cidades brasileiras irão também fazer mesmíssimo turismo. Por falar em turismo, o aéreo vai de vento em popa... Em avião da Panair, passaram pelo Brasil com destino à Patagônia dez casais de castores canadenses, que viajaram de canôa, de trem e pelo ar, afim de construir pontes, casas e canais naquele território argentino. Vão tentar aclimar esses roedores nas terras frias argentinas, para em época oportuna iniciarem uma nova indústria de peles... Ao redor do prédio em que está instalada a nossa redação está havendo justo alarme, segundo registra a imprensa diária, posto que a Prefeitura Municipal pretende pôr muitos prédios abaixo para fazer uma nova avenida. Os que estão ameaçados de despejo e desabrigo, os que não querem cair na exploração das "luvas", telegrafaram ao presidente da República, manifestando a sua aflição... O embaixador da Rússia, Sr. Yacov Suritz, ia aos Estados Unidos e chegou até Belém, de onde, arrependendo-se, voltou ao Rio, pois só assim poderia estar presente à primeira recepção oficial da Embaixada Soviética à sociedade carioca, marcada para hoje, 9 de novembro... Com essa recepção, reata-se uma tradição social interrompida há trinta anos. Di Cavalcanti deu uma entrevista contra o pintor Osvaldo Teixeira e o cronista Rubem Braga também fez fogo contra "o dono do Salão". O novo ministro da Educação (quem será? quem será?) precisa voltar os seus olhos para o assunto... Por falar em ministro, foi exonerado o Sr. João Neves da Fontoura, que brilhou na Conferência de Paris e fez um bom acôrdo em Londres... O SAPS está no cartaz novamente e novamente surgem acusações contra o seu diretor... Dizem que há verbas malbaratadas. Enquanto a direção do SAPS for um cargo político e não uma função técnica, a coisa há de andar assim... O aspirante da Aeronáutica, Afonso Barbosa, apaixonado pela menor Elza Fontoura, de 14 anos, ainda iniciando o seu curso secundário, foi pedi-la em casamento ao pai, o advogado Lauro Fontoura, ex-capitão do Exército, e diante do "não" paterno puxou um revolver e pum! pum! pum! — matou o pai da pequena. Esta, aliás, disse aos jornais que "mal conhecia meu pai", por ser este desquitado, fazendo vida à parte. Chegaram dos Estados Unidos duas toneladas de material para o combate aos gafanhotos... Só que não se sabe mais onde estão a estas horas os terríveis acridios. O que prova a covardia dos gafanhotos, que nos atacam quando estamos desarmados, mas não aparecem quando temos meios de eliminá-los... Que Deus nos dê uma semana um pouco melhor, de 9 a 14 de novembro de 1946, ano de poucas graças e de muitas fumaças... "O mundo marcha"! Ninguém sabe para onde, mas lá que marcha, isso marcha...

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens esforçados devem cuidar especialmente da saúde, porque trabalham com afêro e precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e por conseguinte diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

Nas dermatoses e moléstias parasitárias da pele.

REMOVAN

Nas Dro. e Farm.

CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA



O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1ª ORDEM
AVANÇADAS RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

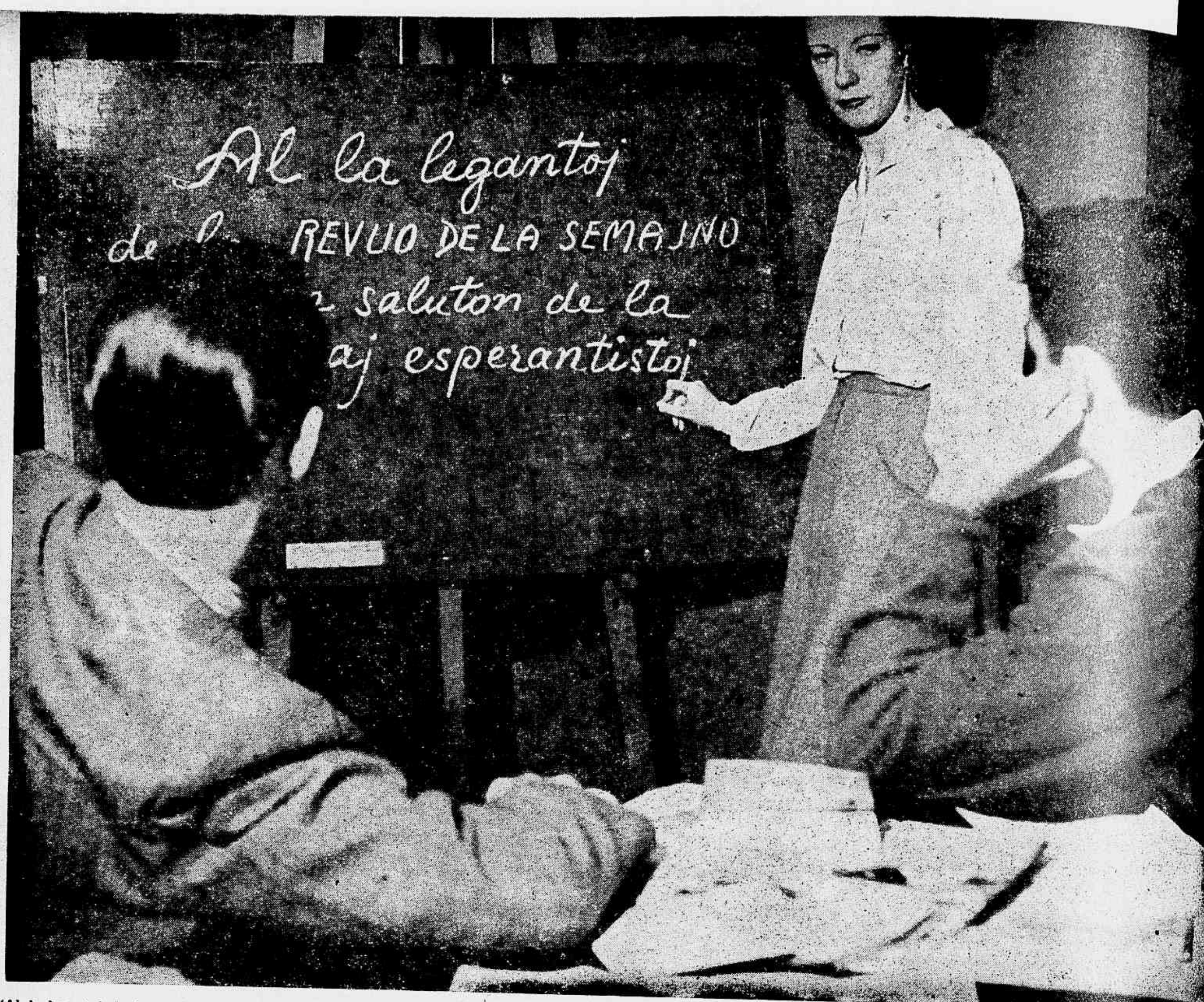
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

Loalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ANTIGOS PARA PRESENTES

R. CARIOCA N.º 28



"Al la legantoj de la 'Revuo de la Semajno' koran saluton de la brazilaj esperantistoj" — Uma saudação dos samideanos aos leitores, cuja tradução é a seguinte: "Aos leitores da REVISTA DA SEMANA" a cordial saudação dos esperantistas brasileiros". Os radicais das palavras, escolhidos após anos de estudos por um grande poliglota, tornam seu aprendizado fácil.

15 MILHÕES DE PESSOAS FALAM

A MAIS JOVEM DE TODAS AS LINGUAS

Desaparecerá, afinal, a maldição da Torre de Babel? — Do "Balaibalan" à língua de Zamenhof — O idioma das 1.000 palavras e o das sete notas musicais — Oitica compõe poemas em Esperanto — O pão como base teórica do "stelo", moeda universal — Namoro e casamentos de brasileiros com norte-americanos, noruegueses e holandeses, servindo-se da língua universal — Um húngaro, sem saber uma palavra de português, decorou, há muitos anos, o "Ouvir Estrelas", de Bilac — A mais sã diplomacia para a Paz universal.

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Reportagem de NEY MACHADO

SEGUNDO a história bíblica, os descendentes de Cam, Sam e Jafet empreenderam ousadamente no vale de Senaar, na Babilônia, a construção de uma torre que deveria chegar aos céus e que por tal motivo chamar-se-ia Torre de Babel, nome tirado do idioma babilônico, onde "Bab-ilu" significava "Porta do Céu". A Bíblia informa que Jeová não concordou com a empreitada e, castigando o atrevimento dos homens, confundiu-lhes a língua para sempre, obrigando-os a desistir do empreendimento e se dispersarem. Viria daí a diferenciação cada vez maior dos idiomas falados no globo terráqueo. Segundo as mais recentes estatísticas existem em nosso planeta nada menos de quinhentos agrupamentos linguísticos! Talvez seja por isto que, atualmente, todos gritam e ninguém se entende. Ainda agora, na recém-terminada Conferência da Paz, no Castelo de Luxemburgo, em Paris, os jornais do Rio insinuaram que a maioria dos embaixadores à essa Conferência se desinteressavam dos debates, simplesmente porque não entendiam bem o francês! E o francês é uma língua difudidíssima. . . Essa formidável barreira à compreensão dos povos, que tolhe o bem entendimento e mesmo a confraternização das nações vem sendo combatida há muitos séculos, em várias tentativas para a criação de um idioma auxiliar com o qual o mais simples cidadão de qualquer região possa trocar impressões com os seus antípodas. A história dessas várias experiências é bem curiosa e a julgar pela constância dos ensaios parece que a humanidade quer contrariar o que o severo Jeová teria

disposto há muitos milênios, numa explosão de sua cólera sagrada. . .

ALFABETOS NUMERAIS E MUSICAIS

Vem de uma religiosa a primeira insubordinação aos designios divinos de promover o perpétuo desentendimento entre os homens. Nos anais da Idade Média no século XI, encontram-se referências a uma abadessa do mosteiro de Rupertberg que teria sido a autora do primeiro projeto de uma língua universal. Depois disso, já no século XVI, um árabe chamado Mukel-Din tentou criar um idioma para todos os povos, denominado "Balaibalan" que, como o seu antecessor, teve existência efêmera.

Com o alvorecer do século XVII o problema da interlinguagem começou a preocupar intensamente cientistas, filósofos e literatos. Citaremos por alto alguns dos mais eminentes, tão somente para demonstrar que o problema da criação do "idioma universal" não é coisa recente, mas uma idéia pela qual se têm batido muitos homens notáveis. Descartes e Leibnitz, grandes figuras do Renascimento, conceberam línguas filosóficas para uso comum de todos os povos. O filósofo alemão criou uma escrita pasigráfica, espécie de amálgama de hieroglífos, semelhantes aos sinais da escrita chinesa, por meio dos quais e graças a um símbolo comum se exprimiria em qualquer parte do mundo o mesmo pensamento. Em toda a Europa multiplicaram-se as tentativas para a obtenção de uma língua comum, acompanhando em geral a escrita taquí-

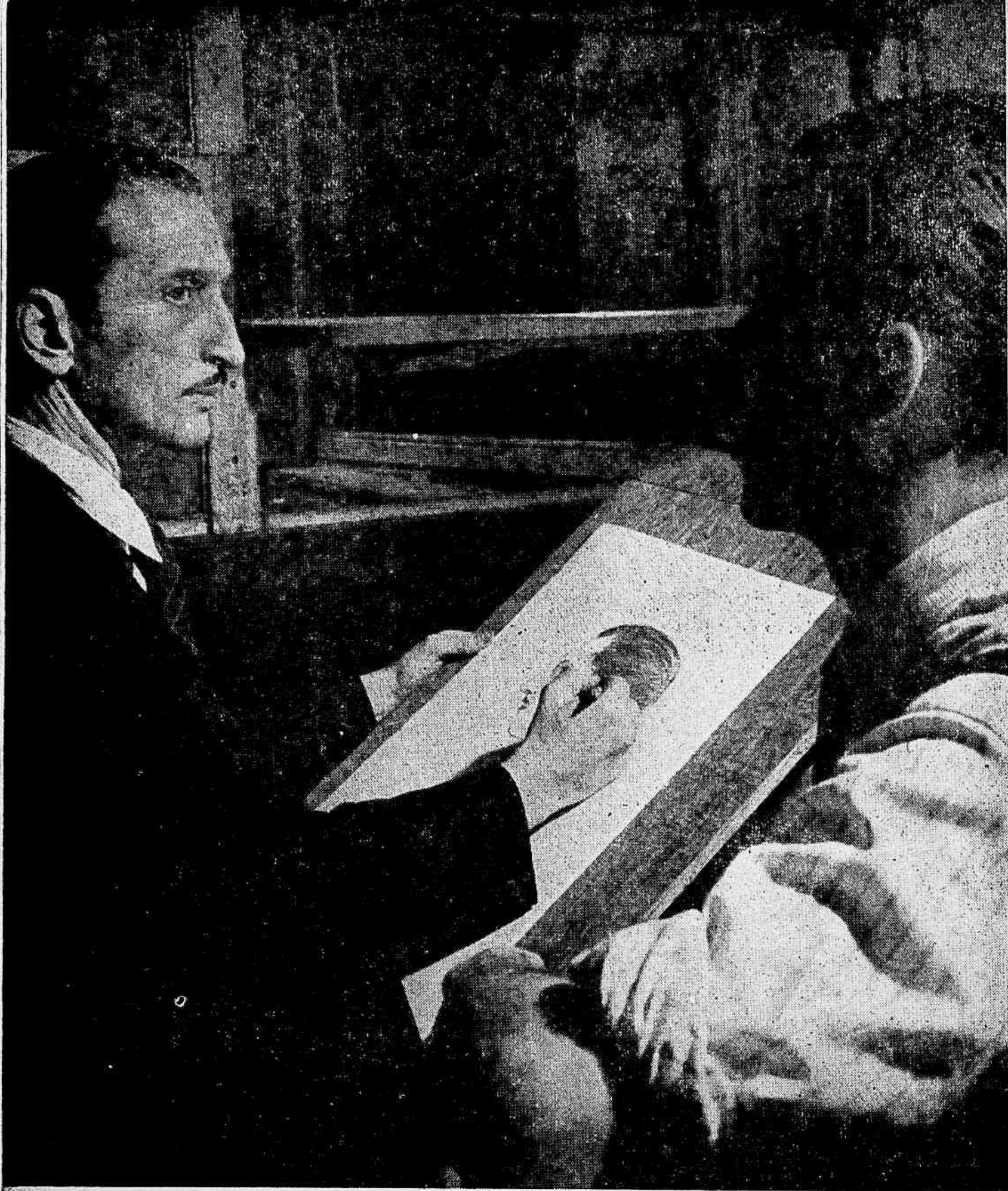
gráfica, tendo tido cultores apaixonados em Condillac, Voltaire, Montesquieu, Ampère, Lambert e muitos outros. No século 19 o sérvio Moisés Paic tentou introduzir uma nova língua universal representada apenas por algarismos. Para exprimir as palavras básicas, contendo idéias elementares utilizava-se números de 1 a 999. As palavras derivadas do número 1.000 até o infinito. Também é digna de especial referência, pela singular originalidade, a tentativa do músico francês Jean Sudre criando um idioma mundial baseando-se nas sete notas musicais comuns a todo o mundo civilizado e ao qual denominou "Sol-re-sol". Os pronomes, advérbios e conjunções eram formados por uma ou duas notas. Por exemplo: Sim era representado pela nota Si; Não, por do; as palavras mais usuais eram constituídas por combinações de três notas guardando certa concordância da nota radical quando as palavras possuíam certa correlação. Por exemplo: tempo, escrevia-se: doredo; dia: doremi; semana: dorela; mês: doresol; ano: dorela; século: dorest. A aprendizagem desta língua chegou a ser recomendada por Vitor Hugo, Lamartine e Humboldt aos soldados e marinheiros franceses. No entanto, todos esses métodos como ainda dezenas de outros não citados nesta reportagem, fracassaram.

Esta jovem esperantista, aluna do Esperanto-Klubo de A.C.M., já leu na língua realizada por Zamenhof algumas das melhores obras estrangeiras, muitas das quais ainda não vertidas para o nosso idioma. "Se este proveito — disse-nos ela — recompensa os poucos meses que temos de estudo".



ESPERANTO

ESPERANTO - ONDERWIJS EN - PROMOGANDE



O escultor húngaro, Laszlo Zinner, enquanto contava as suas aventuras, retrata o perfil do nosso redator. Zinner viajou por todo o mundo utilizando-se apenas do esperanto. Perseguido por três totalitários, Hitler, Franco e Salazar, conseguiu encontrar entre os seus irmãos da "neutralia lingvo" a verdadeira fraternidade inter-continental, ideal de todos os esperantistas.

tiveram o tempo de vida igual à existência dos seus inventores. Sómente uma interlingua conseguiu perdurar além da vida do seu criador e tornar-se verdadeiramente um idioma internacional. E essa foi o

ESPERANTO

Há 46 anos o médico lituano Dr. Luis Lázaro Zamenhof, um dos maiores políglotas contemporâneos, após 30 anos de estudos, construiu a mais perfeita das linguas artificiais, com elementos internacionais de vinte e oito linguas. Por esse motivo — o caráter da internacionalidade do Esperanto, e por suas afinidades morfológicas e etimológicas com as linguas naturais, sua harmonia fonética, que o autor copiou do italiano, sua extrema flexibilidade, podemos considerá-la como solução definitiva para o problema da lingua internacional. Para nos convencer da extrema facilidade de sua aprendizagem, basta saber que a sua gramática — sem uma única exceção — se reduz a 16 regras e que o seu vocabulário, cientificamente internacional, pode ser antecipadamente conhecido em 75% dos radicais por qualquer pessoa medianamente culta. Em menos de meio século de existência, tendo atravessado na sua carreira de propagação duas grandes guerras, o número de pessoas que falam atualmente o esperanto eleva-se a quinze milhões e até no início da segunda conflagração publicava-se em todo o mundo quinze mil jornais, semanários, mensários e outros periódicos nesse idioma. Muitos dos mais famosos livros como a Bíblia, estão vertidos para o esperanto cujos recursos, dizem os entendidos, são os mais amplos para a compreensão e interpretação da sua exegese. Escritores conhecidos como Selma Lagerlof, Jack London, Papini, Remarque, o recém-falecido H. G. Wells, Stefan Zweig e outros, já estão traduzidos em esperanto. Também alguns dos escritores nacionais estão vertidos para a nova lingua; o romance "A Viuvinha", de José de Alencar, correu todo o mundo esperantista sob o nome de "La Vidvineto". Em agosto de 1939, um mês antes da Segunda Grande Guerra, a estação da Torre Eiffel, em Paris, irradiou em esperanto, para todo o mundo, a comédia de Arthur Azevedo "Amor por Anexins" ("Amor per Proverbo"), aliás também editada em volume.

O MOVIMENTO ESPERANTISTA NO BRASIL

A propaganda da lingua criada por Zamenhof chegou no Brasil, praticamente, em 1906, com a fundação de agremiações esperantistas no Rio, São Paulo e Porto Alegre. Até agora já foram realizados 10 Congressos Brasileiros de Esperanto, tendo o último se reunido nesta capital em 14 de abril do ano passado.

Nosso país tem prestado grande apoio a esse movimento de confraternização linguística, desde o início de sua divulgação entre nós. Fomos os primeiros a incluir o esperanto como "linguagem cara" na redação de telegramas, que podem ser transmitidos para qualquer ponto do interior do país. Também por recomendação do governo brasileiro à Liga das Nações, em 1923, a União Telegráfica Universal considerou a "neutralia lingvo" como linguagem clara no telégrafo internacional. Na agência postal da Avenida Rio Branco funciona uma máquina para franquia de cartas com as palavras "Rio de Janeiro — Turisma Urbo".

Não é latim como julga a maioria, mas esperanto legítimo. Foi também do Rio de Janeiro que pela primeira vez duas pessoas conversaram por intermédio do telégrafo sem fio usando a lingua auxiliar. Isto aconteceu em abril de 1930, quando a Radiobrás facilitou essa oportunidade ao presidente da Liga Esperantista Brasileira, que pôde conversar nesse idioma com o diretor de um jornal esperantista de Paris. Temos também nos servido oficialmente do esperanto em inúmeros congressos filatélicos, em publicações de estatística e turismo, sendo que a Revista Brasileira de Geografia, órgão oficial da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, contém resumos de todos os seus principais artigos nesta lingua universal. Merece registro um fato interessante que denota o eficiente papel como meio de propaganda no exterior e no próprio país das edições em esperanto. Há pouco tempo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística editou em português "Tipos e Aspectos do Brasil", livro de belas ilustrações e ótimo texto. Pois bem, a primeira edição ainda não se esgotou. Depois o mesmo livro foi impresso em esperanto: "Tipoj kaj Aspektoj de Brazilo" e a tiragem já alcançou a quarta edição. Entre as nossas estações de rádio coube à Rádio Clube do Brasil a primazia em nosso país em esperanto. Isto aconteceu em 1923 e foi a quarta emissora do mundo a irradiar nesse idioma. Hoje em dia quase todas as nossas pe-erres já transmitiram irradiações nessa lingua e em alguns programas da "Hora do Brasil" houve mesmo mero de canto em esperanto. Em outros países em que há maior número de esperantistas, principalmente na Europa Central, já foram apresentadas óperas e peças de teatro nessa lingua.

NOSSOS ESCRITORES ESPERANTISTAS

Algumas figuras de destaque da nossas letras foram esperantistas. O acadêmico Medeiros e Albuquerque foi um grande apaixonado do esperanto e a ele deve o

O russo Jozefo Joels, radicado no Brasil há 21 anos, é autor do primeiro dicionário esperanto-brasileiro. O sr. Joels compôs um poema na lingua internacional a que chamou "Milito" ("A Guerra"), poesia anti-militarista hoje

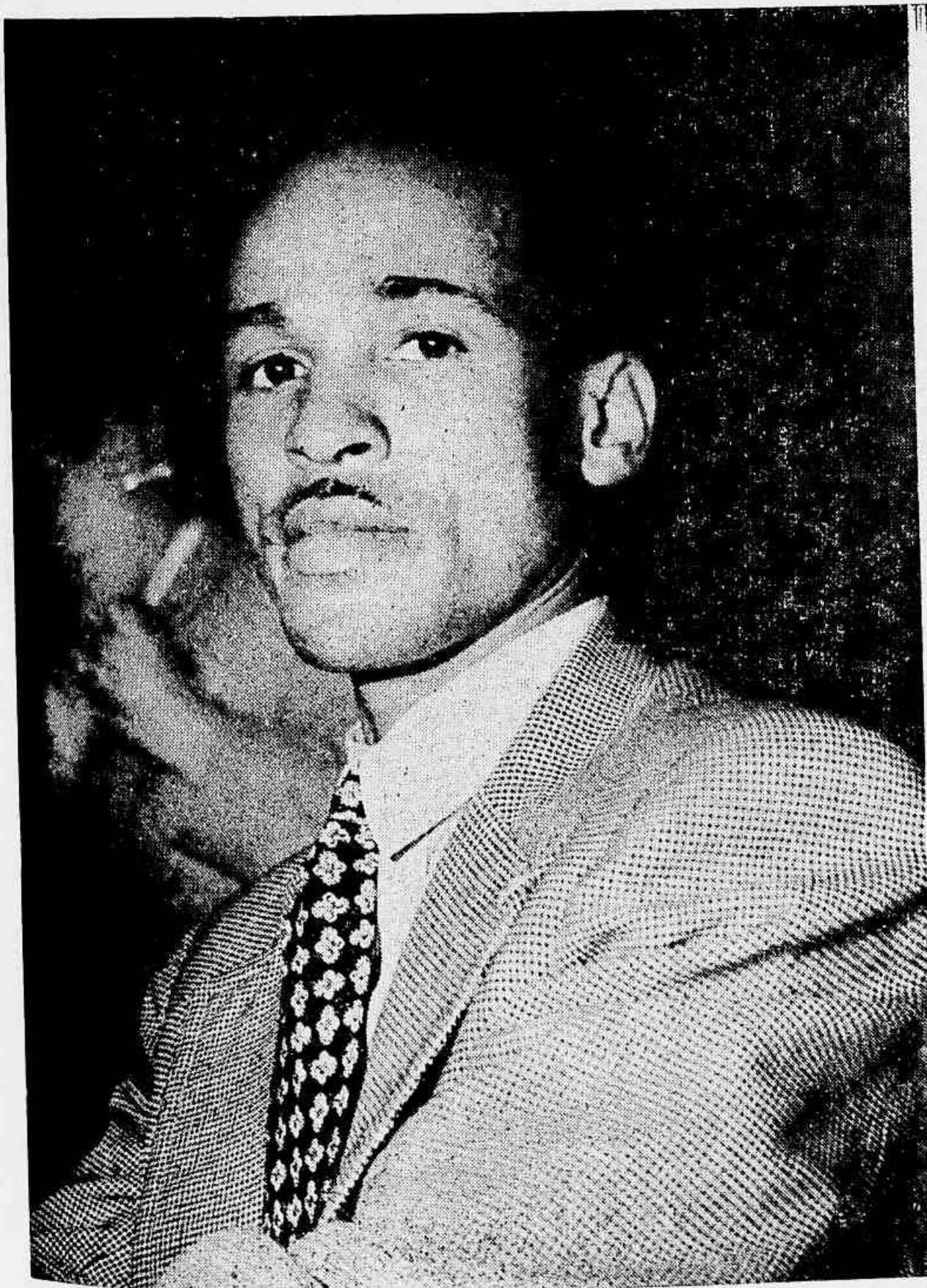




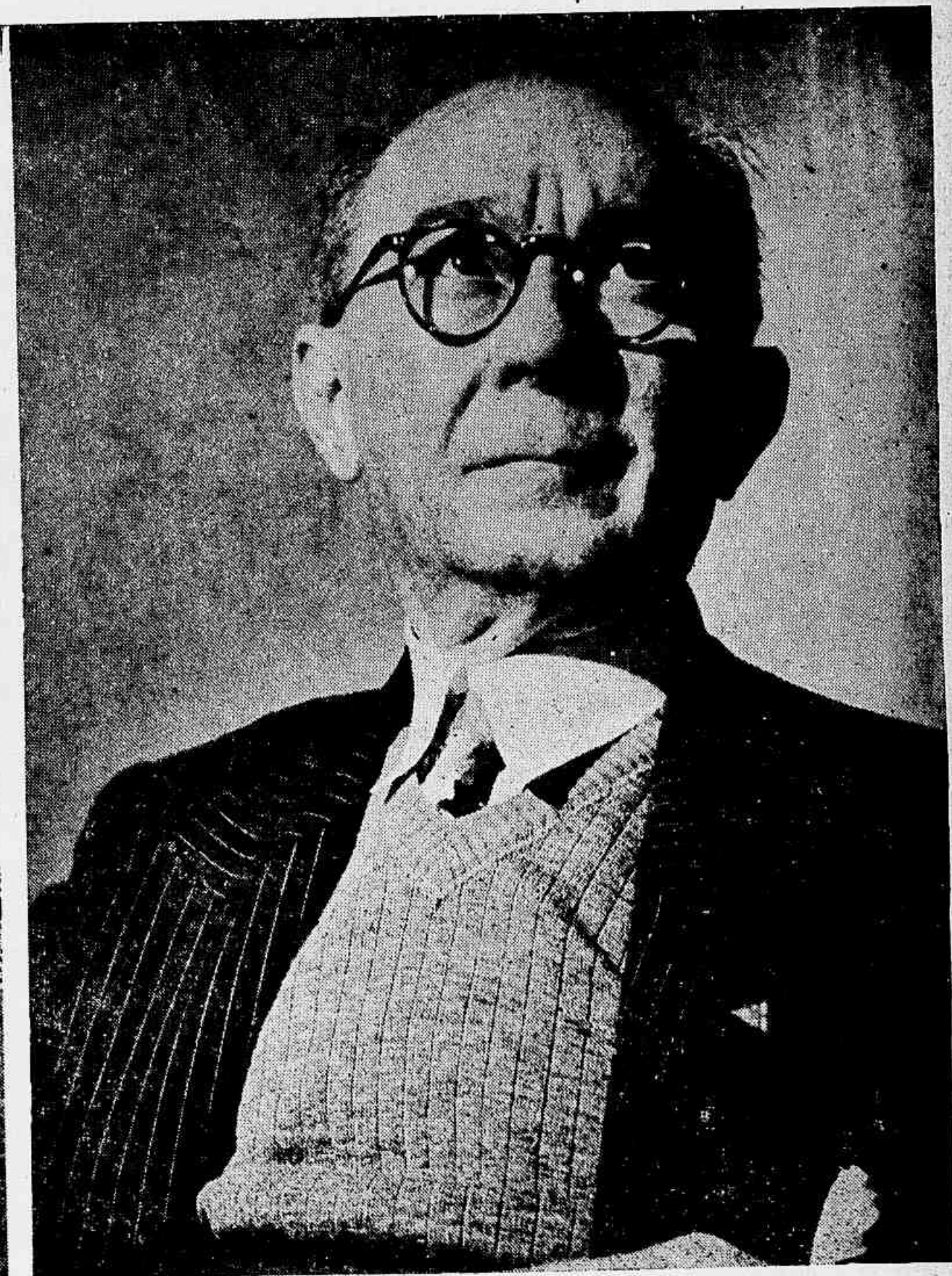
Esta esperantista carioca está lendo em um jornal publicado em Londres a notícia do falecimento do senhor Alberto Couto Fernandes, falecido no Rio em Abril próximo passado. A família do falecido, ex-diretor dos Telégrafos nesta cidade, publicou o aviso fúnebre na língua de Zamenhof e o seu "in memoriam" foi noticiado em todo o mundo esperantista.



A mais jovem das esperantistas cariocas. Embora esteja iniciando o curso secundário, o esperanto irá lhe permitir, dentro de poucos meses, escrever para suas amiguinhas da China, da Índia ou de outro país. Quando lhe pergutámos sobre alguma possível dificuldade ela nos disse: "É" muito mais fácil que aprender francês ou inglês"...



O carioca Osvaldo Silva, funcionário bancário, troca impressões com um seu colega de profissão que vive na distante Dinamarca. Em regra geral, os esperantistas procuram pessoas da mesma profissão para a troca de cartas, onde cada qual historia as peculiaridades do trabalho no seu país.



O senhor Neves Piauí, funcionário do Tribunal de Contas da União, iniciou o estudo do esperanto, depois dos 50 anos de idade, como derivativo à solidão em que a morte da esposa lhe deixou. Corresponde-se com um funcionário do Ministério das Finanças de Haya, Holanda. Dentro desse ambiente de fraternidade a solidão já lhe pesa menos.



O "Universal Esperanto-Asocio" (U.E.A.), órgão central do movimento esperantista, com sede em Genebra, Suíça, publica um anuário onde se encontra o endereço de todas as associações da interlíngua. Na foto, dois esperantistas brasileiros escolhem, ao acaso, um país longínquo com o qual irão manter correspondência. Talvez a China, talvez a Holanda, não importa. A língua, entre eles, é uma só...

ma universal grandes conquistas no nosso meio oficial. Outro acadêmico interessado no esperanto é Mucio Leão, José Oliveira que possui poemas originais em esperanto. O matemático e escritor Melo e Souza, mais conhecido pelo pseudônimo de Malba Tahan; Porto Carrero Neto, professor da Escola de Medicina do Rio e inúmeros outros, são também esperantistas. O major Milton Campelo Nogueira, professor da Escola de Educação Física do Exército, e que tem estado em grande evidência, é também um ardoroso cultor do esperanto, tendo se diplomado no Esperanto-Klubo, desta capital.

OS GRANDES IDEAIS ESPERANTISTAS — UMA SÓ LINGUA. UMA SÓ MOEDA. NADA DE FRONTEIRAS.

De acordo com o ideal de conagraamento universal, os esperantistas não reconhecem as fronteiras geográficas como

motivo de separação dos povos. E' claro que não combatem a tradição de um povo, os costumes de um país, os hábitos de uma nação. O Esperanto — assim eles o consideram — é mais do que uma língua; é também uma grande arma na civilização e confraternização dos povos. "mais eficaz do que todas as diplomacias", como previu Romain Rolland. Somente os povos que possuam idéias de domínio, de conquista, de raça podem combater ideais tão nobres e tão amplos. Por esse motivo o movimento esperantista foi tão combatido na Alemanha de Hitler e ainda o é — conforme nos assegurou um refugiado ibérico — na Espanha totalitária de Franco e no Portugal não menos totalitário de Salazar. Disse-nos ainda o nosso informante que a Rússia comunista não combatiera o ensinamento dessa língua até o início da guerra. O próprio Stalin, entrevistado certa vez por jornalistas americanos, declarou-lhes que falava esperanto. Mas, após a conflagração, o simples recebi-

mento de uma carta nessa língua, era motivo para prisão e interrogatórios. Segundo declarações feitas a nós pelo presidente do Esperanto-Klubo desta capital o movimento esperantista na Rússia está reduzido ao silêncio, em consequência da dissolução das escolas e grêmios pelo governo comunista que prende os dirigentes esperantistas como "suspeitos". Por certo, esta e outras nações também desejam uma só língua, uma só moeda e uma só fronteira em todo o mundo, mas tudo isso bem a seu modo e dirigido pelos seus grandes interesses internacionais.

A MOEDA ESPERANTISTA

Já existe em Londres — talvez bem a contragosto dos "expansionistas" britânicos — um Banco Mundial Esperantista, cujos talões de cheques são impressos nessa língua. A Liga Universal Pró-Paz criação dos esperantistas, a fim de a qual se encontra o professor Edmundo Privat, catedrático da Universidade de Neuchâtel, na Suíça e antigo delegado de seu país à Liga das Nações, estabeleceu o projeto de uma moeda única para todo o mundo, a qual chamou "stelo", palavra esperanta significando "estrela". A Liga Pró-Paz adotou como base teórica de avaliação da moeda, não o ouro, mas uma medida de valor muito mais importante — o pão.

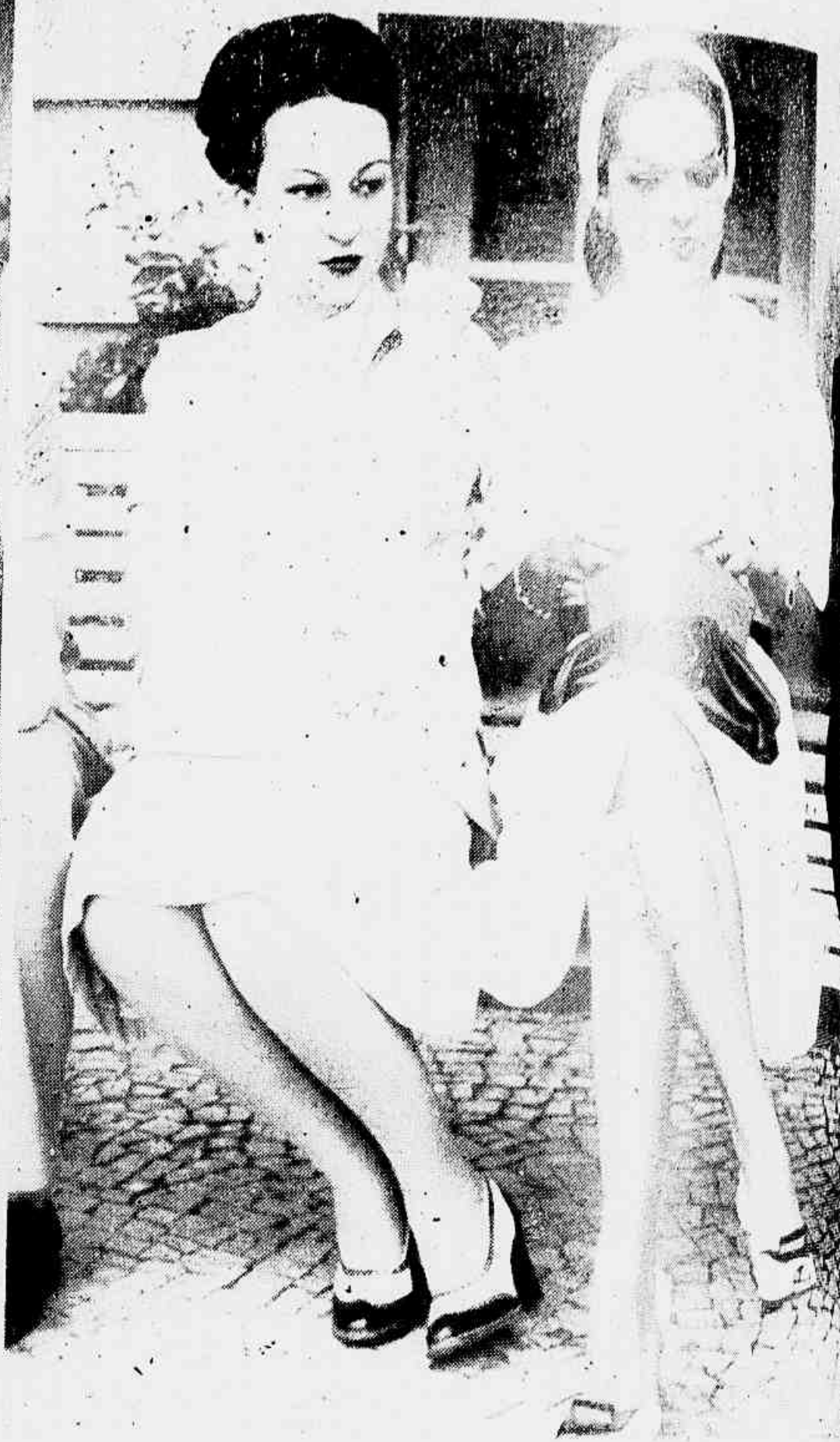
Um "stelo" tem, em princípio, o valor de um quilo de pão e, assim procedendo, o novo sistema monetário recorda o sistema métrico internacional. Pelo câmbio oficial, em moeda brasileira, um "stelo" valeria mais ou menos Cr\$ 4.50 tendo-se em vista a ascensão do preço do pão entre nós.

ESPERANTO-KLUBO DO RIO

Está localizado em uma dependência da Associação Cristã de Moços e já formou desde a sua fundação há dois anos, mais de duzentos esperantistas. Não é esta a única agremiação dessa especialidade no Rio. Existem outras duas, uma das quais funcionando sob os auspícios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na Praça da República. O fundador e presidente do Esperanto-Klubo é o professor Roberto das Neves, ex-catedrático da Universidade de Coimbra, e hoje refugiado político no Brasil. De pois de nos mostrar os arquivos, a biblioteca e o salão de conferências do Clube o professor respondeu a uma pergunta nossa sobre o movimento esperantista da guerra:

Alberto Zuhlke mostra à Maria Angélica de Oliveira uma carta recebida de uma esperantista da cidade de Elmira, Estados Unidos, terra natal de Mark Twin. Maria Angélica acaba de receber da cidade de Tampa, na Flórida, um delicado convite de uma família americana para ali passar algumas semanas. Campanha sincera de boa-vizinhança





JOCKEY CLUB MUNDANO

Foi animadíssima a última tarde no Jockey Club Brasileiro. Todas as pessoas presentes àquela reunião social deram deixar de fazer a sua torcida, tal foi o entusiasmo observado no decorrer dos jogos. Aliás, como acontece, reuniram-se no Hipódromo da Gávea os elementos mais representativos da nossa sociedade para, num ambiente de elegância e distinção, se deliciarem com o desenrolar das corridas. São dessa reunião as fotografias aqui estampamos.



O CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS DA "REVISTA DA SEMANA"

CONDIÇÕES QUE OS CONCORRENTES DEVEM REETER

O interesse que o nosso concurso permanente de contos tem despertado é a prova de que a iniciativa de REVISTA DA SEMANA, com o intuito de criar entre os seus próprios leitores um corpo de colaboradores, capazes de fixar aspectos da vida, dos costumes, do folclore e da paisagem brasileira, através da ficção literária, do enredo de contos, foi lançada com a maior oportunidade e obteve da parte de todos a melhor compreensão e estímulo. Entretanto, o que ocorre é que muitos contos nos chegam às mãos fora das condições que devem enquadrar o referido concurso, — condições que reputamos indispensáveis e que vamos sistematizar, afim de que cada concorrente, ao remeter seu trabalho, primeiro confira exigência por exigência, no seu e no nosso benefício. Essas condições, que serão repetidas nesta página enquanto nos parecer conveniente, são as seguintes:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos

Use **Ventre-Livre**

• • •

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Erupções?
Brotoejas?
Coceiras?



Nas Drag. e Farm.
CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA

CASPA!
CABELOS
BRANCOS!



use
LOÇÃO XAMBÚ
CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS
VOLTAM A SUA COR NATURAL
ELIMINA A CASPA — ÊXITO GARANTIDO

gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O NOSSO CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS

Continuamos a receber visitas e cartas de concorrentes ao nosso concurso de peças teatrais ansiosos por saberem o resultado do referido certame. O que nos cabe dizer é que a solução não está propriamente nas nossas mãos, mas nas dos julgadores das peças inscritas, os quais ainda não puderam concluir o seu trabalho. Tão cedo seja lavrada a ata final do julgamento, anunciaremos o resultados, que também desejamos abreviar. Entretanto, reconhecemos e gostaríamos que todos os concorrentes também reconhecessem que essa demora é mais em favor deles do que contra, pois seria bem mais suscetível de ser discutido um julgamento feito de afogadilho, apressadamente, do que uma decisão maduramente pensada e tomada sem nenhuma precipitação. Portanto, esperem os concorrentes, com paciência, a manifestação dos juizes, a cujo critério se subteram ao se inscreverem no concurso e em cuja capacidade de julgamento depositamos a maior confiança.

OFICINA DE 1ª ORDEM
AVIAMENTO RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

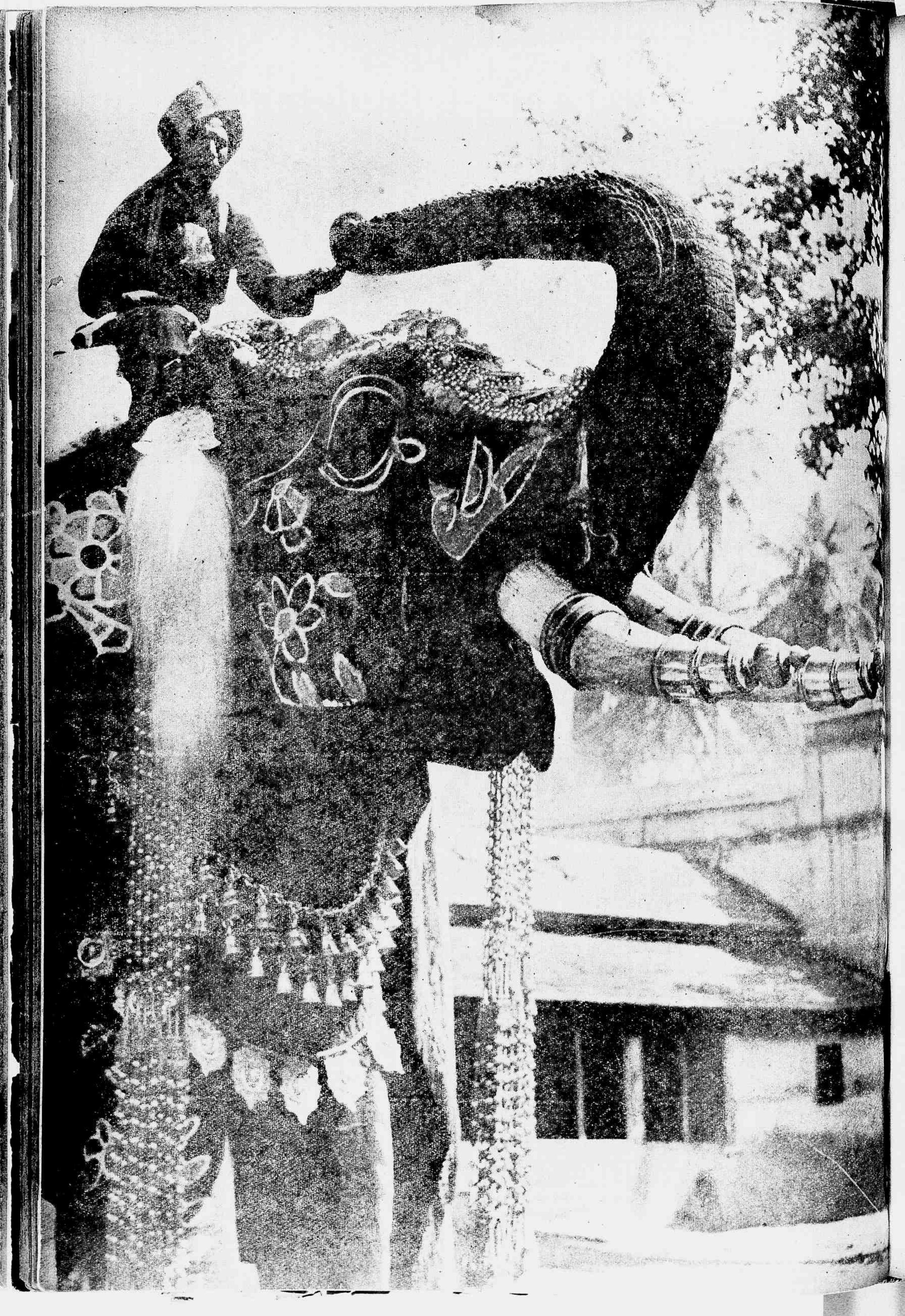
O PINCE-NEZ DE OURO

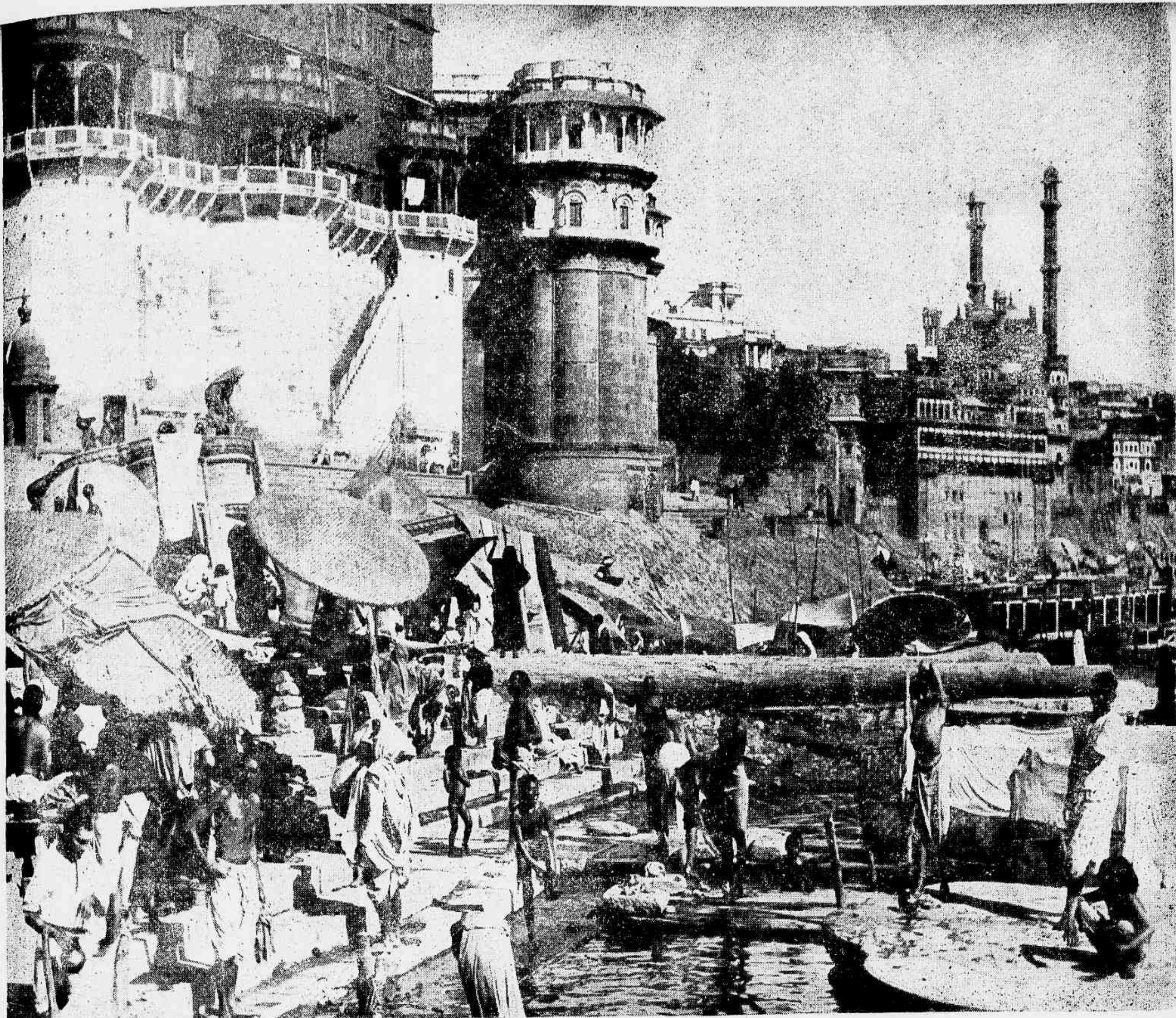
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28



Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ANTIGOS PARA PRESENTES





Ao alto: — Peregrinos se banham nas águas do rio sagrado, O Ganges, na cidade de Benares. Na página ao lado: — O elefante de um marajá, completamente preparado para um grande desfile, com os aparatosos adornos tão do gosto dos príncipes indus.

A INDIA MARCHA PARA A COMPLETA INDEPENDÊNCIA

Aspectos do grande país onde a lenda e a realidade se confundem — A industrialização abre o caminho da ocidentalização

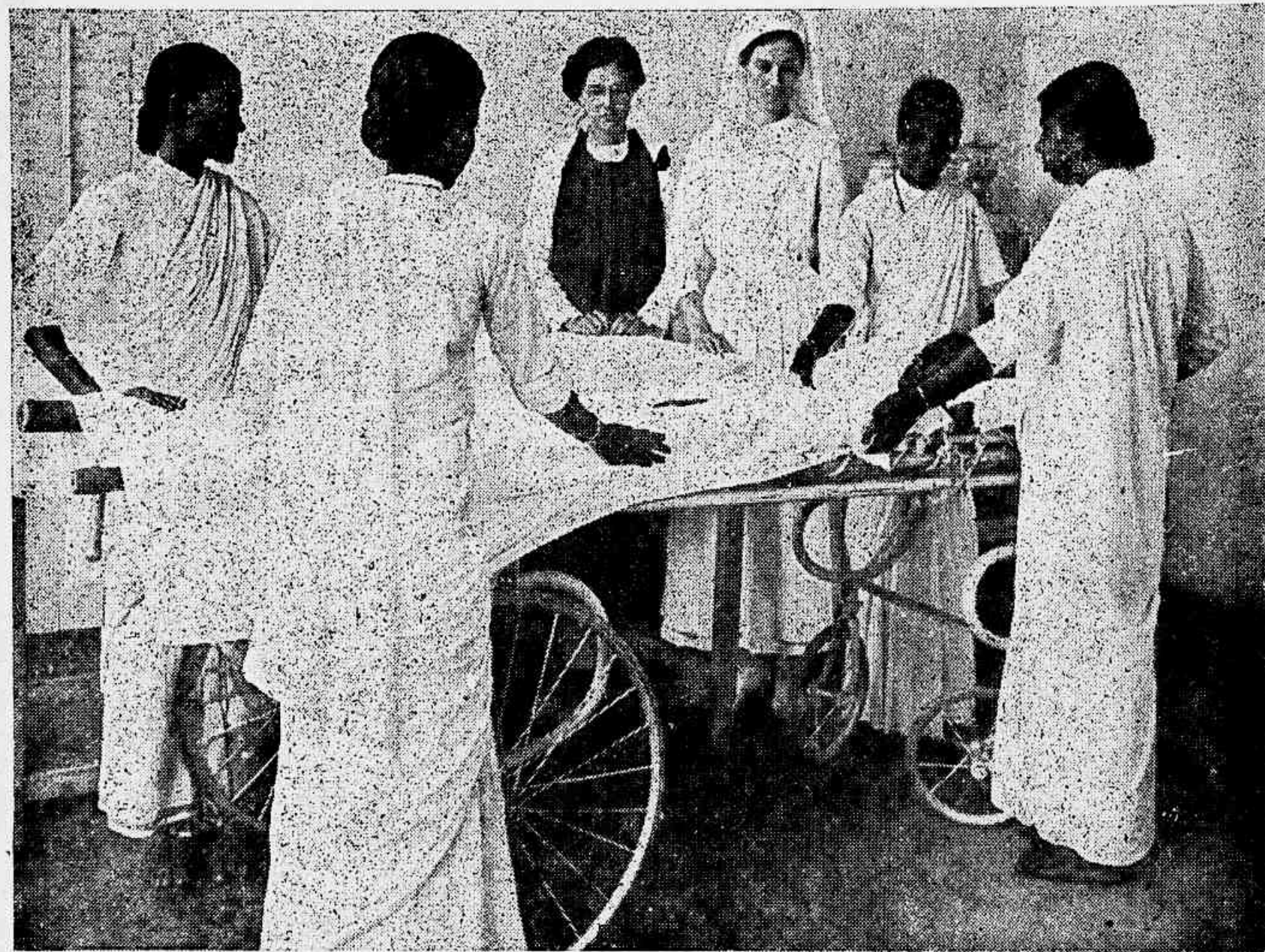
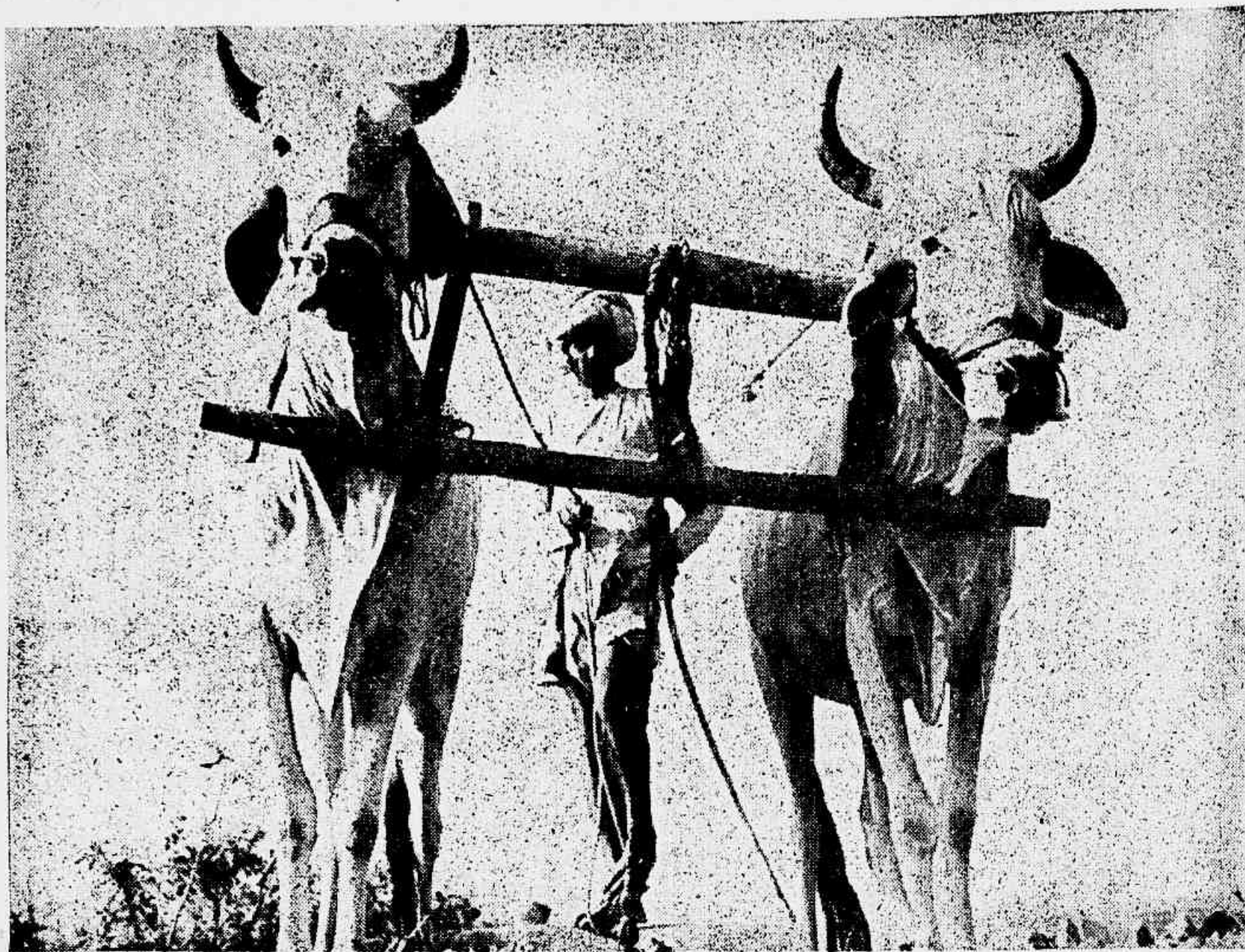
A INDIA não é apenas uma nação de mistérios e de lendas, nem tampouco constitui sómente motivo para a literatura e a poesia dos escritores de quase todo o mundo. É, antes de tudo, um país pujante e vigoroso, que marcha rapidamente, com o auxílio do governo responsável pelo seu desenvolvimento, para a completa autonomia e independência.

Dividida pelas suas numerosas religiões, assim como pelos preconceitos de casta, está procurando, afinal, unificar-se e chegar a um denominador comum, com o fim de poder assegurar a sua independência e de subtrair-se ao sistema colonial que, no presente, representa uma fonte de insatisfação para o seu povo. Nação antiga e de tradições seculares, a Índia não se pôs em dia com o progresso e não acompanhou o mundo ocidental na sua marcha, tornando-se por isso mesmo fácil presa aos europeus que lhe assaltaram os territórios. Assim foi que, tendo já, na antiguidade, tomado contacto com os guerreiros de Alexandre, o Grande, e com as legiões romanas de Cláudio, a Índia que tanto assombrou a Marco Polo foi assaltada, depois de Vasco da Gama, sucessivamente por portugueses, holandeses, ingleses, dinamarqueses e franceses. Ainda hoje são donos de parte do seu território ingleses, portugueses e franceses, mas os patriotas indus sustentam a doutrina de que a Índia pode se governar por si mesma, desde que reine a união e a concórdia entre todos os seus filhos. Essa união não é fácil,

não só pelas rivalidades de ordem religiosa entre indus e muçulmanos, como pelos restos de feudalismo ainda existentes em certos principados, — mas líderes de ampla visão como o "mahatma" Ghandi e o "pandit" Neheru. A luta pela liberdade da Índia encontrou, pois, todos esses obstáculos internos, além dos que eram, naturalmente, criados pela ocupação estrangeira. É curioso que, desejando a independência total, nem por isso a Índia é inimiga dos ingleses, reconhecendo a dominação britânica, até aqui como "um mal necessário". Os ingleses se cansaram de dissolver comícios a "casse-lete" e a tiro, nas ruas das grandes cidades da Índia, e de prender os seus irreductíveis líderes nacionalistas. As generosas idéias de liberdade e de igualdade entre as raças fizeram, entretanto, com que essa atitude fosse sendo modificada, com o correr do tempo. E a Índia, que também contribuiu, com os seus soldados, para a vitória aliada, quer gozar das "quatro liberdades" de Roosevelt, para o que se processam entendimentos entre os seus líderes políticos e religiosos, de um lado, e as autoridades coloniais inglesas, do outro. O "status" político da Índia deixará, assim, de ser o de um simples vice-reino, administrado por um delegado da coroa inglesa, para se converter num domínio, como o do Canadá, ou seja, uma nação autônoma, ligada à Inglaterra apenas pelos vínculos de interesses comuns. Enquanto se ampliam as perspectivas políticas, também se ampliam os horizontes económicos da Índia. O chamado "pois ma-



O "mahatma" Gandhi, o plenário da libertação da Índia, expõe suas razões a um lord inglês. Gandhi foi educado na Inglaterra, a inglesa não confunde o seu povo e a sua raça.



ravilhoso do oriente" presentemente caminha a passos largos para a sua industrialização, segundo os métodos adotados nas nações do mundo ocidental e, sob esse aspecto, muitos se desenvolveram com a guerra, quando se viu obrigado a abastecer-se a si próprio de muitos produtos antes importados e a produzir material bélico para sua defesa. A técnica britânica contribuiu enormemente para esse desenvolvimento, quer fornecendo peritos, quer administrando, construindo ou supervisionando a edificação de fábricas, aeródromos, portos e outras obras.

A indústria siderúrgica se encontra já bastante adiantada na Índia e, para atestar esse progresso basta citar-se a importante usina de Tata, situada em Jamshedpur, nas proximidades do grande centro industrial que é Calcutá.

Ainda agora vem de ser aprovado um plano de investigações sobre a energia atômica no Instituto Tata de Pesquisa Industrial, em Bombaim, e no Instituto Bose de Pesquisas, pelo corpo diretor do Conselho de Pesquisas Científica e Industrial, em recente reunião levada a efeito em Nova Delhi. Entre os planos aprovados pelo referido Conselho figura o de investigação sobre a física nuclear, a ser executado pelo prof. M. N. Saha. Foram ainda aprovados os esquemas finais para a fundação de um Instituto Experimental de Combustíveis e de um Laboratório Nacional de Metalurgia. O primeiro será instalado em Digwadih, situada nas proximidades de Dhanbad, e custará, segundo os cálculos elaborados, 105.000 libras esterlinas. O laboratório em apreço será localizado em Jamshedpur e em sua instalação serão gastos, inicialmente, cerca de 315.000 libras. Na explanação desses novos e arrojados planos, o sr. C. Rajagopalachari, delegado das Indústrias, declarou que se deveria levar em consideração, principalmente, um auxílio efetivo aos estabelecimentos industriais e que tudo deveria ser feito de tal modo que a Índia não viesse a necessitar de auxílio exterior no que diz respeito às suas necessidades de alimentação e vestuário.

Com a mesma finalidade de auxiliar as indústrias indianas a se organizarem segundo normas estritamente científicas e a elevar os padrões dos produtos locais, de um modo geral, ao nível das mercadorias das demais nações, o governo indiano resolveu estabelecer um instituto de padronização Industrial, com sede em Nova Delhi. Esse organismo visará a utilização de métodos pré estabelecidos relativamente aos produtos industriais; a padronização da qualidade, o controle e a simplificação na indústria e no comércio; a coordenação dos esforços dos produtores e consumidores para o aprimoramento dos materiais, dos produtos, dos utensílios e de seus processos e métodos de uso, e ainda a organização de um sistema perfeito de estatística. Além disso, o Instituto procurará ser reconhecido nos países estrangeiros e fundará bibliotecas, museus e laboratórios com a finalidade de desenvolver a prática da padronização.

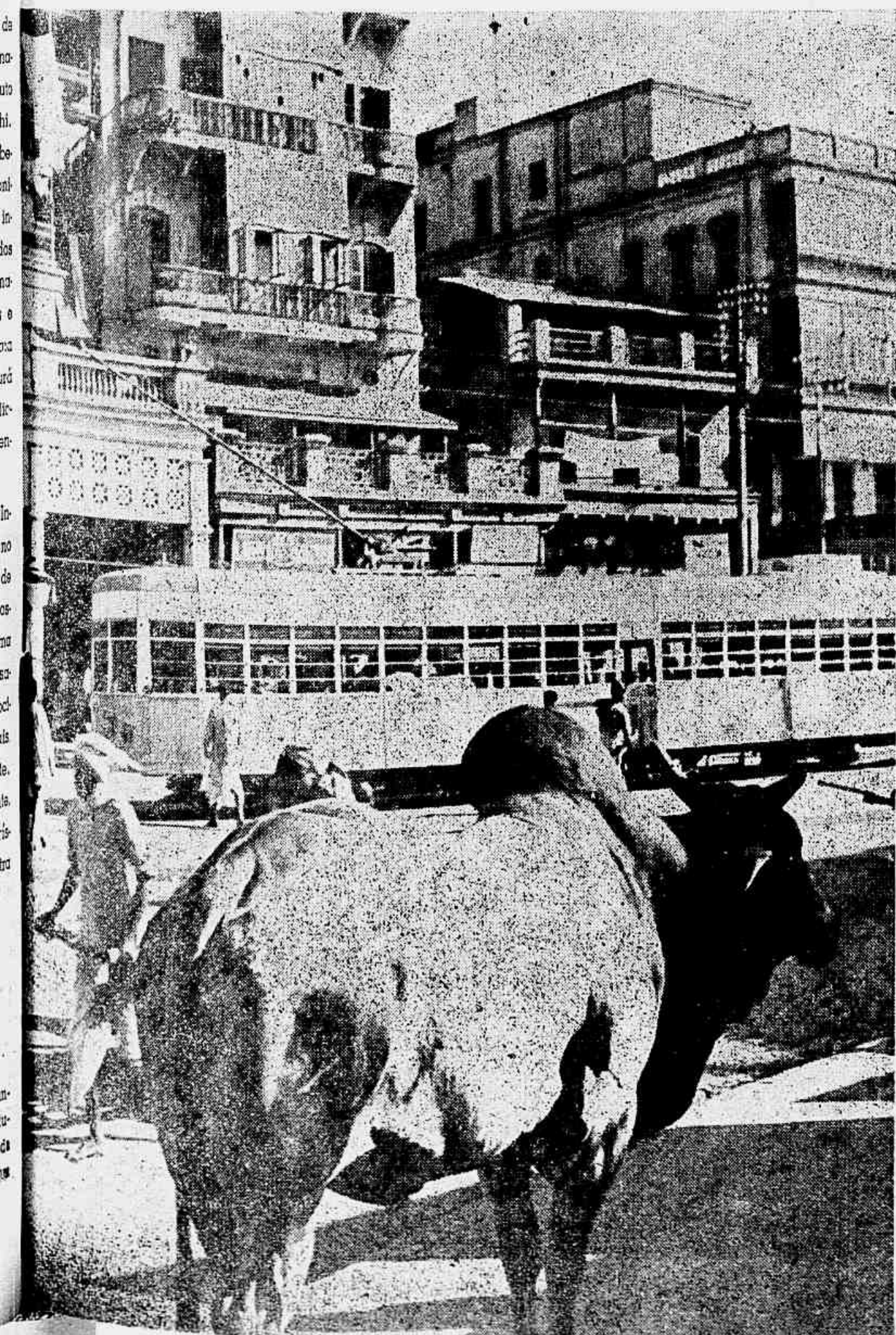
Mas, não é apenas sob o aspecto industrial que a Índia se apresenta como uma nação vigorosa. Também no terreno das construções modernas, inclusive de edifícios de apartamentos, no desenvolvimento de suas instituições hospitalares e no campo do urbanismo, a Índia se mostra uma nação em pleno desenvolvimento. Entretanto, é de se salientar que, ao lado dessa feição moderna em linhas ocidentais, conserva aquele país suas características orientais: a mística religiosa e os mistérios das coisas do oriente. Na Índia pode-se dizer que se conjugam, perfeitamente, a realidade industrial e a tradição pitoresca e característica do oriente, formando uma nação como não há outra no mundo. — (Fotos do B.N.S.).

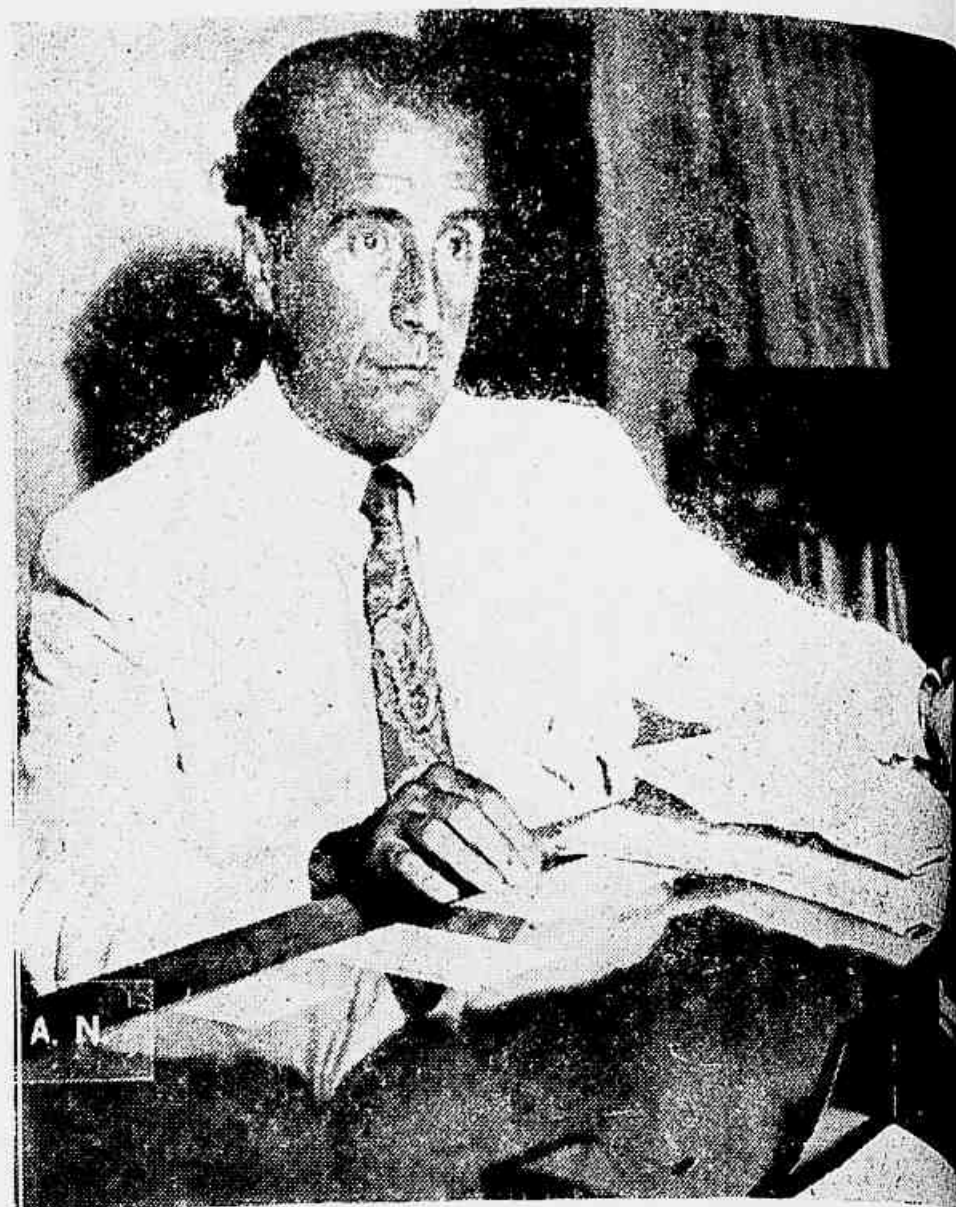
★

De Cima para baixo: — Fazendeiro característico do Punjab, com sua junta de bois. Enfermeiras indianas conduzem um paciente para a sala operatória, num hospital da Sociedade Missionária Metodista de Madras. Cena comum na Índia: maciçamentos em oração.



Ao alto : — Modernos edifícios de apartamentos de Bombaim, na Queens Road. Em baixo, à esquerda : — Aspecto de uma rua de Calcutá, vendo-se, em contraste, um zebú à solta e um bonde elétrico : a tradição e o progresso. A direita : Pequeno indiano da Tagore School estuda sua lição trepado numa árvore.





O senhor Oscar Santamaria foi nomeado pelo ministro Corrêa e Castro chefe do seu gabinete. Logo após a sua posse, s.s., para a objetiva da REVISTA DA SEMANA.

A POSSE DO NOVO

NOMEADO pelo sr. Presidente da República para o alto cargo de Ministro da Fazenda, o sr. Pedro Luiz Corrêa e Castro tomou posse de suas elevadas funções no dia 22 de outubro último. O ato realizou-se no Palácio do Catete, perante o sr. general Eurico Gaspar Dutra, ministros de Estado e membros dos gabinetes civil e militar da Presidência, jornalistas e amigos. Pouco depois no Palácio da Fazenda, em cerimônia das mais concorridas assumiu o sr. Pedro Luiz Corrêa e Castro as suas funções de Ministro do Estado dos Negócios da Fazenda. A solenidade efetuou-se no salão do gabinete do Ministro, estando presentes o representante do sr. Presidente da República o representante de S. E. o Cardinal Arcebispo, sr. Nereu Ramos vice-presidente da República, sr. Benedito Costa Netto, ministro da Justiça, sr. Daniel de Carvalho ministro da Agricultura, representantes dos demais ministros de Estado e do prefeito do Distrito Federal, senadores deputados, sr. Guilherme

A esquerda: — O ministro Pedro Luiz Corrêa e Castro, fixado no magnífico flagrante pelo nosso fotógrafo Arnaldo Vieira. Em baixo: Aspecto da assistência à posse do novo Ministro da Fazenda.





O senhor Pedro Luis Corrêa e Castro quando pronunciava o seu discurso, na solenidade de posse realizada no salão do Gabinete do Ministro, no Ministério da Fazenda.

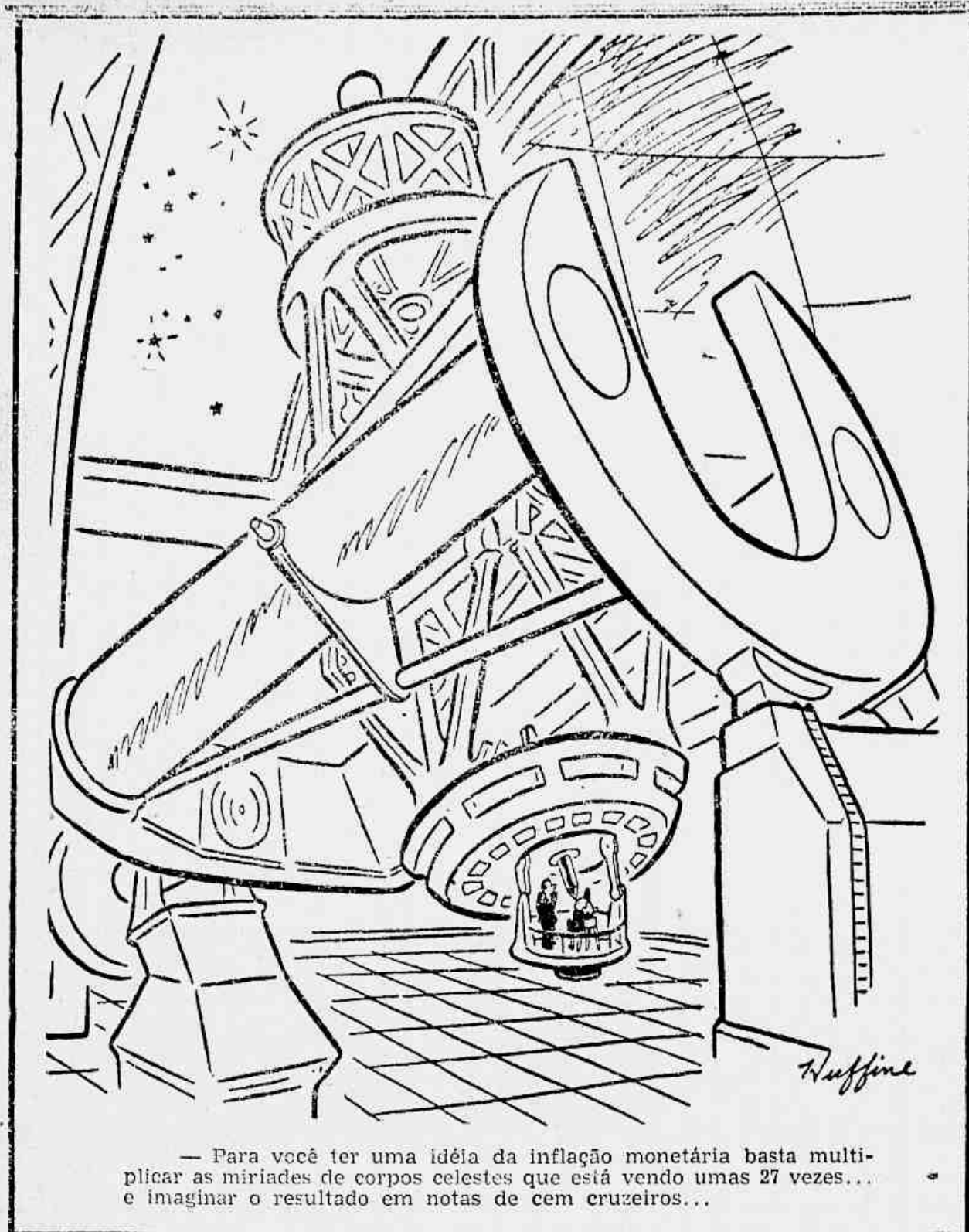
MINISTRO DA FAZENDA

Silveira Filho, presidente do Banco do Brasil, e demais diretores desse estabelecimento, o sr. Waldemar Silveira, diretor-geral da Agência Nacional, diretores da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, tendo a frente o seu presidente, sr. Ariosto Pinto, jornalistas, banqueiros, funcionários do Ministério da Fazenda, membros do Conselho Superior das Caixas Econômicas, e figuras de destaque nos meios financeiros, industriais e comerciais do país, além de numerosos amigos e muitas senhoras e senhoritas.

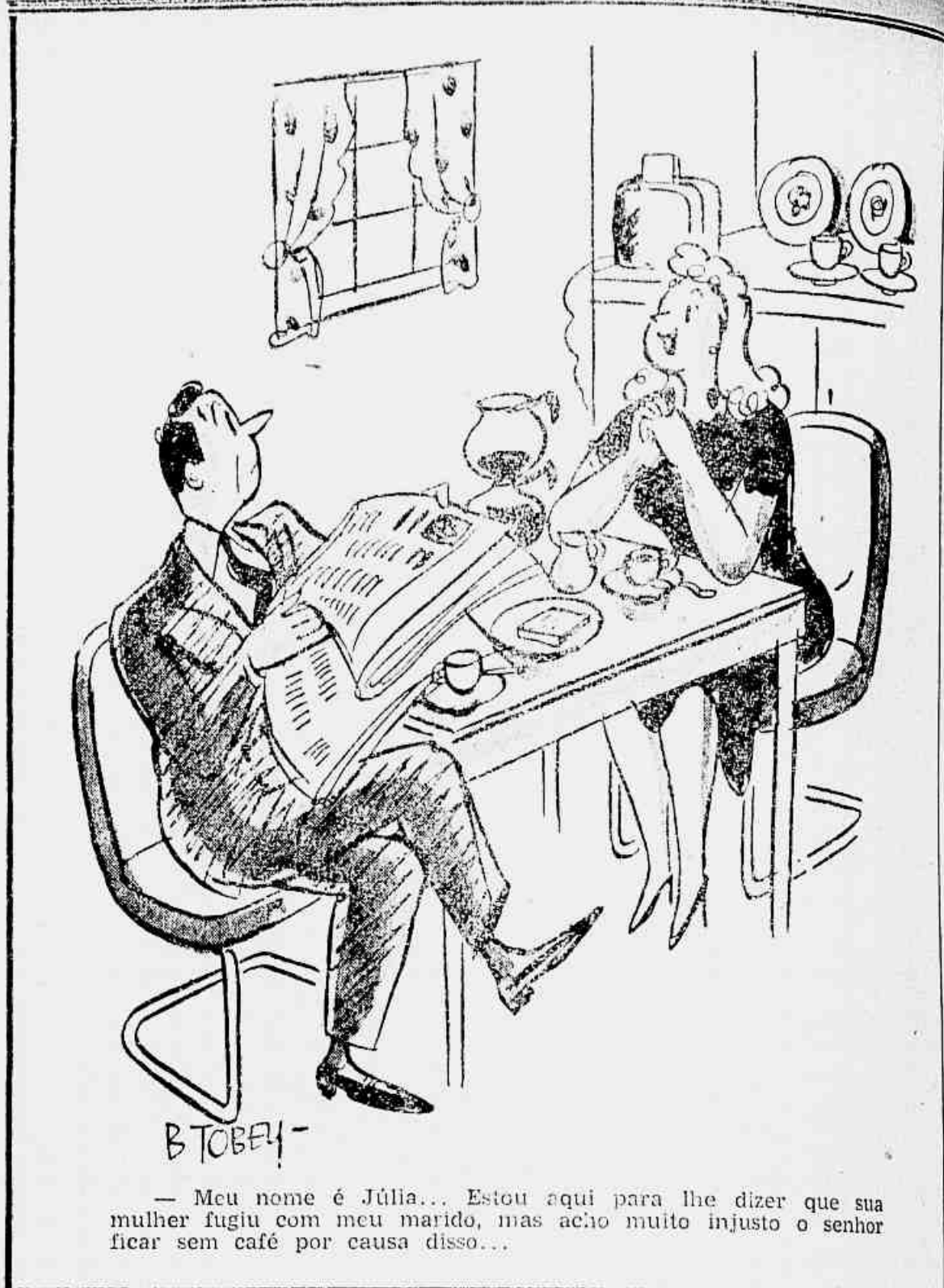
Ao dar entrada no salão, que estava literalmente cheio, foi o sr. Pedro Luis Corrêa e Castro saudado por uma prolongada salva de palmas. Nessa ocasião falou um funcionário do Ministério da Fazenda, que proferiu um saudação ao novo titular, tendo o sr. Pedro Luis Corrêa e Castro pronunciado importante discurso, já amplamente divulgado pela imprensa, ao fim do qual foi muito cumprimentado pela grande assistência.

A direita : — O ministro Benedicto Costa Netto abraça o novo colega, após a posse. Em baixo : — Outro aspecto da assistência numerosíssima e das mais representativas, que enchia o salão.





— Para você ter uma idéia da inflação monetária basta multiplicar as miríades de corpos celestes que está vendo umas 27 vezes... e imaginar o resultado em notas de cem cruzeiros...



— Meu nome é Júlia... Estou aqui para lhe dizer que sua mulher fugiu com meu marido, mas acho muito injusto o senhor ficar sem café por causa disso...



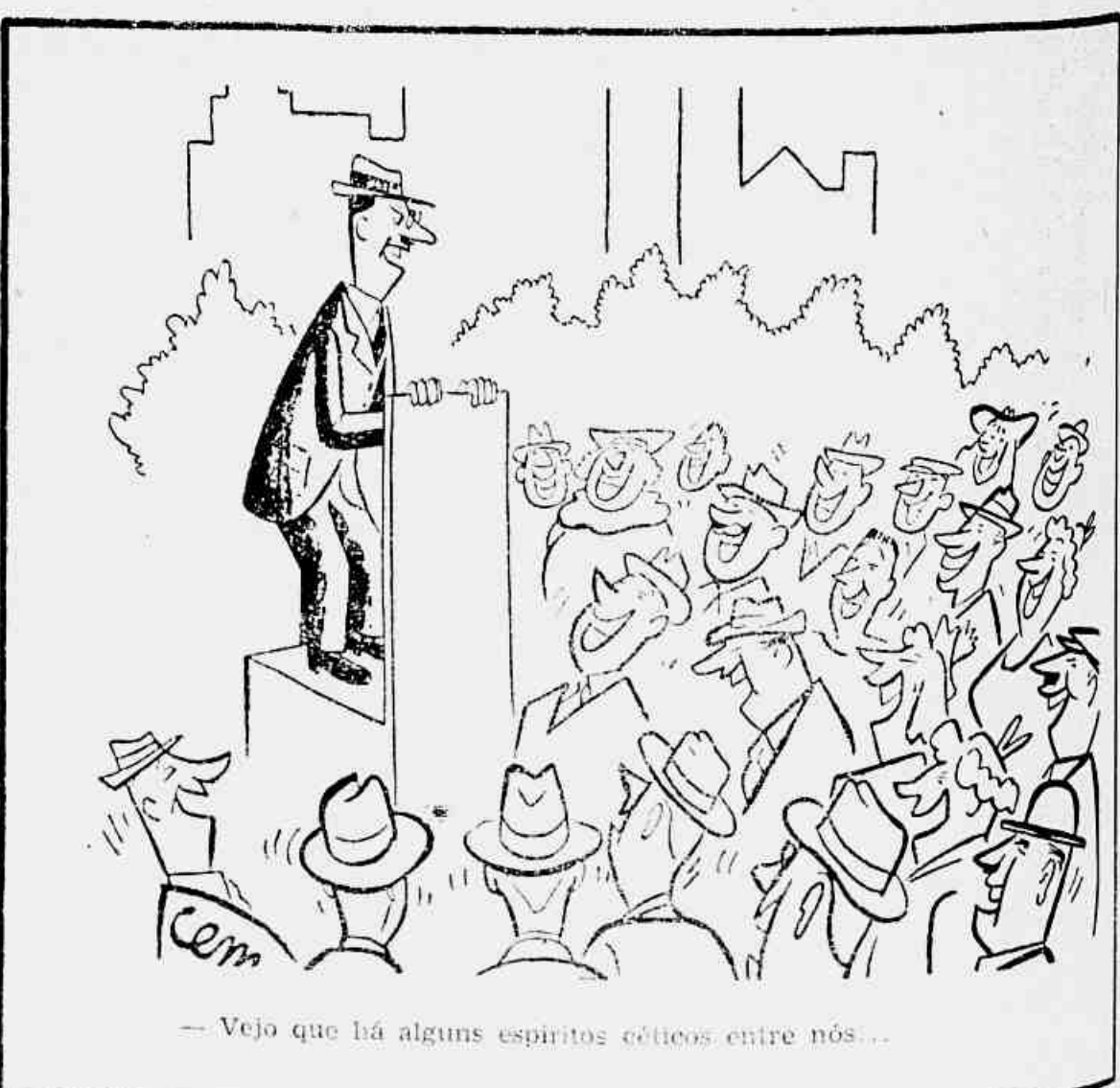
— Numa hora destas é que eu lamento não terem continuado com o Exército Feminino...



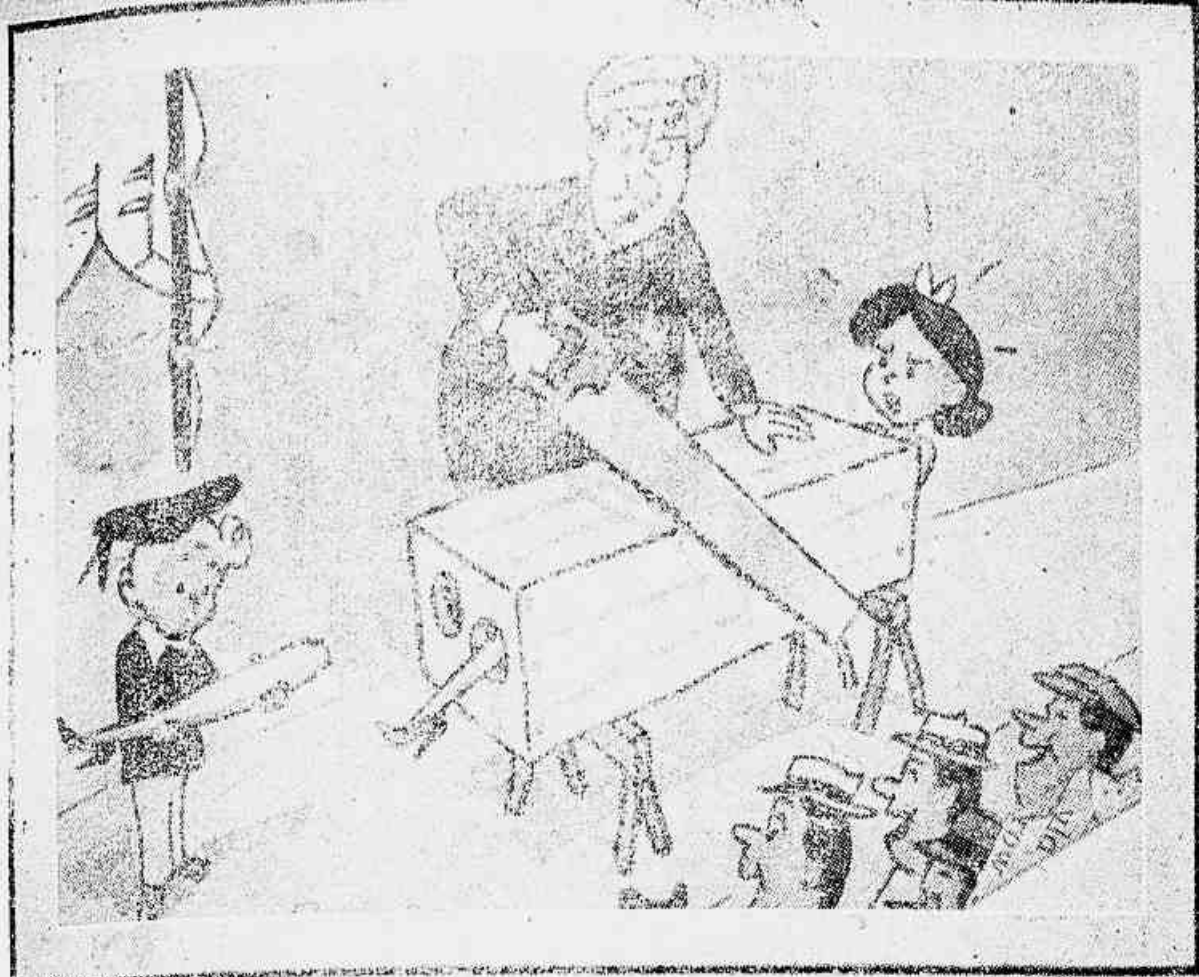
— Zelinsky! Não! A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, X, Y, Z!



— Se eu os apanhar dormindo outra vez estarão despedidos!



— Vejo que há alguns espíritos céticos entre nós...



— Quero falar com esse empregado que me garantiu que eu podia sair na chuva com a minha ondulação permanente!

NOTAVEL EMPREENHIMENTO INDUSTRIAL

FOI inaugurada a nova secção de prensas hidráulicas da S/A MARVIN com a presença do Presidente da República, que se fez acompanhar de Ministros de Estado, altas patentes das forças armadas e outras autoridades.

O General Eurico Gaspar Dutra não tem medido as forças no estímulo à indústria nacional, especialmente àquela que está ligada aos interesses da defesa nacional. Prestigia com a sua presença, com o incentivo de sua palavra, com o otimismo que lhe caracteriza a personalidade todos os novos empreendimentos industriais. Levado por esse espírito, certamente, presidiu ele a cerimônia da inauguração da secção de prensas hidráulicas da S/A Marvin.

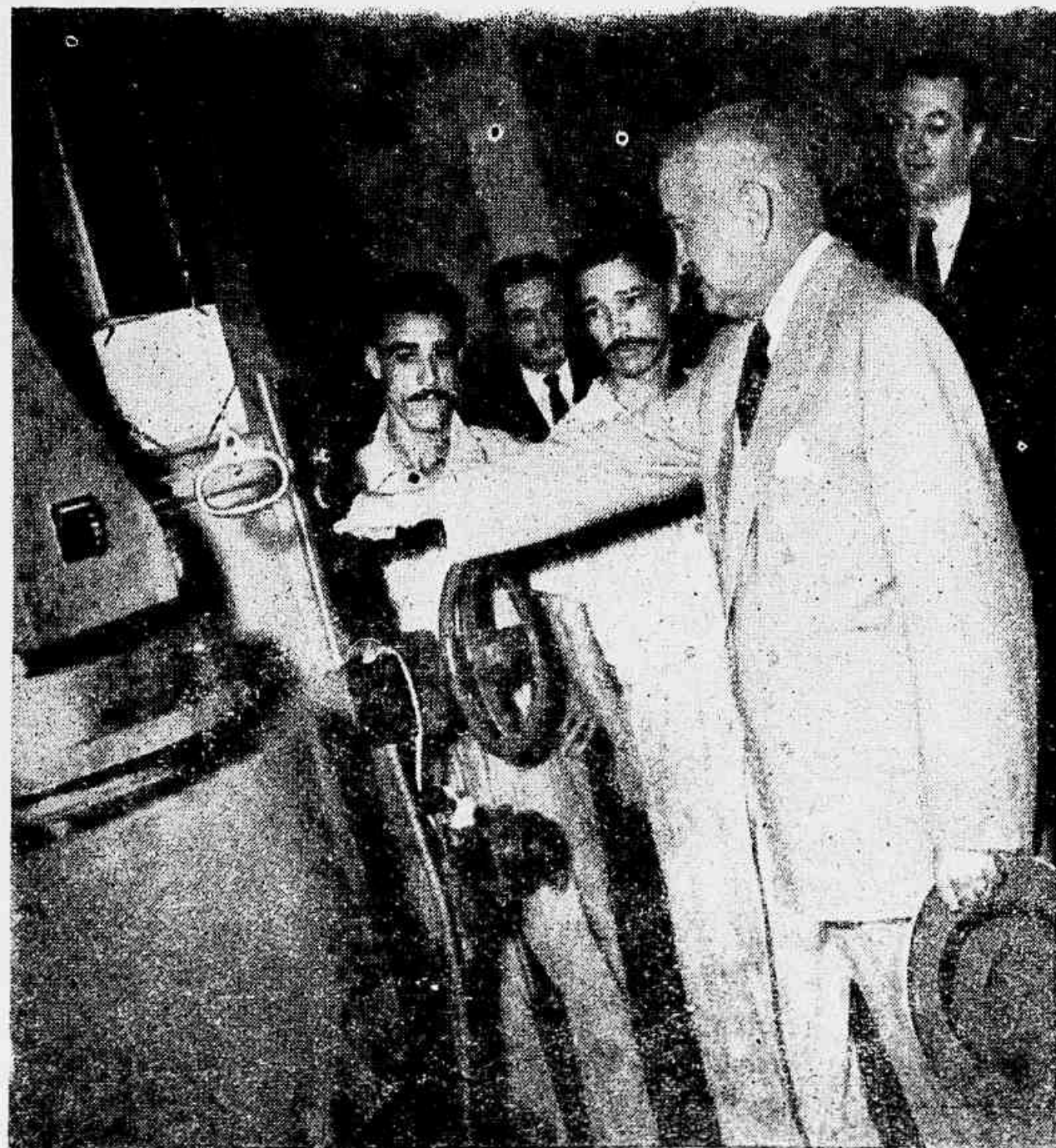
Ao chegar foi S. Excia. conduzido pelos diretores da empresa srs. Alberto Soares Sampaio e Luiz de Souza e Silva, para junto da lápide onde estão gravados os nomes dos operários Paulo Silva e Abeillard Duque Estrada da Costa, tombados em serviço, no cumprimento do dever. Falou nessa ocasião enaltecendo o esforço dos trabalhadores na defesa dos altos interesses da nação, o major Juscelino Camilo de Almeida.

Esta secção da S/A Marvin, para atender aos imperativos da Defesa Nacional, está fabricando estojos para projéteis de artilharia. Ali se encontra o busto do Duque de Caxias, patrono das forças de terra, por ter sido dado seu nome à nova dependência da grande Empresa.

O General Eurico Gaspar Dutra pôs em movimento o mais possante das prensas, dando início aos trabalhos. Percorreu, em seguida, as subsecções da fábrica, que constitui, na verdade, orgulho para a indústria metalúrgica nacional. Alvo de várias homenagens por parte dos dirigentes e dos operários, delegou o sr. Presidente da República ao Dr. Pereira Lyra, Chefe de Polícia, a incumbência de agradecer em seu nome os discursos do sr. Alberto Sampaio, do major Juscelino C. de Almeida e dos trabalhadores que o saudaram.

Ao champanhe, num brilhante improviso, o Dr. Pereira Lyra disse o que significa para o Brasil o notável empreendimento industrial que acabava de ser inaugurado e como calára magnificamente no espírito do mais alto magistado da nação.

Ao alto : — O General Dutra chega à organização S/A Marvin. A seguir : — Em eloquente improviso, agradece em nome do General Dutra, o senhor Pereira Lyra. Em balanço à esquerda : O Presidente da República aciona o soberbo maquinário. A direita : Fala o dr. Alberto Soares Sampaio, Presidente da Companhia.



Sábado.

VOU CAMINHANDO por uma rua sem nome para mim. Só sei que é uma rua. Fulano de Tal. Não há pavimentação. Não há vida, não há lida. Tudo é morto, parado, vago. Os postes estão cegos pela cegueira dos governos.

Estou procurando pensar em algo, mas é absolutamente impossível. Vejo tudo girando em torno de mim. Tenho a impressão de estar num carrossel à toda velocidade e procuro fixar uma fisionomia, coordenar uma idéia. Mas é impossível; tudo se embaralha numa vertigem louca.

Ali vem um homem embrulhado num capote cinzento, chapéu caído sob os olhos, o passo apressado. É quando sinto o frio da noite a se enfiar em mim. E pressinto a chuva que está cai não cai.

O homem anônimo passou e apenas ouço o seu passo longínquo, apressado, numa estranha cadência de tósse... Tósse! Tósse! Tósse!...

E toda a bebedeira se esvai diante da dúvida enorme, mostra, que me assalta desde há muito tempo...

Tósse! Tósse! Tósse!

Domingo.

Roberta está em minha frente. Bela, sorridente, gentil. Desde que aqui cheguei que ela fala de seus progressos nas aulas de inglês. Está entusiasmada com a língua da terra dos ianques (expressão sua) e, descobrindo em si grande facilidade para o aprendizado de idiomas diferentes, mostra-se desejosa de estender seus estudos ao francês, ao espanhol e, quem sabe se ao alemão ou ao italiano?!... Oh, o italiano! Que idioma delicioso! E parece tão fácil, não é?

— Como? Que disse?

— Não estava prestando atenção? Oh, Mario, — lá está você novamente no mundo da lua! Eu falando que nem a preta do leite e você nem ao menos se digna ouvir...

—Desculpe, Roberta, a minha distração. Tem momentos que fico meio pancada.

Dando de ombros, Roberta logo passa a falar de outro assunto, com igual interesse. E, enquanto ela fala, volto aos meus pensamentos.

Sim, aqui está a mulher a quem quero muito e de quem espero compreensão e amor, para a minha felicidade futura. Bela, desembaraçada, carinhosa. Os seus beijos têm fogo e as suas palavras, magia. E é também a única pessoa que me poderá desatolar do alcoolismo...

... mas mamãe pegou a gripe do Joãozinho e tossiu toda a noite passada! Estremeço.

Ela teria falado em tósse? Fico estarecido e pareço estar com uma expressão terrível, pois Roberta indaga, intrigada:

— Que houve, Mario?

Sinto-me estranhamente mal. Um "frisson" perpassa-me por todo o corpo — e a voz de Roberta é um grande grito:

— Tósse! Tósse! Tósse! A verdade, Mario, é que você está...

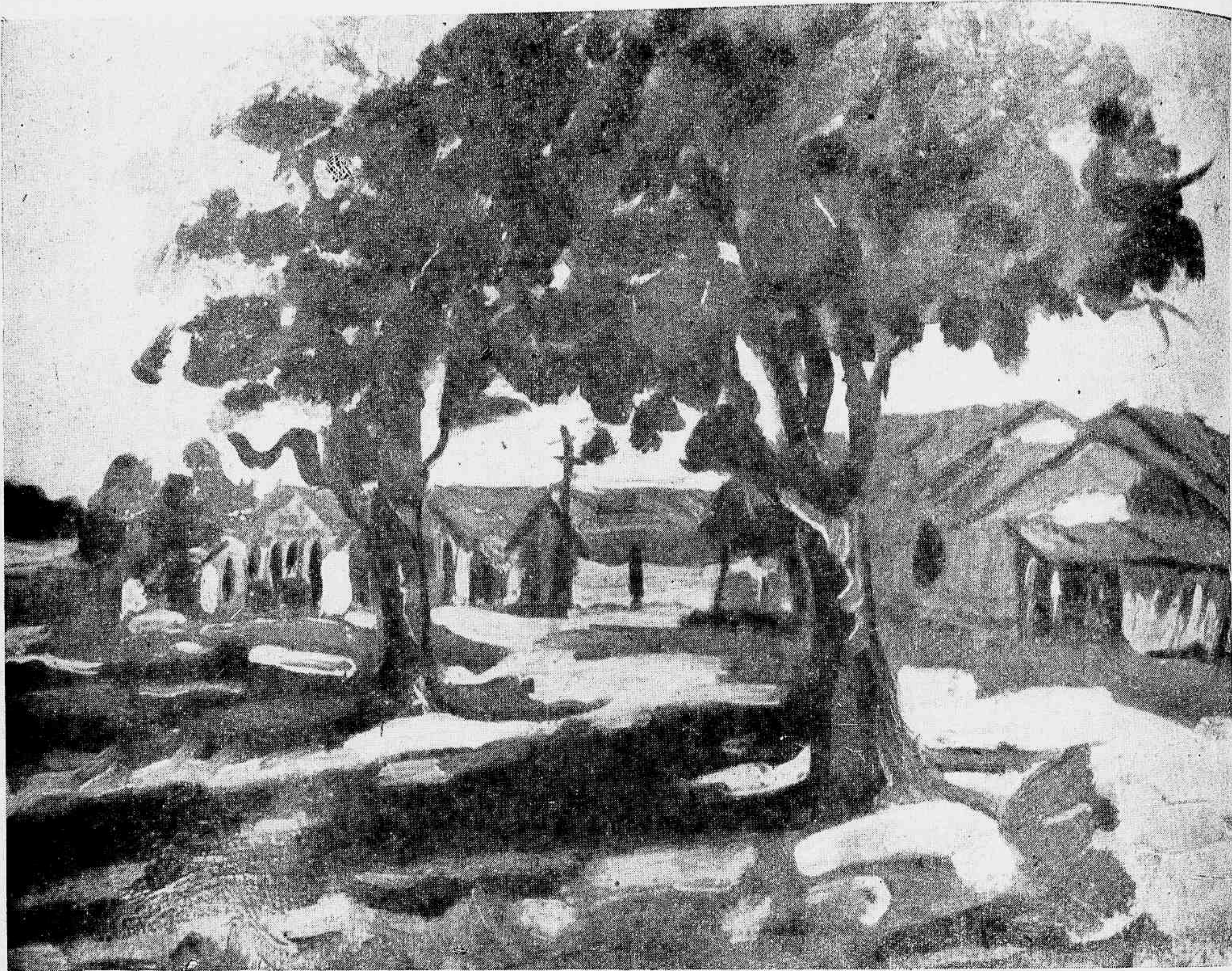
— Pare! Pare! Dane-se, desgraça! E quando volto a mim, estou apertando entre os dedos o copo de aguardente...

(Continua na pág. 51)

UM DIÁRIO

Conto de PERICLES LEAL





"Beira de estrada" — Óleo de Barbosa Leite.

A PINTURA NO CEARÁ

Artistas jovens e entusiastas fogem aos lambidos retratos de Bracet e às contrafações cromolitográficas de Osvaldo Teixeira
Por HERMAN LIMA (Especial para REVISTA DA SEMANA)

DEPOIS duma ausência de seis anos, tenho no Ceará uma grande surpresa. Todo o mundo sabe que minha terra, desde Alencar, foi sempre um viveiro de homens de letras. Efetivamente, tanto nos temos dado, de corpo e alma, às seduições da prosa e da poesia que, por muitos anos, as artes plásticas ficaram relegadas entre nós a um plano por assim dizer inexistente.

Sabia-se que alguns rapazes de tendências artísticas, um Vicente Leite, um José Rangel, um Luis Sá, um Mendez, abriam caminho uma vez por outra, vitoriosamente, no Rio, à custa de esforço próprio e de talento que naquelas bandas não pudera infelizmente frutificar.

Em Fortaleza viviam, num verdadeiro heroísmo de todas as horas, artistas de grandes méritos, como Otacilio de Azevedo e Gerson Farias, autodidatas puros, mas o espírito da boemia de ambos vinha ainda reforçar mais contra eles a muralha chinesa da indiferença, senão da hostilidade local. E' certo que se sabia da iminente presença de um mestre, Raimundo Cella, porém esse pairava num clima de desconhecidas fronteiras, para as bandas da cidade de Sobral, donde lhe vinham as vagas notícias, como duma Pasárgada matuta.

E' verdade também que faz pouco mais de um ano se realizou no Rio uma exposição de quatro pintores, Antonio Bandeira, Inimá, Raimundo Feitosa e Jean Pierre Chablotz, então recentemente chegados do Ceará, de que a crítica se ocupou com a maior simpatia, havendo ainda a assinalar que, depois daquela exposição, um deles, Inimá, concorreu ao Salão do ano passado, com três telas também postas em relevo pelos críticos e outro, em dezembro, Antonio Bandeira, obtinha uma bolsa de estudos em Paris e partia, depois de reunir no Salão dos Arquiletoz quatro dezenas de trabalhos, dos quais pelo menos meia dúzia bastava para lhe dar direito a comparecer diante de qualquer júri estrangeiro de pintura, como teve ocasião de dizer-me, na hora, o pintor tcheco Jan Zachs.

Mas, ainda assim, se explica que tenha tido para mim todo o alvoroço de um descobrimento a notícia de que havia, à minha chegada, justamente, em Fortaleza, um Salão de Pintura, o segundo por sinal que se realizava, instalado na livreria Aequitas, por obra e graça duma Sociedade Cearense de Artes Plásticas, que era também para mim uma completa novidade.

Noio, ao mesmo tempo, que os jornais dão já uma certa importância ao certame, o que bem demonstra a favorável acolhida que vem tendo semelhante iniciativa. Em visita a escritórios comerciais e casas particulares, vou descobrindo algumas telas, não somente da autoria dos citados Vicente Leite e Otacilio, como de outros, inteiramente novos para mim, como R. Campos e Barbosa Leite. E, o que é mais, ao encerramento do Salão, o próprio Governo se associa ao interesse geral, oferecendo medalhas de ouro e de prata aos vencedores, além da aquisição dos quadros premiados.

Isto tudo, porém, não vai ao ponto de se dizer que os jovens integrantes da S.C.A.P. nadem em mar de rosas. O próprio local da exposição, por cima das prateleiras dos livros, por maior boa vontade do amável livreiro anfitrião, prejudica enormemente o exame mais atento dos trabalhos. Quadros pequenos, na maioria, — porque molduras, tela e tintas não se acham no olho da rua e os rapazes que se entregam a tão bela aventura espiritual estão bem longe de ser nababos, como era de esperar — perdem-se muita vez numa altura astronômica.

De qualquer modo, há trabalhos que de logo se destacam, mesmo nessa altura de cumiadas, como certo grupo de pequenas manchas, duma grande harmonia de cores e de composição, uma série de paisagens bem cearenses, ressaltando em alegre cromatismo que de certo modo destoam mesmo das demais produções, estranhamente sombrias para a Terra do Sol. Trata-se dos quadros de Barbosa Leite, excelente paisagista, de larga execução e quente colo-

rado, sem descambar contudo jamais para o decorativismo fácil, mas porque impregnado dum seguro realismo impressionista. Dois ou três bastam de fato para marcar um nome em cuja evolução podemos certamente confiar muito: "Quintal", por exemplo, de tão difícil jogo de planos pelo verdadeiro "puzzle" de superfícies geométricas dos muros batidos de sol contra a massa das árvores do alto e o chão polido do terreiro nu; "Beira de estrada", que é movimentado, é vibrante, banhado naquela ardente policromia dos rincões de Aries que alucinam a melhor parte da pintura de Van Gogh. As árvores flamejavam, o barro esculpia, os pobres casinhoios que se alinham no rumo do sertão valem por luminosos cubos de sólida expressão plástica, tudo dosado com uma segurança e uma liberdade de espátula que fazem dessa tela uma verdadeira profusão de fé. Em "Tarde chuvosa", duma grande sensibilidade de cores que vão do verde gorduroso da mata à prata fosca da lagoa, sente-se o peso das frondes escharcadadas, a fluidez da serra molhada de neblina, o amplexo das águas subindo de nível. Haveria ainda a citar "Carnaubal", "Flores às janelas verdes", mas é preciso dar também uma palavra sobre outros mais do grupo como essa retratista de tão impressionantes qualidades que é Carmelio Cruz. Vejo aqui o retrato da Senhora Juana de Vasconcelos, o seu auto-retrato, o retrato de Brágia Monteiro, e me capta de que ha qualquer coisa de divinatório sem dúvida numa arte ainda tão intuitiva e juvenil de tão bela expressão. Carmelio Cruz é quase um adolescente, mal saiu da casa dos vinte anos, tem estudos minuciosos e o que mostra nesses trabalhos, especialmente no último, no recorte da figura, na sua força expressional, na sua poderosa interpretação psicológica e o que me parece mais admirável — no violento "inacabado" dessa tela de tanta riqueza plástica faz com que me emocione profundamente quando o encontro, dias depois, tão simples e calado, na sua blusa de auxiliar duma dessas



Da esquerda para a direita: — "Flores" — Óleo de Hermógenes; "Flores" — outro quadro de Hermógenes; "Tarde chuvosa" — Óleo de Barbosa Leite.

bricas de ampliações fotográficas em molduras ovais, tão em voga no norte e nos ateliês da rua da Carioca. Tendo começado pela pintura linear, Carmêlo pouco a pouco foi se aventurando a um tratamento mais formal dos seus quadros, dotado sempre dum grande senso de proporção e de desenho, a ponto de apresentar em dois anos um progresso na verdade prodigioso.

De grande importância é também uma "Cabeça de Negra", de R. Campos, a certos aspectos mesmo o quadro de mais sólida execução na mostra. Dum desenho vigoroso, dum equilibrado jogo de volumes, dum modelado acima de qualquer falha e principalmente pelo seu conteúdo animico, essa tela — que seria depois escolhida para primeiro prêmio da exposição — dá ao seu autor direito a medir-se sem receio com muita figura de proa daqui da metrópole. Não é um retrato, simplesmente, mas um tipo, com todas as suas características de raça, ao mesmo tempo que uma criatura possuída de alma, batida por três séculos de sofrimento, que tudo isso se esteriotipa de maneira admirável no esplêndido trabalho.

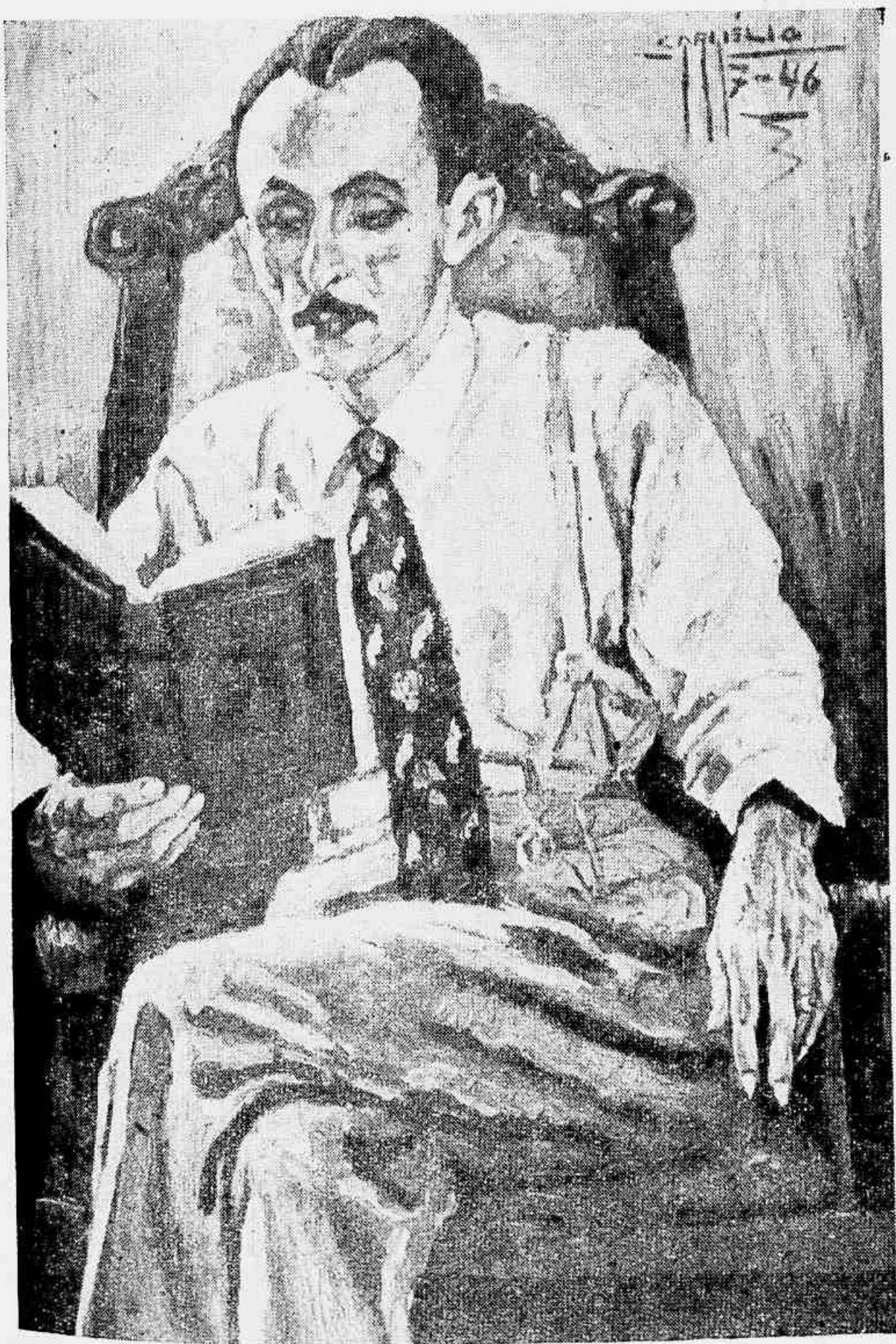
De outro pintor, completamente diverso dos demais, Clidenor Capiberibe, há que por em foco o mesmo sombrio colorido crepuscular de marinhas como "Draga" e "Volta da Jurema", que já me havia surpreendido na exposição de Antonio Bandeira e Inimá, aqui no Rio. Trata-se, é fácil de entender, de artistas duramente disciplinados, que não se deixam dominar pela fatalidade da luz nordestina, transfundindo à paisagem, mesmo a mais penetrada de fulgores solares como a das areias do Meireles, a turva ressonância do seu temperamento evidentemente do mesmo "cachet" que dá às obras dum Pancetti aquele grave peso de céus mornos e águas em decomposição. Com muita agudez nota a seu respeito Braga Montenegro, contista e crítico de arte e de literatura dos mais ágeis e bem informados, que alguma coisa lembra na sua arte o americano Ryder. Há, de fato, uma aura de irrealidade a envolver essas telas, especialmente a belíssima "Noite de serenata", dum céu líricamente verde, de fluidos horizontes lunares, que dão toda a propriedade ao reparo.

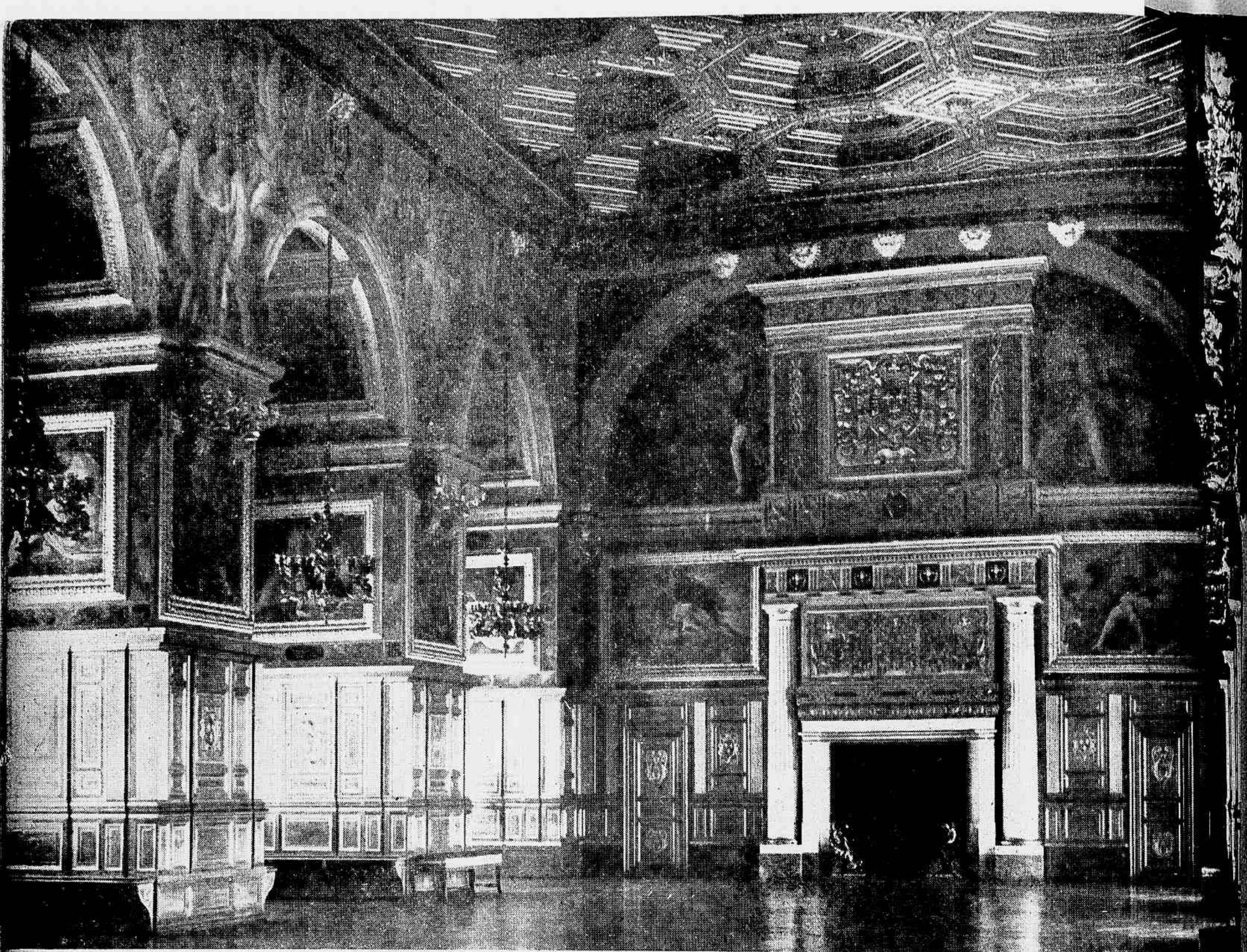
pela clara afinidade de intenção do mestre americano e do jovem pintor da minha terra.

Quero citar ainda uns nomes, como o de Hermógenes, com "Carnaubas", paisagem batida de não sei que de desolação e de fatalidade, no vinco das duas palmeiras crescendo em meio ao taboleiro da várzea dura, nesga viva de terra do nordeste, aquele céu escampo, o mesmo teor de solidão e de infinito que se reflete pensativamente nos olhos do pintor, como logo mais hei de descobrir. Mas é ele ao mesmo tempo o pintor de algumas "Flores", que não são as flores sofisticadas de Gilberto Tromposky, mas desses bocados de jardins avaros do nordeste, crisântemos e rosas que vêm dolorosamente da terra seca para o brilho dum minuto de consolo melancólico, tão graves na sua intenção, como um friso de cabeças humanas; o de Delfino; o de Maria Laura, que concorre com uma aquarelas de muito boa qualidade — especialmente umas "Casas de Palha", que em nada desmerecem da companhia; de

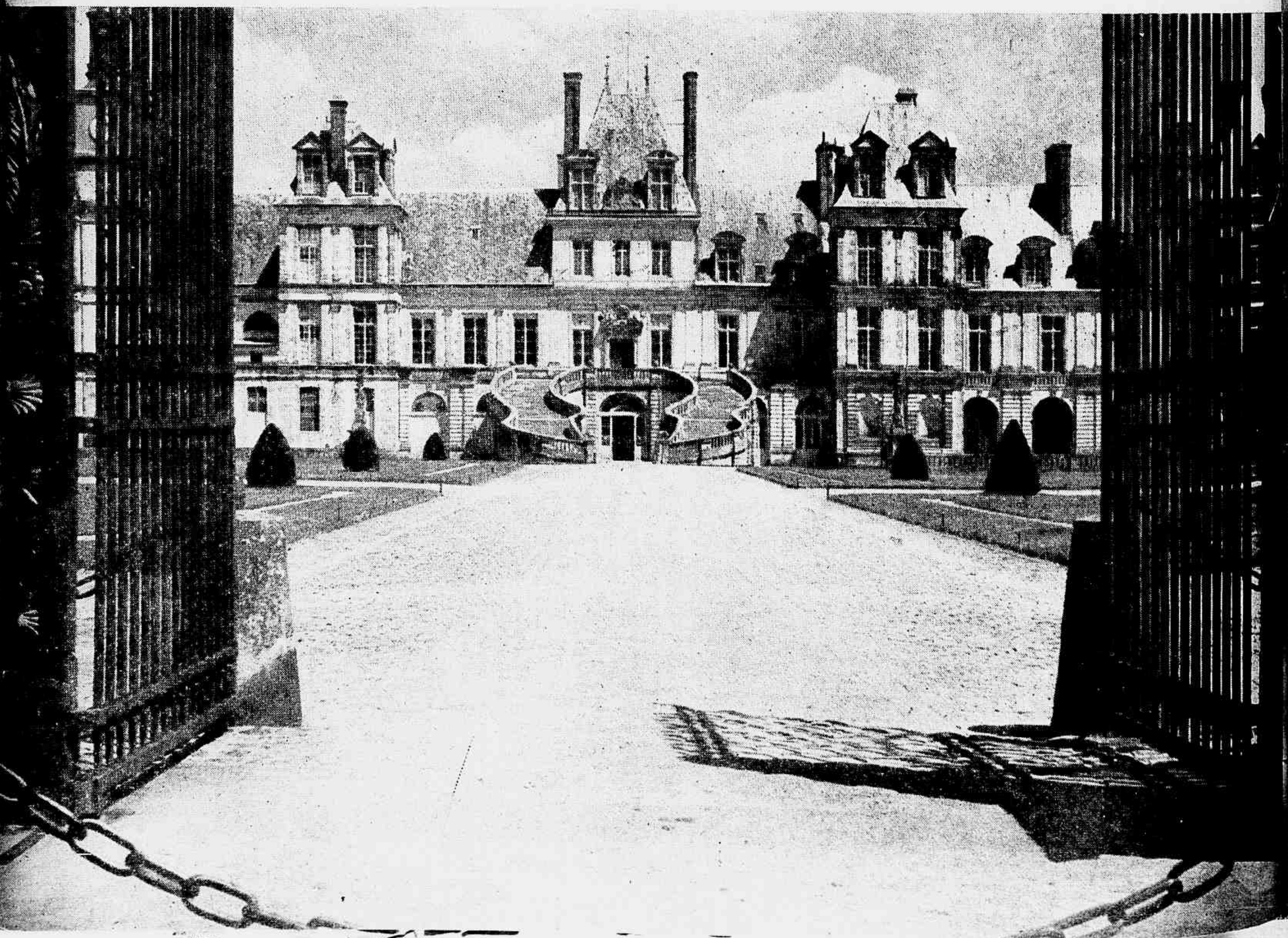
(Continua na pág. 56)

A esquerda: — "Retrato de Braga Montenegro" — Óleo de Carmêlo Cruz. A direita: — "Retrato da senhora Juarez de Vasconcelos" — Óleo de Carmêlo Cruz.





Ao alto : O salão de baile do castelo de Fontainebleau. Em baixo a fachada principal do famoso castelo.
No alto da página seguinte, o pátio do histórico castelo de Fontainebleau.





Maravilhas arquitetônicas da França

O castelo de Fontainebleau



AS origens de Fontainebleau remontam a Luís VII que acrescentou a antiga fortaleza, uma capela que São Tomaz Becket, arcebispo de Canterbury, consagrou em 1169. São Luís aumentou o castelo e Felipe, o Belo, nele morreu. Carlos V aí criou, em 1363, uma biblioteca que foi o embrião da Biblioteca Nacional.

O verdadeiro fundador de Fontainebleau foi Francisco I que lhe deu o atual aspecto. Seus planos foram sucessivamente confiados a Gilles le Breton (francês), Sério (italiano), a Philbert Delorme e, após, a Primatice. De 1548 a 1559, construiu Delorme a Capela do Rei, a Sala de Baile Henrique II, o Gabinete da Rainha e a Capela da Trindade. Henrique IV, desejando comemorar o nascimento do filho, o futuro Luís XIII, mandou edificar o Batistério.

Francisco I contratou muitos artistas da Renascença Italiana, para Fontainebleau. Cita-se em particular, Rosso, Nicollo Dell'Abbate e Le Primatice. Estes artistas a que se deve acrescentar outros da Escola de Fontainebleau, pintaram no castelo numerosos quadros. Menos feliz foi a escolha de Henrique IV que confiou a Fremnet e a Dubois, vários trabalhos de decoração do interior.

Os aposentos ocupados pelo Papa Pio VII e por Napoleão não sofreram grandes modificações. Contentou-se em os mobilar de acordo com o gosto da época.

Em Fontainebleau, Francisco I confiou a direção de uma escola de tapeçaria a Sebastião Sértio, que trabalhou segundo pinturas de Primatice. A Manufatura Real de Gobelins forneceu, além disso, várias obras de Van Loo e de Oudry. Os móveis encomendados por Napoleão I a Riessner e Jacob ainda existem. A majestosa sala do Trono está intacta.

Sempre escapou Fontainebleau — às vezes por um triz — às pilhagens, tributo das revoluções que sacudiram a França, no século XIX.

A falta de unidade no conjunto, obrigou os desenhistas do Parque deste castelo, a usarem caracteres completamente diferentes. Assim motivos clássicos franceses e ingleses convizinham com jardins de pura fantasia.

Os lagos são célebres, não pela beleza, mas pela lenda — aliás inexata — que os povos de carpas contemporâneos de Francisco I. — (Copyright do S.F.I.).

A esquerda: A grande galeria do castelo de Fontainebleau, sede de várias conferências internacionais.



A quatorze de junho de 1920, nascia no Distrito Federal a cantora Linda Batista. Trazendo nas veias sangue de artista, ainda bem jovem revelou-se uma das mais perfeitas intérpretes da nossa música popular, conquistando logo a admiração dos ouvintes, a ponto de ser aquinhoadada com o título de "Rainha do Rádio". Estreando na Rádio Educadora, integrou depois os "casts" da Ipanema, da Nacional e da Tupi, de onde acaba de pedir rescisão de seu contrato, em virtude da mudança dos horários e dias de audição dos seus programas. Irmã de Dircinha Batista e filha do saudoso ventríloquo Batista Júnior, grangeou invejável popularidade nos cassinos, sendo que suas gavações despertam logo desusado interesse, como aconteceu com as composições "No boteco do José", "Edgard chorou", "Fui à Europa" e "Clube dos barrigudos", ainda hoje são procurados pelos seus "fans". Artista cem por cento popular, seu nome repercutiu além das nossas fronteiras, principalmente na Argentina, onde já esteve realizando temporadas artísticas nas principais emissoras. Além do rádio e dos cassinos, Linda Batista também se tem dedicado ao cinema, trabalhando nos filmes "Banana da terra", "Céu azul", "Tudo é verdade", "Não adianta chorar" e "Caídos do céu". Tem tomado parte em espetáculos artísticos e cantou para os feridos da F.E.B., merecendo a simpatia de quantos lutaram pelo Brasil. Gosta de cinema, dando preferência aos filmes de Ingrid Bergman e Glenn Ford. No teatro, gosta muito de Dulcina e Odilon. Sua cor preferida é o verde, embora deteste o integralismo... Adora uma feijoada completa e uma boa macarronada.



A LTIVO DINIZ nasceu em Niterói e muito se orgulha de dever o berço à capital fluminense. Pesa cinquenta e cinco quilos e tem um metro e sessenta de altura. Seu verdadeiro nome é Sebastião Maury Quaresma de Moura. Prática a natação quando lhe sobra tempo, uma vez que se divide entre o rádio, o teatro e o Ministério do Trabalho, de que é funcionário. Trabalhou num conjunto de amadores ao lado de Isis de Oliveira e ingressou no "broadcasting" através de um concurso lançado pela PRE-8, sob o título "Em busca de talentos". Teve a iniciativa de convidar Isis de Oliveira para com ele formar uma dupla, tentando, desse modo, a sorte nesse programa, animado por Celso Guimarães. No dia seguinte ambos fizeram as provas e o resultado os favoreceu com a colocação em primeiro lugar. Imediatamente foram convidados pela direção artística para participar do elenco rádio-teatral da PRE-8. Nele permaneceu pelo espaço de dois anos. Esteve depois na Guanabara, Tamolo, Tupi e agora é exclusivo da Rádio Globo, já tendo desempenhado importantes papéis nas principais novelas dessa emissora inclusive em "As estrelas brilharam", em que fez o Firmino; em "Garôa", quando foi o Tião; em "Rendas e Mantilhas", interpretando Ambrosio e atualmente faz o João em "Amor eterno". No teatro, trabalhou em "A família Barret" ao lado de Maria Sampaio e substituiu Grande Othello na revista "Sonho Carioca". É fan incondicional de Francisco Alves e Graziela Salerno. Gosta dos filmes de Bette Davis e Gary Cooper. Aprecia muito Maria Sampaio e Procópio Ferreira. Amante das letras, lê muito de Alencar, Humberto de Campos, Guerra Junqueiro e Stefan Zweig.



VICENTE CELESTINO nasceu em Santa Tereza. E desde cedo seu apego ao trabalho levou-o às mais complicadas profissões, inclusive a de vendedor de jogo do bicho, naqueles bons tempos em que a polícia não perseguia com tanto afincio o velho vício carioca... Também se dedicou ao fabrico de calçados, na qualidade de meio-oficial de importante fábrica. Foi nesse período que o nosso herói começou a fazer serenatas nos subúrbios da Central e a estudar canto, uma vez que todos elogiavam a sua voz, aconselhando-o a educá-la. A seguir, ingressou no teatro, trabalhando na revista "Não vou pra isso", onde teve oportunidade de cantar, para a platéia do São José, a "Recôndita harmonia", da "Tosca". Seu ordenado era de cento e setenta e cinco cruzeiros por mês. Tamanho foi seu sucesso que a Odeon o chamou para gravar "Flor do Mal" e "Os que sofrem". Daí para cá, a carreira artística de Vicente Celestino tem sido das mais gloriosas. Contratado pelas principais emissoras do país, realizando temporadas teatrais com geral êxito financeiro; compondo e gravando canções as mais variadas; e agora filmando uma de suas próprias histórias, "O Ebrio", sob a direção de sua esposa, a atriz Gilda de Abreu, ele no momento centraliza a atenção do público carioca que o vê nas telas de nossos cinemas, como figura central daquele filme e que o aplaude, no palco do João Caetano, na velha opereta "A Viuva Alegre", de Franz Lehar, além de ouvi-lo através das ondas curtas e longas da Rádio Tamoio, onde interpreta suas próprias composições. No momento, o esposo de Gilda de Abreu, entusiasmado com a vitória do "O Ebrio", cuida da adaptação de outra de suas canções para o cinema. Talvez seja "Coração Materno".



EDELZIA DOS SANTOS é locutora da Rádio Tamoio, onde escreve e apresenta "A dim da Infância", um programa para o pessoalzinho miúdo. Natural de Salvador na Bahia, fez seus estudos superiores no Ginásio Castro Alves. Formou-se na Bahia Normal de sua cidade e lecionou durante um ano no interior do Estado. Sua estreia no rádio deu-se no programa "Em busca de talentos". Obteve uma ótima colocação e um convite para participar dos espetáculos do "Teatro em casa", que a PRE-8 irradiava. Não aceitou. Preferiu trabalhar na Rádio Vera Cruz, de onde saiu para a Transmissora. Mais tarde passou a fazer o programa "Bazar Feminino", da Rádio Tamoio. Criou vários e interessantes programas, inclusive o "Programa do Expedicionário", que tanto sucesso alcançou. Atuando aos microfones PRG-3 e PRE-7, em curto espaço de tempo Edélia dos Santos tornou-se familiar aos ouvintes, sempre interessados nas suas apresentações. E hoje, independentemente de comandar vários "broadcasts" da Tamoio, integra o "cast" de rádio-teatro dessa emissora, dirigido por Olavo de Barros. Sua leitura preferida é a de Castro Alves e de J.G. de Araújo. Seus romances de Machado de Assis e Jorge Amado. Seu esporte predileto é a natação e a sua preferência é a azul. Edélia dos Santos já experimentou uma grande vitória na sua carreira artística. Foi quando substituiu Elza Marzulo na apresentação da revista "Amor e Vingança". No momento, ela prepara um livro de crônicas que, por certo, marcará mais um êxito em sua carreira vitoriosa.

GENTE DE RADIO DE QUATRO EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

O SENTENCIADO

NÃO me venham falar de esgrimistas, de jogadores de espada. Duelos de verdade, em que há bravura, destreza, duelos de fazer sangue e de matar, são as lutas dos cobôclos cabeça-chata, de cacele de jucá quelmado na mão direita, de faca da mina na esquerda. Os cacetes retinam. Golpes violentos são aparados e desviados. As lâminas brilham, faíscam ao sol.

— Lá vai pau, cobôclo!

— Mandá, filho duma égua! Vou te tirar o tutano!

Os nomes feios se cruzam. As moças saem da janela, ruborizadas. E ficam ouvindo e vendo por detrás dos póstigos. Lutas de verdade, em que ninguém se mete para separar, tão bonito e tão nobre é o espetáculo.

— Querem brigar, que brinquem! Quem é besta para se meter?

Realmente, não é negócio ficar com as sobras. O melhor é deixar que os cabôclos lutem, esgotem as forças e acabe o mais forte por matar o outro. Matar, se tiver ódio, lutar sómente, rachar a cabeça, tirar sangue, se o vencedor é generoso.

★

Foi assim, numa luta dessas, luta leal, duelo que nem os da França, que o Pedro Binga matou o Antonio da Sebastiana, cachaceiro, provocador de desordens, que muita gente temia. Teve azar. Foi na época em que uma caravana política percorria a Serra, prometendo um mundo e outro. Queriam reformar os costumes, os processos de vida da gente do interior. Prometiam instrução, saneamento, justiça. Além de outras mistificações. Um moço, formado em Direito, fez uma conferência sobre os deveres do cidadão para com a Justiça. Moço para falar bonito! Tinha boa figura e as moças bateram palmas com entusiasmo! Disse que cada indivíduo era um juiz, representante na terra das leis humanas e, acima delas, da vontade de Deus. Era preciso acabar com a criminalidade, para que não se dissesse lá fora que somos um país de bandidos, de cangaceiros e de assassinos. O pessoal convenceu-se de que isso era uma desgraça para o Brasil. E pelo menos enquanto esteve quente a impressão deixada pela conferência, as sentenças do Tribunal do Juri de São José de Ubajára foram cruéis. Davam trinta anos a qualquer criminoso e só não davam mais porque a prisão perpétua e a pena de morte estavam fora da nossa benevolente legislação penal.

Pedro Binga pegou trinta anos. Como a cadela pública, no quadro velho, só tinha os alicerces, foi cumprir a pena em São Pedro da Ibiapina, onde havia muitas vagas na prisão. O regime penitenciário do interior é qualquer coisa de verdadeiramente pitoresco. O preso tem que trabalhar para o seu próprio sustento, pois não há verba para alimentação. Como as cadelas são pequeninas casas subdivididas em pequenos quartos com grades de ferro, sem oficinas de coisa nenhuma, o trabalho dos condenados tem que ser, necessariamente, trabalho externo. Há criminosos que ganham a vida como pedreiros ou carpinteiros. Outros trabalham no eito, na lavoura do café e da cana. Outros ainda, e estes em maior número, se dedicam a fazer tamanhos de couro colorido, com solado de pau. O couro colorido com anilinas diversas, vermelha, azul, roxa, amarela, com requife, ourelas e biqueiras extravagantes. É mercadoria de muita extração nos dias de feira. A isso dedicou-se Pedro Binga desde os primeiros dias de prisão, sob pena de morrer à míngua.

A princípio teve que comprar, de fora, as toras de "burra leiteira" com que fazia, a facão, os paus de tamanho. Depois de uns meses, porém, já habituado ao cárcere, teve como os outros liberdade para sair. Ia às matas, derubava ele mesmo as árvores e as conduzia ao lombo para a cadela. Corria o comércio comprando couro, pano e taxinhas, regateando o preço para aumentar os seus lucros. Muitas vezes, mentia para o carcereiro e ficava era o dia todo jogando víspera no mercado, com os marchan-

(Continua na pág. 56)

Conto de R. MAGALHÃES JÚNIOR
Ilustração de ABELARDO ZALUAR



SÃO JOÃO DE IPANEMA

POR motivo de conquista siderurgica nacional, Volta Redonda é agora nome favoreado pela popularidade e centro de atenções gerais.

Nome até hoje sem relevo especial no presente o tem e grande a localidade onde a nossa siderurgia se propõe a proezas uteis ao Brasil ora em rde de angustias.

Nele a utilização do ferro e do aço desde muito preocupou governos, homens de Estado, de ciencia, de industria. Velhos manuscritos, providencias de poder publico, estudos especializados o atestam.

Atestam igualmente a nossa opulencia mineralogica tão encomiada por Gorceix, um dos mais abraileirados francêses do grupo selecionado dessa nacionalidade ao serviço do Brasil.

Gorceix proclamou nossa riqueza em minerais de ferro de primeira qualidade. Deles a abundancia é tanta, segundo Gorceix que se os emprega até para calçar ruas ou concorrer para a construção de muros divisorios. Isto em Minas Gerais e em seus tempos felizes.

Meritorios que sejam os empreendimentos recentes de Volta Redonda nem por isto fique deslembado o que o Brasil tentou a bem de siderurgia no seculo passado.

E' recordar de pronto a Fabrica de Ferro de São João de Ipanema, por demais sabido quanto o calendario catolico batiza na coregrafia pátria e que de vezes São João denomina cidades brasileiras.

Ouro e diamantes eis o que faz cintilar no Brasil os seculos XVII e XVIII. A busca e o aproveitamento do ferro não foram entretanto descurados no tempo colonial quando, por fim preferindo o interior á costa, aventureiros e mais aventureiros se constituíram desbravadores de sertões. Iam desvendar o que de precioso escondiam á espera de ambiciosos.

Em tempos mais proximos de historia patria, isto é, no alvorecer do seculo passado, começou a ser avaliada a importancia das minas de ferro das cercanias de Sorocaba.

No informar de Milliet de Saint Adolphe, o conhecer do valor e das possibilidades de tais Minas foi ter bem longe do Brasil, alcançou a Suecia.

Governava este reino, em 1803, na minoridade de Gustavo IV, seu tio o duque da Sudermania, que por

abdicação do sobrinho, em 1809, seria rei com o nome de Carlos XIII.

Segundo ainda Saint Adolphe, o regente da Suecia organizou empreza siderurgica e estabelecer-se em São João de Ipanema, aí montadas forjas sob a direção do sueco Hedberg.

Estabelecidas, sem exito, quatro forjas foram substituidas por novas forjas e uma fabrica sob os auspícios do regente da Suecia, quando no Brasil governava outro principe regente, D. João.

Interessou-se este pelo estabelecimento do Ipanema, encarregando o governador de São Paulo, D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, de ter vistas sobre os ensaios siderurgicos na capitania.

Acabou Palma por ser mais que fiscal, passando a aumentador dos serviços da fabrica pela qual se desenvolveu D. João VI até deixar o Brasil em ponto de separar-se de Portugal.

Continuaria a atenção paterna aquele D. Pedro I que em São Paulo tomara corôa, cumprindo recomendação do progenitor, que o filho levasse corôa á cabeça antes que alguma aventureiro lhe deitasse mão.

As atenções de D. Pedro I pela fabrica do Ipanema merecem lembrança, pois ao creador do Imperio não faltaram tropeços e consequencias de erros no decurso de seu fugidio reinado. Principiou em relampejar de espada no Ypiranga, teve fim num correr de pena para abdicação.

Na fabrica do Ipanema corra ferro candente a 1.º de Novembro de 1818. Foi nossa estreia em siderurgia, então o estabelecimento sob a direção tecnica do tenente-coronel de engenheiros Frederico Luis Guilherme Varnhagen, responsavel pela Real Fabrica de Ferro do Ipanema.

Na mesma Real Fabrica e em sua capêla de São João Batpista, o reverendo Francisco de Paula Mendonça, a 19 de Março de 1816, batizava e punha santos oleos no menino Francisco, filho de Frederico Luis Guilherme Varnhagen e sua mulher D. Maria Flavia de Sá Magalhães. Ao batizado dava benção subido padrinho, o capitão general da capitania de S. Paulo, D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, depois marquês de seu título.

Monumento a Varnhagen na Fábrica de Ferro de S. João de Ipanema.



A criança de 1816 seria o homem que se chamaria em gloria Francisco Adolfo Varnhagen, visconde de Porto Seguro. O porvir e a Historia do Brasil dar-lhe-iam direito a monumentos em sua honra na propria Real Fabrica de Ferro do Ipanema.

Já foi dito ter ela preocupado D. Pedro I entre sucessos graves e atrapalhados do seu reinado. Em meio de outros tantos sucessos graves e atrapalhados, a Regencia, tutora politica de D. Pedro II menor, achou tempo para regulamentar a Fabrica de Ferro dividida em diversas oficinas, uma de fabrica de armas. Cruzes de ferro já disse peleja de perto, agora, a frio, mata de longe a arte militar.

Num governo qual o da Regencia, instavel por natureza, quatro vezes modificado, não podia prosperar a Fabrica do Ipanema. Foi muito não extinguir-se.

Uma memoria, mandada copiar em 1852, de livro da secretaria do governo de São Paulo Provincia, patenteou por miúdo a Fabrica de Ferro, Ferraria a chamavam quando São Paulo era capitania.

Entendia-se então "mandar vir á Ferraria um habi fundidor com pratica em minas de ferro da Alemanha, fundidor aquele imetrado na redução do ferro em aço para ensinar a naturais a fusão e o refino do aço.

Informações muito posteriores mostram a Fabrica do Ipanema desprogredda de 1860, a 1865 e visinha de dissolução. Reerguer-se-ia quando lhe puzeram á frente, por anos seguidos, o capitão Joaquim de Souza Mursa, militar distinto, culto, provando valor na guerra do Paraguai.

Riograndense do sul, de Pelotas, Mursa sem premas sem misterio adepto da Republica gozava da estima de D. Pedro II, o advogado maior da liberdade de pensamento no Brasil. Neste proclamada a Republica seria Mursa membro do governo provisorio de São Paulo em 1889 e deputado, ainda por São Paulo, á Constituinte de 1890.

A' Fabrica do Ipanema, como acontece a tanto administrador, Mursa não foi de olhos fechados.

Em comissão do governo imperial, Mursa visitou varios paizes da Europa a serviço da siderurgia de Ipanema, indo á Suecia, não sabendo nós se chegou a estar na Noruega onde encontraria famosas as minas de ferro de Teberg, tão louvadas por Gorceix.

Em 1886 a Fabrica do Ipanema dirigida pelo então major Mursa e dependente do ministerio da Agricultura apresentava produção diaria regular aplicada a serviço do Estado. Produzia regular e diariamente kilogramas de ferro gusa, de emprego nautico, produzindo tambem ferro maleavel em barra.

O combustivel empregado na fabricação era de natureza vegetal, para aprovisionamento deste possuindo a Fabrica um distrito florestal de mais de seis mil hectares.

Desde o estabelecimento da Fabrica ás matas circumvisinhas eram empregadas para o serviço da mesma, matas reputadas "de bondade para lenhas de carvão. Mesmo este feito de lenhas verdes e mal crescidas, queimados em cavas feitas no chão e sem regra alguma, ainda assim o carvão utilizado na Fabrica do Ipanema mostrava-se de boa qualidade.

Fundido o ferro cumpria transportá-lo. Para tanto possuía a Fabrica, no tempo colonial, gado vacum e cavalari tido a bom mercado, uma junta de bois custando mais ou menos oito mil réis, tendo-se uma besta por doze.

Chegue-se agora a 1887, quando por dois altos fornos a fabrica do Ipanema produzia setecentas toneladas de ferro, apreciados os seus produtos na Exposição Universal de Paris em 1889.

Nove anos antes o imperador e a imperatriz visitavam São Paulo, indo-lhes em companhia Sinimbu, presidente do conselho de ministros e ministro da Agricultura.

De Sinimbu recebia então Mursa, diretor do Ipanema, uma carta datada de 14 de Novembro de 1878 na qual se destacam os seguintes tópicos:

"Um dos objectivos que me trazem a esta Provincia é visitar a fabrica de São João do Ipanema, porque pessoalmente desejo conhecer os seus recursos e julgar dos meios conducentes ao seu desenvolvimento em larga escala.

Sua Magestade que tem por esse estabelecimento o mais vivo interesse resolveu fazer uma nova visita."

Seria esta, avava Sinimbu, na volta de inspeção á linha ferrea do Oeste, acrescentando que quanto á hospedagem "SS. M.M. dispensavam tudo quanto fosse luxo e aparato".

Consigne-se, pois, que no Brasil de tanta mineralogia a ideia da siderurgia nasceu ha mais de seculo. Foi evoluindo para que hoje — si para bem ou não o futuro dirá — a siderurgia progrida utilizando meios dos quais o passado não dispunha.

Nem por isto se olvidem ou desaparecem precuros. O proprio mundo fisico dá-nos lição de origens pequenas de fonte á grandiosidades. O nosso Amazonas fluído de nascente exigua desagua majestoso no oceano.

ESCRAGNOLLE DORIA



Anninha Volchan tem uma grande tristeza: não suportando a pressão das grandes altitudes não pôde ser aero-moça. Hoje é recepcionista e atende no balcão da Panair em 5 idiomas.

A MAIS NOVA PROFISSÃO FEMININA DO BRASIL

As aeromoças e recepcionistas das companhias de transportes aéreos — O que é proibido: usar jóias, muita pintura e penteados extravagantes — Cinquenta romances em cada voo.

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

SÉ verdade que a aviação comercial é uma profissão ainda vedada às mulheres, que, embora brevetadas em todos os tipos de aeronaves, não têm permissão para dirigir aparelhos de linhas comerciais elas vão, no entanto, conquistando terreno em outros campos, nos transportes aéreos. A mais nova das profissões femininas surgiu no Rio com a aviação: a das aeromoças e das recepcionistas. Quando começaram a aparecer as primeiras linhas aéreas em nosso território, o serviço de auxílio e atenção aos passageiros em viagem era feito exclusivamente por jovens do chamado sexo forte. A exclusividade entretanto, durou pouco. As mulheres ambicionaram ingressar naquela profissão. Candidataram-se, submeteram-se aos "testes" mais difíceis e, hoje em dia, constituem a grande maioria das que trabalham nessa especialidade. Houve regosio entre os passageiros masculinos. Quem não prefere a suavidade das mãos femininas, durante uma indisposição momentânea, a 1.000 metros de altura? Os próprios sanduíches e refrescos sabem melhor quando são oferecidos acompanhados por um sorriso cheio de "It"... Um viajante novato declarou-nos ao descer que lá no alto acima das nuvens e das ambições mesquinhas aqui da terra, tivera a impressão que fora um anjo autêntico que lhe oferecera um pouco de sal-de-frutas e de goma de mascar quando começara a passar mal.

escritório, candidata-se, sem demora, a um lugar de aeromoça. O requisito número um para a aceitação é ser solteira. Não se aceitam casadas, viúvas, divorciadas e nem mesmo desquitadas. O motivo, não o sabemos. Mas a ausência de qualquer desses liames familiares é fator indispensável. Exige-se também que você tenha o curso secundário completo, fale inglês e francês corretamente e possua uma aparência atraente. Há um rigoroso exame médico e uma investigaçãozinha sobre os seus hábitos particulares. Nada de vícios como o de Ray Milland em "Farrapo Humano"! Também não se aceitam moças que cospem no chão... Se você preencher essas condições, estará apta a ganhar três mil cruzeiros mensais numa das mais agradáveis profissões. Poderá conhecer cidades do norte e do sul; sobrevoar praias e florestas desconhecidas; tratar pessoalmente, durante horas, com homens famosos como Eisenhower e Fiorello La Guardia. Há também os momentos difíceis. Muitas vezes o D.A.C. (Departamento de Aeronáutica Civil) permite a viagem de um paralítico, numa cadeira de rodas, e esse passageiro fica sob os cuidados especiais das aeromoças. Acontece também ser "despachada" de uma cidade para outra uma criança de algumas semanas ou meses e a comissária tem que bancar a "mamãe" durante todo o percurso, aquecendo a mamadeira e trocando fraldas. Mamãe e solteira, seguindo as instruções dos regulamentos.



Norah Gallo verifica o peso de Anninha Volchan. 55 quilos para 1,62 mt. de altura. — "Peso ideal, para a altura ideal" — diz Anninha. Próprio para modelo de uma casa de modas ou para uma recepcionista.

COMO A LEITORA PODE SE TORNAR UM "ANJO" IGUAL
Você, cara leitora, se ainda é solteira e quer se livrar da neurasia crônica do seu chefe, da rotina tarefa de



Após das aulas, um pouco de recreio. Depois de admitidas nas companhias elas fazem ainda um estágio de um mês em que se aperfeiçoam nas especialidades da nova carreira escolhida. As que se destinam a aero-moças têm um programa mais severo.



AS AMÁVEIS RECEPCIONISTAS

Quando se chega ao Aeroporto Santos Dumont, tanto na estação de hidroaviões como na "gare" das aeronaves terrestres, sente-se em poucos minutos a simpatia irradiante dessas pequenas, concientemente treinadas para uma agradável tarefa. São as amáveis garotas do "serviço de passageiros" ou recepcionistas. Dentro do ambiente claro e festivo do amplo aeroporto, o céu azul muito longe, o mar verde-garrafa bem perto, os motores metálicos roncando a pujança da navegação aérea, a beleza cativante das recepcionistas é uma nota afinadíssima dentro desse quadro moderno e sugestivo. Passageiros apressados, parentes e amigos dos que partem e dos que chegam, deixariam doidas quaisquer outras que não fossem essas bem diligentes pequenas, de paciência quase chinesa:

- Senhorita, quando chega o avião de Belo Horizonte?
- Dentro de dez minutos, minha senhora.
- L'avion de Buenos Aires, est-il déjà arrivé?
- Please, Miss, Is Mr. Gallagher coming from Miami in today's early plane?

E as respostas vêm rápidas e precisas.

Esperamos a vez de falar com a poliglota informante:

— Senhorita, poderia nos dizer seu nome?

A pergunta era desajustada e pouco protocolar. Explicamos a nossa intenção e começamos a conversar.

ANNINHA — SINÔNIMO DE SIMPATIA

Entre uma informação e outra, Anninha Volchan contou-nos pedacinhos de sua vida:

Dora Pizzolatto ainda não se tornou aero-moça por recatos dos seus pais, receios infundados — diz ela. É uma das mais jovens recepcionistas. Disse-nos que só deixará o emprego quando se casar. O seu noivo — exceção rara — não é aviador.

— Meu grande sonho sempre foi entrar para a aviação. Por isso ingressei no quadro das aero-moças. Fiz os exames, fui aprovada e comecei a trabalhar. Infelizmente, por mais que me fizesse de forte, não suportava a pressão das grandes altitudes. Só aguentei três meses e fui muitas vezes socorrida durante o vôo pelos passageiros. Imagine! Eu, que devia cuidar deles! Vendo que não me habituava, tornei-me recepcionista.

Nesse momento, um homenzinho nervoso, de grandes barbas e nariz adunco, parou no balcão e dirigiu-se à Anninha num estranho idioma, sendo atendido na mesma língua que falava. Quando ele terminou e se afastou, um pouco mais calmo, não escondemos nossa admiração pelas suas qualidades linguísticas e ela nos explicou:

— Meus pais são judeus russos. Além de inglês e francês falo também russo e hebraico.

E depois, com um ar de quem não queria vangloriar-se informou:

— Isto não é nada! Queria que vocês conhecessem a Bárbara. Fala corretamente português, francês, inglês, italiano, alemão, espanhol e húngaro!

— Que barbaridade! — disse o nosso fotógrafo que não perde vaza para fazer um trocadilho infame e recantar piadas velhíssimas — Imagine como deve ser difícil essa mulher ficar calada em tantas línguas!...

Depois dessa piada, Anninha nos disse adeus...

LULUZ, A GRANDE DAMA

Já dissemos que uma das condições exigidas das recepcionistas e comissárias é a boa aparência. Luluz Carneiro esbanja esse predicado. Apesar de seu ar fidalgo, é simples e simpática. O próprio Tyrone Power se impressionou.

com sua atraente personalidade. As "fans" do marido de Annabella irão morrer de inveja quando souberem que Luluz foi a primeira carioca a conversar com o artista, logo que ele desceu do avião que pilotava, ao chegar ao Rio em sua recente viagem. Luluz nos conta:

— Fui incumbida de recebê-lo. As primeiras palavras de Tyrone Power, quando o ajudei a descer da nacele, foram para perguntar: — "Fiz boa aterrissagem?". Disse-lhe que parecera um veterano em nossas pistas e ele, sorrindo, agradeceu-me. Vendo o par de asas na minha gola, perguntou-me se eu também era aviadora.

— Qual a sua impressão do galã?

— Achei-o amável e simpático.

— Alguns dos nossos colegas de impensa queixaram-se muito a respeito da secura de Tyrone.

Ela nos esclarece contando um fato curioso:

— Fei uma injustiça. Eles se queixaram sem razão. Calcule que dos vinte e tantos jornalistas que vieram ao aeroporto "entrevistá-lo" nenhum deles falava inglês. Fui obrigada a servir de intérprete durante toda a "entrevista". Quando solicitei a Tyrone para gravar uma saudação aos seus "fans" do Brasil ele me explicou, cortêsmente, que uma cláusula do seu contrato com a Fox proibía-o de falar em microfones, fazer gravações, etc., o que foi confirmado por um representante dessa companhia, que estava ao seu lado. Nenhum dos rapazes entendeu as suas explicações e daí o equívoco.

Deixamos a simpática recepcionista e fomos ao campo esperar um aparelho que acabara de pousar.

LOURDINHA, A CORAJOSA

Fomos esperá-la à porta do bimotor que acabava de chegar de São Paulo. Depois da saída dos passageiros, quando se preparava para descer, surpreendemo-la com a nossa objetiva. Disse-nos o seu nome: Lourdes Torelly. Outra apaixonada pela aviação. Veio nos contando, ao seguirmos para o saguão:

— Nunca pude gostar do trabalho de escritório. Era empregada de W. M. Jackson, ali na rua do Ouvidor, mas já naquele tempo vivia sempre "no ar". Fiquei cansada de tanto faturar os livros de Machado de Assis... E enquanto não entrei para a aviação não pude descansar.

Entregue a correspondência, prosseguiu, enquanto tomávamos um cafézinho:

— Acho que sempre gostei de aviões porque me prezo de ser muito corajosa. Pode mesmo acreditar que sou a mais corajosa das aero-moças. Digo isso sem a menor fatância... Outro dia, quando o aparelho entrou numa CB...

— Como é isso, D. Lourdes?

— CB é uma nuvem muito escura e muito extensa. Uma espécie de beco sem saída lá no céu. Pois bem: essa não acabava mais. O piloto desistira de descer em Belo Horizonte. Todo o mundo estava receioso e eu... nem ligava...

Dona Lourdes é assim. Seu cortaz de moça valente é muito alto.

Há um boato de que as aero-moças, em geral, se enamoram e se casam com os passageiros habituais das linhas aéreas perguntámos à "corajosa" se era verdade. Ela nos disse com naturalidade:

— Romances durante os vôos não faltam. Poderíamos arrumar 50 em cada viagem. Mas temos regulamentos severos e, mesmo, não nos ficaria bem uma coisa dessas. Mas já tem acontecido casarem-se aero-moças com pessoas conhecidas durante a viagem. São as vantagens da profissão...

Lourdes apresentou-nos sua irmã, Sílvia Torelly. Sílvia orgulha-se de ser a primeira funcionária da companhia onde trabalha. Perguntamos se não desejaria ser aero-moça, como sua irmã. Ela nos diz:

— Eu já sou aero-moça. Estou esperando apenas que cheguem os novos aviões Bristol para a nossa empresa.

— Sílvia não ficará muito tempo como comissária — diz-nos sua irmã.

— Porque? — indagamos. — Não terá tanta coragem como você?

E, antes que a mana pudesse impedir, revelou:

— Casar-se á brevemente com um comandante aviador.

Sílvia ficou encabulada e repreendeu-a:

— Você é impossível! Que indiscreção mais sem graça! Bem sabe como ele é ranzinza... Vai ficar furioso comigo...

O CASAMENTO E A PROFISSÃO

O caso de Sílvia vinha confirmar o boato que ouviamos sobre o casamento das aero-moças e recepcionistas



Ao alto: Três amáveis recepcionistas: Fernanda Faillat, Norah Gallo e Luluz Carneiro. Luluz foi a primeira carioca a conversar demoradamente com Tyrone Power, quando da recente viagem do artista da Fox ao Rio. Em baixo: A recepcionista que controla a entrada de estrangeiros é a única funcionária pública desta profissão. No flagrante, o almirante Paulus P. Powell tendo os seus documentos desembaraçados pela funcionária.





As aero-moças e recepcionistas são obrigadas a ter uma noção geral das diversas partes de que se compõem um avião. Elas voltando de uma aula prática, dada em conjunto, no hangar de uma das nossas companhias.

com as necessidades das tripulações dos aviões. Esse romance não constitui um fato isolado. A Panair, que há cinco anos foi a pioneira na organização dos serviços de comissárias de bordo e recepcionistas, viu esses seus quadros diminuírem sensivelmente com o correr do tempo. No começo chegou a possuir oito aero-moças e hoje tem apenas quatro. As restantes se demitiram, para se entregarem, apenas, aos afazeres domésticos. A última a solicitar licença do serviço foi Gilda Brigido, que vai se casar brevemente com um aviador. Companhias de organização mais recente, sobretudo por certo, da grave tentação que os seus aviadores representam para as funcionárias desses serviços especializados, constituíram um quadro maior de aero-moças, provendo, talvez, os desajustes provocados pelas artimanhas de Cupido. As Aerovias Brasil e a REAL possuem, respectivamente, 14 e 10 aero-moças, quantidade um pouco excessiva, considerando-se o pequeno número de linhas que estão sob os seus cuidados. E como vemos, não andaram erradas, pois várias das pequenas já estão comprometidas. Nós desejamos sugerir uma solução para remediar esse mal: porque não admitir exceção, permitindo continuarem o seu trabalho como aero-moças às comissárias que se casem com aviadores ou outros tripulantes? Garantimos que as que casarem há pouco com pilotos das suas linhas aprovariam imediatamente a ideia, pois só assim poderiam estar sempre perto do céu com o seu amado.

AS VAIDADES QUE NÃO SÃO PERMITIDAS

Certas exigências do regulamento de voo das comissárias lembram as regras estabelecidas para as enfermeiras em serviço. É proibido, por exemplo, usar jóias quando uniformizadas, permitindo-se somente o relógio de pulso. Pintura no rosto só muito de leve, nada de maquiagem coloridas; proíbe-se também o uso de penteados extravagantes, principalmente aquele apêndice imitando Verônica Lake. As excessivamente vaidosas não gostarão dessas exigências, cuja observância é rigorosamente controlada. Basta para as companhias o encanto natural das pequenas e agem certo. Imaginem se uma carinha bonita como a das fotos dessa reportagem, aparecesse pintada e penteada como uma "vamp"? Os aparelhos do avião seriam os primeiros a perder o controle.

HAVERÁ OUTRA AERO-MOÇA COMO GILDA?

Acreditamos que será difícil encontrá-la. Muito antes da sua xará de Hollywood, a aero-moça Gilda Brigido se tornou célebre na sua companhia, graças a um desses casos especialíssimos que surgem, uma vez por outra, na profissão. Houve o seguinte: uma senhora de 92 anos de idade — pasmem os leitores! — resolveu transferir-se de Buenos Aires, onde residia para a Cidade Trujillo, capital da República Dominicana, por via aérea, devendo cobrir nesse trajeto nada menos de 9.500 quilômetros! Os especialistas em moléstias cardíacas, consultados sobre esse audacioso projeto, examinaram a anciã e constataram que o seu coração apesar da idade, se não estava tão bom quanto os de muitas mocinhas de hoje, pelo menos resistiria às fadigas da viagem. Dada a autorização, a Pan American prontificou-se a facilitar todo o conforto possível à passageira que acabava de inaugurar um novo recorde em transporte aéreo. Colocou a companhia uma aero-moça exclusivamente para atender a Sra. Nadde Moleck de Abi Saab, (assim se chamava a anciã) e durante o percurso sobre terras brasileiras foi escolhida a comissária Gilda Brigido para desempenhar essa missão. Entre outras obrigações, tinha ela a de pernitar no mesmo hotel com a senhora Nadde. Ambas se hospedaram nesta cidade no Hotel Serrador. Essa aero-moça, que tão bem cumpriu a delicada tarefa, vai também deixar a Companhia. Caso se brevemente com um aviador e, conforme as exigências do regulamento, não poderá continuar em tal emprego. Encontrará a Panair outra aero-moça dedicada e atenciosa, como Gilda? Acreditamos, como dissemos acima, que será difícil. Mesmo porque o "slogan" querente que "nunca haverá mulher igual"...

Ao alto: Silvia e Lourdes Torelly, duas irmãs, ambas aero-moças. A de chapéu, é Lourdes, "a mais corajosa das aero-moças", como fez questão de frisar. Não há tempero de ou neveiro que lhe cause o menor susto... Em baixo: As recepcionistas da Cruzeiro do Sul têm "regulamentos severos" e por isso não nos concederam entrevista. O nosso fotógrafo, após paciente espera, pôde apenas conseguir esse instantâneo. O próprio nome da funcionária ficou em branco. Que regulamentos!...





A esquerda: A aero-moça Gilda Brígido ao descer do aeroporto Santos Dumont com a passageira que lhe fora confiada, a Sra. Nadde Maleck, de 92 anos de idade, que fez por via aérea um percurso de 9.500 quilômetros! A direita: Rosita de Paula Machado, quase milionária do ar. Tem 700 horas de voo e espera dentro de 4 meses alcançar as trezentas restantes. Rosita já voou em um só mês 110 horas, recorde na sua classe.

QUE MEDO É ESSE MENINAS?

Não conseguimos ler o regulamento da Cruzeiro do Sul mas, ao que tudo indica, deve ser draconiano! Por mais que insistíssemos para entrevistar as moças que ali trabalham nada arranjamos. Algumas pareciam revelar bastante interesse em aparecer na reportagem. Contudo, não o podiam fazer livremente. Tinham que telefonar não sei para onde, falar não sei com quem e, embora tentassem obter autorização para uma coisa tão simples, saímos de lá três horas depois, sem que a tal ordem tivesse chegado. Nosso fotógrafo não obteve sequer uma pose voluntária das pequenas. Teve que se paraveitar de um momento em que uma delas se descuidou, para tirar um instantâneo. Que existirá nesse famoso regulamento que impede suas recepcionistas de falar aos repórteres? Foi um incidente que destoou naquele ambiente de cordialidade que encontramos em todas as outras companhias.

ROSITA, A QUASE MILIONÁRIA

Quase milionária, sim, mas não pela loteria. Milionária em horas de voo. Rosita de Paula Machado, com quase um ano de trabalho, tem 700 horas de voo! Espera dentro de quatro meses conseguir o ambicionado título de milionária, ainda não alcançado por nenhuma aero-moça. Rosita possui um recorde inviolável: voou em um só mês 110 horas, o máximo até hoje registrado por qualquer comissária em nosso país.

— Nunca teve receio de sofrer um transtorno na sua profissão? — indagamos.

— Nunca. No início o meu único medo era não ser "checkada". Vou explicar o que é isto. Viagens de "check" são as que fazemos logo depois de aprovadas nos exames para comissárias-de-bordo. Vamos acompanhadas nas quatro ou cinco primeiras viagens por uma veterana que observa o nosso comportamento lá em cima. Se tudo correr bem, sem nenhum nervosismo da caloura, estamos "checkadas", isto é, foi tudo "azul". Depois dessa prova podemos nos considerar definitivamente admitidas. Há casos em que a moça é aprovada mas, após algum tempo, começam surgir indisposições físicas nas grandes altitudes, ou nos balanços das quedas "de vácuo" e a aero-moça tem que desistir, como foi o caso de Anninha. Mas isso é raro. Pode-se dizer que nossa prova de fogo são as viagens de "check".

— Quando espera completar mil horas de voo?

— Agora. No verão, muita gente sobe as estações de águas, como Poços de Caldas, Águas de São Pedro e outras cidades termiais. Aumentam assim as viagens extraordinárias. Quando completá-las vou dar uma grande festa e vocês serão convidados...

Anotamos o convite gentil e estamos aguardando o dia da comemoração.

OSSOS DO OFÍCIO

Nem sempre o trabalho dessas moças que passam, em média, mais de 80 horas por mês acima das nuvens é agradável. Existem os momentos de sacrifício e, talvez, — quem sabe? — de nervosismo e apreensão. As companhias procuram colocá-las em linhas curtas, como Rio-São

Paulo, Rio-Belo Horizonte, Rio-Salvador, em que as viagens de ida e volta se efetuam no mesmo dia, evitando o pernoite fora de suas casas. Muitas vezes acontece, entretanto, que depois de chegar a Belo-Horizonte o avião fica impossibilitado de regressar, quando a visibilidade é péssima e "não há teto", como dizem os aviadores. E a aero-moça é obrigada a pernoitar naquela cidade, por conta, aliás, da companhia, que lhe paga o hotel e uma diária extra. As companhias, nesses casos, continuam exigindo uma irrepreensível conduta de suas funcionárias. Se a cidade em que o avião pernoitar não dispuser de um hotel com cômodos suficientes para a tripulação, o único quarto conseguido é cedido à comissária, dormindo o resto dos tripulantes nas salas, ou mesmo a bordo do aparelho. Nessas ocasiões é proibido às moças o comparecimento a festas, bailes, cinemas, enfim, a qualquer diversão. E à menor transgressão as moças serão severamente punidas, mesmo com a expulsão.

As famílias com moças empregadas nesse serviço não têm, pois, a mínima preocupação quando elas desaparecem por dois ou três dias de casa. Sabem que os regulamentos as guardam zelosamente, mesmo a 500 quilômetros da residência paterna.

Uma coisa que absolutamente não lhes infunde receio são os desastres aéreos que, embora mui raramente, aparecem noticiados pelos jornais. Essas moças levam para a carreira que abraçaram, o mesmo despreendimento que se nota em todos os servidores da aviação. São fatalistas.

Chamando por Tejo...

Conto de PATRICIA CAETANO

Ilustração de ORLANDO MATTO

Premiado no concurso permanente da REVISTA DA SEMANA

— Desculpe, mas o senhor não sabe ler? Cachorros não são admitidos aqui.

O farmacêutico havia tido um dia cheio de aborrecimentos. Isto explicava seu tom irritado. Mas ele deveria ter olhado com mais atenção o senhor que queria entrar na sua loja.

Leandro ficou parado na soleira da porta com o cachorro. Ele enrubescou.

— Desculpe-me, eu realmente não sei ler. Sou cego. Tejo, tu ficas lá fora. Vai.

Envergonhado o farmacêutico queria reparar seu erro. Mas Leandro não consentiu que seu cão fosse chamado para dentro. Ele fechou com um empurrão a porta atrás de Tejo e virou-se para o farmacêutico.

Este ainda estava parado aí, como si tivesse vontade de esbofear-se a si mesmo. Nunca lhe acontecera um tal engano. Mas também nunca tinha encontrado um cego que estava tão pouco marcado por sua desgraça.

O porte ereto de Leandro, os gestos animados, o tom

seguro de sua voz, tudo isto podia enganar a maioria dos olhos, que em geral tinham um suave brilho de inteligência. Mas estavam desfigurados. Não contavam que após tantos tempos passados, sob o sopro de gás venenoso.

Mais uma vez o farmacêutico quis dizer uma palavra cheia de lástima, mas o cego cortou-lhe a palavra. Ele este pequeno incidente não era de todo desimportante, pois lhe provava que o autodomínio em que se exercia em tantos anos não fora tão inútil. Com um gesto ele declarou que a muitos já tinha acontecido este sobretudo quando não trazia o seu cachorro para a corda.

— Então isto também acontece às vezes? — perguntou o homem.

— Sim, quando estou no parque. Meu Tejo não tem que ter um pouco de movimento. Ainda quando o rapazinho pediu-me que o conduzisse para o fim da rua.

O farmacêutico tinha um sorriso indulgente, mas o orgulho que continham estas palavras. Mas ele ficou sério, quando Leandro lhe contou a procedência da desgraça.

— E seu Tejo? — interrompeu-o repentinamente o farmacêutico — o coitado do animal está esperando neste tempo miserável.

— Isto não faz mal, — disse Leandro.

— O senhor não tem medo que ele lhe fuja?

— Ora — disse Leandro.

Neste curto som estava contido todo o seu orgulho e posse.

— Por que não chama o Tejo para dentro? — perguntou novamente o farmacêutico.

Leandro abanou a cabeça. Também ele estava cansado da pena do cachorro. A chuva fininha que caía, era mole para os finetes que feriam. Mas uma obstinação inata, aquela que já terminasse a prova agora.

Eles ainda conversaram algum tempo, mas Leandro não pôs os olhos pelos outros freqüentes. Algumas vezes parecia dizer que Tejo arranhava a porta, pedindo para entrar, mas isso só o encorajava em sua atitude.

Finalmente — teria passado meia hora — Leandro resolveu terminar com esta situação. Ele despediu-se do farmacêutico e com passos seguros dirigiu-se para casa.

Precisamente neste instante entravam outros dois de maneira que o farmacêutico não tinha mais chance de olhar pelo perdigueiro.

Leandro estranhou que ele não lhe viesse ao encontro. Ele deu um pequeno assobio. Repetiu-o, mas em vão.

(Continua na página seguinte)

ORLANDO MATTO



Virginia Mayo, a louríssima estrela da RKO, dona de maravilhosos cabelos dourados.

A discrição é uma das grandes virtudes da mulher, mas, coitada, está tão fóra de moda!... Ser discreta no falar, no vestir, no andar, é realmente uma grande qualidade. Infelizmente, porém, esta cedeu lugar aos exageros, aos escândalos, aos mexericos... Chegou-se ao ponto de não se ter discrição nem mesmo no que se refere à nossa vida íntima.

E tudo isso é deveras lamentável, porque nada nos diminui mais aos olhos dos homens do que a falta de discrição, distinção e decência...

Seja sincera, minha amiga, e responda: Não é verdade que quando reunidas em grupos grandes ou pequenos vocês "resouram" desapidadamente a vida das "amiguinhas" ausentes? Não é verdade que até mesmo insinua-

ções sérias e comprometedoras são feitas com a maior semcerimônia? Não é verdade, também, que essa indiscrição se estende à sua própria vida? Fatos absolutamente pessoais e íntimos são revelados muitas vezes a pessoas quase que estranhas que poderão tirar dos mesmos as conclusões que desejarem...

Há um sabor inconfundível na malícia e para gozá-lo, não se hesita em escolher os meios... Qualquer um serve, desde que a "platéia" se divirta... Mas, a mexeriqueira e indiscreta pode estar certa de uma coisa: todos aqueles que a aplaudem e riem do seu "espírito observador",

não são seus amigos. Porque, pessoa alguma, por pouco sensata que seja, poderá confiar assim numa criatura. E um dia, ela ver-se-á isolada e perguntará a si própria a razão desse isolamento.

A resposta aí está. Foi a sua falta de discrição que os afastou de si. Como para tudo há remédio, procure modificar-se. Comece por se interessar por outros assuntos, a leitura, o esporte, a arte, enfim, qualquer coisa que a tenha ocupada e que lhe forneça matéria bastante para substituir os assuntos anteriores.

Substitua a sua mordacidade pela amabilidade e fuja daqueles que pretendem incluí-la em palestras inúteis e prejudiciais.

NOS BASTIDORES FEMININOS



A MODA EM LONDRES

HARTNELL, FAMOSO COSTUREIRO DA ARISTOCRACIA INGLESA

LONDRES, outubro — Visitando uma casa londrina de Modas, um recém-chegado de Paris convém manter um total esquecimento de tudo que viu do outro lado da Mancha.

Não se poderia apreciar a poesia lírica de Lamartine, guardando ainda no ouvido a cadência grave da Divina Comédia. Para os olhos habituados à contemplação da magnífica plástica da estatúria grega, o nú modernista deveria ser qualquer coisa de abominável e grotesco.

Há cousas que não se comparam entre si. Valem pelo seu justo valor e têm de ser vistas isoladas, como uma catedral da Idade Média.

Um espírito cultivado no estudo das artes plásticas, que não se tenha deixado atrelar ao convencionalismo das opiniões pré-estabelecidas, tem de confessar que a moda inglesa apresenta um conjunto de novas qualidades, que o colocam em condições de "liderança" no mundo que ora se reconstrói. Por uma característica essencial do espírito inglês, afeito às regras da disciplina, a arte industrial inglesa vai se reorganizando bem depressa. Tanto em Manchester no Kead Milne ou nas vitrinas de King Street, como em Londres no Harrods, nos mostruários de Mayfair ou de Bond Street, pode-se ver uma variedade de mercadorias, que correspondem à grande atividade do povo

Por SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO

★

inglês, especialmente dedicado agora à política de exportação.

Um espírito brasileiro, em Londres, com esta abençoada "veia de curiosidade" e desejo de aperfeiçoamento, que são a aforça da nossa raça jovem, não poderia passar o seu tempo vendo teatros e vitrines. Nossas qualidades de turistas natos nos proporcionam sempre o ensejo de ver além da superfície.

Convidada em caráter especial, pelo Hartnell afim de ver seus modelos, antes mesmo que eles fossem expostos ao público, procurei banir de meu espírito tudo que vi na minha última semana em Paris — assunto de uma próxima crônica — para poder julgar, honestamente, com absoluta independência de espírito, tudo que ali me fosse apresentado.

Para ser sincera como se exige da minha responsabilidade no assunto, não irei elogiar todos os modelos que vi no Hartnell, pois alguns há que não coincidem com o meu gosto individual.

A minha sensibilidade artística, no entanto, me per-

mite fazer emergir, de dentro de mim mesma, conceitos estéticos de ordem geral, que nada têm que ver com as minhas predileções pessoais.

Assim, posso fazer crítica sincera e honesta.

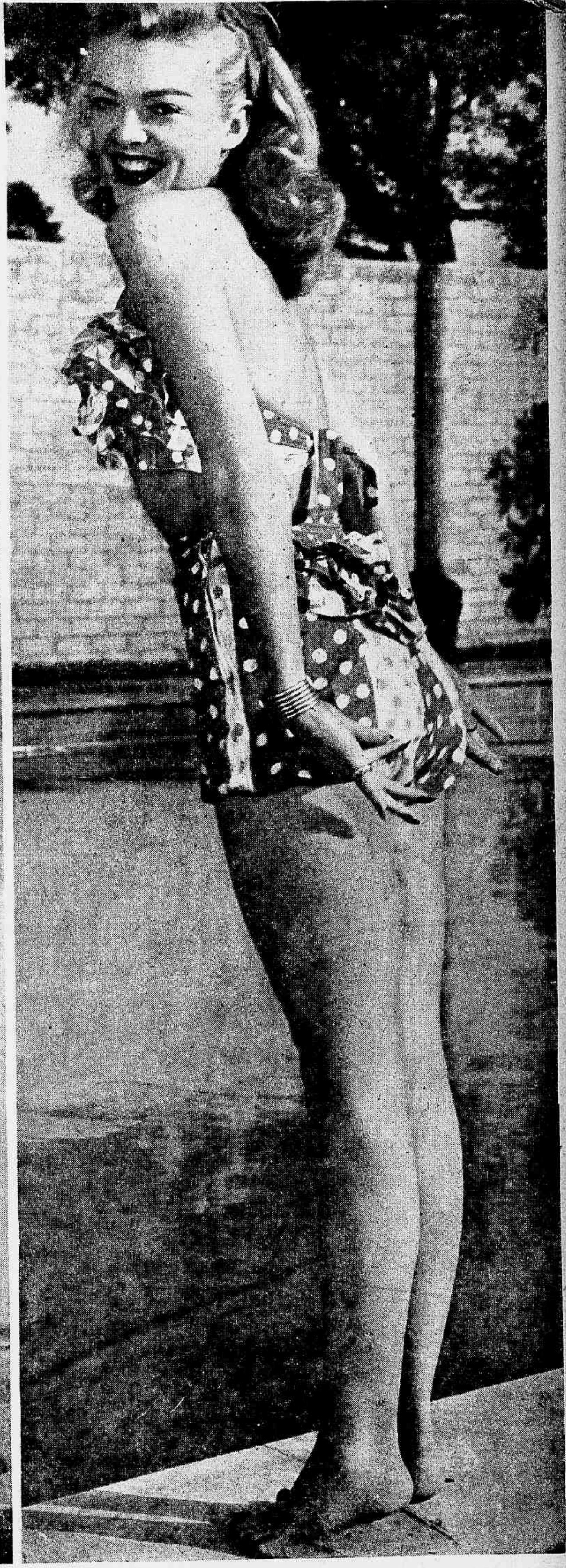
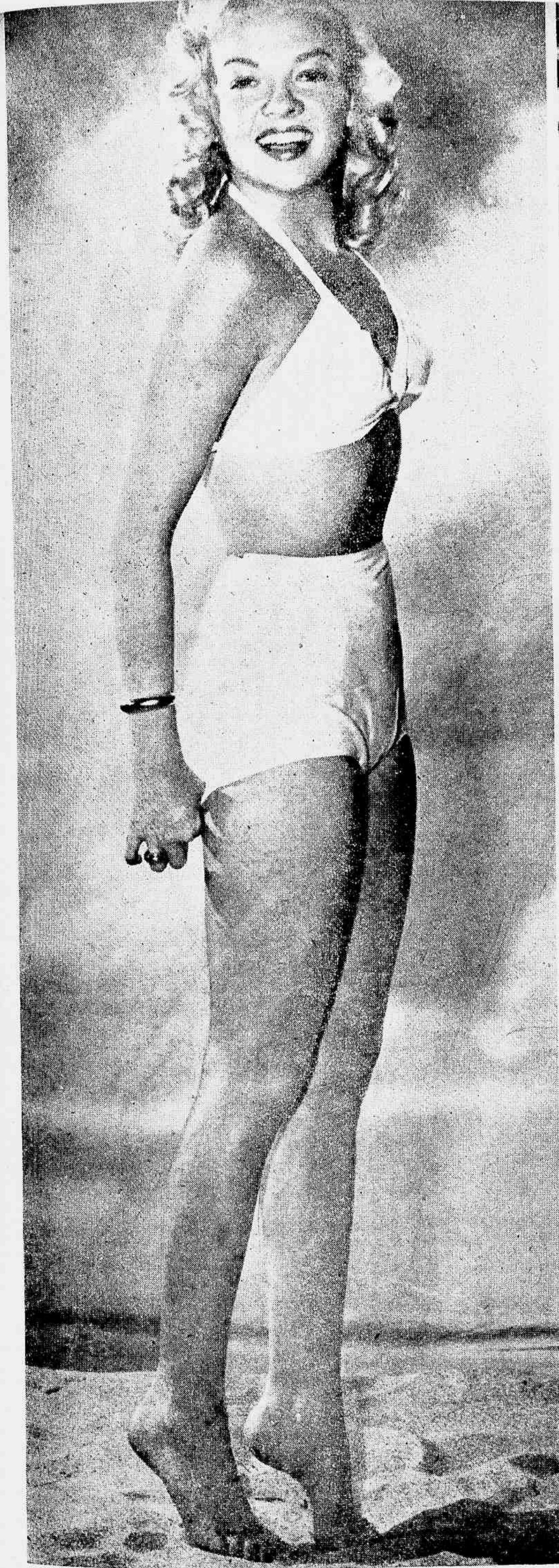
Não aprecio, por exemplo, sem restrições, o modelo que aqui publicamos hoje, em tulle branco. Apesar de muito vilhosamente lindo, acho-o um pouco "à prima-donna" exagerado, talvez, na sua dramática assimetria. Se nos fosse dado um retalho desse leve filô de que ele é feito encontraríamos uma maneira artística de acrescentar-lhe a manga que falta, afim de que sobressaísse apenas o delicado e rutilante bordado sobre lamê, que lhe guarnecesse tão felizmente a altura dos quadris. Isto porém é uma opinião pessoal, que não alterará talvez a da minha leitora, si ela tiver silhueta e temperamento suficientes para envergar esta "toilette", tal qual Hartnell a criou: pois apesar da pequenina falha apontada, é de uma beleza alucinante!

O "modelo em franjas" considero uma obra prima de originalidade e distinção. Na fotografia seus ombros parecem um tanto rijos e largos demais, no entanto, eu que estive na realidade asseguro que estão em perfeito equilíbrio.

(Continua na página 56)







Na página ao lado : — Vera-Ellen, a bailarina acrobática que Samuel Goldwyn levou para o cinema, sugere às nossas leitoras este belo modelo para a praia. A parte superior é de "tootal" branco, decote quadrado e mangas japonesas. A saia, também de "tootal", tem listras de cores vivas. É toda franzida à cintura, formando volume.

AS garotas de Tio Sam exibem suas plásticas admiráveis dentro de reduzidíssimos "maillots" que fariam corar de pejo às nossas vovós. Esta pequena estupenda é Myrna Dell, do elenco da RKO Radio, apresentando dois tipos de "maillots". Francamente, entre os "maillots" e Myrna, não sabemos o que mais admirar... Enfim, vamos aos "maillots"...

O primeiro é simples, de lastex branco. O segundo é de algodão vermelho com pastilhas brancas, com tiras bran-

cas e pastilhas vermelhas. Babados franzidos no "soutien" e atrás, no calção.

E aí ficam, para vocês, garotas de Copacabana, as sugestões desta sereia : Myrna Dell.

SEREIAS



PARA TODAS AS HORAS



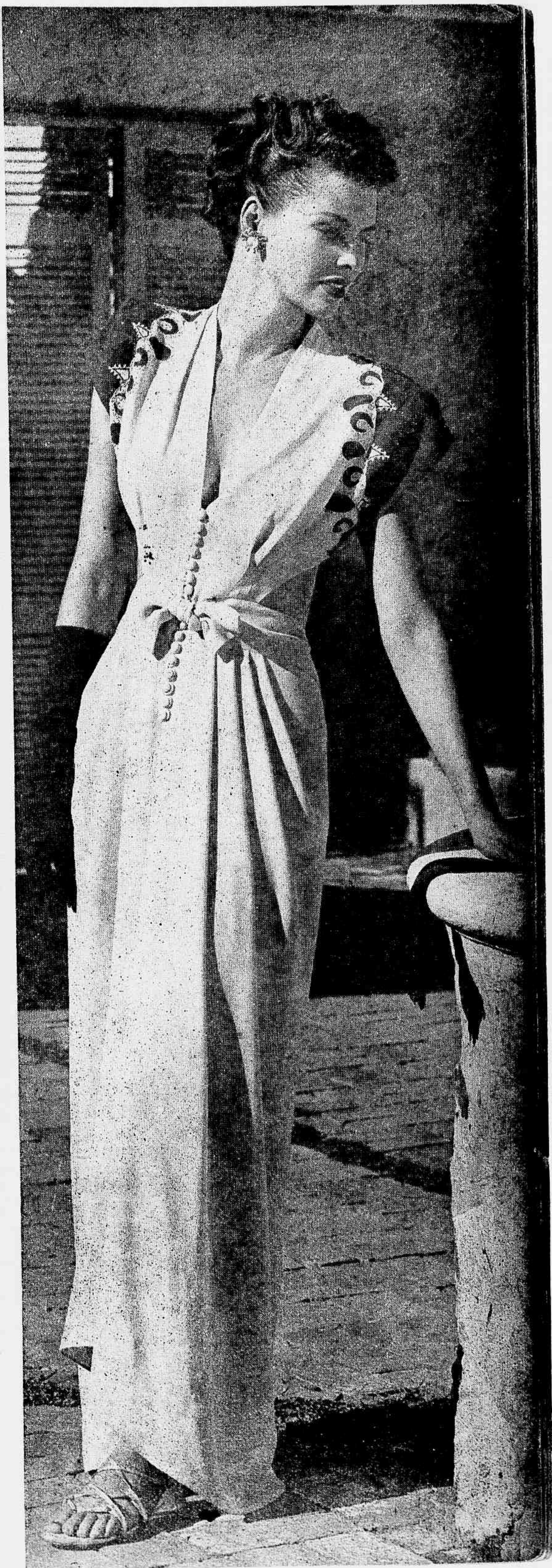
Pela manhã, Deana Durbin usa este "duas-peças" de algodão estampado. A sala é ligeiramente drapeada na cintura, e o drapé é preso com um nó. Botões da própria fazenda do lado esquerdo.

2 — Para o cocktail, Donna Reed, da MGM, usa este encantador modelo de seda cinzenta. Na blusa, um interessante "jabot" de musseline cinza com vizez dourado, dá um "toque" bem feminino à "toilette". Vizez dourado também nos ombros e em toda a extensão do vestido.



3 — Elegantíssimo conjunto de seda preta, usado por Joan Fontaine. É um "tailleur" com casaco ajustado e alamares pretos. Sobre o mesmo, outro casaco, este de linhas retas com enfeite de pele branca.

4 — Modelo para noite, apresentado por Dietrich Anderson, da Columbia. É de seda rosa claro, com mangas e incrustações de seda amá. Decote em "V" bastante pronunciado, saia drapeada. Luvas pretas, sandálias pretas.







Cem por cento "Glamourosa"

CLAIRE TREVOR, "estrela" da RKO Radio, acredita (e com razão, acrescentamos nós) que o "glamour" está ao alcance de toda a mulher inteligente. O "glamour", explica a conhecida "estrela", é um mixto de feminilidade, personalidade e sensualidade.

A mulher "glamourosa", continua ela, sabe tirar partido de todas as situações, conta com a admiração incondicional do sexo oposto e, dentro do lar, é algo mais do que a esposa pacata e resignada.

Aqui a temos em diversas "pôses" "extra-glamourosas" que bem ilustram as suas palavras.

★

Na página ao lado: Modelo para a tarde em crepe de seda branca. Casaco com mangas japonesas, lapelas e punhos com galões e pedras de cores vivas. Ao alto à esquerda: — E agora, vestido de baile de gaze preta com forro de cetim rosa. O vestido é bem colante com um pouco mais de amplitude abaixo dos quadris. Bordados na blusa em "pailletté". Ombros e costas nus, coleira de pedras prende o vestido na frente. A esquerda: — Sutuíoso vestido para jantar de seda preta, grande decote, abertura sobre o estômago. A saia tem "drapé" preso à cintura. Na blusa e nas mangas, bordados com lantejoulas também pretas. Em baixo: — Claire Trevor exhibe um magnífico "negligée" em jersey verde claro. Blusa drapeada, decote em "V" arrematado por grande "clips", saia também drapeada.





MÃE E FILHA

Dorothy Morris e Beverly Simmons mostram-nos o quanto mãe e filha podem ser elegantes usando a mesma roupa. Os vestidos podem ser feitos em tecido de algodão ou de linho com largas listras azuis e brancas, para os dias de calor, ou em tecido de lã, para os dias de frio. Uma ótima sugestão.



Mesmo no verão, existem dias chuvosos e húmidos em que se torna possível o uso de trajas mais pesados. Portanto ainda é oportuna a apresentação destes modelos.
1 - Tailleur de casimira quadriculada, de corte clássico, sobre o qual se usa um grande casaco do mesmo tecido.
2 - Duas peças de lã, saia azul marinho e casaco cinza enfeitado com pele. Chapéu também de pele.
Modelos apresentados por Joan Fontaine, a atraente estrela de Hollywood.

CASIMIRA E LÃ



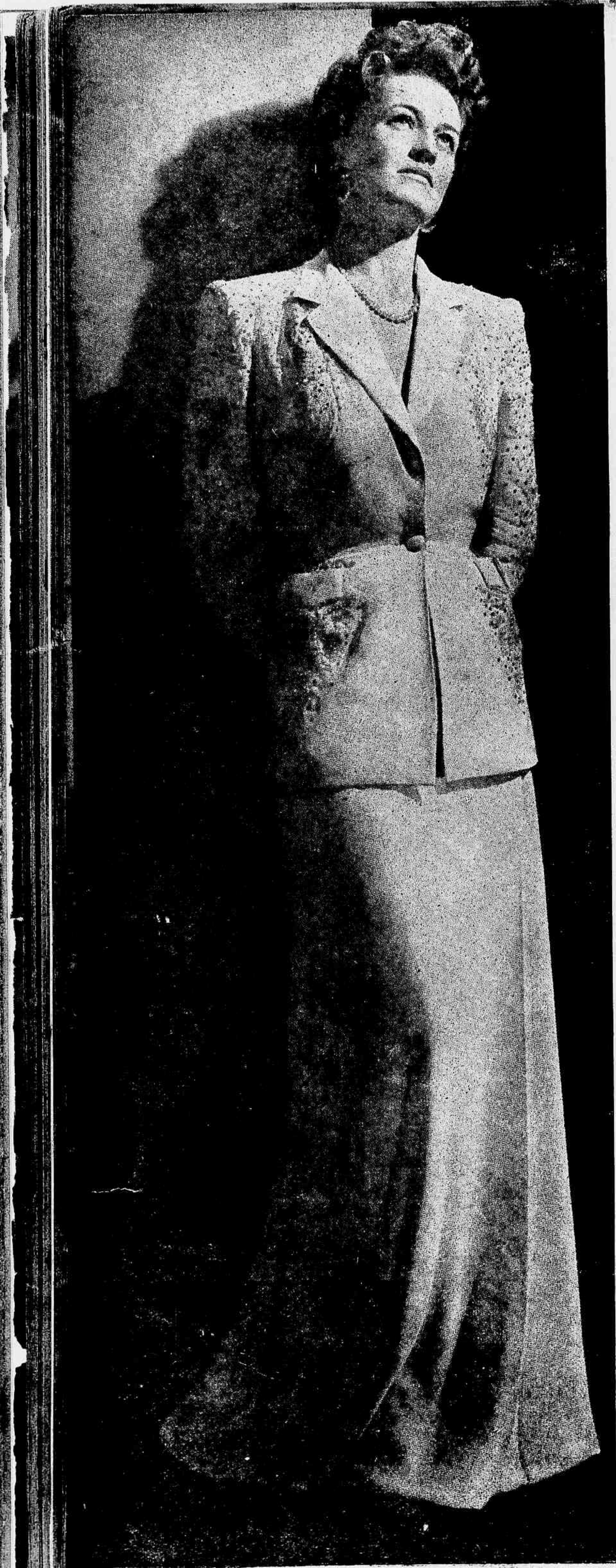
NA PAGINA AO LADO — Modelo de Andrelou, feito em linho amarelo. A blusa é pregueada de um só lado, tendo bolsos dos dois lados, em diferentes alturas. Saia toda pregueada, com um bolso no lado direito. Original "ensemble" para a praia, de algodão listrado, verde e branco. Lapela e outros enfeites em "pirque" branco. Mangas japonesas com dobra para cima. NESTA PAGINA: Elegantíssimo modelo de Worth, feito em seda com dobra para cima. Sobre cada ombro, preta. A blusa tem decote quadrado e vize de cetim ao redor da cava. Vestido de seda uma rosa de tafetá. A saia tem de cada lado original babado "godet". Vize contrastante no decote. estampada, criação de Molyneux. Decote em "V" bastante pronunciado. Saia "godet".

ESPORTE E PASSEIO



Dois lindos modelos

Em baixo : "Tailleur" de tropical azul-marinho, elegante, fresco e "chic". Lapela arredondada, saia "em forma". Blusa de renda, com laço. E' uma "toilette" necessária no verão, pois substitui o vestido preto para uma reunião à tarde ou mesmo à noite, dependendo, é claro, dos acessórios. A direita : De muita linha esta criação de Jean Farrell para o jantar. E' executada em pesado crepe branco, com casaco de linhas clássicas, bordado em "pailletté". Saia "godet".





Um "make-up" perfeito e sedutor depende, principalmente, da harmonia das cores empregadas. Tal como um pintor que prepara suas tintas para realizar uma obra prima, deve a mulher também estudar, misturar e selecionar as cores que contribuirão para realçar a sua beleza natural. Frances Rafferty, "estrelinha" da MGM, nos dá aqui uma idéia de como se deve agir: Na figura 1 — ela nos mostra que antes de tudo é necessário o uso de uma boa "base". E essa "base" deverá ser de uma tonalidade que se adapte inteiramente à pele, evitando a aparência de "máscara". Na

HARMONIA DE CORES

figura 2 — ela indica que uma só tonalidade de pó de arroz não é suficiente. São precisas duas ou três, as quais pode-

rão ser misturadas acompanhando-se assim as mudanças que sofremos do verão para o inverno e vice-versa. Na figura 3 — Frances mostra que uma só cor de baton também não basta. A cor do baton deve variar de acordo com a hora, "toilette", cor da pele, etc. Na figura 4 — Para finalizar, ela nos indica o uso de uma loção lubrificante que amacia a pele e impede que ela resseque. Frances Rafferty usa um bom óleo para o sol, afim de obter um colorido único e bonito. E' trabalhoso mas merece a pena, não acham?



A VIDA DE GUILHERME

(1859-1941)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA, com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).



O "Kaiser" Guilherme II, em uniforme de gala.

NASCEU semi-morto. Durante uma hora inteira as amas procuraram desesperadamente devolvê-lo à vida. Quando finalmente o conseguiram, o braço esquerdo da criança pendia frouxamente da articulação do ombro. A princípio julgaram que as raízes do mal fossem profundas, pois o menino tinha dores na perna e no ouvido esquerdo. Mas logo se tornou evidente que o ramo seco não afetaria permanentemente a árvore. Verificou-se que a perturbação era local.

Não obstante, o braço sempre era uma desvantagem física. E essa deficiência deixou uma cicatriz permanente na conformação mental do rapaz. De sorte que, num sentido mais amplo, a árvore veio efetivamente a sofrer com a enfermidade do galho.

Tinha nascido aleijado numa família de espartanos. Era regra tradicional que os príncipes da Prússia aprendessem a montar um cavalo de batalha apenas soubessem caminhar. E o último herdeiro dos Hohenzollern foi submetido à rotina militar habitual. Deus não favorecera Sua mais recente criatura com uma compleição de soldado, e os Hohenzollern não tardaram muito em fazer-lhe ver o Seu descuido. Ensinaram laboriosamente a criança a equilibrar-se na sela. O menino passou por inúmeros padecimentos e angústias. Como tinha o corpo mal proporcionado, caía do cavalo facilmente e com frequência. Mas rangia os dentes, impunha silêncio à dor, e na outra tentativa segurava mais firmemente as rédeas na mão direita. Só o medo da queda o mantinha sobre a montaria — e também uma assombrosa força de vontade. Tornou-se cavaleiro consumado e hábil chefe militar — um perfeito príncipe prussiano.

Pode-se ensinar um pobre menino deformado a executar proezas físicas como um macaco, mas não se lhe pode aliviar a dor íntima. Na realidade, os tutores do príncipe Guilherme só conseguiram agravar o seu sofrimento e ulcerar-lhe a alma. Desenvolveu-se nele uma intensa sensação de inferioridade diante das pessoas sãs, e um ressentimento igualmente intenso contra os seus semelhantes mais robustos. Como ousava o céu conceder a outros os dons negados a ele, o jovem príncipe Hohenzollern!

Havia, porém, muitos fatores a compensar-lhe o corpo aleijado. Desde a infância tinha aprendido, em resultado das intermináveis paradas militares, a sentir-se intimamente identificado com as tropas prussianas, "o mais poderoso exército do mundo". Com a idade de sete anos assistiu à marcha triunfal desse exército que seu pai, o príncipe herdeiro, comandara na grande luta contra os austríacos. Aos dez anos recebeu uma patente no Primeiro Regimento da Guarda, e ufanava-se de marchar com ele diante do avô, o soberano reinante da Prússia. Aos doze cavalgou ao lado do imperador à frente das tropas prussianas, quando estas regressavam da vitoriosa campanha contra os franceses, no mais formidável desfile triunfal que o mundo já virou. Na verdade, logo que foi capaz de procurar e encontrar qualquer fator compensatório para a sua desgraça física, foi a consciência do seu poder militar que lhe proporcionou a satisfação mais profunda. Assim se desenvolveu nele aquela megalomania que, como as pontas dum porco-espinho, lhe erigava toda a personalidade. Educado na idéia de que os exércitos prussianos haviam de vencer sempre, começou a considerar-se desde já como o senhor do mundo. Só a ele pertencia o direito de assentar-se ao lado de Deus. Não podia conceber que outro ser humano tivesse aptidão mental, ou direito moral, para competir com ele.

Era um jovem Deus aleijado que dominava a todos e a todos odiava. Principalmente sua mãe. Era esta, sentia o príncipe, a culpada de seu corpo estropeado — pois era inglesa, filha da rainha Vitória. Uma raça inferior, de fraqueza, aqueles ingleses. Certamente, um prussiano não podia ser responsável por um príncipe de braço tolhido!

Além disso, os tutores prussianos de Guilherme o levavam a acreditar que sua mãe favorecia os interesses da Inglaterra à custa da política prussiana do avô do príncipe. Pois se os ingleses tinham desencaminhado até seu pai, o príncipe herdeiro! Imbuído do liberalismo parlamentar da Grã-Bretanha, o kronprinz, enquanto esperava a morte do velho rei, agora com mais de oitenta anos, assentava os planos de uma política de "pacifismo covarde", em substituição ao decidido militarismo dos Hohenzollern.

Mas ele, Guilherme, havia de permanecer militarista até o fim. A despeito do pai. Afinal de contas, ninguém é eterno. Alguém dia também ele havia de ser rei. E então, que os ingleses tomassem cuidado! "Esses ingleses", escrevia numa de suas inúmeras cartas, "esqueceram que eu existo".

★

Quando o velho imperador se achava próximo do fim, subitamente se espalhou pelo mundo a notícia de que seu filho, o kronprinz, estava atacado dum tumor maligno na garganta. Davam-lhe apenas alguns meses de vida. Guilherme, o neto do soberano, já se considerava imperador. Com acentuada falta de sensibilidade, tinha redigido ocultamente um edito imperial que tencionava publicar assim que recebesse a corôa. Bismarck, que conservava em lugar seguro uma cópia desse documento, aconselhara o príncipe a destruir o original. Temia um escândalo público, caso se viesse a saber que Guilherme já se considerava rei quando o avô ainda ocupava o trono e o pai estava vivo para suceder-lhe.

O velho imperador morreu pouco depois e o kronprinz subiu ao trono. Durante muitos anos esperava esta oportunidade, sonhando implantar a utopia social na Alemanha assim que assumisse o poder. Mas agora via que o seu título de rei era uma ironia. Mal podia falar e estava demasiadamente fraco para passar em revista as suas tropas. Jazia no leito de morte, segurando a mão da esposa que com ele sonhara, fizera planos e esperara durante toda a sua vida de casados. Confiou-a, com um olhar suplicante, aos cuidados de Bismarck pois não podia contar com o filho. Com efeito, o imperador percebia que o país inteiro detestava a inglesa. Antes de cerrar os olhos para sempre, enviou à sogra, a rainha Vitória, o seu diário íntimo — uma polêmica narração do mau tratamento que ele e sua mulher tinham suportado às mãos das retrógradas hostes prussianas.

Um dos primeiros atos do novo kaiser Guilherme foi procurar reaver esse diário. Mas era tarde demais para confiscá-lo. Decidiu, portanto, afonar a situação com desparcamento e arvorar uma política de provocação para com todas as nações, em lugar da política de boa vizinhança internacional tentada no tão breve reinado de seu pai. Este aludira certa vez à sua intenção de devolver à França as províncias da Alsácia-Lorena, eliminando assim o eterno foco de discordias nas relações franco-alemãs. Mas o cadáver do pai ainda não tinha esfriado quando o novo kaiser fez um discurso agressivo, em que definia claramente sua atitude quanto às duas províncias disputadas.

— Neste ponto — declarou, — só pode haver uma decisão, a saber: havemos de sacrificar as nossas dezoito divisões do exército e os nossos quarenta e dois milhões de habitantes no campo de batalha antes de entregar um só palmo da Alsácia-Lorena.

A rainha Vitória, na Inglaterra, viu com preocupação a subida ao trono de seu impetuoso neto. Sabia que ele e o príncipe de Bismarck eram dois homens da mesma casta, "empenhados no retorno às mais antigas formas de governo". O que não percebeu foi que o poder de Bismarck tocava o seu termo. Esse homem, que tinha construído o Império Alemão, prostrando toda a Europa sob o seu tacão de ferro, não conseguira domar o seu jovem e enérgico senhor. O rei devia ao ministro o desenvolvimento da sua mentalidade, é certo. Bismarck tinha criado a ideologia monstruosa. Mas agora essa ideologia destruíra o seu criador.

Na primeira visita que fez à avó, depois de subir ao trono, o kaiser inspecionou a marinha britânica e ofereceu espontaneamente os seus conselhos acerca da estratégia naval, visto conhecer um ou dos livros sobre o assunto. O povo inglês antipatizou instantaneamente com aquele parlamento intrometido. E até a avó o achou terrivelmente importuno quando Guilherme lhe ministrou intermináveis conselhos sobre a arte de governar. No seu entender, era ele a maior autoridade do mundo em todos os assuntos possíveis. Após essa viagem, voltou à Alemanha com o sonho de sobrepujar a Inglaterra construindo para si uma armada maior e melhor. Admirava a avó o suficiente para ficar obcecado pela idéia de superá-la em tudo — mesmo por meio da guerra, se fosse necessário. Quanto às consequências dum tal passo, não se dava ao trabalho de pensar nelas. herdara um país de quarenta milhões de súditos sem ter o mínimo senso de responsabilidade

para com eles. Via nos alemães apenas instrumentos para a execução dos ditames da sua vontade. E a sua vontade era a duma criança mimada.

Agora a sua debilidade física, o kaiser mal sabia o que significava sofrer. Por essa razão, não se desenvolveu nele nenhum sentimento de ternura e bondade. Sua mãe já se queixara de que o filho semelhava uma criança que arranca as asas às moscas por pura inconsciência. Sua paixão pelas aventuras o impelia a fazer frequentes cruzeiros nos seus couraçados. Alinhava no convés os velhos e impotentes oficiais de marinha e obrigava-os a flexionar os braços e as pernas em constantes exercícios. E então, quando se achavam agachados em posturas coarctadas, com os braços estendidos, o kaiser chegava lentamente por trás deles e com um empurrão fazia cair. Tal era o nível do seu senso de humor.

Guilherme era um palhaço com um sabre a refinar a mão. E a maior parte dos cortesãos aplaudia-lhe o retido do sabre. Eram uma corja de bajuladores que edificavam as suas fortunas sobre um alicerce de palavras e sonjeiras.

O kaiser era quase feminino na sua sede de adulação. Gostava principalmente de ouvir-se gabar pela sua decisão inflexível. "Só há uma lei", dizia aos soldados, "é a minha vontade". Bismarck ousara opor-se a essa vontade e fora aniquilado. Sem embargo, a vontade do kaiser não era a coragem firme do soldado, mas a obstinação caprichosa duma criança. Parecia forte simplesmente por não encontrar outras forças mais potentes que se lhe opusessem.

Houve, porém, um amigo que exerceu poderosa influência sobre aquela teimosa criança coroada. Foi Filipe Eulenberg. A personalidade deste homem, que tão misteriosamente e de modo tão acentuado atraía o kaiser, podia dar-nos uma significativa indicação para deslindar a complexidade do próprio Guilherme. Eulenberg, doze anos mais velho que o imperador, era um indivíduo romântico, de maneiras suaves, espírito de artista, dotado duma sensibilidade quase feminina. Nele se evidenciava o verdadeiro reverso da rudeza viril e da franqueza prussiana características do kaiser Guilherme e do militarismo alemão que este representava. Eulenberg escrevia versos, tocava piano e buscava com passos delicados o caminho da beleza. Havia nele uma brandura paciente, uma receptividade que apaziguava e ao mesmo tempo atormentava a intensidade emocional do kaiser. Os dois homens selaram a sua amizade nos festivais de Bayreuth. Guilherme ficava horas

Guilherme II, o homem que deflagrou a primeira Grande Guerra. Nasceu semi-morto e tinha um braço mais curto do que o outro, — sinal da degenerescência da casa real alemã.



inletras ouvindo, fascinado, enquanto Eulenberg cantava baladas nórdicas com a sua voz de barítono. Só a Eulenberg o kaiser abria o coração. Quixava-se da insipidez da vida oficial, da rotina seca e monótona, da insignificância de tudo aquilo; dedicava-lhe poesias e chamava-o de seu amigo do peito, o único que já tivera. "Das Leben ohne Freud ist wohl eine Traurigkeit" era o lema de Eulenberg; tinha gravado esta frase numa placa de caça que oferecera ao kaiser. "A vida sem alegria é mesmo uma tristeza". A Eulenberg todas as liberdades eram permitidas. Ninguém falava ao imperador com mais franqueza, nem com melhor resultado. Criticava-o impunemente. Pois o kaiser o adorava com um amor de espécie rara, um amor que não dedicava nem a sua mulher. Seguiu aquele homem cativante como uma criança segue a sua jovem e encantadora mestra. Todas as inibições do kaiser, todos os falsos fatores de compensação do seu eu zelosamente encoberto se desfeziam ao calor daquela amizade. A presença de Eulenberg era como uma suave brisa do sul que abrandava o clima tórrido da vida de Guilherme. Oferecia-lhe o meio de fugir do papel público de tirano para o seu verdadeiro mundo infantil. O romântico ardente e apaixonado que havia nele ansiava por libertar-se do passo de galope e unir-se ao espírito apaziguador de Eulenberg.

Eventualmente, atemorizado pelas acusações de homossexualidade, Guilherme apartou-se deste homem. Não obstante a amizade de Eulenberg se destaca como um suave interlúdio na tumultuosa epopéia da vida do kaiser. É a história do que podia ter acontecido se Guilherme não tivesse por destino uma corôa, a sela dum cavalo de batalha, o trono dum império militarista. É o germe da história potencial dum homem feliz, não a história dum monarca trágico.

★

Sob o seu exterior arrogante, o kaiser possuía uma alma tímida. Ao ter de enfrentar uma situação que requeresse energia, encolhia-se todo como um colegial. Por exemplo, Guilherme fizera grande alarde duma aliança com a Inglaterra, uma combinação da marinha inglesa e do exército alemão, que havia de dominar tão completamente a Europa que se tornaria impossível "até a um rato atrever-se a erguer a cabeça". Em 1893 assistiu, como de costume, às regatas inglesas e entrou com seu hiale na competição. Mas de súbito surgiu uma crise entre a França e a Inglaterra, como resultado da rivalidade colonial das duas nações no Oriente. Os franceses tinham enviado uma expedição à Ásia e estavam bloqueando Bancoc. Era um caso grave, pois ameaçava interferir com os interesses vitais da Grã-Bretanha na Índia. A guerra parecia inevitável. Naturalmente todos os olhos estavam voltados para o kaiser, que tanto se jactara do apoio que daria à Inglaterra na eventualidade de uma crise como aquela. Guilherme oferecera à Inglaterra o seu apoio incondicional numa crise européia com a mesma complacência com que, vinte anos mais tarde, oferecia apoio incondicional à Áustria. E em nenhum dos casos ele, no fundo do coração, esperava que se chegasse à luta armada. Era prodígio de promessas porque elas não lhe custavam mais que palavras dramáticas — e talvez as vidas de uns poucos milhões de súditos seus. Entretanto, quando a França desembarcou tropas na Ásia, Guilherme passou horas de ansiedade a bordo do seu iate, o "Meteor". As prováveis consequências duma guerra entre a Inglaterra e a França, e a perspectiva de esta e a Rússia atacarem a Alemanha em duas frentes, tinham-lhe infundido pânico. Por fortuna, a crise passou. Guilherme deu um suspiro de alívio e tornou às corridas de iates.

O mar era a sua maior alegria. Gostava de sentir nas faces o borrião da água salgada. Tratou de converter as corridas de barcos em esporte nacional. Toda a Alemanha passou a preocupar-se com assuntos navais. O próprio kaiser deu para desenhar couraçados com o entusiasmo dum entendido. Anunciou a um engenheiro eminente ter inventado — no papel — um vaso de guerra que havia de dar pancas a todos os outros barcos então existentes. O engenheiro correu o olhar pelos planos e virou-se para o kaiser:

— O navio que Vossa Majestade desenhou seria o mais poderoso, o mais terrível bem como o mais lindo couraçado que já se viu. Ultrapassaria tudo que se conhece hoje; os seus mastros seriam os mais altos do mundo; o alcance dos seus canhões superaria o de todos os outros... Este barco maravilhoso tem só um defeito: se fosse lançado à água afundaria como um bloco de chumbo.

Este fato, contudo, não conseguiu esfriar o entusiasmo do kaiser, que continuou sendo o homem dos grandes experimentos. Dos assuntos marítimos, voltou-se para as suas granjas. Tentou fazer uma cruz entre vacas e búfalos, num esforço para produzir nova raça de gado, "a mais fina do mundo", pois que em alguma coisa a Alemanha devia ter a primazia. Chegou mesmo a meter-se em cerâmica, abrindo uma fábrica para a produção da "mais bela louça do mundo". Em vão seus mestres oleiros o avisaram de que isso era impossível, pois a argila dos arredores da fábrica era de composição ordinária e mais própria para tijolos que para louça fina. O kaiser prosseguia nas suas experiências com o ardor dos antigos alquimistas. Sua ignorância em matéria de ciência não lhe servia de empecilho à imaginação, assim como não servia de empecilho à de seu avô, de quem herdara a versatilidade. O velho kaiser compusera hinos em latim, fizera gravuras em cobre



Manifestações de aplausos da população de Berlim ao imperador Guilherme II, junto à estátua do "Kaiser", em agosto de 1914, em regosio pela declaração de guerra e pelas primeiras vitórias alemãs. A loucura de Hitler viria repetir o mesmo fato histórico: primeiro, a alegria arrogante, depois a derrota irremediável...

e tentara transformar restos de cozinha em adubo — tudo sem resultado.

"O kaiser é um idiota", observava seu tio, o príncipe Eduardo da Inglaterra. "Ninguém sabe que perfeito idiota ele é". Mas os soldados alemães o idolatravam. Guilherme dizia-lhes que deviam estar preparados para matar seus próprios pais, se ele lho ordenasse. Quando a força expedicionária alemã estava a ponto de embarcar para intervir, como parte da força policial internacional, na revolta dos Boxers chineses o imperador deu-lhes as seguintes instruções: "Não haverá quartel; não se tomarão prisioneiros. Assim como, há mil anos, os hunos, sob o comando do rei Átila, granjearam um nome que até hoje é sinônimo de terror nas lendas e tradições; assim deveis gravar o nome da Alemanha por mil anos, de modo tão cabal que nunca mais um chinês se atreva sequer a olhar de soslaio a um alemão". Muitos anos depois, a imprensa mundial iria recolher esta palavra "huno" e lançá-la ao rosto do kaiser.

Mas a opinião do mundo pouco lhe importava. Guilherme bastava-se a si mesmo e tinha orgulho dessa auto-suficiência. "Veja", vociferava ao prender as mãos das damas na sua mão vigorosa como num torno. "O punho de ferro!" Sim, o punho de ferro — eis o de que precisava. Principalmente quando o mundo inteiro conspirava contra ele, quando até o tio Eduardo o odiava e intrigava com a França e a Rússia para o cercar e esmagar. Mas ele havia de ensiná-lo, havia de ensinar a todos! Faria ouvir a sua voz, secundada pelo seu punho de ferro, nas mesas de conselho da Europa. "Durante todo o meu reinado", exclamava, "os meus colegas, os monarcas da Europa, não deram atenção ao que eu tinha para dizer. Mas em breve o meu exército e a minha armada os obri-

garão a respeitar minhas palavras, e os farão rebentar de inveja". O conde von Bülow, ministro do exterior, não podia compreender para que o kaiser desejava fazer seu primo Eduardo "rebentar de inveja". A formação de um grande exército e uma grande marinha para uma Alemanha amiga, tal era a explicação oficial que o ministério do exterior dava do vasto programa expansionista germânico então em andamento. Mas o próprio Bülow sabia que a concepção que o kaiser tinha do império não era nada amistosa. Para o kaiser não podia haver igualdade entre as nações, assim como não podia haver igualdade entre os homens.

Os ingleses viam com desgosto, e mesmo com alarme, o afã da Alemanha em construir couraçados bastante grandes e numerosos para competir com os britânicos. Temiam complicações. Então sir John Fischer, o almirante inglês, declarou que seu compatriota não precisavam inquietar-se. Sugeriu que a esquadra britânica se fizesse ao mar e fosse por ao fundo os vasos alemães, sem a formalidade duma declaração de guerra; depois disso, não teriam mais por que preocupar-se com a Alemanha. O kaiser indignou-se com a ingratidão dos ingleses, a quem, conforme tinha asseverado, tanto estimava. Aquele perverso primo Eduardo é que tinha a culpa dessa atitude do povo britânico. Pois bem, ele daria ao seu indigno parente uma lição que nunca mais haveria de esquecer.

★

Num dia de primavera realizava-se uma regata em Kiel. O kaiser tinha lido à tripulação o serviço matutino, a bordo do "Hohenzollern", e estava para fazer entrar o barco nas corridas da tarde quando uma lancha-motor se

(Continua na pág. 53)

ALBUM DE FAMILIA e VESTIDO DE NOIVA, obras de teatro, de Nelson Rodrigues — *Rio de Janeiro, 1946.*

Não se pode negar ao Sr. Nelson Rodrigues a audácia empreendedora nem a coragem de assumir, perante quaisquer opiniões, ainda as mais autorizadas ou conservadoras, e perante a reação do público, ainda o mais culto ou escrupuloso, a responsabilidade daquilo que espontaneamente imaginou e sinceramente veio a realizar.

Não faltam por aí intelectuais e artistas que concebem grandes singularidades, grandes inovações, mas ou receiam não lhes dar, na obra possivelmente conseguida, uma interpretação fiel, integral, condigna, ou, depois de ultimado o trabalho, temem o desastre, por eles considerado o máximo, de não serem compreendidos. Por qual-quer desses pavoros, ou por ambos juntos, quantas vezes a inspiração deixará de vin- gar ou o talento se conservará oculto... O Sr. Nelson Rodrigues não se deixa ame- drontar por tais fantasmas. Não chega a dar-lhes a importância de se mostrar, diante das suas ameaças, ligeiramente impressionado. Ao contrário: os espantinhos da hos- tilidade provável e até da seguramente prevista só o fazem le- var mais longe o heroísmo de os afrontar. Assim o caso desta tragédia *Album de família*, que, proibida pela Censura de subir à cena, agora nos aparece em aparatosa edição e se prejudicada pela falta das imagens que alguns bons artistas comporiam, em compensação acentuada, intensificada na sua eloquência pela exatidão rigorosa do texto que o leitor poderá, tanto tempo quanto queira, considerar e esmerilhar.

A Censura, que os caricaturistas franceses de fins do século passado e principios d'este representavam por uma obesa e carrancuda matrona, com óculos tremendos sobre o nariz farejador de immoralidades e na mão uma tesoura implacável; a velha Anastasie, como lhe chamavam, entendendo que a peça do Sr. Nelson Rodrigues não constituia obra edificante nem espectáculo admissivel em lugar facultado a toda a gente. Podia transigir um tanto com o merecimento e o esforço do autor, permitindo a representação só para homens ou estabelecendo, como no cinema, um minimo para a idade dos espectadores. Não, senhores. Foi às do cabo. Entendeu que o tema mitológico de Edipo,

variante fraternal, na *Ville morte* de d'Annunzio; anima centenas ou milhares doutras obras de teatro — se tornava intolerável em *Album de familia*, onde quase toda a gente obedece à mesma fatalidade. Considerou tal motivo de entrecho ainda mais condenável, por se lhe juntar o assunto da *Priscennière*, de Edouard Bourdet, e ainda, em um dos personagens, a condição em que se baseia um dos elementos cômicos masculinos do teatro de revista. Tantos casos sentimentais — para empregarmos o eulenismo — num só lar: marido, mulher, uma filha e dois filhos, pareceram à Anastácia nacional e carioca aberração, tara, monstruosidade de mais. Um comentador gaiato limitar-se-ia a exclamar: "Mas que familia!" Dona Anastácia, porém, não brinca com coisas sérias; realmente, não quer, não sabe brincar com coisa alguma. E a sua tesoura executou o corte completo.

Ora, vamos... Talvez a idosa senhora, na sua imensa austeridade, tenha alguma razão. *Album de família*, com a multiplicação ostentosa das suas perversões, a veemente franqueza de certos diálogos e até certos *actos* os, não será obra compatível com a sociedade e o teatro de hoje. Quem sabe? Se Dona Anastácia está velha de mais para julgar as criações extremamente avançadas, não será o Sr. Nelson Rodrigues moço de mais para fazer teatro não apenas que impressione mas também que convenha? Como se costuma dizer: demos tempo ao tempo. Talvez as duas entidades cheguem a relativo acordo; e, cedendo cada qual um tanto, a Censura deponha o utensílio retalhado e o dramaturgo nos dê uma peça já então oportuna e em tudo louvável...

Completa o presente volume a peça *Vestido de noiva*, já levada a cena e a que numerosos escritores de nomeada se referiram com ardentes elogios.

DUZENTOS SONETOS, coletânea organizada por Amélia R. de Sampaio Arruda — *Rio de Janeiro, 1946*.

Devem andar por boa dúzia as antologias de sonetos em língua portuguesa. Dizem umas respeito apenas a poetas brasileiros; incluem outras, como a de Mayer Garçon, rimadores dos dois paizes do idioma. A Sra. Amélia R. de Sampaio seguiu este segundo método, mas, quanto aos sonetistas de além-mar, parece que bem reservada, bem limitadamente.

Não discutiremos o critério idealista o estético com que a antologista procedeu á escolha. Seria necessário alegar longos motivos, fazer estendal de erudição; estabelecer relatividades e confrontos; dar, enfim, á nossa notícia uma extensão além do espaço máximo a cada livro reservado habitualmente nesta secção. Percorrendo, porém, o índice do volume, apenas êstes nomes portuguezes se nos depaeram: Antero de Quental, Bocage, Camões, Camilo, Júlio Dantas, Macedo Papança, Virginia Vitorino, Xavier de Carvalho. Faltam, por exemplo, Sá de Miranda, Nicolau Tolentino, António Ferreira, Frei Agostinho da Cruz, Manoel Duarte de Almeida, João Penha, João de Deus, Gomes Leal, Eugénio de Castro, António Nobre, Alberto d'Oliveira... Citamos de momento e com alguma pressa. Quantos outros, porem, deveriam figurar em florilégio menos cioso ou tendencioso na distribuição das suas duzentas páginas...

Não importa este reparo em negar ou valor ou a utilidade do presente volume. Realizações de tal gênero sempre contribuem para a divulgação, por mais um factor ou um veículo, de obras que merecem ser o mais possível divulgadas para serem amadas, a bem dizer, por toda a gente. E no caso mesmo de incluírem peças de valor discutível e nomes relativamente obscuros, exercem uma função louvável, contribuindo, ou tentando contribuir para que as autênticas obras primas mais se espalhem, vão mais longe no culto da inteligência e da sensibilidade das gerações

No correr das presentes páginas, frequentemente o leitor mais ou menos culto e amante da Poesia encontrará sonetos que saiba de cor: *Arrufo*, de Artur Azevedo; *Anjo enfermo*, de Afonso Celso; *A cegonha*, de Aníbal Teófilo; *Meu ser evaporar*... de Bocage; *Sete anos de pastor*... de Camões; *Pai João*, de Ciro Costa; *Estranhas lágrimas*, de Felix Pacheco; *O lenço*, de Guimarães Passos; *Ser e não ser*... de José Bonifácio; *Cisnes*, de Júlio Salusse; *O canhão*, de Luiz Carlos; *Círculo vicioso*, de Machado de Assis; *Bene Bilac*; *Ingratidão*, de Pedro II; *Mal secreto* e outros, de Rav-

dição e outros, de Olavo Bilac; *Ingratidão*, de Pedro II; *Mal-servido* e outros, de Rav-

mundo Correia; *Velho tema*, de Vicente de Carvalho... Isto, para só falar do *mondo*. E porventura outras criações, velhas ou novas, serão, graças a este livro, decor-

CANTOS DE WALT WHITMAN, tradução de Oswaldino Marques, introdução de Antônio M. Machado. — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro, 1946.

Das oitenta e oito paginas d'este livro, cerca de metade pertence ao prefácio do tradutor e a um estudo do Sr. Annibal M. Machado. As obras de Walt Whitman chegarão quarenta e uma páginas. Não perderá, porém, o seu tempo, nem perderá quem esperar quem, antes de passar aos poemas propriamente ditos, se inteirar de duas apresentações.

Alf o poeta de Mahattan, intérprete inspirado das suas grandezas e das suas misérias, comentador sublimado dos seus júbilos e das suas misérias, aparece de maneira realmente proveitosa para aqueles que, neste paiz, o não puderam estudar directamente alf e o compreender. O Sr. Oswaldino Marques procurou sobretudo dar a imagem verdadeira mas sempre alta, daquele que, através de mudanças de orientação e reviravoltas na própria vida, por fim atingiu como que a visão exata, a certeza de si mesmo... O Sr. Annibal Machado fez mais obra de biógrafo erudito. Tentou a história metódica e fundamentada do homem e das suas criações. Vale realmente a pena dar atenção a estes trabalhos.

A escolha das obras de Walt Whitman para estas traduções foi feita de modo a abordar as manifestações dominantes da individualidade cuja projeção ainda hoje — mais de cinquenta anos após o desaparecimento da sua figura terrena — se dilata e enobrece na admiração da gente culta. Passam por estas páginas os poetas que em Whitman viveram e cantaram desde o épico de uma guerra ao camarada das desagradadas revoltas que vagabundam pelas ruas. E sempre o tradutor buscou a eloquência de linguagem, além de adequada ao original, em si mesma plástica e musicalmente moniosa. Vejamos a página *I hear América singina*. "Eu ouço a América cantando

*Eu ouço a América cantando, multissimas canções
eu ouço.
Canções de mecanicos, cada um cantando a sua, desde
que seja alegre e cheia de saúde.
O carpinteiro cantando a sua enquanto mede sua prancha
ou barrote
O pedreiro cantando a sua enquanto se apronta para o
trabalho, ou quando sai do trabalho,
O barqueiro cantando no seu barco as coisas que lhe
pertencem
O moço de coneis cantando no passadiço do navio
O sapateiro cantando sentado no seu banco, o chapéleiro
cantando diante do balcão
A canção do lenhador, a canção matinal do jovem com
o seu arado sulcando a terra, ou durante o
descanso do meio-dia, ou na hora crepuscular.
A deliciosa canção da mãe, ou da jovem esposa atare-
fada no trabalho, ou da moça cosendo ou
lavando.
Cada qual cantando aquilo que somente pertence a ella
e a ninguém mais.
As preocupações do dia findam com o dia — a noite a
festa dos jovens robustos e expansivos.
Cantando com bocas escancaradas sadias e melodiosas
canções.*

CRIME NA TELA, romance de George Sanders, tradução de James Amado—Edição Assunção Limitada — São Paulo, 1946.

A história principia diante do cadáver de uma bela mulher. A criatura fora assassinada. E por um momento o leitor julga tratar-se de um crime mais ou menos sério e que o próprio autor, George Sanders, transformado em detective privado, triunfalmente desvendará. Mas Sanders é, além de escritor, artista de cinema. E, na quarta página, subitamente se revela a verdadeira natureza da cena. Não, não é crime. O que houve foi um episódio de filme. Sanders passa a figurar como personagem número um de uma fita passionai. E então o romance toma outro caminho, e não faltam voltas e reviravoltas de enredo, situações mais ou menos empolgantes.

COLEÇÃO VERMELHA E PRETA

IV

George Serrat

CRIME NA TELA

Tradução de
JANIRA ARAÚJO

EDITORIA ASSUMINDO UNIVALE
DEB. 52140

Voltoando ao caso: vários romancistas norte-americanos do gênero policial despenham, com o nome autêntico, a missão destrincadora e justiceira do discípulo — pre com pretensões a desbancar o mestre — de Sherlock Homes. Assim procede o presente romance, George Sanders. Que lhe faça bom proveito. E, sobretudo, preocupação da popularidade lhe não dê, como ao insaciável Willy, o resultado con-

telefone, lá em baixo, para ele mesmo dar as necessárias informações.

Dona Gertrudes guiava-o com muita irregularidade. Como Tejo entendera bem esta sua tarefa! O braço humano, que se apegava com exagerada pressão ao seu, era incômodo ao cego.

No outro dia Leandro não tinha ainda nenhuma notícia de Tejo. Ficava para ele sempre mais penoso viver sem o seu fiel companheiro.

Os quartos pareciam-lhe desertos e abandonados. Ele sentia sempre mais, que todos o decorrer de seu dia dependera da vida em comum com este fiel animal.

Leandro fez todo o possível para encontrar o perdido. Mas nem os anúncios nos jornais da cidade, nem um aviso no rádio lhe restituíram o companheiro perdido.

Leandro afligia-se mais do que demonstrava. Às vezes pensava que só agora compreendia toda a crueldade do infortúnio dos seus olhos. Tanto tinha lhe bem sucedido quando ainda tinha Tejo. Agora parecia que tudo lhe saía mal.

Desde o desaparecimento de Tejo tinham talvez passado três semanas, quando uma noite ouviu-se na porta um

estranho ruído. Ele escutou atentamente, depois levantou-se, correu para a porta e abriu-a. Quase foi derrubado por seu Tejo que uivava de júbilo. Atrás dele estava um policial comovido.

Primeiro, os dois, dono e cachorro, estavam fora de si. Depois ele levou Tejo para dentro. Após o grande banho de limpeza os dois conversaram. Não durou muito e ele tinha se combinado uma explicação. Tejo contava-lhe com muitos soluços, lágrimas nos olhos e doloroso repuxar do focinho, que ele tinha se deixado seduzir quase à força. O castigo tinha sido demasiadamente duro.

Três semanas de prisão em um gradil, com pouca comida. Até que ele conseguira fugir.

— Tu és mudo, mas tu sabes contar, — dizia Leandro para o animal, sempre lhe acariciando as costas, — e eu sou cego, mas posso ver tudo, o que aconteceu. Nós somos feito um para o outro. Promete-me que nunca mais vacilarás em tua fidelidade e eu te prometo, nunca mais pôr a tua paciência a uma prova muito dura. Dás-me a tua palavra de honra, Tejo?

Ele esticou-lhe sua mão. E o cachorro pôs sua pata dentro da mão esticada.

**Móveis
E DECORAÇÕES**

LINDOS CONJUNTOS
DE
SALAS DE JANTAR
DORMITÓRIOS E
LIVINGS - ROOM
SUGESTÕES GRATIS

Casa Anglo Brasileira SA
SUCESSORA DE
MAPPIN STORES
PRAIA DE BOTAFOGO, 369

Chamando por tejo...

(Continuação da pág. 28)

O vento fustigava-lhe as faces. Leandro levantou a gola do casaco. Ele estava indeciso. Nunca, durante todo o tempo em que possuía Tejo, ele o tinha abandonado.

Ele conjecturou que o cachorro talvez tivesse ido em uma pequena busca. Portanto ele teria que esperar, tão humilhante como isto era para ele.

O proprietário não notou nada de sua má sorte. Afinal Leandro deu alguns passos na direção donde viera. A impressão que causava agora, era de incerteza. Dentro em pouco um transeunte compassivo ofereceu-lhe o braço. Procuraram juntos por algum tempo, pelo cachorro. Mas de balde.

Meia hora mais tarde Leandro estava parado de frente da casa onde se achava seu modesto apartamento. Sua última esperança era que Tejo tivesse, em sua impaciência, corrido na frente de seu dono. Mas em breve também esta esperança desmoronou.

Perturbado, Leandro deixou-se cair numa poltrona, para raciocinar.

Tanto estava certo: Tejo não tinha simplesmente fugido. Não, ele deveria ter sido raptado, roubado. Ou ele teria se deixado seduzir?

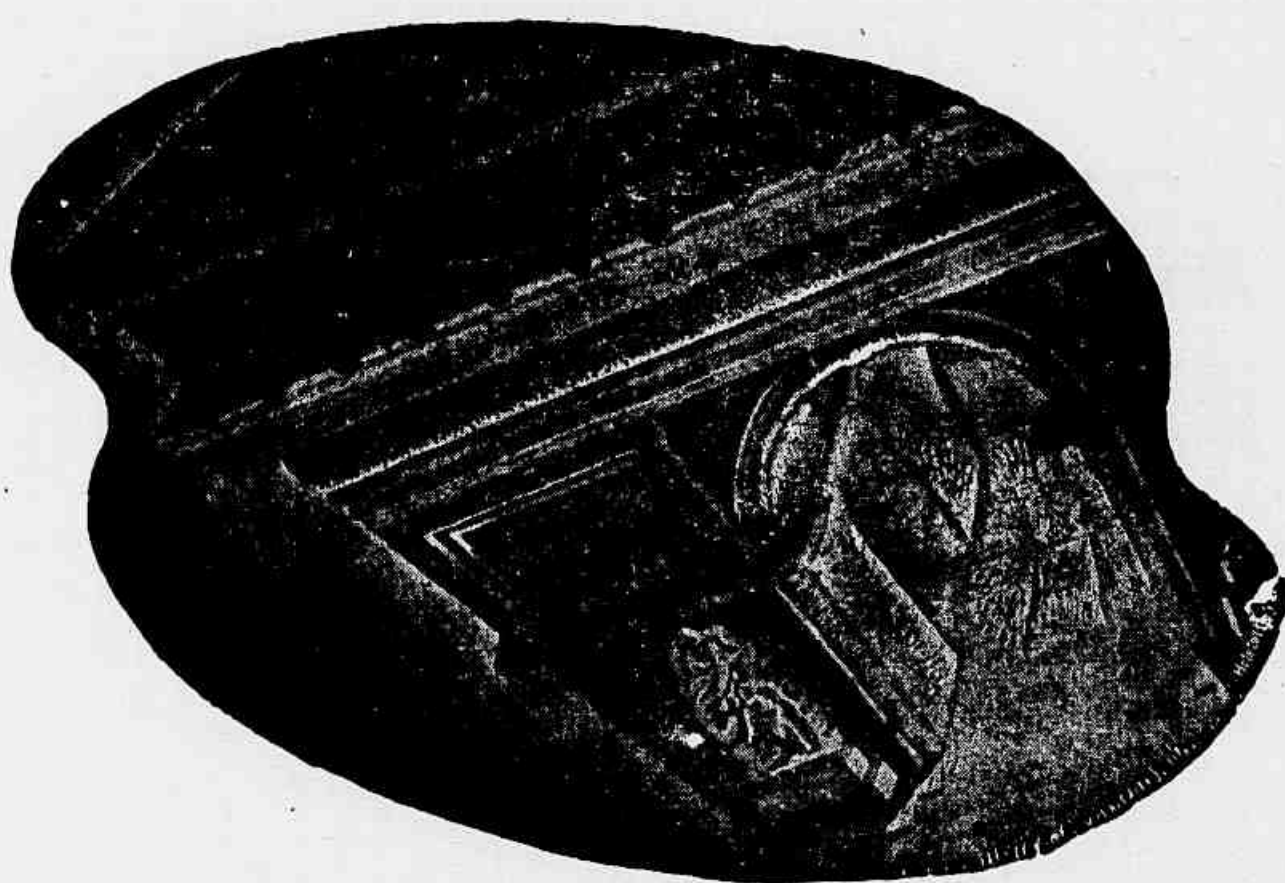
Ele acreditara que conhecia o animal a fundo, e agora repentinamente, era-lhe uma coisa desconhecida.

Ainda que sua inteligência não o podia admitir, ficava-lhe o sentimento vago, que aqui se preparava uma exploração de uma culpa por longo tempo escondida.

Leandro lembrou-se de repente que ele tinha tomado como uma coisa natural os serviços fiéis de Tejo. Ele costumava tratá-lo com aquele severo tom de chefe, que já lhe era próprio no campo de batalha e que tinha guardado a estima dos companheiros em moderados limites.

Na fechadura da porta ouviu-se o virar duma chave. Leandro nem escutou. Ele sabia, isto era a D. Gertrudes. A pessoa que zelava do bem-estar de sua habitação e de seu estômago. Uma pessoa tão trabalhadeira como sêca.

Dona Gertrudes expressou convenientemente o seu espanto sobre o desaparecimento de Tejo e logo aventurou-se nas mais negras suspeitas. Leandro ordenou-lhe que chamasse para o posto de polícia mais próximo. Mas depois ele deixou-se quicar por dona Gertrudes para a cabine do



GENRO

A LUZ QUE SEMPRE BRILHA

SOB a arcada magestosa do Arco do Triunfo, em Paris, repousa o Soldado Desconhecido. Arde sobre o seu túmulo a chama eterna do respeito e da gratidão dos povos. Ele foi um, entre milhões, que pereceu pela Pátria, defendendo o direito sagrado da Família e permitindo construir com o seu sacrifício a segurança de ambas.

É dever de cada um garantir a segurança da Família. E todos nós trabalhamos para mantê-la e economizamos para provê-la nos dias futuros.

Uma apólice de seguro equivale a uma caderneta bancária, com a vantagem de garantir à família, se o depositante morrer prematuramente, todo o capital que o mesmo tencionava economizar se vivesse mais algumas dezenas de anos.

A CIA. PREVIDÊNCIA DO SUL oferece-lhe excepcionais garantias. Realize, por intermédio de um dos seus agentes, um SEGURO DE VIDA INTEIRA ou um SEGURO DOTAL. Há um plano na PREVIDÊNCIA DO SUL que atende ao seu caso pessoal.



CIA. DE SEGUROS DE VIDA PREVIDÊNCIA DO SUL

— 40 ANOS DE DEVOTAMENTO AOS LARES DO BRASIL —

PORTO ALEGRE
Avenida das 1049 (Sede)

SÃO PAULO
Avenida 93. 6.º

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418, 1.º

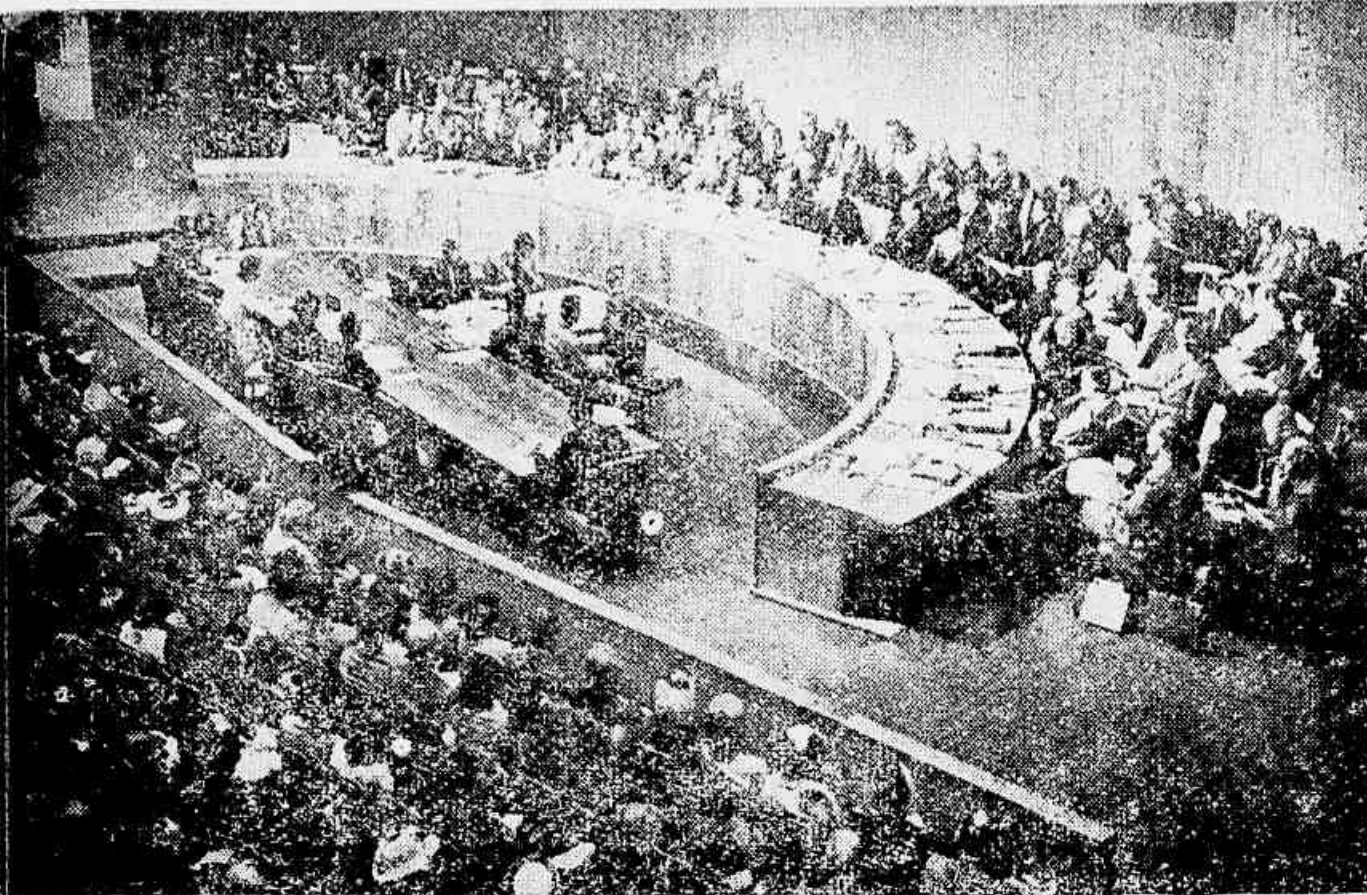
SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

CURITIBA
15 de Nov.º 300, 2.º

R. DE JANEIRO
Oandelaria 9, 9.º

RECIFE
Av. 10 de Nov.º 60, 3.º

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Loja



A esquerda : — Vista geral das 12 Delegações que integram a Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas. A sessão inaugural ocorreu em 14 de junho de 1946, havendo o representante norte-americano, sr. Bernard Baruch, assumido a presidência e lido o seu plano de controle da energia atômica. À direita : — O representante do Brasil, o ilustrado comandante Alvaro Alberto, faz a declaração em nome do Governo do Brasil, em apoio ao plano Baruch (18 de julho de 1946).

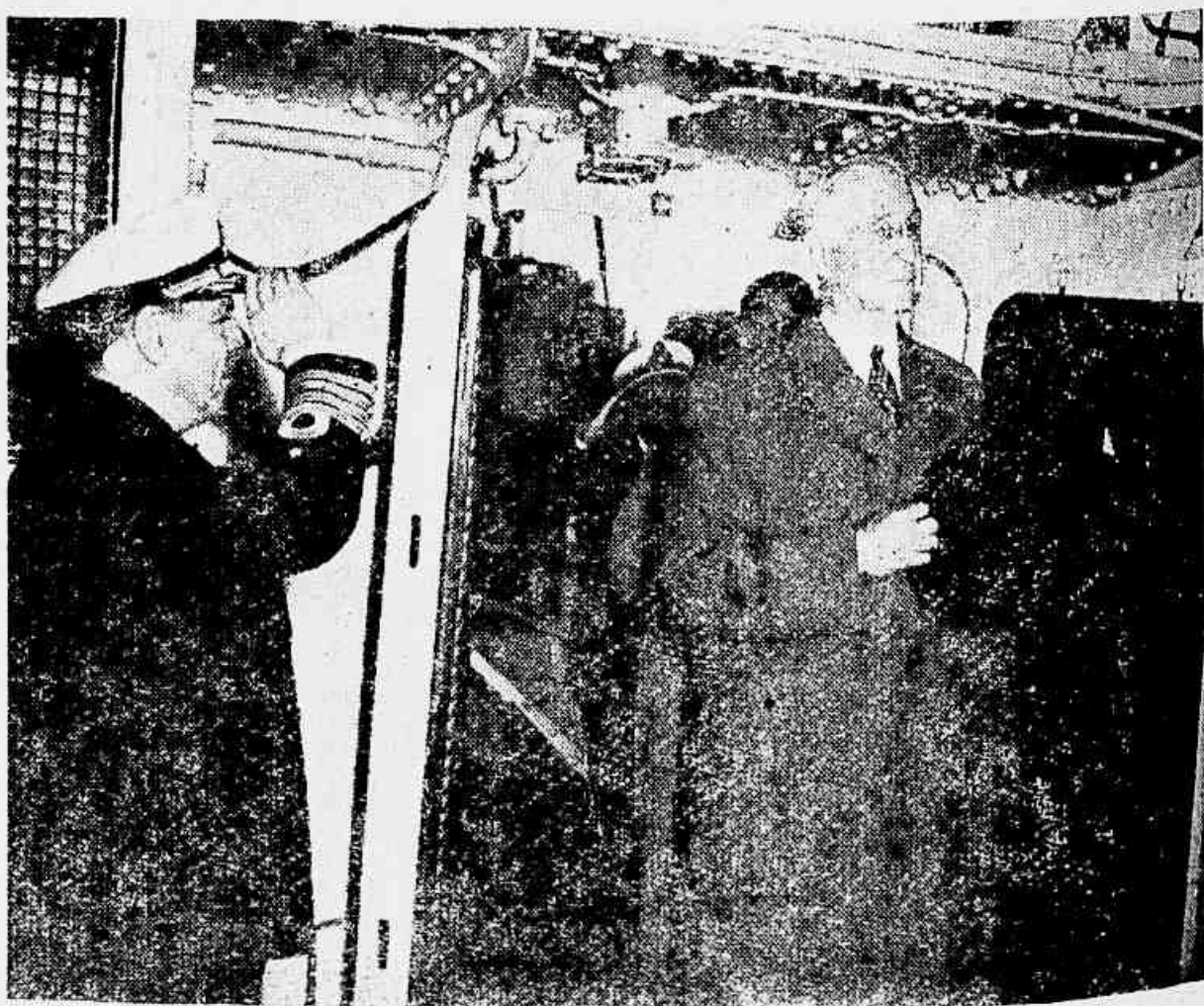
O Brasil na comissão de energia atômica dos Estados Unidos

Acompanhando, como aliado e como país que nobilita a civilização, as reuniões que na terra ianque e na Europa se realizam, destinadas ao futuro da humanidade, através de estudos profundos e de caráter que abrange todos os setores da evolução universal, o

Brasil também compareceu, e de modo brilhantíssimo, à Comissão de Energia Atômica, nos Estados Unidos. As fotografias, que aqui focalizamos, exibem alguns aspectos do importantíssimo conclave.



A esquerda : — Uma das sessões da Comissão de Energia Atômica, sob a presidência do representante do Brasil, Comandante Alvaro Alberto. A direita : -- Recepção do presidente da Comissão de Energia Atômica, o ilustre Comandante Alvaro Alberto, no Waldorf Astoria Hotel, em 14 de agosto. Damos um grupo à entrada, em que se vêem, da esquerda para a direita, o dr. Mario Câmara, delegado do Tesouro, o Ministro João Alberto, o Comandante Alvaro Alberto, o Sr. Bernard Baruch (Estados Unidos), o Embaixador Leão Veloso, delegado do nosso país no Conselho de Segurança e o Embaixador Gilberto Amado, delegado brasileiro na Conferência Internacional do Trabalho. No segundo plano, o Cônsul geral Walder Sarmanho, senhorinha Mavy d'Aché Assunção, adida da Delegação Brasileira à C.E.A. e Major Orlando Rangel, representante substituto na referida Comissão.



A esquerda : — Grupo tomado na recepção oferecida pelo Presidente da Comissão de Energia Atômica — o representante do Brasil, Comandante Alvaro Alberto — no Wedgwood Room do Waldorf Astoria, incluindo o sr. Moliakev, da delegação russa, o embaixador Gromyko, o sr. Bernard Baruch Jr., o almirante Kelly, da U. S. N., e Major Orlando Rangel, da Delegação brasileira. A direita : — Visita do sr. Bernard Baruch ao navio-escola "Almirante Saldanha", onde é recebido pelo representante do Brasil, Capitão de mar e guerra Alvaro Alberto (Nova York, 23 de julho de 1946).

CÍCERO era aclamado pelos que sabiam apreciar a sua extraordinária eloquência... Hoje **CÍCERO** será aclamado pelos que procuram um cigarro sugestivo, diferente, resultado de meio século de experiência da Cia. de Cigarros Castellões. **CÍCERO** - uma feliz combinação dos melhores fumos nacionais e americanos - dedicado aos conhecedores de cigarros de alta classe. **Maço Cr. \$ 3,50**



FIGURAS E FATOS

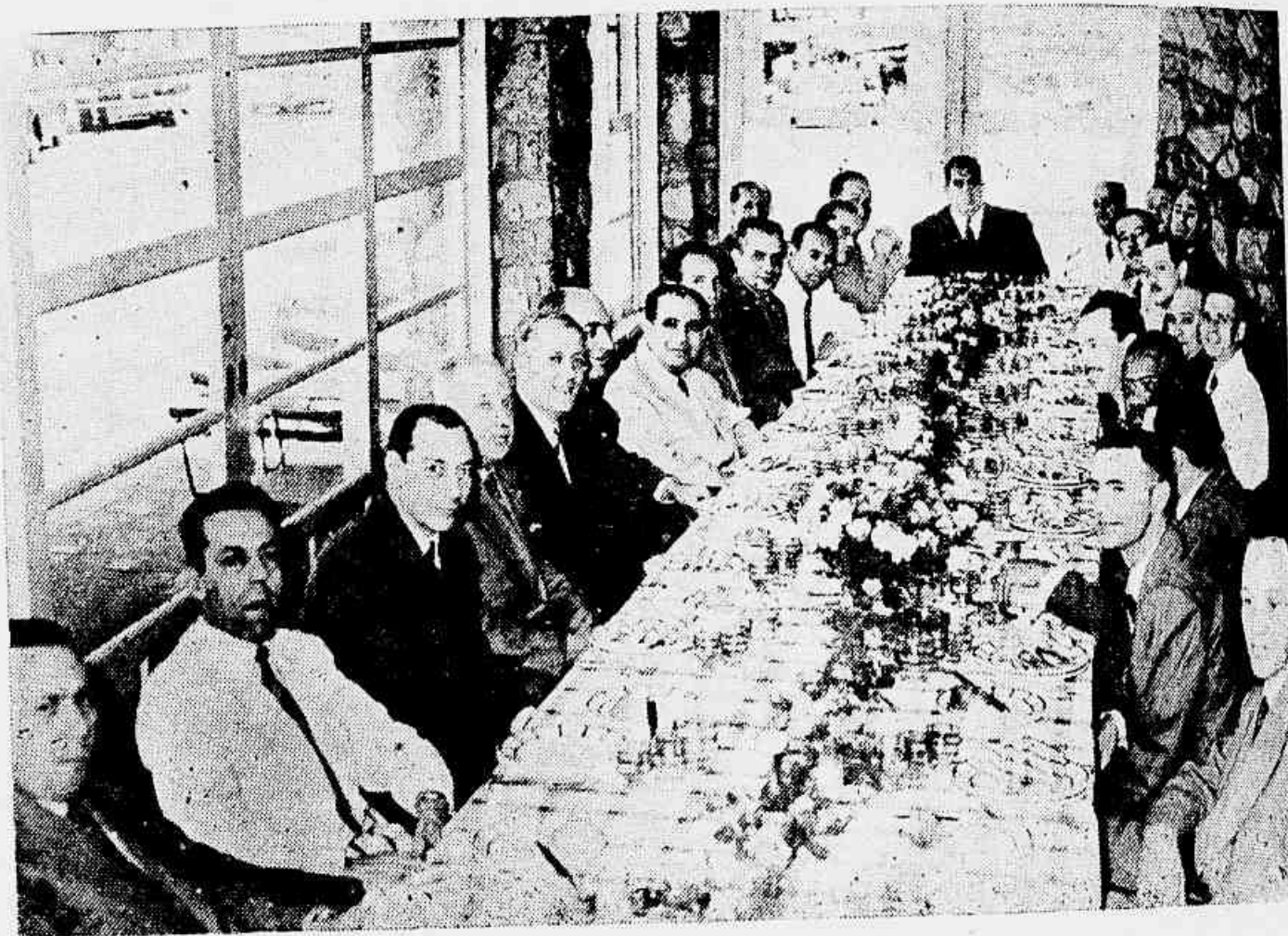


PRIMEIRA COMUNHÃO — A menina Angela Maria, filha do Sr. Francisco Lianza e de sua excelentíssima esposa, D. Alba de Brito Lianza, no dia de sua primeira comunhão, recentemente realizada. A direita: Taninho, filho do casal Diva-Pedro Cirico, que completou seu primeiro natalício no dia 8 deste.

ANIVERSARIO — A galante menina Martha Maria Campos Bleuler, filha do Sr. Adolfo Roberto Bleuler e da senhora Maria de Lourdes Campos Bleuler, completou o seu primeiro aniversário a 22 de outubro, sendo essa efemeride assinalada por uma festa íntima e por pôses especiais da aniversariante para o fotógrafo...



AÇÃO DE GRAÇAS : — Realizou-se no dia 14 de outubro p. passado, no altar-mór da Igreja de São Francisco de Paula, uma missa em ação de graças pelo restabelecimento do Sr. Heitor Ribeiro Lemos, conceituado comerciante nesta praça. Na fotografia acima vemos o Sr. Heitor Lemos rodeado pelos parentes e amigos.



HOMENAGEM AO INTERVENTOR FEDERAL NO PARANÁ — Por iniciativa do Sr. Pascoal Segreto, um grupo de figuras de destaque do nosso meio social prestou significativa homenagem ao coronel Mário Gomes, recentemente escolhido pelo presidente da República para o cargo de interventor federal no Estado do Paraná. A gravura fixa um flagrante da referida homenagem, que constou de um almoço realizado no Lido.



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de altace "Brilhante", ultra-moderno, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e retrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Altace "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Altace "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Um diário

(Continuação da pág. 15)

Uma cócega zinha sobe-me à garganta. Crise de tosse, tosse, tosse...

Segunda-Feira.

Uma pontada violenta no peito e aperto o passo. Zoadas no ar. Uma azáfama diferente movimentou a cidade que antes parecia morta. Outra pontada.

Entro num bar. Cinco e meia.

— Um bate-bate duplo!

Estou com a carta de Roberta no bolso. "Nunca pensei que você fosse tão vil a ponto de me bater, como fez ontem". Recordo... Não me lembro. "...e como acho o seu gesto indigno de um noivo, devolvo-lhe a aliança, desejando-lhe bom proveito, pois, num penhor..."

Era o cúmulo. Insinuava que eu iria beber a aliança... Indigna. E eu que julgava ter encontrado a mulher ideal!

★

Noite alta.

— Traz mais uma caninha, companheiro... Com uma parede, hein? Olá, homem, qualquer coisa serve. Hein? Não. É só pra tirar o gosto da bicha...

O rádio canta, zombando do meu amor:

"Amélia é que era mulher
De verdade..."

Bebo e ainda penso: Amélia, na realidade, existiria?

E tudo de repente forma um bloco: Amélia, Bem, Verdade, Amor...

Terça-feira.

Fuço de mim, do meu corpo, da minha provável doença. Quase corro dentro da noite, fugindo... Estou esbaforido e o coração espanca algo, violentamente, dentro de mim. Ouço as pancadas fortes. Fortíssimas. Paro para descansar um pouco. Tosse, tosse, tosse...

Quarta-feira.

— Mas, rapaz, estás abatido como nunca. Por que não vais a um médico? Vai logo antes que seja tarde demais...

CABELO BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Ouço e não respondo. Estou rabiscando uns apontamentos para o patrão. A letra é trêmula e está saindo tudo uma borradeira dos diabos. Arranco a folha, amarfinho-a, atiro-a à cesta. Estou suando inexplicavelmente. Desaperto o colarinho. "Vá logo, antes que seja tarde demais..."

E uma coisa grita dentro de mim: Tarde! Tarde! Tarde!

Quinta-feira.

Roberta vem descendo a rua pelo braço de um sujeito musculoso que tem um bigodinho cinematográfico. O sujeito tem um sorriso de cretinóide. Ela finge que não me vê. Amassa o seio no braço do Tarzan... Indigna que ela é! Garantiu como o besta não sabe que toda a família dela morreu tísica... Mas — para que fui pensar nisso? Sinto-me tonto. Os seus beijos...

— Já vamos fechar, chefe...

— Me traga mais uns quatro dedos...

Por mais que eu beba não me sai dos lábios o logo dos beijos de Roberta.

E a dúvida terrível, monstruosamente aumentada, como um fantasma medonho toma conta de mim. Emborco o copo...

Ah, sim! Novamente a impressão de estar num gigantesco carrossel. Velocidade. Turbilhão de idéias. Confusão.

— "Garçon", você é um...!

Cerro as pálpebras e arreo sobre o mármore frio da banca. Tudo é preciso. O carrossel...

Sexta-feira.

Chove. Estou completamente encharcado. Tombo; vou lá venho cá. Mas as pernas estão ainda bem firmes. Tropeço aqui e ali, pois, em João Pessoa, a maioria das ruas é escura e esburacada.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

★ **DENTÍFRICOS**
PANNAINI ★

Penso em Roberta. E solto uma praga em voz alta.

Depois, inexplicavelmente, a figura de minha mãe me vem ao pensamento. Recordo que ela tem chorado muito ultimamente. E passa noites em claro, rezando...

E um pensamento: saberá de tudo? Mas, surpreendo-me: saberá o quê? Será que já me convenci...?

Deus!

(Continua na pág. 57)

*Uma carícia
perfumada!...*



De inebriante perfume e suave como uma carícia, — o Pó de Arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos...

Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo! Por isso o Pó de Arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.

O Pó de Arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: Branco, Rosa, Raquel. Ocre-claro e Ocre-escuro.

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★



As atividades de todas as Casas Internacionais dos Estados Unidos são variadas. Além das tradicionais ceias dominicais, realizam-se debates linguísticos, programas culturais, festas nacionais e internacionais. Al está um grupo de estudantes empenhados numa debate na Casa Internacional de Nova York. (Foto do S.I.H.)

Como surgiu a idéia das "casas internacionais"

O INTERCAMBIO de estudantes é um dos melhores métodos de promover a compreensão mútua entre os povos. Esta, contudo, compreende algo mais do que simples plêniat de viagens, horas de estudo ou experiências vividas. Envolve relações pessoais oportunidades para estudantes de várias partes conhecerem colegas de outras terras e de outras línguas e a partir do país para onde vão. Nos Estados Unidos, quatro importantes centros estudantis estrangeiros. São a Casa Internacional de Michigan, em Ann Arbor; a Casa Internacional de Nova York, em Nova York; a Casa Internacional de Chicago, no Illinois, e a terceira em Berkeley, na Califórnia.

A idéia da Casa Internacional partiu de um encontro casual em uma manhã quente do ano de 1910. Enquanto caminhava pela porta da Universidade de Columbia na cidade de Nova York, o estudante Harry Edmonds, da Associação Cristã de Moços, deu um bom dia casual a um estudante chinês que por ali transla-

vava. Gestos simples e espontâneos, mas que logo se tornaram encontros, porque a jovem chinesa fez Edmonds parar e disse: "Você sabe que é a primeira pessoa a cumprimentá-lo desde que chegou a Nova York há três semanas?"

Chocado pela atitude da jovem estrangeira Edmonds imediatamente se convenceu a ir a sua casa jantar no domingo seguinte. Edmonds também encontrou vários outros estudantes e daí surgiu a "junção casual", que se tornou uma reunião na casa de Edmonds e ainda hoje em dia faz parte do programa de três Casas Internacionais dos Estados Unidos.

Edmonds tornou-se vivamente interessado no problema dos estudantes estrangeiros e ao levar a cabo um inquérito local, descobriu que havia mais de seiscentos na cidade de Nova York com pouca oportunidade de travar conhecimento entre si ou com americanos. Todas as semanas, até que um dia, evidentemente esse número foi superior à capacidade de sua própria casa. Os es-

tudantes então, formaram uma organização a que deram o nome de Club Cosmopolita Internacional que realizava reuniões dominicais em Earl Hall, Universidade de Columbia.

TORNA-SE REALIDADE A IDÉIA

Gradativamente, a idéia foi tomando forma até que os estudantes estrangeiros possuíam um lugar onde se reuniam e compartilhavam da experiência comum.

Em John D. Rockefeller, conhecido filantropo e filantropo norte-americano, o grupo encontrou o homem que estava destinado a transformar essa idéia nebulosa em realidade concreta. Tornou-se ele interessado no clube e, em 1923, doou um lote de terra na cidade de Nova York, em Riverside Drive, a montante do rio Hudson, juntamente com 3.000.000 de dólares destinados a construir e mobiliar uma casa. Completada em 1924, esta se tornou a primeira Casa Internacional, sendo Edmonds o primeiro diretor.

As Casas Internacionais dos Estados Unidos são organizações estudantis que foram criadas em 1910, em um mundo secentista e isolado. A primeira foi fundada em Berkeley, na Califórnia, em 1910, sendo seu diretor John D. Rockefeller. Depois disso, foram criadas a Casa de Nova York, em 1912, a Casa de Chicago, em 1913, e a Casa de Columbia, em 1914. As Casas Internacionais dos Estados Unidos são organizações estudantis que foram criadas em 1910, em um mundo secentista e isolado. A primeira foi fundada em Berkeley, na Califórnia, em 1910, sendo seu diretor John D. Rockefeller. Depois disso, foram criadas a Casa de Nova York, em 1912, a Casa de Chicago, em 1913, e a Casa de Columbia, em 1914.

AS CASAS SÃO AUTO-SUFICIENTES

As Casas são auto-suficientes e não recebem verbas governamentais. Elas são administradas por um conselho estudantil eleito pelos estudantes.

A Casa de Nova York é uma entidade separada, governada por um conselho estudantil eleito pelos estudantes. Ela é administrada por um conselho estudantil eleito pelos estudantes. Ela é administrada por um conselho estudantil eleito pelos estudantes.

A Casa de Chicago está ligada administrativamente à Universidade de Chicago, mas de modo que de igual modo esteja aberta para os estudantes de todas as línguas e escolas. Ela é administrada por um conselho estudantil eleito pelos estudantes.

Os membros do Conselho Diretor das Casas Internacionais dos Estados Unidos são eleitos pelos estudantes. Eles são eleitos pelos estudantes. Eles são eleitos pelos estudantes.

As Casas de Nova York e Chicago são administradas por um conselho estudantil eleito pelos estudantes. Elas são administradas por um conselho estudantil eleito pelos estudantes. Elas são administradas por um conselho estudantil eleito pelos estudantes.

Em tempos normais, a média dos estudantes estrangeiros e americanos que vivem nas Casas é equivalente. Em Nova York, por exemplo, apenas estudantes estrangeiros podem ser membros da Casa. Em Chicago e Berkeley, estudantes estrangeiros e americanos podem ser membros.

Durante a guerra, naturalmente o número de estudantes estrangeiros nas Casas foi reduzido severamente e a maioria dos que vieram aos Estados Unidos procedia das Repúblicas americanas, do Oriente Médio e da China. Tanto a Casa de Chicago como a de Berkeley foram ocupadas durante certo tempo pelas tropas armadas americanas.

Os centros internacionais contam também com um programa recreativo e seus programas são oferecidos não somente aos estudantes nas muitas vezes a todos os membros das comunidades e os residentes locais.

De um modo geral, esses centros dos Estados Unidos auxiliam a estabelecer contatos pessoais duradouros entre os futuros cidadãos dos países de todo o mundo e a incrementar o espírito de compreensão, respeito e simpatia elementares essenciais ao fomento da boa vontade internacional. — (Do Serviço de Intercâmbio do Hemisfério).

EM FAVOR DOS ESTUDANTES ESTRANGEIROS DOS ESTADOS UNIDOS

A VIDA DE GUILHERME II

(Continuação da pág. 45)

aproximou do costado do iate e um mensageiro o saudou, apresentando-lhe um despacho.

— Para o inferno! — resmungou o imperador. — Não quero saber de negócios de estado agora.

Pois Guilherme se dispunha a cultivar o seu esporte favorito. O mensageiro dobrou o despacho dentro da sua carteira e atirou-o a bordo. Confinava a notícia do assassinato do príncipe herdeiro da Áustria em Sarajevo. Uma grande estopada. Agora o kaiser seria obrigado a ligar a grande mastro a bandeira do seu navio e suspender as regatas. Por que haviam de acontecer sempre coisas como aquelas para estragar os divertimentos do imperador? Bem, indubitavelmente os sérvios deviam ser varridos da face da terra. Era um povo de criminosos. Recomendou ao embaixador austríaco que não hesitasse em tirar uma desforra daquele estado, que não chegava a ser um verdadeiro estado no sentido europeu da palavra. Guilherme gostava de fazer figura à custa dos outros. Seu chanceler lhe dissera que não tivesse nenhum temor de complicações europeias. Não havia o mínimo perigo de que as outras nações viessem a causar embaraços. E era isto precisamente o que Guilherme queria — uma oportunidade para bravar e ameaçar com o menor risco possível. E se as outras nações quisessem combater, estava mais que pronto para fazer-lhes frente. Seu exército daria o primeiro golpe. Na guerra, como na paz, a Alemanha devia marchar sempre à vanguarda.

Quanto a si, tencionava conservar-se tão longe quanto possível do teatro da luta. Saiu de Berlim e foi fazer um cruzeiro pela Escandinávia deixando os ministros das voltas com o caso. Não gostava de estar na vizinhança das complicações. Mas certamente não haveria complicações. Tinham-se dado já inúmeras crises internacionais, e todas passavam, do mesmo modo que esta havia de passar. Assim era a vida — apenas uma série de "bluffs" e palavras estrondosas. E se a gente fosse esperto nunca se veria obrigado a engolir as próprias palavras. No máximo, podia ser necessário invadir algum país pequeno e fraco, como a Sérvia, por exemplo, ou a Bélgica. Isso faria todos escarmentarem-se para dentro das suas tocas!

E assim Guilherme, de bordo do seu navio mandava mensagens à Áustria, repreendendo a lentidão com que se deliberava sobre o envio dum ultimato. Gostava de ação, e não de bate-bocas. "Ponham termo a essas discussões!" escrevia. "Os ultimos ou são executados ou não". Alguém ariscou a tãta sugestão de que talvez a Rússia apoiasse a Sérvia e fosse à guerra por causa dela. O que, o primo Nicky combater pela Sérvia? Que idéia absurda! "Tudo isto", escreveu em privado "é pura patacoada, e em breve os acontecimentos o demonstrarão". Quando lhe chegou a notícia de que o rigoroso ultimato austríaco fora aceite pela Sérvia em praticamente todas as suas cláusulas, o kaiser exclamou, triunfante: "Então, que foi que eu disse?" Explêndida solução para o caso — e em menos de quarenta e oito horas. Uma grande vitória moral de Viena, e todo pretexto para a guerra atirado ao monte de lixo. Soltou um suspiro de alívio. Com a falta de realismo da sua concepção do mundo, acreditava que a paz era certa e que já não havia obstáculos no caminho da sua vida. Combateria mais tarde. Algum dia, no vago futuro... Preferia não determinar com excessiva precisão a data. Mas, quanto ao presente, não existiam mais motivos para a guerra.

Mas supnhamos que a Rússia decidia mobilizar? E a Inglaterra, e a França? Aquela idéia teimosa...

Informaram-lhe que era verdade. A Rússia tinha efetivamente decidido mobilizar. Um milhão de homens. Os russos estavam prontos para a guerra. Nicky não podia fazer-lhe uma coisa daquelas. Nicky não podia aliar-se a um bando de criminosos sérvios. Era simplesmente impossível! Telegrafou ao czar Nicolau, implorando-lhe que se abstivesse de tomar medidas extremas. Que se estava passando com a mentalidade eslava? O czar queria mergulhar a ambos numa guerra que havia de abalar as duas dinastias até aos alicerces? Quando dois primos ocupam tronos vacilantes, devem amparar-se mutuamente. Que acontecia com Nicky? Teria caído sob a influência dos seus inescrupulosos generais? Que significavam todos aqueles soldados na fronteira da Rússia? O kaiser Guilherme não podia entender aquela marcha de inimigos armados e decididos a lutar de verdade. Não compreendia aquelas novas forças que estavam agora prestes a desen-

cadear-se. Era tudo tão radicalmente distinto da sua velha Europa — a Europa da paz e do "bluff", a Europa que sempre lhe custara as belicosas ameaças e as deixara repercutir no silêncio. Esta era uma Europa nova, cheia de resolução, disposta a fazê-lo levantar-se e desempenhar o papel que sempre reclamara para si — o papel de herói, de soldado, de conquistador. Estavam preparando o palco afim de proporcionar-lhe a oportunidade de representar o papel de Senhor da Guerra.

Mas agora que chegara de fato o momento da sua entrada em cena, Guilherme ficou completamente acovardado. O sabre escapou-lhe das mãos e o grito de guerra brotou-lhe roufeno da garganta. Não mais ameaças, mas lágrimas, o desatogo da ira ofendida e do terror. "A minha função está terminada... A leviandade e a fraqueza vão engolir o mundo na mais terrível das guerras, cuja finalidade é a ruína da Alemanha. Pois agora não tenho mais dúvidas: a Inglaterra, a França e a Rússia... conspiraram... para nos aniquilar... E' esta, em poucas palavras a verdade nua e crua sobre a situação que Eduardo VII vinha lenta mas seguramente criando... O notório cerco da Alemanha é por fim um fato consumado... Todas as minhas advertências, todos os meus rogos caíram em ouvidos surdos... Minha lealdade ao venerável imperador da Áustria... deu à Inglaterra o pretexto para aniquilarmos".

Estas eram as palavras dum homem que tivesse realmente desejado a guerra. Era Guilherme um fanfarrão trágico que terminara sendo apanhado na rede da sua desenfreada parlapatice. Ameaçara os aliados, chegara a

invadir a Bélgica para atemorizá-los. Mas os aliados não se deixaram enganar pelo seu "bluff". Que patifes!

★

"O imperador", escreve um de seus generais, "nunca ousou encarar de frente a realidade; entrincheirava-se em complacentes fantasias... O contraste entre a personalidade dominadora que procurava aparentar e a ausência de verdadeira força de caráter, tornava-se cada dia mais evidente, até o triste final". Não tendo encontrado oposição em seu país, nunca lhe foi possível compreender por que motivo as outras nações haviam de resistir-lhe. Apesar da invasão da Bélgica, recusou assumir a responsabilidade da guerra. Não via razão para que os aliados se opusessem à sua ambição de conseguir um lugar — o melhor lugar — ao sol. Pois se aquela era a sua prerrogativa como chefe supremo da maior nação do mundo! As outras potências deviam aceitar pacificamente a liderança da Alemanha, assim como os alemães lhe tinham aceito pacificamente a liderança no estado. Se os aliados lhes disputavam as justas pretensões à supremacia, eram eles os provocadores da guerra. O mundo inteiro, queixava-se, tinha conspirado contra ele. O kaiser era um homem derrotado que se refugiava num sonho de criança. E, como uma criança petulante, estava resolvido a tirar desforra — não sabia bem de que maneira. Toda capacidade de decisão o abandonara. Imaginava os mais absurdos planos para a vitória.

(Continua na pág. 58)

Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre o azul dos perfumes!

- Agua de Colônia • Brilhantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

A VENDA EM TODO O BRASIL

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA PARTE

Espinhas?
Furúnculos?
Cravos?
Pruridos?

REMOVAN

Mac. Dreg. e Perla

CONTÉM SOLTA — SIMPLES AVANÇADO



Não há dúvida!

Esta é das minhas! Um cabelo assim tão bem cuidado, tão sedoso, tão bem penteado... Sim, não há dúvida! Ela, como eu, também usa BRYLCREEM!

Realmente o Brylcreem fixa sem emplastar, amacia, dá brilho, torna jovens os cabelos! É produto científico, não contém goma, nem amido, nem álcool e nem sabão! Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, evita a caspa. Usado e aprovado em cerca de 60 países, onde se vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente, Brylcreem é produto de classe e está ao alcance de todos nas suas 5 embalagens diferentes, ou nos cabeleireiros e barbeiros de 1ª.

Brylcreem comprado, cabelo penteado!

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo!



"Amor"
- UMA TONALIDADE
PARA OS LABIOS
- UMA SUGESTÃO
PARA OS
OLHOS...

A tonalidade "Amor" do baton Van Ess é preferida por milhares de mulheres — por que é uma cor que realmente sugere o seu próprio nome. A qualidade, o tamanho e o preço de Van Ess fazem-no preferido em toda parte.

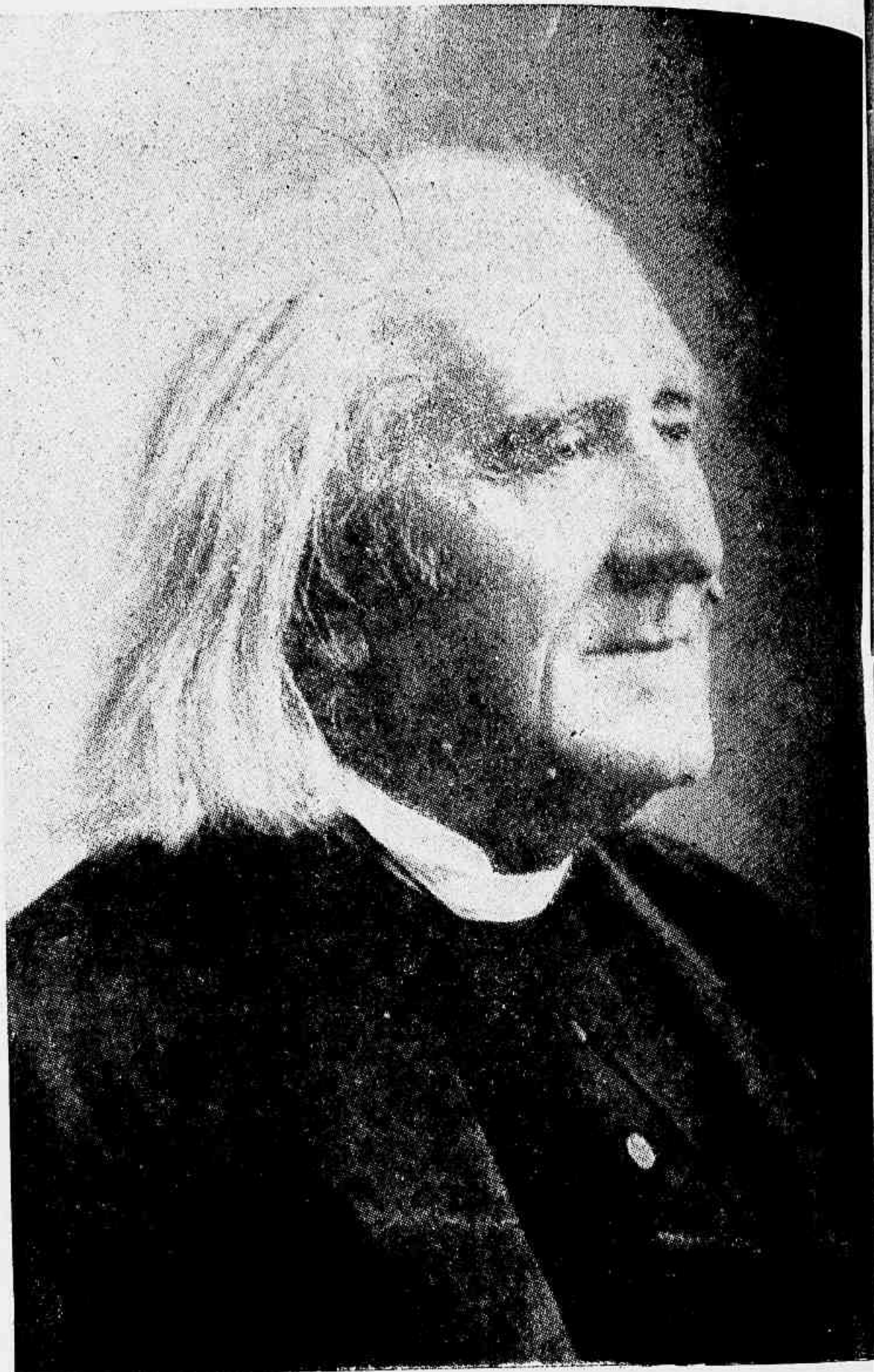


Baton

Van Ess

a cor moderna
adequada
ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação — pó facial e "rouge" etimizada



Franz Liszt, numa das suas raras fotografias, quando já havia se convertido ao catolicismo e iniciado carreira religiosa, num convento de Roma.

DOIS PIANISTAS EVOCAM FRANZ LISZT

Liszt, nas reminiscências de seus discípulos vivos: Moritz Rosenthal e Vianna da Motta — Um beijo, prêmio para todos os sexos... — Os lisztianos enfrentam a polícia — Viagem sem incômodos — Liszt e o movimento renovador na música

Por ROBERTO LYRA FILHO

ONDE estará o piano de Liszt? Seu mausoléu, erguido pelas mãos carinhosas de admiradores, desapareceu nos escombros de um bombardeio. A casa onde morou desmoronou-se, atingida por uma bomba. Mas — onde estará o piano de Liszt? Talvez ainda conserve, como as conchas retorcidas, algum eco dos aplausos frenéticos quase tão frenéticos como o malabarismo que seu dono fazia com as teclas. Nunca ninguém atingiu uma tal perfeição mecânica. Os virtuosos, que vieram depois dele, perderam o segredo daquele vôo ligeiro sobre as notas, a maneira de evocar aquele turbilhão de sons, de acordar aquele entusiasmo que estrugiu nas aclamações. Quando desaparecer o piano de Liszt só restarão no mundo dois velhinhos trôpegos, ainda capazes de reviver animados pela saudade, a época áurea do piano.

Os musicólogos já trilharam esses caminhos que evocamos. E deram um veredicto sereno, mas implacável: não era música aquela vertigem, aquele brilho, aquele... "latinismo"... Foi o que disse um deles, e dos mais graves. Bernard Shaw, ainda nos seus dias de crítico, lançava a condenação formal. E não tardaram a seguir o cortejando um consenso geral da opinião. O que um compositor disser antes, com ironia veio a ser repetido com sarcasmo:

— Não consigo ouvir a música, quando tocada por Liszt. Ele toca muito depressa e minha capacidade auditiva, como é limitada, não consegue acompanhá-lo. Quando toca uma nota e eu me aponto para ouvi-la, ele já tocou, depois, três ou quatro, e o resultado é que eu estou sempre atarraxado e, quando acabo de ouvir a peça, ela já terminou há longo tempo a execução...

Mas — como não compreender? As teclas são um campo de luz e sombras e os dedos nervosos se ferem, eloquentes fugindo, fugindo numa corrida louca, desatolando-se...

sem motivos, sobre as teclas cedendo à tentação do pedal, que amplia as sonoridades e relê o som que brota, ecoa e morre... A consagração espera no fim da tonata e o que vale é a melodia saborosamente arredondada em seus contornos e a dinâmica avassaladora das escalas vertiginosas...

O MESTRE PREMIAVA COM BEIJOS

Tudo isso morreu, e ficou sepultado numa tranquilidade de claustro até que as boas vieram como o último golpe da crítica, e construíram os seus derradeiros vestígios. Mas — é preciso não esquecer aqueles dois velhos que ainda trazem na ponta dos dedos trêmulos a vibração comunicada por Liszt. Vianna da Motta, que passa os restos de sua vida num recanto de Portugal, e Moritz Rozenithal tentam fazer reviver, com frases soltas, casos, anedotas, Liszt, seu mestre, seu amigo.

— Lembra-me de Vianna da Motta muito bem, — disse Rozenithal a um reporter, em seu apartamento, em Nova York — Era um rapaz português. A última vez que o vi, foi em Berlim, numa casa de músicas. Ele usava óculos com lentes grossas, pois era muito míope.

Vianna da Motta escreveu um livro a respeito de Liszt. E nesse livro diz:

— "Liszt naquela época, dava aulas a uns quarenta alunos, sem falar nos visitantes que, frequentemente, apareciam. Quando Liszt ficava satisfeito com a maneira pela qual eles tocavam, beijava na testa a aluna... ou o aluno. Mas era seu costume, já conhecidos de todos, não fazer comentários em torno das interpretações dos alunos mediocres. Em tais casos, ele começava a falar francês e, no fim de uma execução abaixo de qualquer espécie de crítica dizia: "Très bien", calmamente. O aluno levantava o rosto para receber o beijo habitual e retirava-se radiante".

Rozenithal, entretanto, contesta essa observação de Vianna da Motta. Disse ele interrogado por um escritor de passagem pelos Estados Unidos:

— Não. Liszt beijava as moças, mas os rapazes ele não beijava, de forma alguma.

Vianna da Motta acrescenta, entretanto, em seu livro outros detalhes não contestados como, por exemplo a seguinte observação:

"Liszt não gostava que um de seus alunos estudasse alguma de suas peças preferidas. Nenhum realmente, poderia tocar como ele, e isso o aborrecia. De forma que, quando ele mandou que Rozenithal aprendesse uma valsa de Chopin, que apreciava muito, com preendi que tinha meu colega em alta estima".

"Dos seus próprios trabalhos", acrescenta Vianna Motta, "ele costumava executar

(Continua na pág. 57)

Desenho de Gordon Ross retratando Franz Liszt, o pianista célebre, que recusou um título de conde, desprezou os aplausos das platéias e acabou os seus dias como um modesto abade. Uma pneumonia dupla levou-o do mundo tão rapidamente como uma das peças rápidas que executava vertiginosamente ao piano.

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!



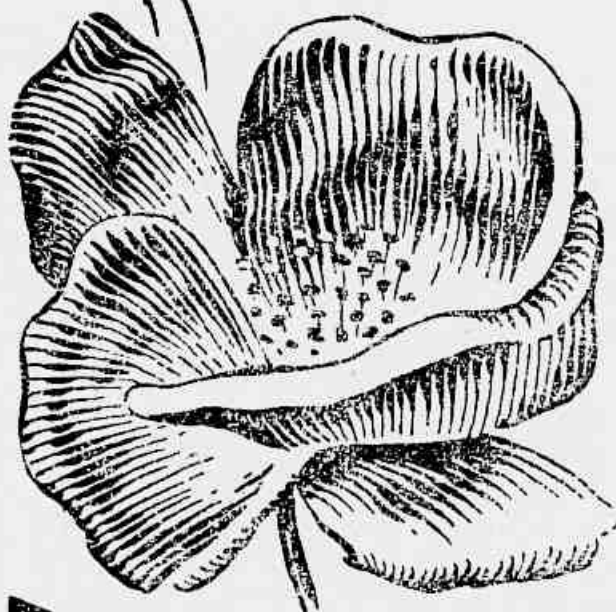
Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL

Pavots D'argent

Um fino perfume, de

suavíssima fragrância

e persistente efeito.



LOÇÃO
EXTRATO
BRILHANTINA
PÓ DE ARROZ

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO

TINTURA FLEURY

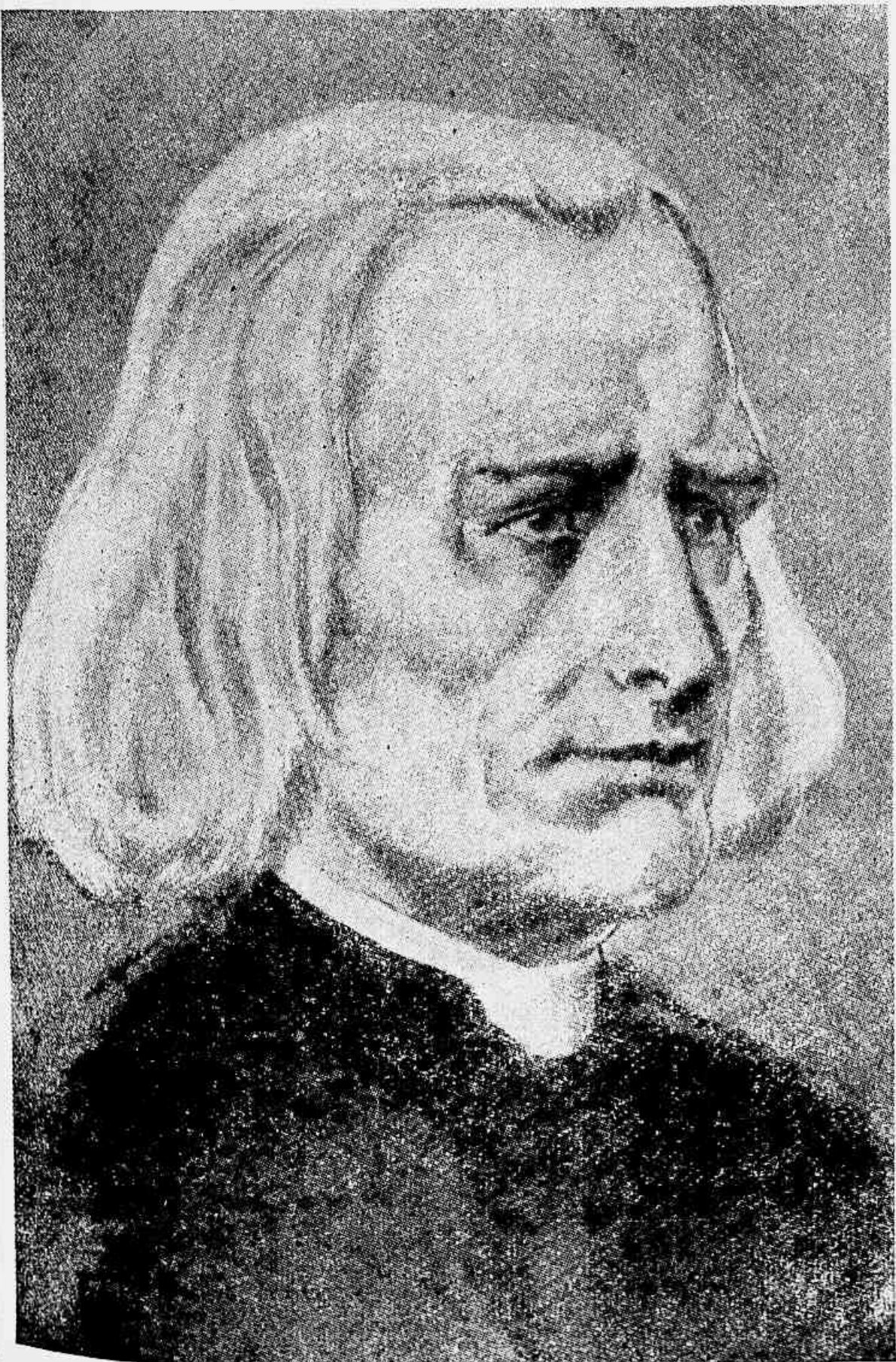
DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍTIMA:

Pega no nosso serviço técnico todas as informações e solicita o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, AMARRAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40, 3º. fl.
Nome
Rua
Cidade Estado



REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

A MODA EM LONDRES

(Continuação da pág. 30)

artístico com o conjunto, frisando, com certa malícia a exiguidade dos quadris.

O "modelo em pregas", tão artístico, é adequado para um "cocktail ou uma hora elegante de chá na cidade. Tem o encanto das "toilettes" elaboradas a capricho, não lhe faltando a graça de um movimento vertical "em cascata" para contrabalançar o ritmo horizontal dominante das pregas graduadas que se anulam em nervuras sugerindo uma cintura mais fina.

E' de todos o mais técnico e o mais curioso dos três modelos. Tem o encanto de uma idéia original bem concretizada, a dificuldade da confecção, a sabedoria de pôr em relevo a anatomia feminina. Além disso o ritmo transbordante e imprevisível do volante lateral da saia, quebrando bruscamente a monotonia das horizontais repetidas, além de um efeito decorativo sugere altura, permitindo assim, a uma brasileirinha de pequena silhueta, ganhar um pouco no comprimento.

Foi pena que uma viagem precipitada a Paris me impedisse de escolher, eu mesma as fotografias que hoje aqui publico. Tenho certeza que a minha leitora teria ainda cousas mais lindas do que as sugestões que aqui apresentamos da coleção Hartnell.

Não sei nenhum exagero nas minhas palavras. Não sou cronista diretamente interessada em fazer reclame comercial do Hartnell — famoso costureiro da aristocracia inglesa! Jornalista dedicada a problemas educacionais, relacionados com assuntos de arte, sempre me esforcei para que a minha pena independente só escreva com "absoluta sinceridade", sobre assunto que eu tenha estudado com carinho.

Tendo feito meus cursos artísticos na Europa, conhecendo a moda sob seu ponto de vista anatômico, psicológico, social e histórico, posso fazer crítica honesta, sem idéias preconcebidas e sem interesses materiais.

Estou apenas por força da "sinceridade" que é essencial na natureza do artista, interessada em fazer conhecer, no Rio, os amáveis recursos que os costureiros ingleses lançaram mão, para entrar, com dignidade e aparato, no terreno da nossa boa sociedade.

Os detalhes que Hartnell põe na confecção esmerada de suas "toilettes" é qualquer coisa de novo e surpreendente: — nervuras trabalhando vestidos inteiros de baile, em caprichosos desenhos geométricos... franjas tratadas de uma maneira imprevisível, cobrindo grande parte de vestidos de noite... finura de bordados coruscantes sobre deliciosas nuvens de filó colorido... simplicidade de vestidos pretos, guarnecidos de pélas caras — "background" para as magníficas fantasias dos joalheiros londrinos... amplas saias armadas por carreiras horizontais de cordões, lembrando épocas mais românticas... boleros atrevidos, de mangas expansivas sugerindo silhuetas slavas, etc... etc.

Terminando esta crônica, cumpre-me expressar a minha admiração pela maior parte dos modelos de Hartnell, especialmente pelos destinados à exportação.

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

Há nessas coleções um critério artístico bem diverso do que domina em outras, destinadas ao gosto insular britânico.

Senão que o inglês não fez simplesmente um trabalho de "moda", realizou antes, como bom diplomata que sempre o foi, uma importante obra de psicologia.

A coleção de Hartnell é sem exagero, um trabalho científico tão venerável no momento, como as tradições literárias shakespearianas ou as obras dos sábios ingleses do século XVII. Farão a "Velha Inglaterra" novamente comentada, querida e admirada, lá fora, no estrangeiro, como as magistrais produções literárias e filosóficas de seus poetas e prosadores.

A MAIS NOVA PROFISSÃO...

(Continuação da pág. 27)

Acima de tudo. A respeito das últimas ocorrências havidas um mês atrás, uma dessas mocinhas, com um desprezo sincero pelo que havia de alarmante nas notícias, disse-nos sorridente:

— "Ora, meu amigo, quando a "bruxa" está solta ninguém pode evitar essas coisas".

E não disse mais nada; o seu olhar vivo e seu sorriso juvenil falavam por si, da sua crença num futuro feliz, em uma vida longa... Esqueçamos-nos de avisar à leitora a qualidade essencial para candidatar-se a aéro-moça: ter dentro de si a mesma coragem que se nota na voz e no sorriso de todas essas destemidas garotas.

UMA PÁGINA TRISTE

A mais nova das profissões femininas já tem na sua curta história, começada há cinco anos apenas, uma página de tristezas. Aconteceu há pouco mais de dois anos, em agosto de 1944, com um avião da Panair que se dirigia à cidade de São Paulo. Próximo ao aeroporto de Congonhas o aparelho perdeu o controle espatifando-se sobre uma pequena colina. Nesse desastre em que pereceu toda a tripulação e passageiros, faleceu a comissária Ondina Teles de Azevedo, uma jovem simpática com pouco mais de 20 anos. Os que acreditam na força poderosa do destino contam que a morte de Ondina foi um exemplo de que não se pode deter o inevitável. A escala da viagem marcava Ruth Martins como comissária de bordo. A última hora sobreveio um incidente qualquer e Ruth não pôde embarcar. Ondina ofereceu-se para substituí-la, a viagem seria rápida, ida e volta no mesmo dia e o seu programa para a noite não seria alterado. Foi sua última viagem. Morreu em serviço, substituindo por espontânea vontade a sua colega. Hoje este episódio é uma página lembrada com respeito pelas suas companheiras de trabalho. Mas todas elas são fatalistas e quando essas coisas são lembradas têm uma expressão que encerra um pouco de filosofia oriental: "estava escrito que assim tinha que acontecer"... e dizendo isso sobem para bordo dos seus aparelhos com um sorriso nos lábios.

O sentenciado

(Continuação da pág. 21)

tes, a pior gente do mundo. Prisão assim é prisão mesmo? Dessa pelo menos, gostavam os presos. Moravam em casa de palhas, muitas vezes com galeiras. No inverno era um Deus nos ajude de frio. Ali a casa era de pedra e cal não tinha galeiras, estava no quente.

★

Tudo lá muito bem até que o Pedro Binga se pegou de namoro com uma mulher da vida que viera de São Benedito. Mulher de luxo até usando meias e chinelos de ponta bordada. Mulher de luxo, que rejeitava muita gente,

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

até o dr. Mamede, farmacêutico que tinha nariz corado, roxo como se fosse de beterraba. Mas dele, de Pedro Binga, com fama de valente, de não engulir coisa fora do ninquém, a sujeitinha gostava. Pedro Binga de dia dava as suas fugidas para lá. De noite não, que era hora do negócio. Não podia atrapalhar. Mas ficava marombando o mais que podia. De costume, a cadeia era fechada às seis horas. O carcereiro já avisara a toda gente: — Seus safados! Ou vocês chegam aqui na hora certa ou então dormem do lado de fora!

Pedro Binga ouvira o aviso mas fez ouvidos de mercador. Era lá homem, seu João Delmiro, para deixar o lado de fora! Se o fizesse, teria que vêr!

O carcereiro, porém, não gostava de muita conversa. Quando dizia fazia mesmo. Uma vez estava o sentenciado no paleio com a mulher. Seis horas, e não apareceu. Sete e dez, nada. Fechou tudo a chave e foi embora calmamente para uma boilega que frequentava e onde só se fazia era falar da vida alheia. Quando Pedro Binga chegou, eram sete horas. Danou-se por encontrar tudo trancado. Aquilo era desastroso. Sobretudo porque o carcereiro estava avisado. Bem podia voltar ficar marombando pelas bodegas e depois ir dormir na casa da mulher. Mas Pedro Binga não engulia desastroso de ninguém. Ficou lá, bufou de raiva. Procurou o carcereiro e, onde o encontrou, comeu o homem na face.

★

Crime besta, disse muita gente. Matar o carcereiro porque o deixara do lado de fora! Mas para Pedro Binga o crime não fora tão besta assim. Estava satisfeito e consciente de haver defendido um ponto de honra, a sua própria dignidade de homem. Dessa vez, o Tribunal do Juri o absolveu...

A pintura no Ceará

(Continuação da pág. 17)

alguns mais, que sei principiantes, senão em plena forma, porém com direito a que se possa confiar com o tempo no fundado na sua evolução, como é o caso de Lopes, de Vieira da Cunha e Ipirajá. Mas, a lista não está completa porque deixei mesmo para o fim o nome dum pintor "doublé" de crítico de arte, de perturbada personalidade, como é Mario Barata.

Mario Barata é seguramente o mais avançado em tendências estéticas e o que melhor se informou de assuntos de arte dentre os mais, como facilmente se nota em suas crônicas de análise aos companheiros e da sua contribuição pessoal à mostra da Aequitas. Há mesmo nesse moço um certo perigo de se entregar muito às fórmulas de que acredito entretanto que com o tempo e mais amadurecimento de espírito ele se venha a libertar inteiramente, quando se convercer de que a arte não deve ser um instrumento apriorístico e de que, por mais valha que as teorias, os princípios estéticos e as escolas de neste mundo cansado e sem mais novidade possível — senão as que a gente arranca da própria sensibilidade — uma grande razão assista mesmo ao velho Comte, quando afirmava que a arte não é mais do que a idealização da realidade. Mario Barata deve mesmo intimamente desconfiar disso quando nos dá uma tela como essa pequena maravilha de "Mau tempo", que não anda longe de ser uma legítima obra prima. Sem qualquer intenção demagógica, como a da sua trilogia comunista há de tudo, nesses dois palmos de pano pintado, para nos dar a prova de que o autor alcançou o melhor meio de expressão para a sua arte feita de sentimento e inteligência de par com um seguro domínio do artesanato, indigestível a qualquer manifestação plástica. Dos quadros de tendência social não há dúvida que "Tempos heróicos" reúne todas as qualidades para ser considerado boa pintura o que não acho nos outros. O artista soube captar admiravelmente o "palhos" da cena noturna, impregnando a composição dum profundo sentimento de tragédia epopéica que vem do silêncio do beco deserto da amontada de irreal transfiguração da noite, do teor de humano desastre daquele trabalhador esgarafinhando no canto do muro o emblema soviético. Há uma grande expressão de solidão na paisagem de redor, de religioso sentimento de solidão da própria noite uma emocionante sugestão de solidão e de liberdade no simples gesto do homem. Não é certamente o propósito doutrinarista que nos comove nessa concepção, mas o conjunto de fatores plásticos, o que

(Continua na pág. 30)

Dois pianistas evocam Franz Liszt

para os alunos "Au Bord D'une Source", "Au Lac de Wallenstadt" e "Venezia e Napoli". As interpretações das obras de Liszt são, agora, muito diferentes da maneira pela qual ele as concebeu. Elas tinham pouco em comum com a idéia que delas foram os virtuosos do nosso tempo".

A MÚSICA, AS VIAGENS E A POLÍCIA

O grupo de alunos de Liszt — os lisztianos — era um bando turbulento. "Muitas vezes, recorda o pianista Rozenthal, tivemos dificuldades com a polícia por causa de nosso temperamento turbulento e das desordens que provocávamos". Um grupo alegre, desordeiro e inteiramente devotado ao seu ídolo. Quando Liszt organizava suas grandes "journées" de concertos, alguns deles improvisavam uma comissão que ia na frente do mestre, chegando em cada cidade com um dia de antecedência, afim de preparar acomodações condignas, recepção entusiástica e remover, de maneira geral, todas as dificuldades que surgissem. Assim, Liszt tinha somente o trabalho de transportar-se de uma cidade para outra, sem os inevitáveis contratempos das viagens.

LISZT, PROTETOR DOS INOVADORES

Antes de estudar com Liszt, Rozenthal fora discípulo de Mikuli, que estudara com Chopin, e Vianna da Motta, o aluno português, continuou seu curso, depois da morte do mestre com Hans von Bulow, que fôra discípulo de Liszt.

O artista de Lisboa, cuja fama correu logo a Europa, entremeou os seus estudos com recitais por várias capitais do velho continente. O violinista Sarasate e a cantora Marcella Sembrich acompanharam-no, muitas vezes, nas suas peregrinações.

Vianna da Motta viveu e lecionou em Berlim, passou para o conservatório de Genebra de 1915 a 1917 e, de 1919 a 1940, foi diretor do conservatório de Lisboa. Fundador da Sociedade de Concertos ainda achou tempo, apesar do seu trabalho no magistério, para compor abundantemente e escrever sobre assuntos musicais. Tem um trabalho, de grande erudição, sobre a execução dos trilos nas sonatas de Beethoven.

Um detalhe recordado por Vianna Motta, ainda sobre a personalidade de Liszt, é o seu entusiasmo pelos movimentos renovadores da música, sem dúvida a sua maior contribuição — e a mais durável, pelo muito que lhe deve, em incentivo, toda uma geração de artistas forçados a lutar, de início, contra um meio hostil. Estes, nunca riram das "suas reduções para piano de quase todas as obras possíveis e imagináveis"... Aliás, muitos daqueles arranjos podem ser explicados pela generosidade enorme do pianista famoso que encontrava, assim, um meio de contribuir, com o seu prestígio, para a divulgação das composições dos menos conhecidos, incluindo nos seus programas, ouvidos com respeito, produções de todos eles e abrindo assim o caminho da fama para os seus protegidos.

Fauré e Cesar Franck, moços, no tempo de Liszt, despertaram a sua atenção e mereceram dele referências elogiosas.

Vianna da Motta conta que, certa vez, um aluno americano tocou ao violino para Liszt uma sonata de Fauré e que, logo após o esqerzo, o mestre perguntou ao jovem violinista: "que ritmo é este?". Achava alguma coisa de novo naquela música...

UM DIÁRIO

Eu não creio neste mito! Mas, por quem clamarei nesta hora de angústia?!...

Tosse! Tosse! Tosse!...

Sábado.

De repente noto que estou sózinho no mundo. O corpo de minha mãe no fundo de uma sepultura no cemitério público. Não houve cantos fúnebres, não houve discursos, nem acompanhamento. E ela se foi. E agora estou só. Para sempre. Bem que pressinto as maneiras quase ríspidas, bastante frias, dos companheiros de repartição. Até o Antonio Carlos, que antigamente me fazia convites para a farra, há dias me vem aconselhando a deixar a bebida e fazer um sério tratamento de saúde.

Dúvida.

E não tenho coragem de consultar um médico. Receio o que ele dirá... Dúvida. Dúvida. Dúvida...

Domingo.

Bebô para afastar o pensamento que me martiriza.

A música alegre do "jazz" é um contraste com o meu estado d'alma. Nem porisso deixa de boir com os nervos da

gente que me rodeia. Em todas as fisionomias está estampada uma falsa alegria criada pelo alcool. Acabou-se o frêvo com um berro tremendo do pistão. A melancolia de um tango argentino começa a se elevar por sobre o vasto salão. O sabor dos contrastes. Mas tudo rui diante dos berros do homem do bigodão que está sentado no fundo da sala, a mesa apinhada de garrafas de champagne, rodeado de mulheres barulhentas que o cumulam de carinhos e o chamam de "coronel"...

— E' um paio do interior.

Morreu o tango nos seus primeiros momentos. E um samba surgiu, desconcertante. O bigodão, desta vez, sorri e bate palmas. "Seu coronel" não gosta de "coisa estrangeira"...

★

A animação é crescente. O cabaré está regorgitante. Peço um grogue duplo. Conhaque com cachaca. Embarco o copo. Sinto sufocação e esou me contorcendo numa crise horrível de tosse. Escandalosa. Todos estão olhando para mim. A tosse é rouca. Aumenta mais. Procuro abafá-la. Estertoro. Rodeiam-me. Estou cercado de gente. Silenciou o "jazz". E o samba também morreu.

— Tragam água! Água para o pobre do homem!

Tosse! Tosse! Tosse!...

PÍLULAS DE BRISTOL
Vegetais e açucaradas
Combatem suavemente a preguiça intestinal.

VARIZES E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus
USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

PARA DEFENDER SUA SAÚDE exija um refrigerador:



Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda.
Rua Rosa e Silva, 74
(eq. Praça Marechal Deodoro)
Fones: 5-1311 e 5-1322

Senhoras!
Se a Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!



CUIDADO!!! PERIGO!!!

Os pés de galinha sob os olhos, as pequenas rugas, são perigosos sinais do envelhecimento da pele em consequência de um tratamento insuficiente ou errado da pele. Esses sinais, tão temidos, muitas vezes, já começam aos vinte anos e em pouco tempo dão ao rosto uma aparência precocemente cansada e envelhecida. Use diariamente o

CRÊME NUTRITIVO VITAMINOSO MAKIL. para evitar e combater o envelhecimento prematuro da pele, tornando-a macia, alva e atraente. Contendo a Vitamina "F", empregada hoje em dia pelos peritos dos mais famosos institutos de beleza, é o meio moderno para a perfeita nutrição da cutis. Prospecto grátis. Envie-se também pelo reembolso postal. Caixa Postal 345. Rio. Fone 42-15-87.

MAKIL

HMB
1
VINHO DA MADEIRA
H.M.BORGES, SUCCS LTDA
Estabelecido desde 1871 - Vila da Madeira

Amor
numero
para

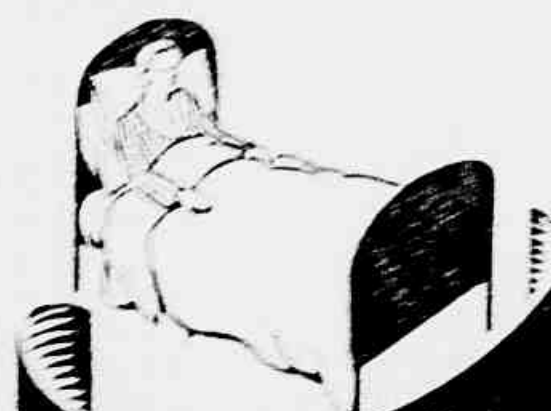
HMB
2
VINHO DA MADEIRA
H.M.BORGES, SUCCS LTDA
Estabelecido desde 1871 - Vila da Madeira

cachaça
paladar

HMB
3
VINHO DA MADEIRA
H.M.BORGES, SUCCS LTDA
Estabelecido desde 1871 - Vila da Madeira

A VIDA DE GUILHERME

Continuação da pág. 41



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCÊNCIAS

DESPERTE A BILIS
DE SEU FÍGADO...

e salutar da cama disposta para tudo. De fígado, que é o órgão da digestão, a primeira e mais importante função é a de produzir a bile, que é o suco digestivo. Se o fígado não funciona bem, a digestão é prejudicada e a saúde sofre. A água inglesa é um poderoso estimulante do fígado, que lhe faz produzir a bile em abundância. É, portanto, o melhor remédio para a biliosidade, a constipação, a indigestão, a acidez, a flatulência, a diarréia, a prisão de ventre, a anemia, a clorose e as convalescências. Tome-a com o café da manhã e verá os resultados. Cada caixa contém 100 doses.

BOUQUET LILLINO
De Miss. Camille
A VENDA EM TODA PARTE
DA AL. FAZEM O ROLANDO
INDIANAPOLIS
RAINHA DA HONRIA

CUTIS
CANSADA

e sem viço

As perdas na pele na testa e ao redor dos olhos, as linhas, manchas, cravos e espinhas, são tranqueiras inimigas da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvem sobre a sua felicidade, confie na virtude do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embeleza, unido todas as noites em suave massagem no rosto, pescoço, e todas as dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam na porcelana da tez, dá vigor e moidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. C.P. 1379 S. Paulo



...e a vida de Guilherme... a vida de Guilherme... a vida de Guilherme...

...a vida de Guilherme... a vida de Guilherme... a vida de Guilherme...

...a vida de Guilherme... a vida de Guilherme... a vida de Guilherme...

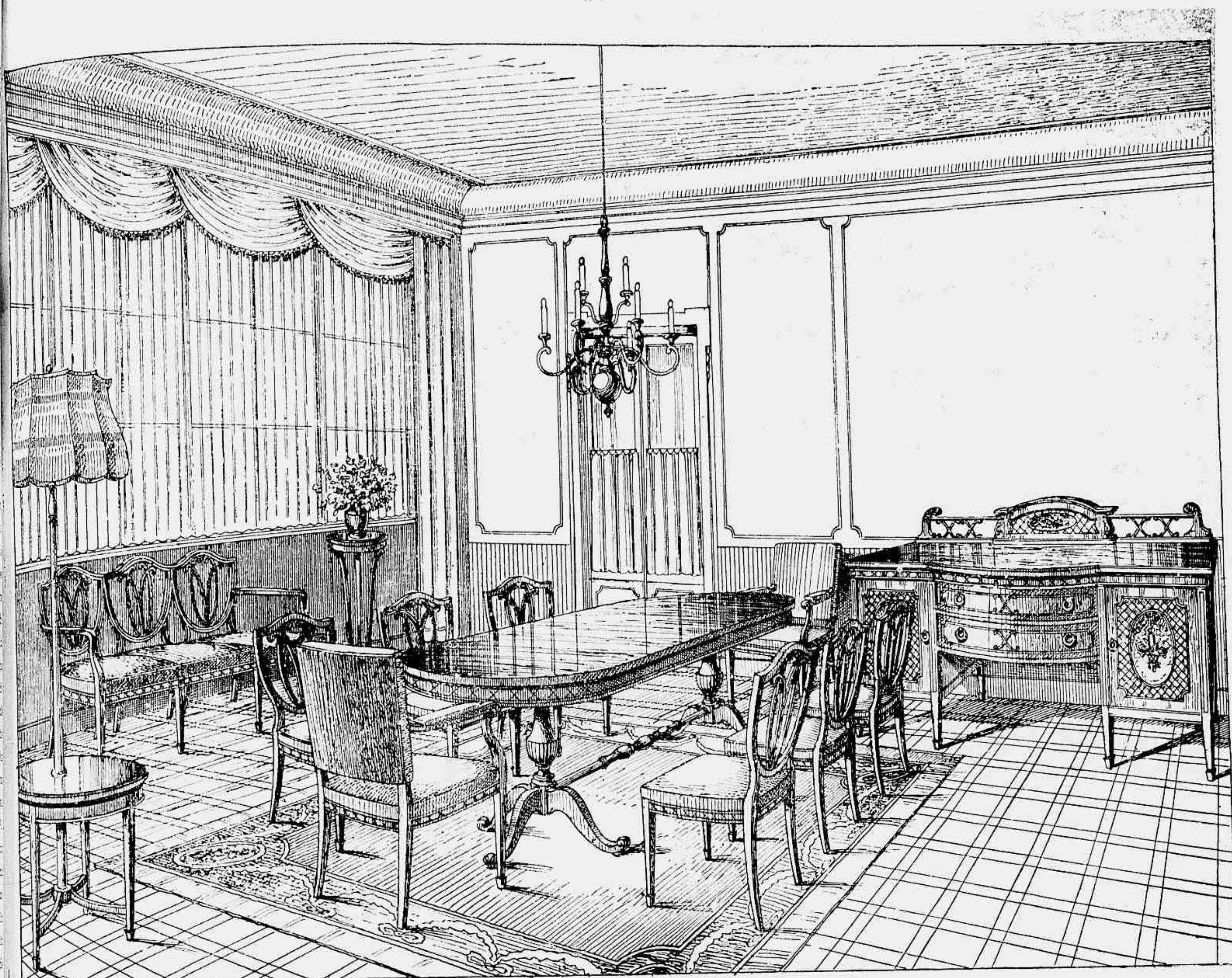
...a vida de Guilherme... a vida de Guilherme... a vida de Guilherme...

...a vida de Guilherme... a vida de Guilherme... a vida de Guilherme...

★

Sempre a verdade no patíbulo.
Sempre a injustiça no trono.

Por algum tempo os grupos de artistas cearenses, ligados, ligados e ligados, ligados de verdade, até então, não tinham a fama e a popularidade que a sua obra merecia. Mas eles que então, em 1918, em 1919, em 1920, em 1921, em 1922, em 1923, em 1924, em 1925, em 1926, em 1927, em 1928, em 1929, em 1930, em 1931, em 1932, em 1933, em 1934, em 1935, em 1936, em 1937, em 1938, em 1939, em 1940, em 1941, em 1942, em 1943, em 1944, em 1945, em 1946, em 1947, em 1948, em 1949, em 1950, em 1951, em 1952, em 1953, em 1954, em 1955, em 1956, em 1957, em 1958, em 1959, em 1960, em 1961, em 1962, em 1963, em 1964, em 1965, em 1966, em 1967, em 1968, em 1969, em 1970, em 1971, em 1972, em 1973, em 1974, em 1975, em 1976, em 1977, em 1978, em 1979, em 1980, em 1981, em 1982, em 1983, em 1984, em 1985, em 1986, em 1987, em 1988, em 1989, em 1990, em 1991, em 1992, em 1993, em 1994, em 1995, em 1996, em 1997, em 1998, em 1999, em 2000, em 2001, em 2002, em 2003, em 2004, em 2005, em 2006, em 2007, em 2008, em 2009, em 2010, em 2011, em 2012, em 2013, em 2014, em 2015, em 2016, em 2017, em 2018, em 2019, em 2020, em 2021, em 2022, em 2023, em 2024, em 2025, em 2026, em 2027, em 2028, em 2029, em 2030, em 2031, em 2032, em 2033, em 2034, em 2035, em 2036, em 2037, em 2038, em 2039, em 2040, em 2041, em 2042, em 2043, em 2044, em 2045, em 2046, em 2047, em 2048, em 2049, em 2050, em 2051, em 2052, em 2053, em 2054, em 2055, em 2056, em 2057, em 2058, em 2059, em 2060, em 2061, em 2062, em 2063, em 2064, em 2065, em 2066, em 2067, em 2068, em 2069, em 2070, em 2071, em 2072, em 2073, em 2074, em 2075, em 2076, em 2077, em 2078, em 2079, em 2080, em 2081, em 2082, em 2083, em 2084, em 2085, em 2086, em 2087, em 2088, em 2089, em 2090, em 2091, em 2092, em 2093, em 2094, em 2095, em 2096, em 2097, em 2098, em 2099, em 2100, em 2101, em 2102, em 2103, em 2104, em 2105, em 2106, em 2107, em 2108, em 2109, em 2110, em 2111, em 2112, em 2113, em 2114, em 2115, em 2116, em 2117, em 2118, em 2119, em 2120, em 2121, em 2122, em 2123, em 2124, em 2125, em 2126, em 2127, em 2128, em 2129, em 2130, em 2131, em 2132, em 2133, em 2134, em 2135, em 2136, em 2137, em 2138, em 2139, em 2140, em 2141, em 2142, em 2143, em 2144, em 2145, em 2146, em 2147, em 2148, em 2149, em 2150, em 2151, em 2152, em 2153, em 2154, em 2155, em 2156, em 2157, em 2158, em 2159, em 2160, em 2161, em 2162, em 2163, em 2164, em 2165, em 2166, em 2167, em 2168, em 2169, em 2170, em 2171, em 2172, em 2173, em 2174, em 2175, em 2176, em 2177, em 2178, em 2179, em 2180, em 2181, em 2182, em 2183, em 2184, em 2185, em 2186, em 2187, em 2188, em 2189, em 2190, em 2191, em 2192, em 2193, em 2194, em 2195, em 2196, em 2197, em 2198, em 2199, em 2200, em 2201, em 2202, em 2203, em 2204, em 2205, em 2206, em 2207, em 2208, em 2209, em 2210, em 2211, em 2212, em 2213, em 2214, em 2215, em 2216, em 2217, em 2218, em 2219, em 2220, em 2221, em 2222, em 2223, em 2224, em 2225, em 2226, em 2227, em 2228, em 2229, em 2230, em 2231, em 2232, em 2233, em 2234, em 2235, em 2236, em 2237, em 2238, em 2239, em 2240, em 2241, em 2242, em 2243, em 2244, em 2245, em 2246, em 2247, em 2248, em 2249, em 2250, em 2251, em 2252, em 2253, em 2254, em 2255, em 2256, em 2257, em 2258, em 2259, em 2260, em 2261, em 2262, em 2263, em 2264, em 2265, em 2266, em 2267, em 2268, em 2269, em 2270, em 2271, em 2272, em 2273, em 2274, em 2275, em 2276, em 2277, em 2278, em 2279, em 2280, em 2281, em 2282, em 2283, em 2284, em 2285, em 2286, em 2287, em 2288, em 2289, em 2290, em 2291, em 2292, em 2293, em 2294, em 2295, em 2296, em 2297, em 2298, em 2299, em 2300, em 2301, em 2302, em 2303, em 2304, em 2305, em 2306, em 2307, em 2308, em 2309, em 2310, em 2311, em 2312, em 2313, em 2314, em 2315, em 2316, em 2317, em 2318, em 2319, em 2320, em 2321, em 2322, em 2323, em 2324, em 2325, em 2326, em 2327, em 2328, em 2329, em 2330, em 2331, em 2332, em 2333, em 2334, em 2335, em 2336, em 2337, em 2338, em 2339, em 2340, em 2341, em 2342, em 2343, em 2344, em 2345, em 2346, em 2347, em 2348, em 2349, em 2350, em 2351, em 2352, em 2353, em 2354, em 2355, em 2356, em 2357, em 2358, em 2359, em 2360, em 2361, em 2362, em 2363, em 2364, em 2365, em 2366, em 2367, em 2368, em 2369, em 2370, em 2371, em 2372, em 2373, em 2374, em 2375, em 2376, em 2377, em 2378, em 2379, em 2380, em 2381, em 2382, em 2383, em 2384, em 2385, em 2386, em 2387, em 2388, em 2389, em 2390, em 2391, em 2392, em 2393, em 2394, em 2395, em 2396, em 2397, em 2398, em 2399, em 2400, em 2401, em 2402, em 2403, em 2404, em 2405, em 2406, em 2407, em 2408, em 2409, em 2410, em 2411, em 2412, em 2413, em 2414, em 2415, em 2416, em 2417, em 2418, em 2419, em 2420, em 2421, em 2422, em 2423, em 2424, em 2425, em 2426, em 2427, em 2428, em 2429, em 2430, em 2431, em 2432, em 2433, em 2434, em 2435, em 2436, em 2437, em 2438, em 2439, em 2440, em 2441, em 2442, em 2443, em 2444, em 2445, em 2446, em 2447, em 2448, em 2449, em 2450, em 2451, em 2452, em 2453, em 2454, em 2455, em 2456, em 2457, em 2458, em 2459, em 2460, em 2461, em 2462, em 2463, em 2464, em 2465, em 2466, em 2467, em 2468, em 2469, em 2470, em 2471, em 2472, em 2473, em 2474, em 2475, em 2476, em 2477, em 2478, em 2479, em 2480, em 2481, em 2482, em 2483, em 2484, em 2485, em 2486, em 2487, em 2488, em 2489, em 2490, em 2491, em 2492, em 2493, em 2494, em 2495, em 2496, em 2497, em 2498, em 2499, em 2500, em 2501, em 2502, em 2503, em 2504, em 2505, em 2506, em 2507, em 2508, em 2509, em 2510, em 2511, em 2512, em 2513, em 2514, em 2515, em 2516, em 2517, em 2518, em 2519, em 2520, em 2521, em 2522, em 2523, em 2524, em 2525, em 2526, em 2527, em 2528, em 2529, em 2530, em 2531, em 2532, em 2533, em 2534, em 2535, em 2536, em 2537, em 2538, em 2539, em 2540, em 2541, em 2542, em 2543, em 2544, em 2545, em 2546, em 2547, em 2548, em 2549, em 2550, em 2551, em 2552, em 2553, em 2554, em 2555, em 2556, em 2557, em 2558, em 2559, em 2560, em 2561, em 2562, em 2563, em 2564, em 2565, em 2566, em 2567, em 2568, em 2569, em 2570, em 2571, em 2572, em 2573, em 2574, em 2575, em 2576, em 2577, em 2578, em 2579, em 2580, em 2581, em 2582, em 2583, em 2584, em 2585, em 2586, em 2587, em 2588, em 2589, em 2590, em 2591, em 2592, em 2593, em 2594, em 2595, em 2596, em 2597, em 2598, em 2599, em 2600, em 2601, em 2602, em 2603, em 2604, em 2605, em 2606, em 2607, em 2608, em 2609, em 2610, em 2611, em 2612, em 2613, em 2614, em 2615, em 2616, em 2617, em 2618, em 2619, em 2620, em 2621, em 2622, em 2623, em 2624, em 2625, em 2626, em 2627, em 2628, em 2629, em 2630, em 2631, em 2632, em 2633, em 2634, em 2635, em 2636, em 2637, em 2638, em 2639, em 2640, em 2641, em 2642, em 2643, em 2644, em 2645, em 2646, em 2647, em 2648, em 2649, em 2650, em 2651, em 2652, em 2653, em 2654, em 2655, em 2656, em 2657, em 2658, em 2659, em 2660, em 2661, em 2662, em 2663, em 2664, em 2665, em 2666, em 2667, em 2668, em 2669, em 2670, em 2671, em 2672, em 2673, em 2674, em 2675, em 2676, em 2677, em 2678, em 2679, em 2680, em 2681, em 2682, em 2683, em 2684, em 2685, em 2686, em 2687, em 2688, em 2689, em 2690, em 2691, em 2692, em 2693, em 2694, em 2695, em 2696, em 2697, em 2698, em 2699, em 2700, em 2701, em 2702, em 2703, em 2704, em 2705, em 2706, em 2707, em 2708, em 2709, em 2710, em 2711, em 2712, em 2713, em 2714, em 2715, em 2716, em 2717, em 2718, em 2719, em 2720, em 2721, em 2722, em 2723, em 2724, em 2725, em 2726, em 2727, em 2728, em 2729, em 2730, em 2731, em 2732, em 2733, em 2734, em 2735, em 2736, em 2737, em 2738, em 2739, em 2740, em 2741, em 2742, em 2743, em 2744, em 2745, em 2746, em 2747, em 2748, em 2749, em 2750, em 2751, em 2752, em 2753, em 2754, em 2755, em 2756, em 2757, em 2758, em 2759, em 2760, em 2761, em 2762, em 2763, em 2764, em 2765, em 2766, em 2767, em 2768, em 2769, em 2770, em 2771, em 2772, em 2773, em 2774, em 2775, em 2776, em 2777, em 2778, em 2779, em 2780, em 2781, em 2782, em 2783, em 2784, em 2785, em 2786, em 2787, em 2788, em 2789, em 2790, em 2791, em 2792, em 2793, em 2794, em 2795, em 2796, em 2797, em 2798, em 2799, em 2800, em 2801, em 2802, em 2803, em 2804, em 2805, em 2806, em 2807, em 2808, em 2809, em 2810, em 2811, em 2812, em 2813, em 2814, em 2815, em 2816, em 2817, em 2818, em 2819, em 2820, em 2821, em 2822, em 2823, em 2824, em 2825, em 2826, em 2827, em 2828, em 2829, em 2830, em 2831, em 2832, em 2833, em 2834, em 2835, em 2836, em 2837, em 2838, em 2839, em 2840, em 2841, em 2842, em 2843, em 2844, em 2845, em 2846, em 2847, em 2848, em 2849, em 2850, em 2851, em 2852, em 2853, em 2854, em 2855, em 2856, em 2857, em 2858, em 2859, em 2860, em 2861, em 2862, em 2863, em 2864, em 2865, em 2866, em 2867, em 2868, em 2869, em 2870, em 2871, em 2872, em 2873, em 2874, em 2875, em 2876, em 2877, em 2878, em 2879, em 2880, em 2881, em 2882, em 2883, em 2884, em 2885, em 2886, em 2887, em 2888, em 2889, em 2890, em 2891, em 2892, em 2893, em 2894, em 2895, em 2896, em 2897, em 2898, em 2899, em 2900, em 2901, em 2902, em 2903, em 2904, em 2905, em 2906, em 2907, em 2908, em 2909, em 2910, em 2911, em 2912, em 2913, em 2914, em 2915, em 2916, em 2917, em 2918, em 2919, em 2920, em 2921, em 2922, em 2923, em 2924, em 2925, em 2926, em 2927, em 2928, em 2929, em 2930, em 2931, em 2932, em 2933, em 2934, em 2935, em 2936, em 2937, em 2938, em 2939, em 2940, em 2941, em 2942, em 2943, em 2944, em 2945, em 2946, em 2947, em 2948, em 2949, em 2950, em 2951, em 2952, em 2953, em 2954, em 2955, em 2956, em 2957, em 2958, em 2959, em 2960, em 2961, em 2962, em 2963, em 2964, em 2965, em 2966, em 2967, em 2968, em 2969, em 2970, em 2971, em 2972, em 2973, em 2974, em 2975, em 2976, em 2977, em 2978, em 2979, em 2980, em 2981, em 2982, em 2983, em 2984, em 2985, em 2986, em 2987, em 2988, em 2989, em 2990, em 2991, em 2992, em 2993, em 2994, em 2995, em 2996, em 2997, em 2998, em 2999, em 3000, em 3001, em 3002, em 3003, em 3004, em 3005, em 3006, em 3007, em 3008, em 3009, em 3010, em 3011, em 3012, em 3013, em 3014, em 3015, em 3016, em 3017, em 3018, em 3019, em 3020, em 3021, em 3022, em 3023, em 3024, em 3025, em 3026, em 3027, em 3028, em 3029, em 3030, em 3031, em 3032, em 3033, em 3034, em 3035, em 3036, em 3037, em 3038, em 3039, em 3040, em 3041, em 3042, em 3043, em 3044, em 3045, em 3046, em 3047, em 3048, em 3049, em 3050, em 3051, em 3052, em 3053, em 3054, em 3055, em 3056, em 3057, em 3058, em 3059, em 3060, em 3061, em 3062, em 3063, em 3064, em 3065, em 3066, em 3067, em 3068, em 3069, em 3070, em 3071, em 3072, em 3073, em 3074, em 3075, em 3076, em 3077, em 3078, em 3079, em 3080, em 3081, em 3082, em 3083, em 3084, em 3085, em 3086, em 3087, em 3088, em 3089, em 3090, em 3091, em 3092, em 3093, em 3094, em 3095, em 3096, em 3097, em 3098, em 3099, em 3100, em 3101, em 3102, em 3103, em 3104, em 3105, em 3106, em 3107, em 3108, em 3109, em 3110, em 3111, em 3112, em 3113, em 3114, em 3115, em 3116, em 3117, em 3118, em 3119, em 3120, em 3121, em 3122, em 3123, em 3124, em 3125, em 3126, em 3127, em 3128, em 3129, em 3130, em 3131, em 3132, em 3133, em 3134, em 3135, em 3136, em 3137, em 3138, em 3139, em 3140, em 3141, em 3142, em 3143, em 3144, em 3145, em 3146, em 3147, em 3148, em 3149, em 3150, em 3151, em 3152, em 3153, em 3154, em 3155, em 3156, em 3157, em 3158, em 3159, em 3160, em 3161, em 3162, em 3163, em 3164, em 3165, em 3166, em 3167, em 3168, em 3169, em 3170, em 3171, em 3172, em 3173, em 3174, em 3175, em 3176, em 3177, em 3178, em 3179, em 3180, em 3181, em 3182, em 3183, em 3184, em 3185, em 3186, em 3187, em 3188, em 3189, em 3190, em 3191, em 3192, em 3193, em 3194, em 3195, em 3196, em 3197, em 3198, em 3199, em 3200, em 3201, em 3202, em 3203, em 3204, em 3205, em 3206, em 3207, em 3208, em 3209, em 3210, em 3211, em 3212, em 3213, em 3214, em 3215, em 3216, em 3217, em 3218, em 3219, em 3220, em 3221, em 3222, em 3223, em 3224, em 3225, em 3226, em 3227, em 3228, em 3229, em 3230, em 3231, em 3232, em 3233, em 3234, em 3235, em 3236, em 3237, em 3238, em 3239, em 3240, em 3241, em 3242, em 3243, em 3244, em 3245, em 3246, em 3247, em 3248, em 3249, em 3250, em 3251, em 3252, em 3253, em 3254, em 3255, em 3256, em 3257, em 3258, em 3259, em 3260, em 3261, em 3262, em 3263, em 3264, em 3265, em 3266, em 3267, em 3268, em 3269, em 3270, em 3271, em 3272, em 3273, em 3274, em 3275, em 3276, em 3277, em 3278, em 3279, em 3280, em 3281, em 3282, em 3283, em 3284, em 3285, em 3286, em 3287, em 3288, em 3289, em 3290, em 3291, em 3292, em 3293, em 3294, em 3295, em 3296, em 3297, em 3298, em 3299, em 3300, em 3301, em 3302, em 3303, em 3304, em 3305, em 3306, em 3307, em 3308, em 3309, em 3310, em 3311, em 3312, em 3313, em 3314, em 3315, em 3316, em 3317, em 3318, em 3319, em 3320, em 3321, em 3322, em 3323, em 3324, em 3325, em 3326, em 3327, em 3328, em 3329, em 3330, em 3331, em 3332, em 3333, em 3334, em 3335, em 3336, em 3337, em 3338, em 3339, em 3340, em 3341, em 3342, em 3343, em 3344, em 3345, em 3346, em 3347, em 3348, em 3349, em 3350, em 3351, em 3352, em 3353, em 3354, em 3355, em 3356, em 3357, em 3358, em 3359, em 3360, em 3361, em 3362, em 3363, em 3364, em 3365, em 3366, em 3367, em 3368, em 3369, em 3370, em 3371, em 3372, em 3373, em 3374, em 3375, em 3376, em 3377, em 3378, em 3379, em 3380, em 3381, em 3382, em 3383, em 3384, em 3385, em 3386, em 3387, em 3388, em 3389, em 3390, em 3391, em 3392, em 3393, em 3394, em 3395, em 3396, em 3397, em 3398, em 3399, em 3400, em 3401, em 3402, em 3403, em 3404, em 3405, em 3406, em 3407, em 3408, em 3409, em 3410, em 3411, em 3412, em 3413, em 3414, em 3415, em 3416, em 3417, em 3418, em 3419, em 3420, em 3421, em 3422, em 3423, em 3424, em 3425, em 3426, em 3427, em 3428, em 3429, em 3430, em 3431, em 3432, em 3433, em 3434, em 3435, em 3436, em 3437, em 3438, em 3439, em 3440, em 3441, em 3442, em 3443, em 3444, em 3445, em 3446, em 3447, em 3448, em 3449, em 3450, em 3451, em 3452, em 3453, em 3454, em 3455, em 3456, em 3457, em 3458, em 3459, em 3460, em 3461, em 3462, em 3463, em 3464, em 3465, em 3466, em 3467, em 3468, em 3469, em 3470, em 3471, em 3472, em 3473, em 34



SALA DE JANTAR "ADAMS"

Ornamentada com sobriedade, esta sala de jantar apresenta entretanto um aspecto luxuoso e elegante, merecendo ser aproveitada em um palacete. O mobiliário é composto de uma mesa oval de pés arqueados, "buffet", cadeiras e sofá estofados a couro claro. A um canto, uma mesa alta serve de aparador para um grande jarro ou outro qualquer objeto ornamental. Cortinas de seda clara completam a decoração do ambiente. Os móveis deverão ser de madeira massiça levemente esculpura, com aplicações de marcheterie.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

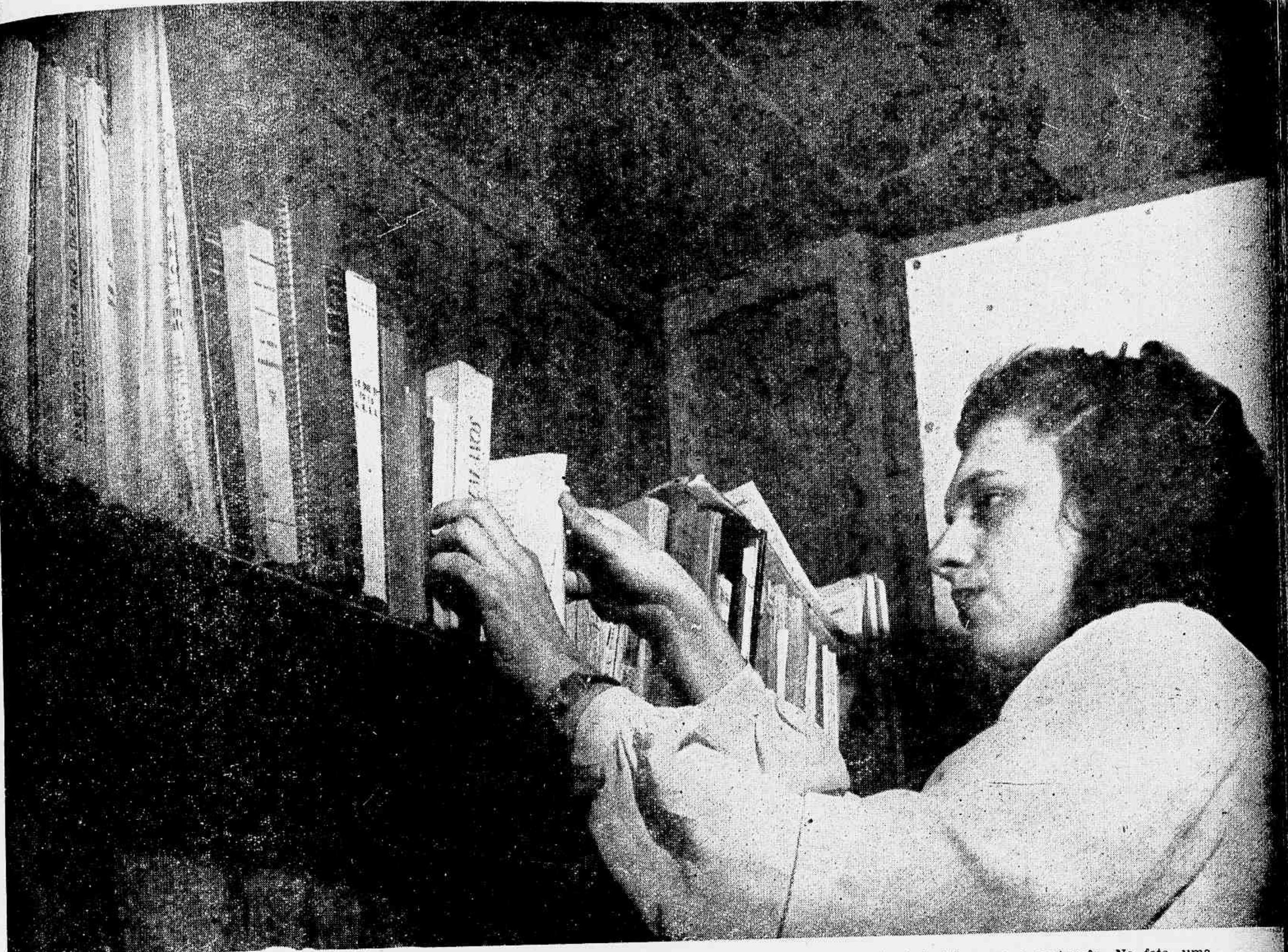
65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Após o cafézinho
um bom cigarro



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz



O número de obras já traduzidas para o Esperanto é vastíssimo. E o esperantista conta com a vantagem de ler autores ainda não traduzidos para o português. Na foto, uma aluna está indecisa entre um romance de H. G. Wells e um livro de poemas de Julio Baghy. Poesias de Olavo Bilac correm o mundo inteiro graças a essa língua internacional.

— O esperanto para mim não é uma panacéia. Embora sabendo que a pluralidade linguística não é a causa única das guerras, é fora de dúvida que a multiplicidade de idiomas, definidores de fronteiras e geradores daquilo a que Voltaire chamou "o sentimento mais egoísta", o nacionalismo, é portanto, um grande fator indireto das guerras. E enquanto nos mostrava a enorme correspondência recebida diariamente dos mais distantes países, como da Holanda, Noruega, Austrália e China, continuou a manifestar seu exaltado sentimento de fraternidade universal.

— Destruamos, pois, as fronteiras linguísticas se quisermos estabelecer a paz no mundo! De posse da língua comum poderemos dizer como Diógenes: "Somos cidadãos do Universo".

OS OBREIROS DA PAZ UNIVERSAL

Os alunos do professor Roberto Neves têm, em geral, os sentimentos de fraternidade e comunhão professados pelo mestre, embora nem sempre manifestados tão ardorosamente. Ali encontramos operários, médicos, advogados, professores, estudantes, de crenças políticas e religiosas as mais diversas alguns até sem religião alguma. Maçons, espíritas, comunistas e democratas, indiferentes a tudo o mais que não seja o ideal que os levava ali. O curso dura 3 meses e até mesmo analfabetos, dentro de um prazo naturalmente maior, podem se tornar esperantistas. Depois do primeiro mês já se comunicam com pessoas de terras as mais distantes, falando as mais estranhas línguas, graças ao idioma auxiliar em que se compreendem perfeitamente. Muitos esperantistas se tornam filatelistas e vice-versa pois nada mais fácil que enriquecer uma coleção de selos do que se utilizando daqueles amigos "samideanos" de além mares. Vimos cartas de rapazes noruegueses contando as dificuldades em que se encontra o seu país atualmente, missivas de namoro que nascem através das cartas e dos retratos trocados posteriormente, resultando às vezes um bom casamento, o que já tem acontecido, conforme relataremos mais adiante.

NAMORO E XADRÊS

Antes de tudo devemos explicar que esse jogo de palavras foi mera coincidência. Namoro é namoro mesmo e "xadrês" refere-se ao jogo de tabuleiro e não à casa correccional.

Erna Grell, paulista de nascimento, não podendo viajar pelos países que desejava conhecer resolveu comunicar-se com os habitantes de outras terras. Ainda está cursando as aulas de esperanto mais já conquistou nada menos de dois namorados. Um, na Noruega e outro, na Suécia. Dick Devente, o holandês, depois de um curto namoro epistolar, fez-lhe uma confissão dolorosíssima: arranhou uma

noíva em Amsterdam e vai casar-se. Para curar-se desta máguia Erna não perdeu tempo e conquistou o norueguês Nils Utne.

Com esse a coisa parece que vai. Diz-nos a esperantista:

— Faz-me cada declaração de amor!...
— Expressões ardentes? — perguntamos.
— Na última carta disse-me: "Vi estas mia polusa auroro" o que quer dizer, "você é minha aurora boreal"...

Verdadeiramente o amor era forte, em que pese a frieza da comparação.

Othon Crespo Nunes, o secretário do Clube, que é amante do xadrês, está travando partidas desse jogo por meio de correspondência em esperanto com vários países da Europa.

Já venceu um seu colega holandês, na décima quinta jogada, perdeu para um conterrâneo de Alekine e acaba de dar um "xeque-mate" em um colega de Sidney. Recordes que muitos enxadristas invejarão e que no entanto, todos poderão obter, utilizando-se da língua internacional.

— As rotas aéreas transcontinentais estão novamente tão regulares — diz-nos Othon — que é mais rápido jogar-se por correspondência com um parceiro da Austrália do que com um conterrâneo de São João del-Rei.

CASAMENTOS POR CORRESPONDENCIA

Muitas vezes os namoros iniciados pelas cartas, como o caso de Erna Grell, acabam mesmo em casamento. Isso por pessoas que nunca se viram, a não ser pelos retratos trocados posteriormente. Foi o que aconteceu com o senhor Marques do Couto, do Rio de Janeiro, que se correspondia com a senhora — senhorita naquele tempo — Bijleveld, da Holanda. Pelas cartas notaram ambos a identidade de gostos, temperamentos e hábitos. Veio o pedido textual: "Ou vi volas geedelgi kun mi?" (Você quer casar-se comigo?) — Ao que a atual Mme. Couto teria respondido: "Si, mi amas vin", o que quer dizer: "Sim, eu te amo". Daí nasceu o casamento, aqui no Rio, semanas depois de ter a senhorita Bijleveld desembarcado em nossa cidade. Hoje o casal reside numa tranquila rua de Santa Tereza, onde a língua semi-oficial em casa ainda é o Esperanto. Outro exemplo, este mais recente. A senhorita Ruth Molines, sueca de nascimento, mas residente há vários anos no Rio, vai se casar com o professor Sidney Culbert, da Universidade de Washington, nos Estados Unidos, depois de um amor todo tecido através de cartas em esperanto.

Ao que parece a senhorita Ruth irá brevemente para a América do Norte, desembarcando em Nova York, onde a estará esperando não só o seu futuro marido, como



Um aspecto da reunião semanal do Esperanto-Klubo, presidida pelo professor Roberto das Neves. Democratas, comunistas, ateus, espíritas e católicos são irmanados pelo ideal comum. "A tarefa do Esperanto será mais eficaz do que todas as diplomacias" — profetizou Romain Rolland.



Ava Gardner, a pequena que Mickey Rooney teve o mau gosto de passar adiante... Ela é hoje a senhora Artie Shaw (que já foi marido de Lana Turner e tem não só talento para reger orquestras, mas olho para escolher pequenas bonitas...).

HOLLYWOOD, outubro — Ava Gardner foi a primeira esposa de Mickey Rooney... O famoso Andy Hardy conheceu-a ainda corista, foi seu marido alguns meses e, depois, passou-a adiante... Hoje, ela é a senhora Artie Shaw e uma atriz de grandes qualidades. Eu se fosse Mickey Rooney, estaria arrependidíssimo...

Ava Gardner, que está muito... mas muito mesmo, costumava ficar muito aborrecida quando as pessoas que a ouviam zombavam do seu sotaque acentuadamente sulista. Por isso mesmo lutou para corrigir a sua pronúncia. E graças a isso foi que ela se habituou a conquistar os seus últimos sucessos no cinema. Ainda há pouco a vimos com George Raft, em "Por causa de uma mulher", vem de desempenhar um papel que é o ponto mais alto da sua carreira artística em "assassinos" (The killers), com Lancaster e Edmond O'Brien. Ava Gardner nasceu em Smithfield, uma pequenidade à leste do Estado de Ca-

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

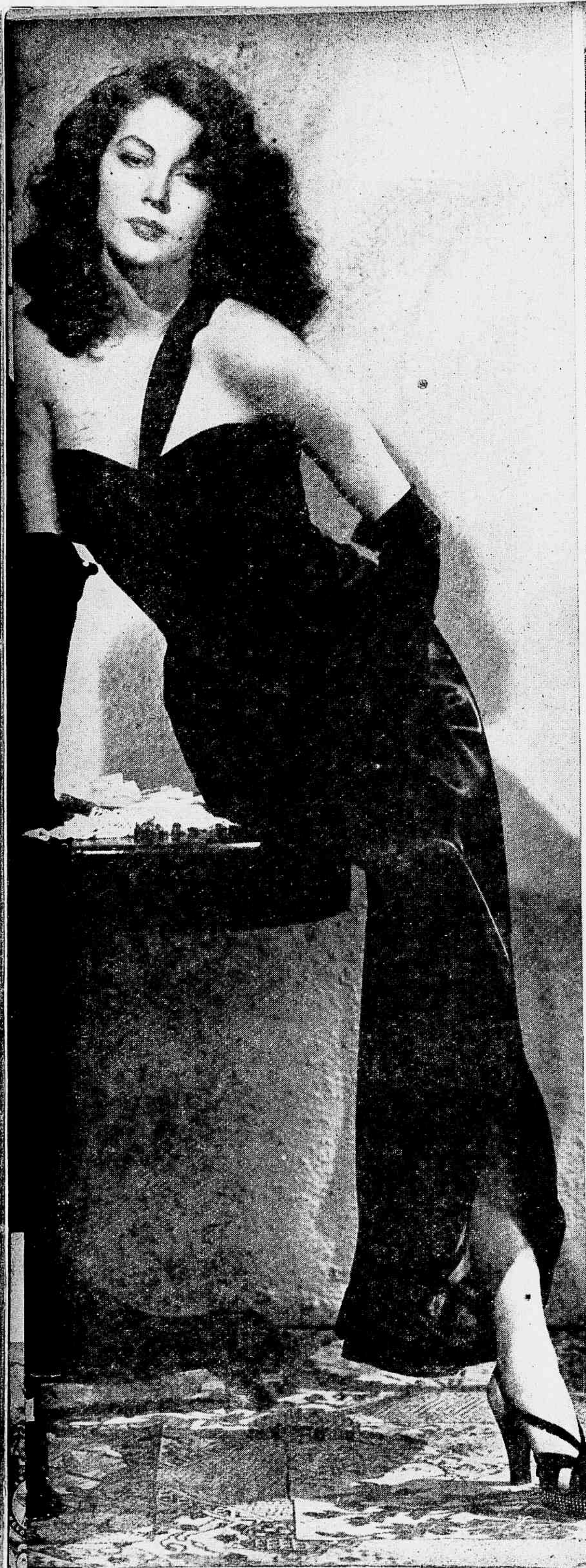
Ava Gardner, a pequena que Mickey Rooney passou adiante... — Um pouco da sua vida...

Por LUIS SERRANO

(Nosso correspondente especial em Hollywood)

rolina do Norte, onde seu pai, já falecido, era um próspero fazendeiro. Ava é a caçula das cinco filhas do casal. Sua mãe vive atualmente em Carolina do Norte em companhia de um filho e de três filhas. A irmã mais velha da "estrela" chama-se Beatrice e fixou residência em Hollywood. É a ela que Ava se dirige quando está precisando de um bom conselho... São muito amigas e podemos dizer que a artista deve à irmã a oportunidade de ter entrada para o cinema. Beatrice se casara com um fotógrafo teatral de Nova York, chamado Tarr.

Ora, mais do que natural era que ele se propusesse a tirar o retrato da sua cunhada Ava por ocasião da primeira visita que esta fez ao casal. E mais natural ainda era que a fotografia chamasse a atenção do pessoal do teatro em que trabalhava Tarr. Todos que a viam queriam logo saber alguma coisa sobre a vida daquela jovem bonita e, sobretudo, muito fotogênica...



Ava Gardner numa pose volutuosa, em vestido de baile, e uma atitude inocente, em suéter e "short". Depois de "Tudo por uma mulher" (Whistle Stop), ela ficou sendo considerada uma das mais novas "estrelas" de Hollywood.



Em cima: Ava Gardner e seu novo galã, o novato Burt Lancaster, que acaba de ser descoberto pelo produtor Mark Hellinger, da Universal Pictures. Em baixo, a ex-esposa de Mickey Rooney, num interessante instante, enrodilhada sobre uma cadeira.

E uma vez que um descobridor de talentos teve a oportunidade de ver a sua fotografia não hesitou em procurá-la para uma entrevista. A aparência pessoal de Ava condissse com a impressão que ele tivera ao ver o seu retrato. Deu-lhe, então, o trecho de um manuscrito para ler. Mas a horrôsa pronúncia da candidata quase que estragou tudo. Impressionado, porém, com a sua beleza o representante de Hollywood pediu-lhe que aprimorasse a sua dicção e voltasse. Foi então que Ava confessou que o seu péssimo modo de falar chegava a prejudicar até a sua vida social.

— Tenho que estar sempre repetindo o que digo, acrescentou ela. E quando eu abro a boca para falar todos que me ouvem começam logo a rir. Por isso é que eu me limito a dizer apenas o que é estritamente necessário. Acho que vou acabar virando estátua...

Acertando o conselho do técnico que a entrevistou, Ava Gardner passou a frequentar um curso de prosódia. E o resultado foi surpreendente. Quando o seu professor de dicção disse que a sua pronúncia estava excelente, ela procurou falar com o mesmo agente de Hollywood e desta vez os "letras" cinematográficos foram satisfatórios. Ava firmou logo um contrato com a Metro-Goldwyn-Mayer e o seu primeiro filme foi "Tu és a única" (We were dancing) no qual teve um pequeno papel ao lado de Norma Shearer. Depois, desempenhou papéis mais importantes em "Masie gesto Reno", "Ela foi às corridas", e outros. Mas o filme que firmou o seu nome como "estrela" de primeira grandeza foi "Tudo por uma mulher".

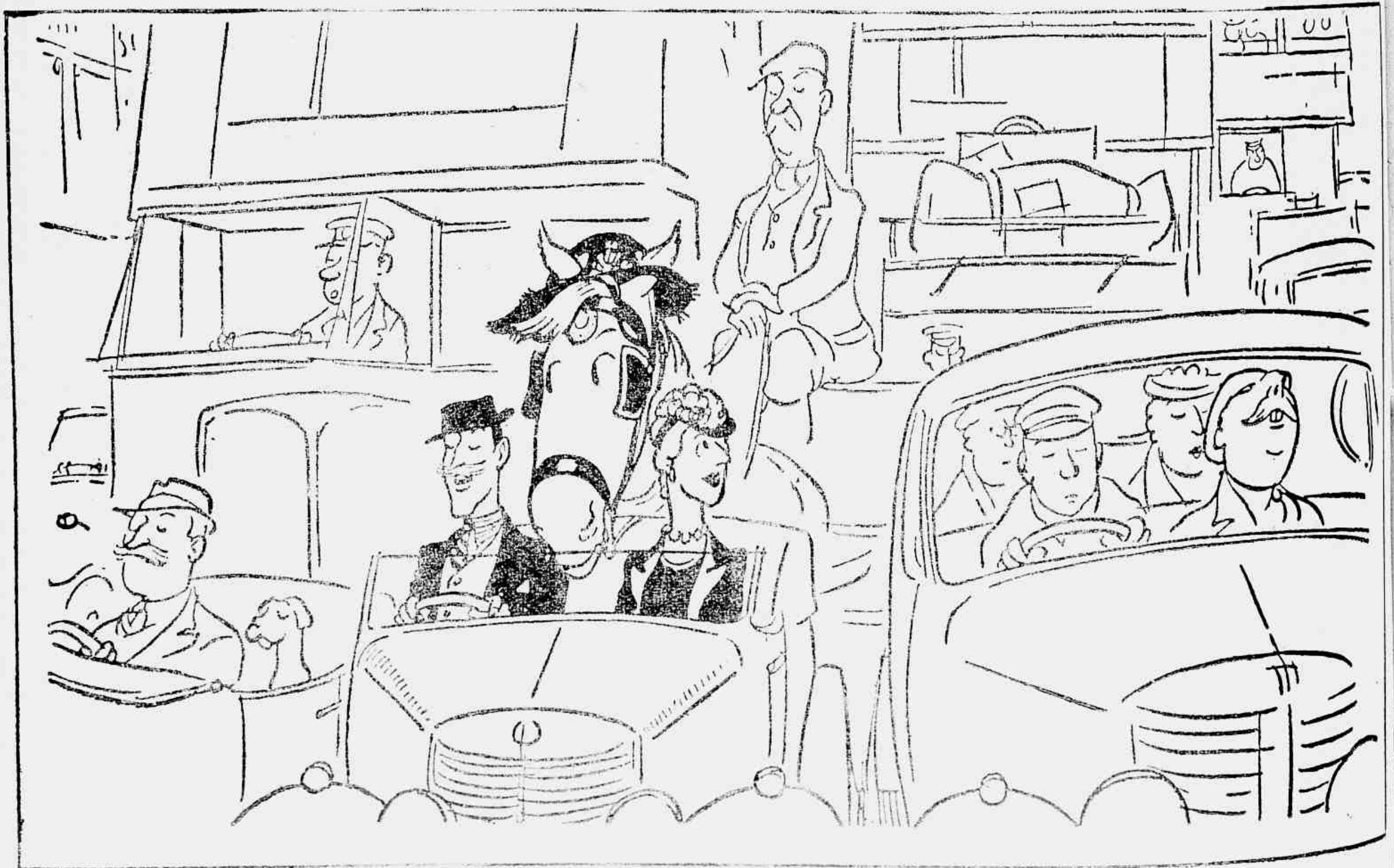
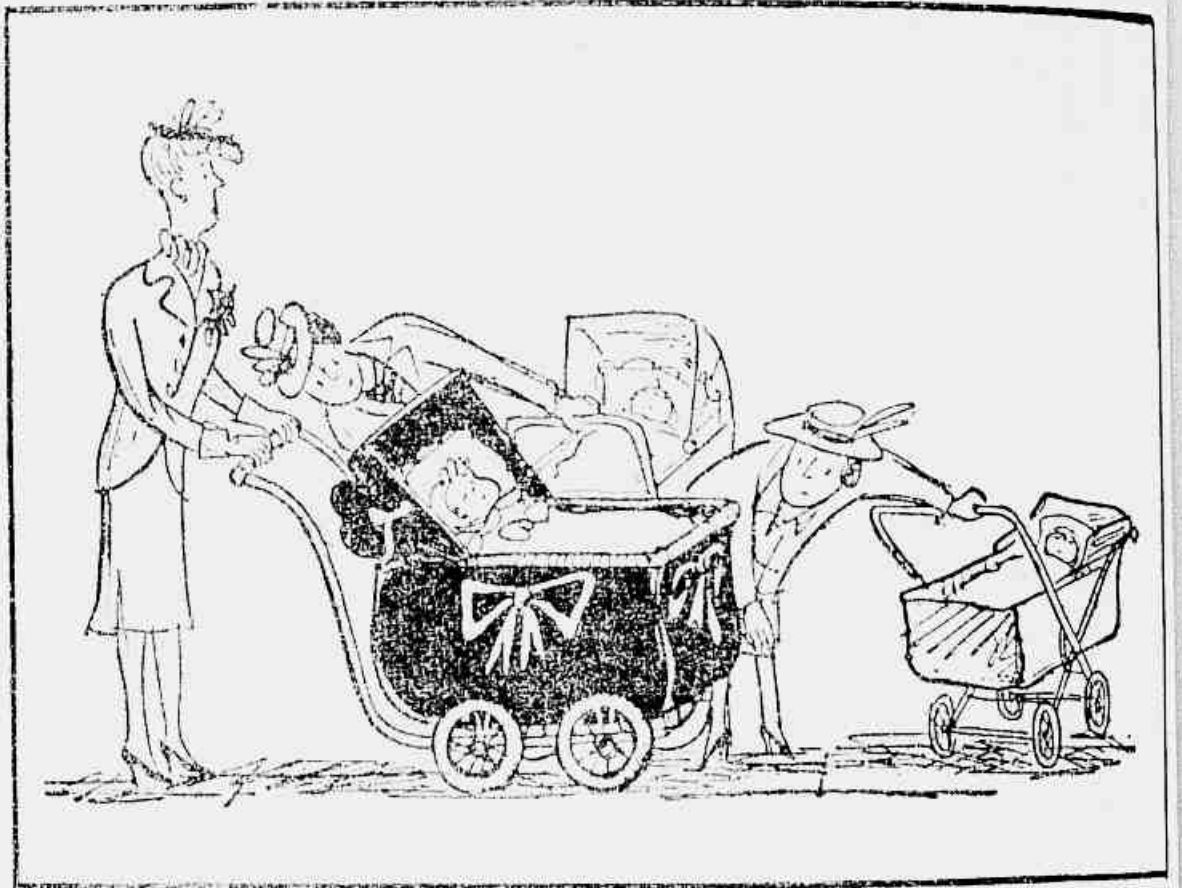
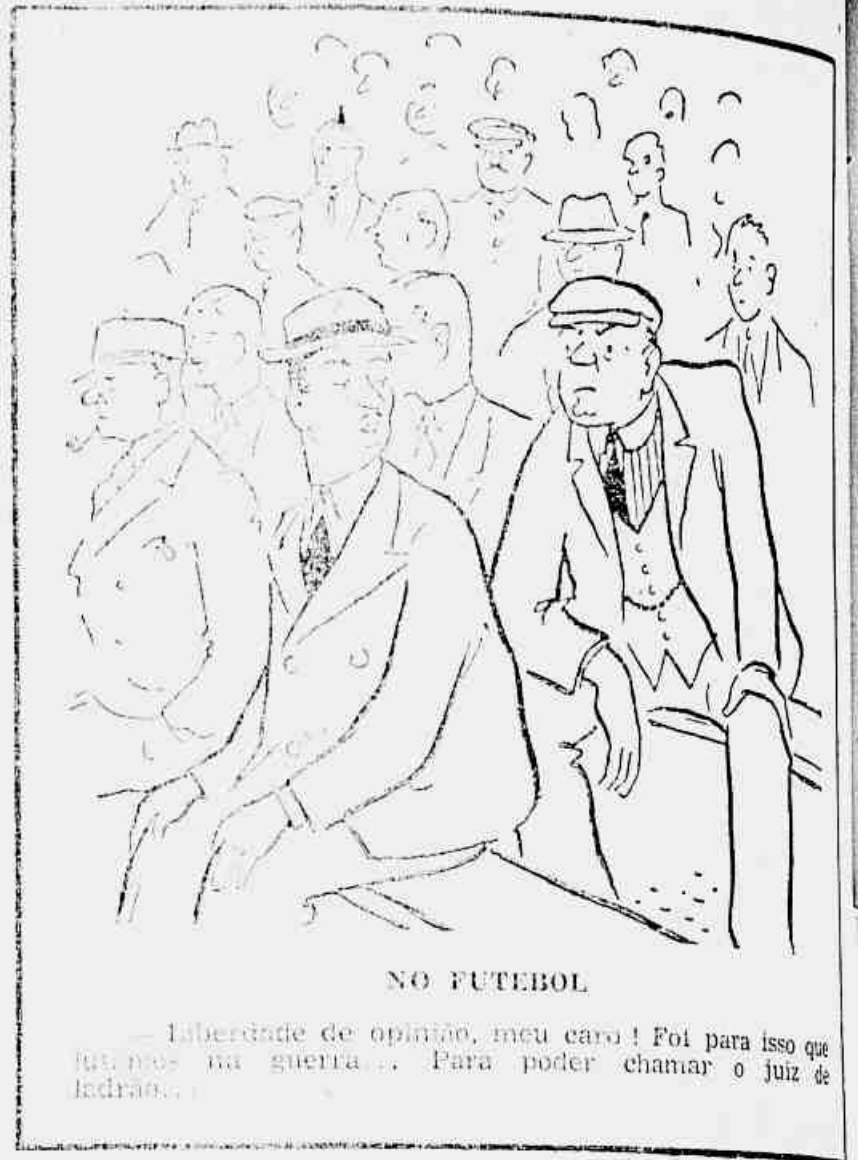
Antes de fazer aquela feliz visita a Beatrice em Hollywood — visita que lhe deu oportunidade de ficar de uma vez por todas na capital do cinema — Ava já havia feito o curso primário em Smithfield e o secundário no Colégio Newport News, na Virginia e no Atlantic Christian College, em Wilson, na Carolina do Norte.

Em 1942 Ava Gardner casou-se com Mickey Rooney, mas depois de um ano tudo terminou com um divórcio. O seu marido atual é o maestro Artie Shaw e sabe-se que o casal é um dos mais felizes de Hollywood. Quando não está trabalhando nos estúdios a jovem "estrela" concentra a sua atenção nos acontecimentos mundiais mais importantes. Podemos afirmar, portanto, que Ava Gardner é uma das "estrelas" mais bem informadas sobre os eventos mais significativos para a história da humanidade na era da bomba atômica... Talvez porque muitos a considerem também uma verdadeira de carne e osso!



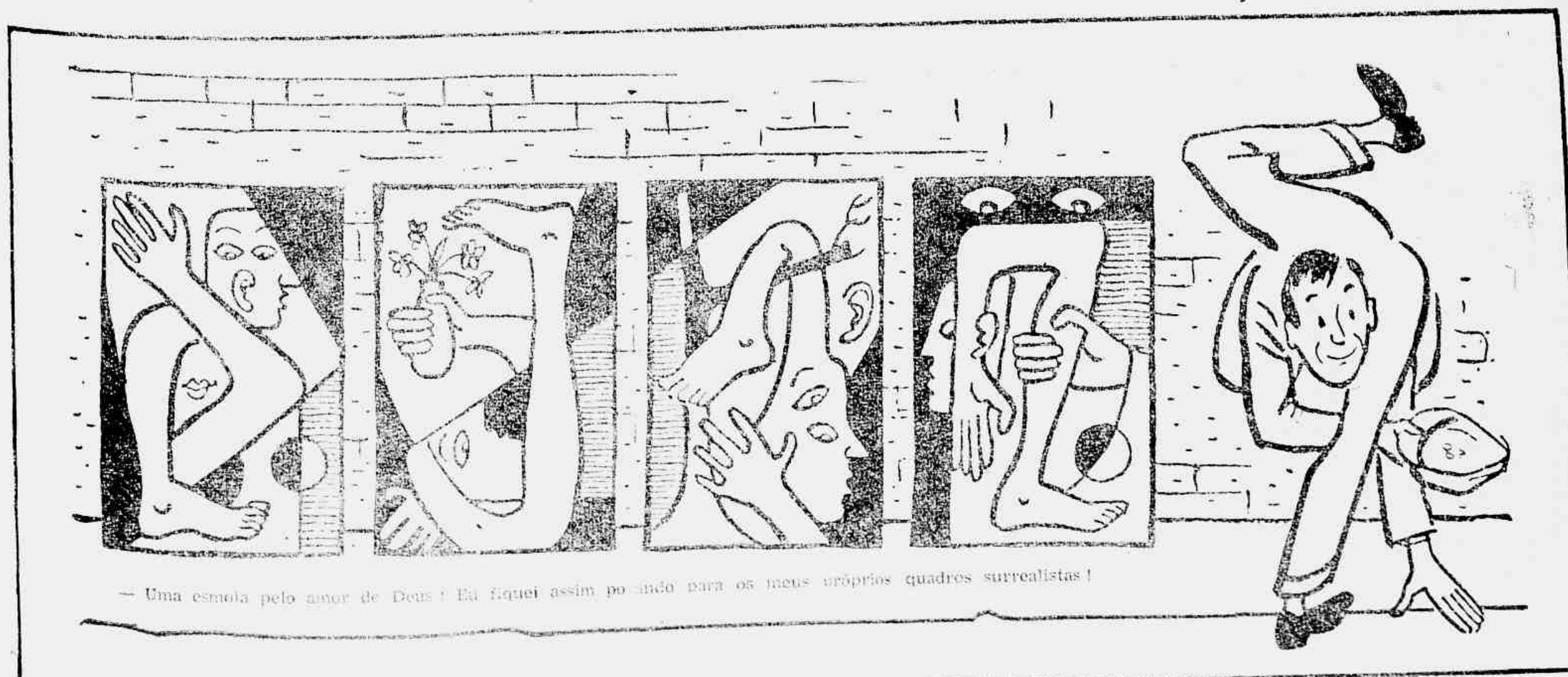
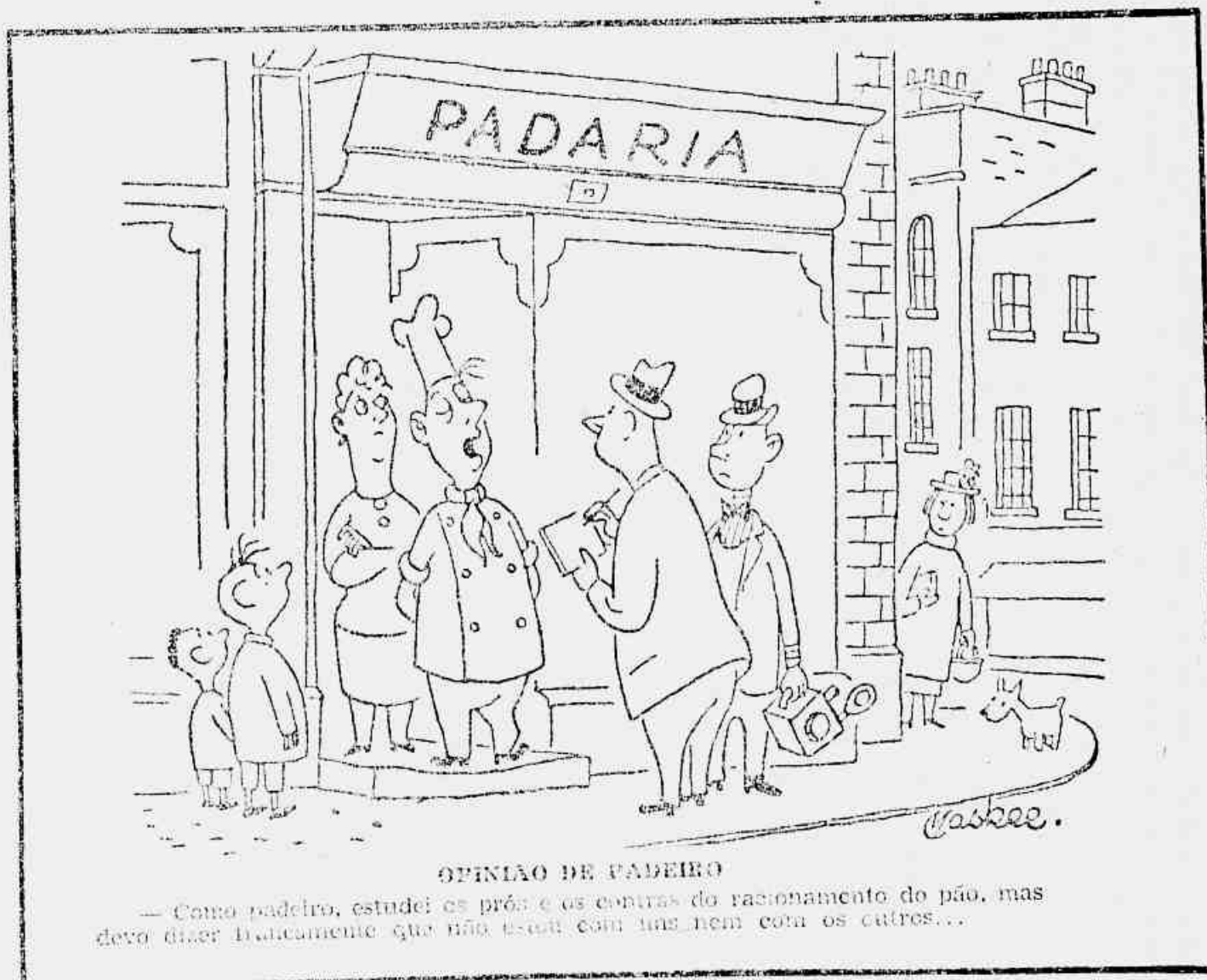
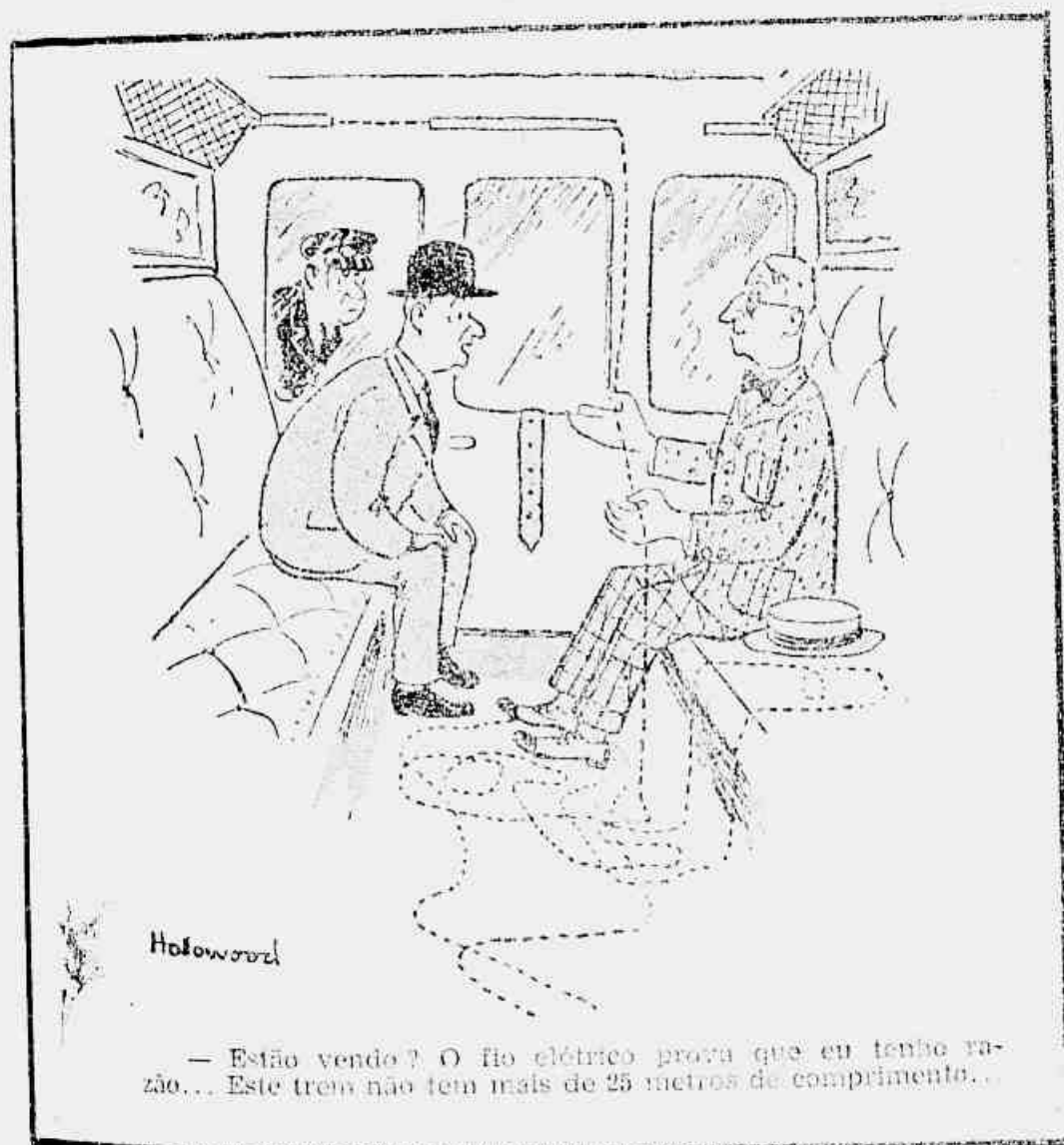


B O M H U M O R





NA CÔRTE DE NERO — Alô, querida! Já vai outra vez às compras?





as dois retratos

Salvador 946

Premiado no concurso per-
manente da REVISTA

Conto de ANA MARIA SUSSEKIND DE MENDONÇA * Ilustração de ABELARDO ZALUAR

SERÁ que teria coragem para entrar lá? Mesmo sabendo que iria sofrer? Será? Não era o lugar, propriamente, que me aterrorizava, mas sim as recordações que ele provocaria... Finalmente, entrei.

Que poderia acontecer, ao se entrar num antigo colégio? Para ser franca, senti até um certo prazer ao transpor aquelas portas tão conhecidas e tão amadas. Tudo estava certo, mas eu podia ouvir o som de vozes e gargalhadas de minhas antigas colegas. Apesar do enorme campo de recreio estar com a grama crescida e descuidada, eu podia ver as crianças brincando nele. Insensivelmente, fui caminhando para a sala de aula que costumava ser a minha.

Supreendi-me ao vê-la cheia de moças. Não pude compreender logo. Depois de algum esforço, reparei que chegara até lá sonhando e recordando o passado. Resolvi não interromper o curso dos meus pensamentos, apesar de sentir que iria sofrer. Deixei-me levar pelas recordações como se estivesse numa viagem mórbida.

Lá estavam elas; iguaisinhas ao que eram. Senti-me, então, como se estivesse iniciando um novo período de aulas. Qual seria o ano? Não importa. O tempo é fator secundário nessas espécies de viagens... Só me recordo que alguma coisa impressionante e de grande importância para mim, aconteceu naquele ano. Alguma coisa que viria transformar toda minha vida, futuramente. Ainda uma vez mais, não fiz esforço para voltar a realidade. Os fatos começaram a se desenrolar na minha memória, como num filme. Minha viagem mórbida continuava...

O meu maior desejo sempre foi o de ter uma amiga que me compreendesse. Nunca consegui arranjá-la. Também, o que procurava era muito difícil. Se o meu problema se limitasse ao fato de procurar uma amiga, seria logo facilmente resolvido. Mas eu queria uma que me compreendesse. Isso é que era o x da questão. Ninguém parecia entender-me. Minhas colegas apreciavam-me, mas de

um certo modo. Como era mesino o qualificativo que me davam? Ah! já sei — excêntrica. Sim, consideravam-me excêntrica. E elas tinham razão. Se tentavam conversar comigo, eu quase não falava. Se me convidavam para jogar qualquer coisa, arranjava um pretexto para desatender. De fato, eu era excêntrica. No entanto, eu as achava bonais, comuns, terrivelmente vulgares.

Já que parecia não haver uma pessoa, como eu queria, comeci a idealizá-la. Acostumei-me tanto com a sua imagem, que chegava até a manter longas conversas com ela. Era perfeita esta minha amiga imaginária! E como me compreendia bem. (Se até então era excêntrica, para minhas colegas, passei a ser maluca).

A verdade, porém, é que nunca deixei completamente de desejar uma amiga de carne e osso, pois às vezes minha imaginação esgotava-se e eu, forçosamente, cansava-me de falar sózinha...

Foi então que a personificação de minha amiga imaginária, surgiu. Antes nunca tivesse aparecido... Não tiremos conclusões precipitadas. Primeiro, apresentá-la-ei. Jean era o seu nome. Quem convivesse com ela, por pouco tempo que fosse haveria de se sentir cativo. Era como se dela se desprendesse uma poderosa força magnética. Não posso calcular como uma criaturinha de quinze anos fosse capaz de encerrar tanta perfeição! E' difícil descrever Jean. As palavras são suficientes para desenhar-lhe os traços mas nunca a personalidade. Apesar de nascida aqui, Jean era anglo-americana por parte dos pais. Alta e loura. Suas feições eram bem delineadas, não apresentando nada de extraordinário. O que deslumbrava, no entanto, era o olhar vivo e penetrante. Nunca vi olhos assim! Eram extremamente azuis. Isso já predispunha a admirá-los, mas fosse qual fosse a cor, seus olhos insinuavam-se pelo intenso brilho, parecendo iluminados por uma luz interior. Neles estavam todo o seu encanto, que se revelava a todo momento, principalmente quando ela ria ou quando divagava. Quando falava, eles refletiam e transmitiam o significado

das palavras de uma maneira incomparável! O inglês de Jean era outra coisa que me empolgava! O verdadeiro sotaque britânico, herdado do pai, atenuado e suavizado pelo americano da mãe.

Quando Jean chegou ao colégio ninguém mais reparou nela a não ser eu. Logo que a vi, foi como se minha amiga imaginária tivesse resolvido transformar-se em gente humana.

Cada dia que passava, eu descobria uma nova Jean, tal era a grande variedade de assuntos sobre que ela me falava! As suas predileções definiam-se bem o caráter. Adorava cavalos e aviões. Estes eram os assuntos principais. Os problemas do espírito, a psicologia, empolgavam-na. Comprazia em adivinhar o caráter pelas fisionomias, pelos gestos, sem mesmo conhecer as pessoas. Quase sempre, acertava. A música era seu passatempo preferido. Desde quando tinha quatro anos, aprendeu a dançar de um modo deliciosamente espontâneo. Inventava os passos na hora em que dançava, ouvindo a música pela primeira vez.

Sem dúvida alguma, Jean era um espécime raro. Naquele tempo apenas entusiasmei-me.

A medida que ia conhecendo, meu entusiasmo ia aumentando até chegar ao ponto máximo, para depois transformar-se numa verdadeira adoração. Comecei a ver Jean com os olhos da imaginação. Não conseguia nem pensar noutra coisa. Considerava-a perfeita e tentava por todos os meios testemunhar-lhe minha admiração. Vivia constantemente a cobri-la de elogios e a lhe dar presentes. Pouco a pouco, um sentimento anormal foi se apossando de mim. Não podia afastar-me dela. Queria recobrar, a todo custo, o tempo que a tinha procurado em vão, conservando-me sempre perto dela. A companhia de outras pessoas, até a de meus próprios pais, me era enfadonha e sem

interesse. Era preciso ser Jean, só Jean. Comecei a gravar, inconscientemente, na memória sua fisionomia. Os olhos magníficos sempre abertos e atentos, o riso contagiante de alegria e os movimentos rápidos, para que me acompanhassem quando Jean estivesse ausente. Como é fácil verificar, minha amiga transformou-se numa espécie de terrível obsessão para mim. surgiu depois o ciúme. Queria que Jean só estivesse comigo, só falasse comigo. Para conseguir isto, redobrava os presentes. Com que prazer ela os agradecia e só isso já me contentava! Resolvi, então, escrever um livro sobre Jean e tudo o que ela me contara. Sempre tive vontade de estreitar na literatura, mas nunca conseguia arranjar um motivo que realmente me animasse a fazê-lo. Achei-o em Jean. E assim a idéia do futuro livro veio juntar-se a de Jean, na minha obsessão. Os dois perseguiam-me tenazmente noite e dia.

Que pensaria minha amiga de tudo isto? Desconfiaria ela da intensidade do meu fanatismo? Creio que não. Nada lhe perturbava a calma, tipicamente inglesa. Foi assim que ela recebeu a notícia do meu livro. Eu quase nem podia falar de emoção. Todo o meu corpo vibrava comigo. Jean apenas perguntou-me:

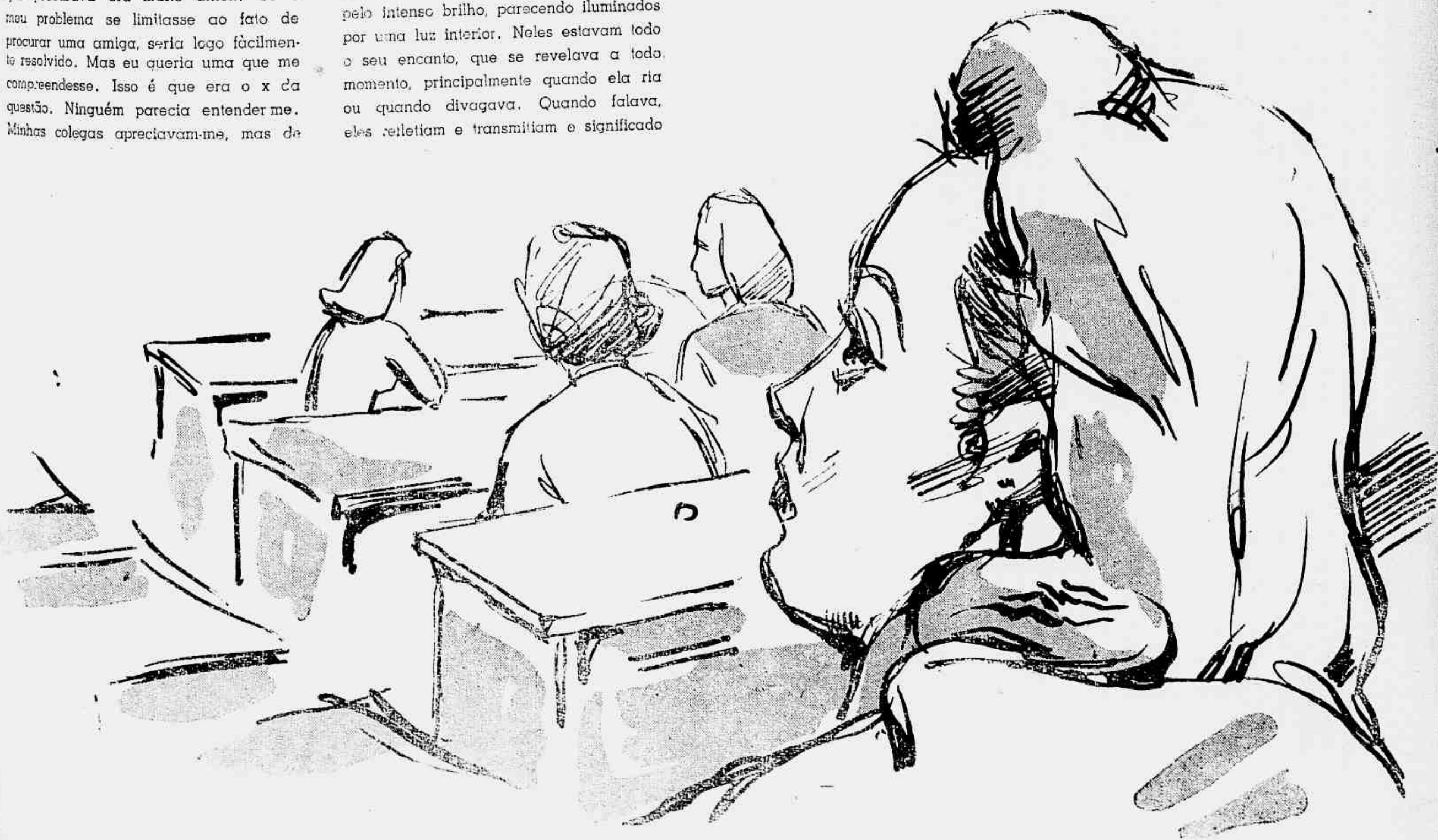
— "Por que me escolheu? O que achou em mim, que possa servir para um livro?"

Respondi-lhe que ela era uma criatura original e que só iria relatar suas peculiaridades. Foi então que aconteceu o que eu nunca pudera prever. Um brilho estranho passou pelos olhos de Jean, dando-lhes uma expressão ferina.

— "Você me acha diferente das outras, por que? Diga por que?"

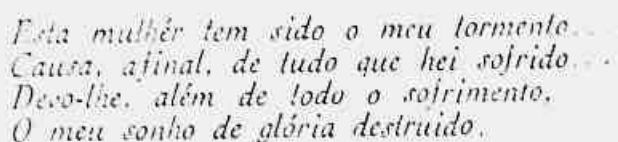
Estas palavras foram ditas tão ásperamente que pareciam chicotadas.

(Continua na página 51)



Livros

Declara-se este poeta admirador arrebatado, verdadeiro adorador de Catullo Cearense que lhe louvou os versos, com extremo entusiasmo misturado de ternura. Nem por isso as duas tendências ou as duas maneiras se assemelham. O Sr. Ribamar Pinheiro não cultiva o regionalismo; segue os rimadores da cidade, da grande cidade; compara-se a Verlaine pelo sofrimento inspirador, traduz Wilde, colhe epígrafas em autores célebres; e não se afasta nunca da linha literária que é a própria individualidade, a verdadeira dignidade do autor. Livro bem trabalhado e em todo simpático. Eis um belo soneto:



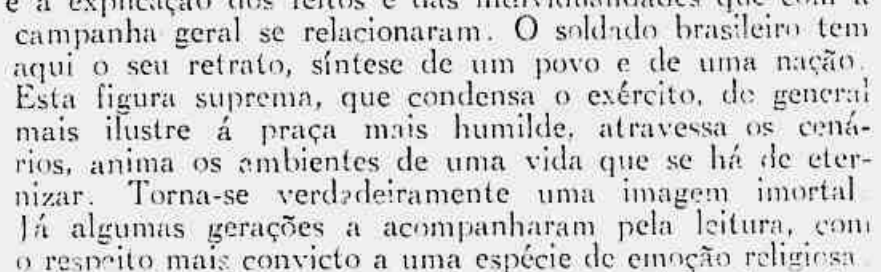
*Esta mulher que, apenas num momento,
Fêz do meu canto um pálido gemido,
Prêso consigo traz meu pensamento,
Traz-me todo a seus pés, como um vencido*

*Mas rendo culto a essa visão formosa,
 Visão que fez de toda a minha vida
 Uma história vulgar e dolorosa.*

*E nesta ansia cruel, que me consome,
Consola-me saber, de alma vencida,
Que ela murmura, ás vezes, o meu nome.*

A RETIRADA DA LAGUNA; narração de guerra por Alfredo de Eschagnolle Taunay, traduzida da quinta edição francesa por Afonso de E. Taunay, da Academia Brasileira de Letras (duodécima edição brasileira) — Edições Melhoramentos — São Paulo, 1946.

A Retirada da Laguna, que as "Edições Melhoramentos" trazem novamente ao mercado de livraria, em volume de duzentas e cinquenta páginas primorosamente realizado, é, em tudo e por tudo, uma obra clássica. Chamou-lhe o autor uma "narrativa cujo único mérito pretende ser o dos factos expostos". Assim se negaria a este "diário escrito em campanha" o valor da exposição e a autoridade do comentário. Desde porém, o primeiro momento, o seu êxito se declarou definitivo, como dos mais amplos e elevados de uma literatura. Tratando um episódio da Guerra do Paraguay, em verdade o livro reflete e condensa todo o acontecimento histórico. Para estas páginas convergem a significação e a explicação dos feitos e das individualidades que com a



Outras a não querer conhecer e a seguirão de página em página, considerando-lhe a buleza, a força e devotamente lhe escutando a sagrada lição. A obra de Taunay viverá em glória e espalhará o seu ensinamento pelos tempos fora, enquanto houver criaturas capazes de admirar e desejosas de aprender.

O ilustre tradutor juntou á undécima edição brasileira — e a esta também, naturalmente — três documentos de alto valor e que grande honra fazem ao autor da *Notícia da Laguna*: a carta de Casias agradecendo-lhe a oferta de um exemplar; a mensagem enviada a Tainay pelos seus

camaradas de armas, quando, em razão de circunstâncias políticas, deixou o serviço do Exército; e a demonstração que centenas de militares pertencentes à guarnição do Rio de Janeiro fizeram ao então major Taunay, louvando a sua acção como membro da Câmara dos Deputados em duas legislaturas. E ainda enriquecem o presente volume numerosos retratos, mapas, esquemas e outras gravuras.

JESUS, O NAZARENO, por Mariluiza — Irmãos Pongetti, editores — *Rio de Janeiro, 1946*

A escritora que adotou o pseudônimo ou a redução de nome "Mariluiza" quiz contar a história do Messias em cerca de cem páginas. Cumpriu essa tarefa com entusiasmo e devoção. Sentiu-se em cada página o labor profundamente sincero de quem, passando por o papel as suas emoções religiosas, considerasse aquilo outra maneira de rezar. Por isso o livro nos prende e à nossa sensibilidade se comunica deliciosamente.

A autora vai tomando os episódios em que se acentua, para a gente de fé essencial e singela, a existência terrena do Salvador. Reconstitue essas cenas, sem em nenhuma



MARILUZA

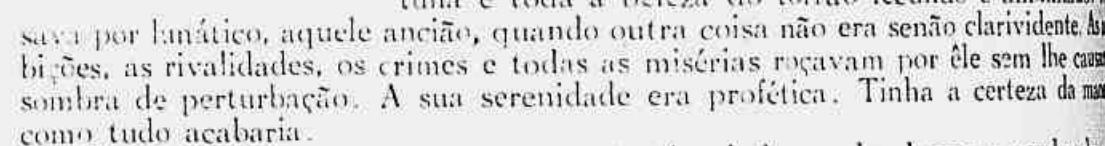
*DISCONTINUED

A QUIMERA DAS SETE VACAS GORDAS, romance de Mário Bernardes Pereira, de Aquilino Ribeiro — Livraria Bertrand — Lisboa, 1946.

E' o sonho da abundancia espontanea e da riqueza fácil do volframio em terras de duas Beiras e de Trás-os-Montes.

Os cariocas hoje septuagenários não de recordar, como espectáculo da primeira mocidade a fantasmagoria do chamado Ensilhamento. Uma epidemia desvarada de incorporações de empresas e cotações de Bolsa se alastrou pelo Brasil, dominada principalmente as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Emitiam-se e negociavam-se, quotas, debêntures como género de primeira necessidade. Constituíam a especulação mais corrente e lucrativa. E por essa ilusão, cujo termo, só os homens de mais refinada experiência e prudentes ao extremo conseguiam enxergar, abandonaram todos os outros interesses; esqueciam-se ocupações da vida inteira e os deveres mais sagrados: faziam-se loucuras; não raro se praticavam verdadeiros delitos. Semelhante fenómeno colectivo se produziu naquela região portuguesa quando o volúmeno

giu da terra onde sempre jazera, desprezado ou ignorado porque ninguém o queria comprar...



Terminada a guerra, apareceu o autêntico balanço dos lucros e perdas do frâncio. Alguns exploradores mais astutos e providentes tinham de fato enriquecido, outros, a maior parte, ou voltavam à cepa torta ou estavam desgraçados. Tudo isto é narrado com a mesma competência e a mesma graça que se encontra em *A Quimera das sete vidas perdidas* observa e comenta, através de um enredo, singelo e agradável, a situação política e econômica do Brasil. O livro, escrito com uma linguagem clara e a um estilo que ora se aformoseia pela pureza da frase ora chama a si, sem excessos, a linguagem popular, é uma obra agradável e interessante. O autor, ao falar, falando aos moços da sua família, dá a lição moral, a fabulação do livro.

REFLEXÕES SOBRE O HOMEM, de Augusto Saraiva — Editora Educação Nacional, Porto, 1946.

O Sr. Augusto Saraiva é um filósofo — moralista da boa escola e é boa mesa. Faz lembrar Gustave le Bon, sem que lhe falte a nota independente, pessoal. Faz das concepções que tanta gente emite com solenidade e que andam na boca de todos, do mesmo modo, por serenidade criadora e sincero escrúpulo, evita o patetismo, mais ou menos forçado e de intenção sobretudo sensacional. E' com prazer e com

que se perdem nas quase trezentas páginas deste livro. Não raro nos damos na leitaria, para bem considerarmos a idéia ou o sentimento e com certa vontade de discuti-la. Alguma coisa, aqui ou além, podemos não aceitar. Mas também alguma coisa nos fica para a guardarmos pessoalmente.

Eis alguns conceitos colhidos no capítulo da *Indústria*.

— Justiça, identidade ideal que referencia a uma diversidade real.

— O terceiro termo entre a identidade e a
chama-se equidade.

— A equidade, perpetuamente move, o que o real comporta e o que o ideal prescreve.

— Só a liberdade, como expressão moral do homem, para formar a justiça, mais do que necessária, possível.

— A verdadeira liberdade ama a justiça como a sua forma. Só na justiça a liberdade pode encontrar o seu estado de vivo e equilíbrio.

— A justiça, de sua índole inerte e sonolenta, móvel e activa sob o influxo da liberdade.

rdade, mais, às vezes, que a própria liberdade, tem

— Com tal fervor a liberdade ama a justiça, que, às vezes, lhe faz o sacrifício da própria existência.

— Se a liberdade é a flama que dá alma aos povos, só a equidade lhes pode dar coesão e força.

Racism:

Um cabalo brasileiro, nova edição do poemeto patrótico de Catullo da Pádua
rense, obra a que já nos referimos nesta secção. Editora "A Noite" — Rio de Janeiro
1946

Julia Ribeiro, conferência realizada por O. Carneiro Giffoni em Capivari, natal do romancista da *Carne* e do *Padre Belchior* — Edição especial da Sociedade Amigos das Cidades do Interior — São Paulo, 1946.

* * *

A ruralização, alguns artigos de propaganda ruralista, da autoria e publicados na imprensa paulistana. Edição da Imprensa Oficial do Estado 1940.



CRISTO IRA' A SÃO PAULO EM 1985!

Estranha profecia do presidente da Academia de Letras de São Paulo, que já foi o profeta Ezequiel, Aspilcueta Navarro e Goethe — Monteiro Lobato já experimentou a força e a guilhotina — Quatro partes do mundo serão destruídas, só a América do Sul sobreviverá — Cristo baixará ao Largo da Sé, acompanhado pelos seguintes apóstolos: José Carlos de Macedo Soares, Casper Líbero, Armando de Sales Oliveira, Wenceslau Braz, Monteiro Lobato, Altino Arantes, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Afranio do Amaral, Olegário Mariano, Assis Chateaubriand, Otávio Mangabeira e muitos outros estadistas, políticos, escritores e poetas da atualidade.

Reportagem de NELSON VAINER ★ Fotos de JOSÉ A. FERNANDES

"Nação arremeterá contra nação e os filhos contra seus pais; a discórdia e a falta de confiança reinarão entre os homens. A corrupção e as desavenças como onda de lama, macularão as famílias e os povos.

"Haverá peste, fome e guerra. Esse será o sinal dos tempos e o princípio do fim. Os terremotos abrem grandes fendas na terra, por onde o mar penetra,

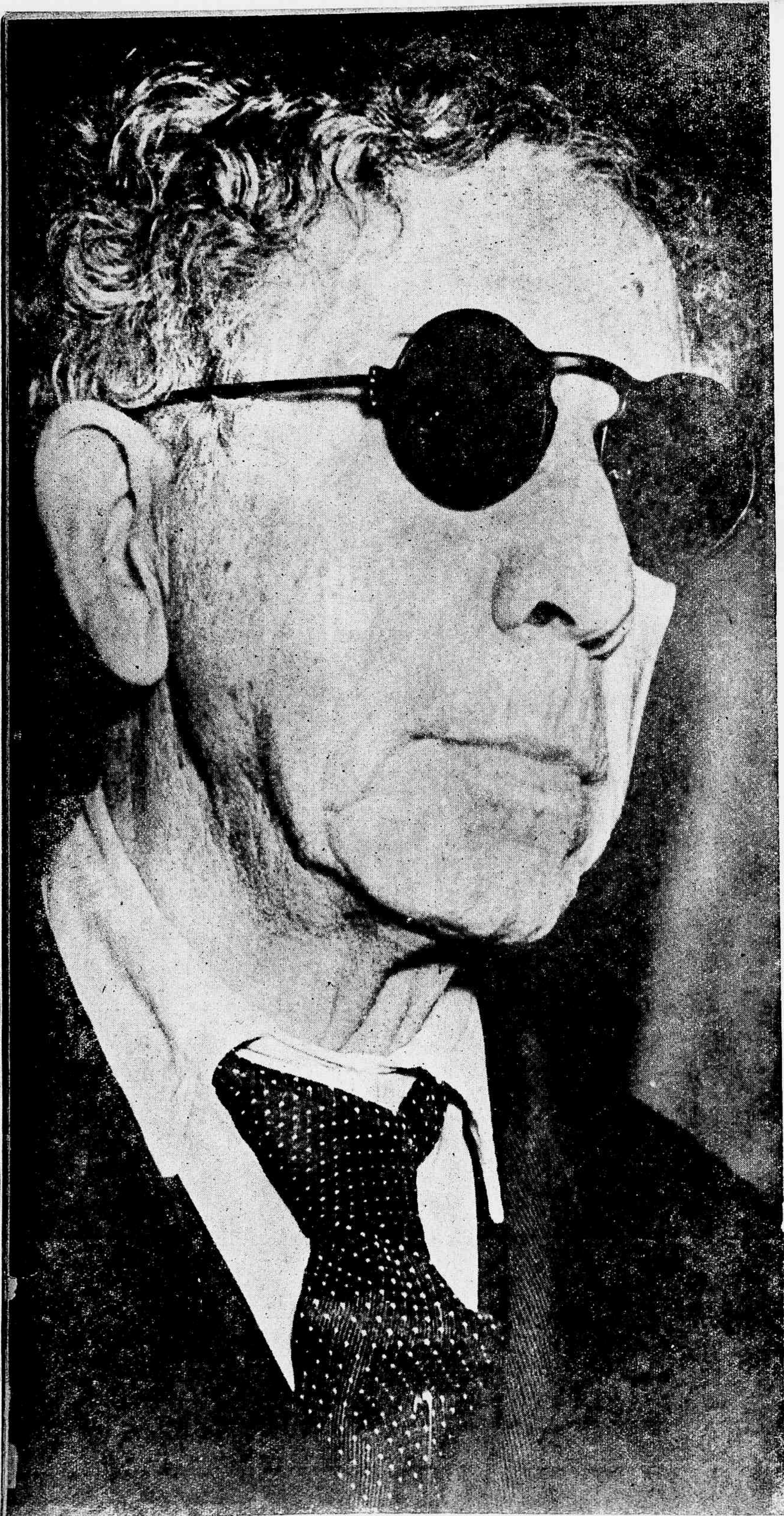
seguido de terríficos ciclones, que sacodem as árvores furiosamente atirando ao chão os grandes edifícios que se esboçam, sob um montão de ruínas.

"Vêm-se velhos, crianças e mulheres comprimidos nos escombros. Ouvem-se lamentos, imprecções e gemidos dos que morrem nas hecatombes. Nos quatro cantos do planeta, as criaturas sucumbem para limpar-se do vício que estraga os

Em cima: — Em sessão solene, realizada aos 12 de outubro deste ano, no salão nobre da Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo, foi recebido mais um "imortal" na Academia de Letras de São Paulo: o Revmo. Bispo da Igreja Metodista do Brasil, César Dacorso Filho, sendo presidente o ex-chefe integralista, professor Miguel Reale. A direita: — Saturnino Barbosa mostra ao repórter um recorte de "A Tribuna", de Santos, no qual Afonso Schmidt escreveu, há tempos, um artigo sobre a personalidade do profeta.



Da capita' paulista, Nelson Vainer nos envia esta interessante reportagem, sobre uma singular Academia de Letras em que foi recebido um bispo metodista em sessão presidida por um ex-chefe integralista... O presidente da referida Academia — que não deve ser confundida com a Academia Paulista de Letras, — é uma figura singularíssima de vidente e profeta... E' ele quem garante que Cristo irá a São Paulo no ano de 1985, acompanhado por muita gente boa inclusive pelo Dr. Assis Chateaubriand...



continentes, para operar-se a mudança das raças. Os anjos descem e sobem com as suas espadas de fogo, sob as ordens de Deus. O terror campea por toda parte. Só um continente sobrevive: A América do Sul!

"De São Paulo, a cidade santa, os apóstolos percorrem as ruas ensinando o novo credo e produzindo curas. No Largo da Sé, o povo acotovelase à espera de Leão XIII, o novo bispo, que vai falar sobre os "arcangjos divinos".

"O momento é solene. Ouve-se a tuba beta do anjo Gabriel, anunciando o juízo final, quando, em todo esplendor de sua beleza, Jesus baixa...

... Jesus baixa à terra!!!"

★

Pausa. Um terrível silêncio reina na sala e o septuagenário de óculos pretos imóvel como uma estátua com os lábios e fecha os olhos ainda serenos e cheios de brilho. Percebemos que tal atitude lhe faz bem e que, se não interrompermos, assim ficará até Deus sabe quando. Quem acabou de falar foi o presidente da Academia de Letras de São Paulo. Arriscamos então uma pergunta:

— Mas em que o senhor se baseia para afirmar tudo isso?

O vidente abre os olhos, fixa-os em nossos e sera uma sombra de dúvida responde soletrando as palavras:

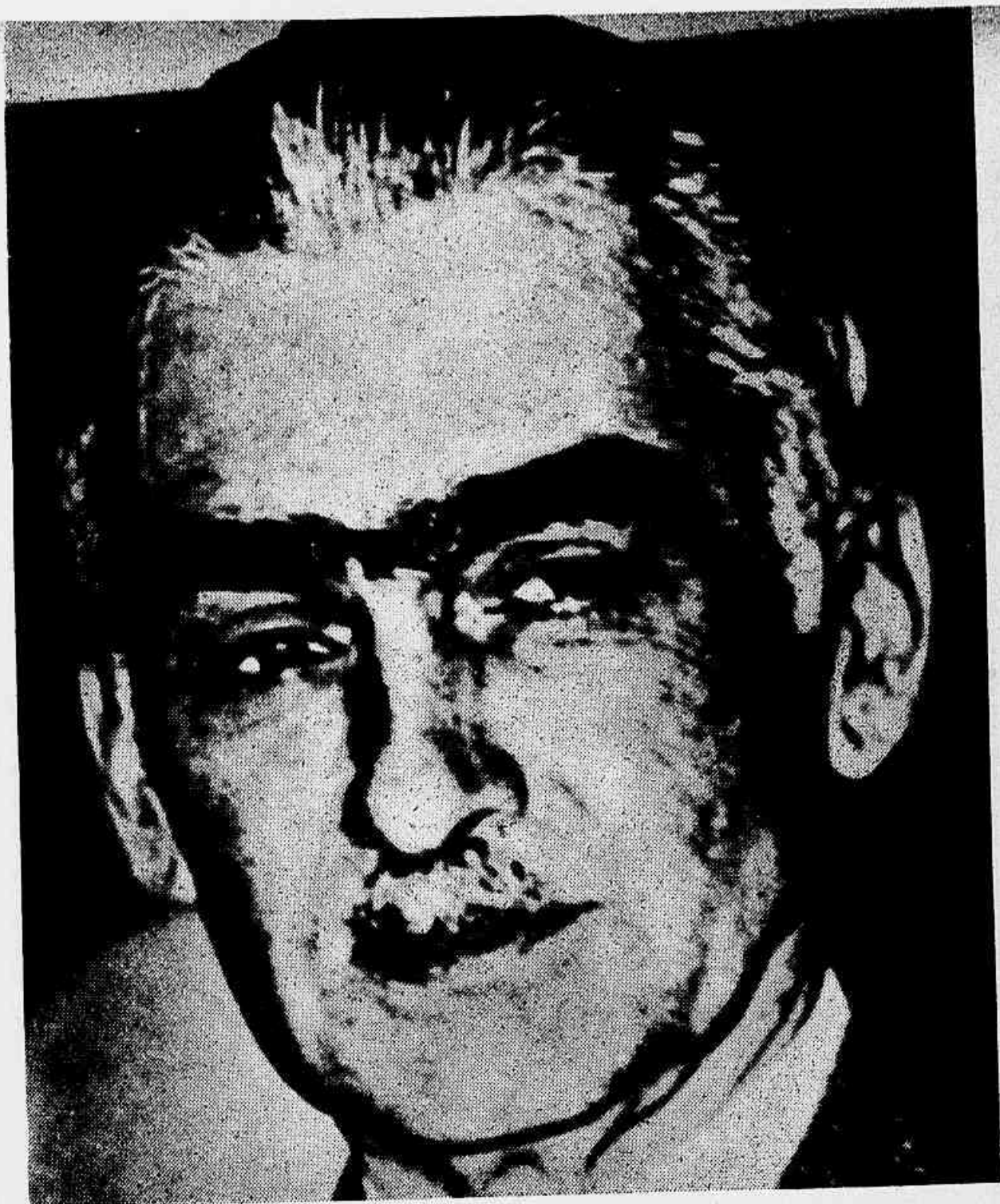
— Ah! meu amigo. Eu já estive na terra, há milhares de anos, com o nome de Ezequiel. Fui profeta! Voltei depois animando o corpo de Aspilcueta Navarro, ao lado de Anchieta, na catequese dos índios. Mais tarde animei o corpo do genial Goethe e, atualmente, como já tenho rodas giratórias para enfrentar o ridículo, estou anunciando a vida de Jesus aos gentios da época".

★

Nova pausa. Nova meditação. Enquanto isso, observamos atentamente o singular personagem que já foi o profeta Ezequiel, o jesuíta Aspilcueta Navarro e o poeta germânico Johan Wolfgang von Goethe e que responde hoje pelo nome de Saturnino Barbosa, mais conhecido como o professor Saturnino Barbosa — homem culto que fala correntemente vários idiomas, autor de duas dezenas de livros sobre ocultismo, fundador da Academia de Ciências e Letras da "Federação Espírita de São Paulo", da qual é presidente perpétuo. Este último cargo não deve ser confundido com outro de nome parecidíssimo, existente em São Paulo, isto é, a Academia Paulista de Letras, cujo presidente é o senhor Alvaro Arantes.

Trata-se, pois, de uma pessoa que a julgar pelas qualidades que reúne aqui, nos deixa em tremenda dúvida a respeito da sua atitude. Vive pobre, praticando caridade, o amor, o desinteresse. Não explora a sua "profecia" e se dedica a escrever sobre ciências ocultas e outras coisas mais. O que representa, então, esse pobre asceta: um impostor, ou

O hierofante Saturnino Barbosa medita. Só o seu corpo se encontra em tais momentos na sala. O seu espírito, vagando pela sua morada, erra no espaço, vagueando no além, nas neerópoles e nos cemitérios, onde folheia a formidável biblioteca da morte...



A esquerda: — O dr. Fernando Levisky, diretor-superintendente da Empresa de Publicidade "Paratodos" e membro da Academia de Letras de Saturnino Barbosa. A direita: — Depois de experimentar a força, a guilhotina, e a fogueira, Monteiro Lobato já está purificado e fará parte da Corte de Jesus, no mundo Alabastrino. E como duvidar de tudo isso se antes de partir para Argentina, o grande autor de "Urupês" morava na rua Alabastro, 396, em São Paulo?

nático ou um homem que realmente acredita no que diz, certo de que em fins deste século se há de operar a destruição de quatro partes do mundo e que o Nazareno baixará de fato ao Largo da Sé, em São Paulo para salvar o resto do nosso planeta?

Não conseguindo decifrar este enigma, quebramos novamente o silêncio sepulcral da enorme sala e formulamos nova pergunta:

— Em que ano descerá Jesus no Largo da Sé?

O profeta sem pestanejar, responde prontamente:

— Daqui a uns 40 anos, aproximadamente. — Creio que na véspera do Natal de 1985. Com ele, baixarão, para efetuar a reforma em todo o Brasil, milhares de novos apóstolos que, através dos séculos, já purificaram a sua alma.

— Alguém do nosso tempo?

— Alguém, não. Muitos! muitíssimos.

— Pode citar alguns nomes?

— Claro. Há, entre nós, atualmente, homens notáveis, que se tornaram mes-

tres, depois que executaram todas as provas que lhes foram impostas. Veja alguns exemplos: o rei Itobal I, de Tyro, o grande cabo de guerra, foi combatente em Saturno, na Ásia e na Europa. — Suas batalhas eram patrióticas, em defesa da lei e do país; nunca massacrava para conquistar. Sempre nobre, generoso e honrado, atravessou as suas exigências comandando exércitos. Ao falecer, foi levado por seu guia, Luis Gonzaga, ao espaço, onde prestou contas, sendo-lhe ordenado uma existência onde tivesse oca-

são de pugnar pela paz na terra, sem mais vestir farda de militar; é por isso que Itobal I está animando o corpo do Dr. José Carlos de Macedo Soares".

Passou bruscamente a mão sobre a testa, deixou-se cair pesadamente na primeira poltrona e mais uma vez fixou o seu olhar no nosso.

— Citei o dr. Carlos de Macedo Soares, por ser o mais justo, mas creia — sei de milhares de outros que já se tornaram mestres. Quando o papa Damaso I chegou ao espaço, disse-lhe Vicente de

A esquerda: O Embaixador José Carlos de Macedo Soares, novo apóstolo, que virá com Jesus, na próxima reforma do planeta, no ano da graça de 1985. A direita: O professor Sud Mennucci, cujo corpo está sendo animado pelo espírito de Pestalozzi, fará parte da Corte de Jesus, no mundo Alabastrino, e virá com o Nazareno a São Paulo, em 1985.





Alfieri, cognominado o Byron italiano, visitou certa vez Venus em companhia de seu amor de alma, uma encantadora mulher, cujo espírito era bastante evoluído e que se deixou ficar lá, mais uma existência, devido a uma pequena desigualdade de fluidos. Anima, atualmente, o poeta Menotti del Picchia.



Paulo seu guia, em resposta a uma pergunta por ele feita: "Meu irmão, na terra não há ministros de Deus. Todos são ovelhas de um só pastor, que é Jesus. Perguntaste-me qual a tua finalidade através do tempo e do espaço. Responde-te: "Depois de mais algumas encarnações que te faltam, te iniciarás nos santos ministérios, ouvindo de Jesus a palavra sagrada. Receberás depois a iniciação ao grau de adepto e serás finalmente mestre, se executares a prova que te foi imposta: forca, guilhotina, fogueira ou cadeira elétrica, como aconteceu com João Batista, Joana D'Arc, Tiradentes, Giordano Bruno e João Huss. Farás, então, parte da Côrte de Jesus, no mundo Alabastrino". Damaso beijou a mão de seu guia e ficou compreendendo que a magia é a religião oficial em todos os planetas e mundos. Pois bem: Damaso anima o corpo do grande estilista Montelro Lobato!

— Certa vez, — prossegue o presidente da Academia de Letras de São Paulo — no espaço, Pestalozzi encontrando-se

com seu guia, este lhe disse: "Meu amigo, hoje vais ter um agradecimento das crianças, pelos inúmeros benefícios que lhes fizeste. Ajoelha-te". Começaram então chover pequenas partículas brancas e luminosas, formando uma nuvem que o envolveu. Do meio das nuvens surgiram muitos anjos, entoando um hino de louvor ao benemérito educador, que chorou de alegria, na glória de Deus. Pois bem: este dedicado amigo da instrução está animando o corpo de Sud Menucci, ilustrado pedagogo paulista.

— Você sabe por que Aureliano Leite é advogado? — pergunta repentinamente o advinho.

— Não! — respondemos confessando a nossa profunda ignorância.

— Eis porque: "Há muitos anos, o cardeal Richelieu encontrou-se certo dia, no planeta Marte, com João Batista. Trouxeram-se então entre ambos o seguinte diálogo:

— Um cardeal em Marte?

— É verdade, meu santo, o espírito é forte mas a carne é fraca!...

As idas de Petrarca, ao espaço eram muito apreciadas por seu guia, João Evangelista, e por seus amigos, que gostavam de ouvir a declamação de seus versos. Atualmente, anima o corpo do poeta Guilherme de Almeida...

Assis Chateaubriand, diretor dos "Diários Associados", é outro apóstolo e mestre que fará parte da Corte de Jesus, no mundo alabastrino. Também irá a S. Paulo, em companhia do Redentor, em 1985.

— Não te disse eu, bastas vezes, que quem assume um compromisso religioso deve ser puro como as águas do rio Jordão?

— E' verdade, meu guia; mas, quase sempre, o que se promete no espaço, não se cumpre, tomando-se corpo, nos planetas. E' por esse motivo que peço mais uma vez.

— Assim sendo, aconselho-te a escolheres, na tua próxima encarnação outro mistério que não o sacerdotal.

— Obedecerei. Não serei mais padre.

— Eis a razão por que o dr. Aureliano Leite é advogado".

Durante duas horas aquele evocador de espíritos passeando por todos os continentes revelava cada vez novos acontecimentos registrados no além não deixando escapar um pormenor sequer. Tomando nota de tudo graças à taquigrafia espírita, reproduzia palavra por palavra, com todos os pontos e vírgulas. E assim, resumindo a singular narração saturniana, ficamos sabendo a origem dos deuses, da alma, dos planetas, das espécies; como se vive nos planetas, nos mundos e no céu; quais os novos rumos da filosofia — a filosofia da morte! Como e por que o espírito do poeta e jurista Bordallo anima o corpo de Plínio Barreto; o do Marquês de Pombal o corpo de Marquês da Cruz; o do papa Evaristo I o corpo de Altino Arantes; o de Petrarca o corpo de Guilherme de Almeida; o de Alfieri, o corpo de Menotti Del Picchia; o de Xerxes o corpo de Benedito Montenegro; o do papa Eugênio II, o do corpo de Agamenon de Magalhães; o de Catarina, a Grande, o corpo de Cornélia Marcondes, espiritualista; o de Amador Bueno, o corpo de Benedito Valadares; o de...

E' melhor parar. Alongar-nos-íamos muito se tentássemos contar tudo quando nos foi dado ouvir durante a entrevista com Saturnino Barbosa, que fez desfilar em nossa mente nações e povos de todos os quadrantes da terra, reis, rainhas, santos, filósofos guerreiros, plebeus — todos já purificados através de numerosas encarnações e que já na última fase animam atualmente os corpos dos grandes homens do Brasil que baixarão, em companhia de Jesus, ao Largo da Sé, em São Paulo, no ano da graça de 1985.

E o que mais espanta em tudo isso, é que há muita gente que acredita piamente nessa "profecia". E' verdade que desde tempos imemoriais, da caverna do homem primitivo ao HOMO SAPIENS do século XX, apareceram e continuam surgindo profetas, santos, taumaturgos e outros predestinados da fé, que viveram e vivem em estreita camaradagem com Deus e com todos os santos: Moisés, Abrão e Isaac, por exemplo, segundo nos relatam os textos bíblicos, falaram com Deus; Jesus e Maria viram várias vezes visões celestes; Joana D'Arc viu a Virgem. Rasputin ouviu a voz da Virgem; em Sorocaba, o famoso "bispo preto", João de Camargo, falava com Deus e com Jesus... pelo telefone! Há uns dez anos, um pastor na Romênia, gago e um pouco surdo, viu três vezes Deus e falou com ele, o que tornou a sua aldeia — Maglavit — um centro de peregrinação, onde aportaram fiéis de todos os países da Europa! Não é, pois, de estranhar que também o professor Saturnino Barbosa seja um predestinado da fé e que esteja tão bem informado a respeito das milhares de encarnações dos nossos grandes homens e da vinda de Jesus a São Paulo em 1985. O que, porém, é de estranhar, é a existência numa só cidade de mais um cenáculo, além da Academia Paulista de Letras, presidido pelo profeta, tendo como membros adeptos da sua fé e um presidente honorário que é um juriconsulto, homem de letras e catedrático da Faculdade de Direito de São Paulo.

Isso, sim — isso é de amargar.

Saturnino Barbosa, que já foi o profeta





ZEZÉ FONSECA, ora integrando com exclusividade o "cast" de rádio-teatro da Globo, já exerceu as mais variadas e disparatadas profissões. Ocupou o cargo de escriturária de importante empresa de transportes; desempenhou funções jornalísticas, colaborando com afincio num dos mais vibrantes órgãos da imprensa carioca; exerceu a função de corretora de anúncios, tendo conseguido uma enorme vantagem sobre seus concorrentes; colaborou no teatro, fazendo papel marcante na peça de Joracy Camargo, "Deus lhe pague", ao ser estreada; e, por fim, experimentou o rádio, tomando parte em vários programas. A experiência parece ter agradado, uma vez que até hoje Zézé Fonseca nele permanece, abrilhantando com seu desempenho todas as novelas e peças que lhe são confiadas, conforme aconteceu com "Ternura", "Penumbra", "O passado não volta" e muitas outras. Além de rádio-atriz, a querida artista é excelente animadora de programas de auditório, alcançando grande êxito em "Exercite sua memória", que a PRE-3 paralizou inexplicavelmente. Também em "Histórias do Arco da Velha", esteve à vontade, revelando talento, tanto em papéis dramáticos quanto em papéis cômicos. Zézé Fonseca foi a primeira "Nêguinha" do rádio carioca, numa das muitas audições de "Cavalgada da Alegria", programa então apresentado pela PRE-8. No momento, ela é uma das artistas mais bem pagas do "broadcasting" nacional, sendo seu concurso disputado por várias estações, agora que seu contrato com a Rádio Globo está prestes a terminar. Ela, porém, se apresta para uma excursão ao Norte, pretendendo ainda ir a Portugal, caso não houver tropeço. Trabalha ainda no preparo de um livro, a sair breve, com o título "Cartas de Amor".

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

OS que se habituaram a sintonizar a Rádio Tamoião às dezoito horas, por certo, não desconhecem Júlio Louzada. Seu nome está cercado de enorme popularidade. Esse locutor, nascido no Distrito Federal, a 21 de fevereiro de 1916, fez sua estréia ao microfone por volta de 1937, na antiga Rádio Educadora. Júlio Louzada, que é um rapaz culto, fez concurso brilhantíssimo para o Colégio Pedro II, onde foi contemporâneo de Alziro Zarur, J. G. de Araujo Jorge, Arlindo Marques Junior, Pedro Bloch e Luiz Jatobá. Nesse estabelecimento de ensino, o atual locutor da PRB-7 dirigiu o "Ateneu", órgão de classe estudantil. Também ali escreveu seus primeiros versos que, por sinal, guarda avaramente, só para si. No rádio, além da "Oração da Ave-Maria", os ouvintes são numerosíssimos, Júlio Louzada criou o "Programa da Vovó", o "Teatro de Amadores", o "Teatro Religioso", e no momento, cuida do lançamento da "Saudação do Meio-Dia", que espera venha a obter o mesmo êxito de seus programas anteriores. Solteiro, sua maior diversão é bater longos e intermináveis papos com Orestes Barbosa, de quem é um grande amigo, acompanhando-o sempre nos seus habituais serões literários. Amante da leitura, divide sua preferência entre Machado de Assis, José de Alencar, José Lins do Rego, Hermes Fontes, Castro Alves e Augusto dos Anjos. Quando lhe sobra um tempinho, em vez de ir ao cinema, vai visitar os amigos, por sinal bem numerosos. Confessou-nos gostar muito de dinheiro e de bife à milaneza com couve-flor passada na manteiga. Recebe avultada correspondência, sendo que a maioria das cartas contém pedidos de preces, auxílios monetários e empregos.



PARECE BOI

Conto de ALBERTO LEAL

Ilustração de ARMANDO MOURA

QUAL?

O peão passou a mão pela testa, empurrando o lado do chapéu de palha, esgarçado aqui e ali, pensou um instante e voltou-se para o Tuca:

— A Oca e a Picaça são as mais gordas e não têm cria.

— Bem, escolherei lá mesmo!

Tuca esporeou de leve a montaria, que abriu num galopinho macio, enquanto o Julico emparelhava com ele, contando a custo o arcor do velho rosilho.

Iam ao Figueiral, ao campo que se estendia margeando o rio, marco líquido da fazenda dos Nunes.

Atravessaram o banhado meio seco, pisoteando águas-pés amarelentos, labragas verdes, saibas enroscantes. O sol aparecia por entre a filhagem da velha figueira, fazendo cintilar as ramagens, semelhante um fruto enorme e sazonado, todo de luz ainda branca, mal vencida a neblina, que descansasse entre os galhos escuros da árvore.

Julico apitou, tirou as varas da porteira, deu passagem. Viu-o bem entre dois braços em forquilha e calculou: oito horas!

— As onze horas começaremos a carrear disse o Tuca.

A figueira ficou logo para trás e o sol aparecia agora encimando um poste telefônico que se encabelava de uma fantástica e rubra coma de raios.

Julico ajeitou, tirou as varas da porteira, deu passagem ao patrão. Puxou depois o rosilho pela rédea, ajustou de novo as varas, tornou a montar. Tinham passado do campo baixo ao alto, ao de reserva, onde se recolhia o gado em tempo de cheia.

O pasto estava alto, verdejante, vazio de gado. Uma égua, com um potrinho de poucas semanas, únicos destruidores daquela messe verde de trevo gordo, disparou à frente deles contornou com a cria uma touceira de bambús e foi refugiar-se entre os butazeiros carregados.

O arcaçoço emaranhado de uma figueira dormia na grama ainda orvalhada, as raízes negras apontando o céu recurvas nas pontas, como garras petrificadas repousando do trabalho eterno de martirizar o seio da terra. Numa ânsia de vida a meio do tronco derribado, um rebento teimava em brotar. Tuca apontou:

— Parece aquele teneiro de outro dia, agarrado ao úbere da ovelha morta!

— Aquilo foi cobra que mordeu — asseverou o peão, lembrando a vaca perdida.

Tuca olhou com pena o colosso abatido: aquelas árvores eram sagradas para ele. Algumas, plantadas o próprio pai. Todas lhe lembravam a infância todas lhe emprestaram sombra nas horas de folgedos ou nas pausas do trabalho. Aqueles tercos eram como pessoas da sua família: afrontavam os mesmos ventos, suportavam as mesmas fúrias de junho, as chuvas fortes de setembro o minuíno corrente que vinha feroz lá dos Andes e varria coxilhas e canchadas galchas.

A sua gente era nascida no campo e vivia para o campo.

O que uma árvore sofre, sofre um Nunes, pensava o rapaz. Madrugando nas coxilhas, anoteando nos banhos tantas vezes dormindo sob uma copa de figueira mais lembrava haver visto à noite, num sono interrompido, o clarão das estrelas do que o fardo enlameado dos galpões de pousada.

Uma daquelas figueiras caía? Outra era imediatamente plantada ao seu pé. Era tradição que vinha de longe, de um dos avós mais recuados. A mais velha de todas aquelas árvores, a "vovó", como lhe chamavam, resistira já a dois raios. Estava lascada, torta pelo vento, desgalhada, negra da carbonização dos fuzis, junto às raízes. Mas persistia em viver, ostentando a pujança de combatente antigo, que ficava como um incentivo às gerações mais novas de figueiras e de Nunes.

De novo Julico apitou e abriu uma porteira. Uma das varas caiu violentamente, dentro da poça d'água que havia mesmo à entrada do pasto do figueiral: chap! Borrifos vieram ao rosto do Tuca — "homem! Tu ainda não aprendes a abrir porteira?"

Julico puxou o velho rosilho atrás de si; o animal tropicou numa das varas derrubadas no chão e o galcho desabou no chão a raiar da observação do Tuca: "sempre tropicando, esse diabo velho!" E deu um guacapo no animal.

Na beira do banhado os cascos afundavam, maticos, barulhando água e fazendo um "chai-chai" mole. Tahans

posições e barulhentas algavam vão num gargar metalico; piadeiras subiam aos pares do meio das canchais, e flechavam para o outro lado do rio; garças encalhavam um instante as longas pernas e, detelando-as num impulso forte, ganhavam impulso para o azul do céu. Espago a espago, assanhados os queros-quecos tapetados, davam alarme a toda a fauna do banhado. Um jacaré saltu coleando de uma praiarilha na areia escura e mergulhou no rio, mais além.

— Olhe, a preta está no ponto, apontou o Tuca.

— Está linda mesmo, continuou o Julico.

Avançaram para a ponta de gado onde estavam a novilha: Ôôô, vamo, boi!

Cada à sombra de uma enorme figueira, a rea estreaneia toda. A ombra passada de luna, saltava de sobre as nuvens brancas, ora espantando a terra num vôltem nervoso. A calçada um momento erguia logo tombava imponente, enquanto as calças encarnes rolavam angustadas, com uma névoa azulada reverberando as pupilas que e nada di mais.

(Continua na pág. 59)





Rembrandt — "Rapto de Persifona".

REMBRANDT — "Retrato do fiscal de rendas"

VEJAMOS Rembrandt e sua mulher, Saskia. Rembrandt pintou um retrato de ambos. Nele aparece sentado a uma mesa de banquete com Saskia nos joelhos. É um rapaz jovial, sadito, bonito, de olhos brilhantes e penetrantes, nariz grosso, plebeu, quase bulboso, bigode lascivo e lábios expressivos que se abrem nesse instante, num riso turbulento. Usa um chapéu largo de veludo preto, com duas ondulantes plumas brancas de avestruz. Seu casaco, de amplas mangas bordadas, é de um vermelho escuro. Uma grande espada está afixada ao cinto. A mão direita, levantada para o alto, segura um longo, estreito e lustroso copo de vinho, num brinde a sua bonita e jovem mulher sentada em seu regaço, com o rosto voltado para o espectador. Saskia veste uma blusa azul pálido e um corpete de veludo escuro. Suntuosos colares de pedras preciosas circundam seu delgado pescoço e adornam seus cabelos castanhos ondulados. Há um sorriso bem humorado, ainda que um pouco embaraçado, em seu rosto bonito, como se lhe desse prazer essa exibição pública de sua afeição e ao mesmo tempo se envergonhasse de sua vulgaridade. Um casal próspero, contente e descuidado, um tanto corrompido, exteriormente, pela adulação do público, mas honesto, corajoso e puro no íntimo.

Assim eram ambos, o próspero jovem artista e sua mulher, logo depois de casados. Ainda não se preocupavam com os dias escuros que viriam para eles. No entanto, achavam-se completamente envolvidos pela felicidade mútua.

E tinham todos os motivos para serem felizes. Rembrandt é, há muito, o mais popular pintor de retratos de Amsterdão. Consegue bem mais encomendas do que pode atender e para cada uma dessas encomendas dá o seu próprio preço. As aquisições de seus quadros im-

tam em doze mil **gulden** (equivalentes em valor a mais ou menos vinte e cinco mil dólares) por ano, e suas despesas são tão grandes quanto seus lucros. Gosta de viver, esse filho de um moleiro de Leyden, e gosta de ver os outros viverem. Sua extravagância se compara somente à sua generosidade. Seu dinheiro derrete-se como neve sob a luz de sua boa índole. Jóias para sua mulher, banquetes para seus amigos e empréstimos sem garantia a todos que lhe pedem. É estranho que um homem do norte tivesse podido ser tão tropical em seu caráter e em seu gênio.

Porque seu gênio, como sua generosidade, era quente, violento, agitado, rico. Resplandecência de cores, fortes contrastes entre a luz e a sombra, vermelhos profundos, púrpuras vivas, e azuis brilhantes — eram essas algumas de suas principais características. E, acima de tudo, uma arrebatada e impetuosa técnica. Muitas das figuras nos grupos de seus quadros, parecem nascer para a vida a uma simples pincelada. Rembrandt foi um dos mais perfeitos dos pintores. E pintava sem cessar. Apesar de muitos de seus trabalhos se terem perdido, ainda temos presentemente nada menos de quinhentos de seus quadros, aproximadamente trezentas de suas águas-fortes e mais de mil e quinhentos de seus desenhos. Seu gênio era um Niágara. Lançava suas obras-primas com uma ilimitada abundância e com aparente facilidade.

★

Seu pai é próspero proprietário de um moinho, tenta fazer de Rembrandt um doutor. De acordo com esse propósito em 1620 matricula o menino de quinze anos como estudante de direito na Universidade de Leyden. Rembrandt, contudo, prefere ir seu pai para estudar um



artista
consentiu
Rembrandt
Van Sw
sua prec
Amsterd
mento d
verso".

Am
teressan
Rembran
interesse
e ele o
generoso

Enc
tou-lhe
prio ret
puro pr
verdade
simples
pressão
Era im
a força
etratos
todos
hoje s
simpat
sos an
mentos
espera
ropeus
um e
N
bíblio
mano

A VIDA DE REMBRANDT VAN RIJN

(1606—1669)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

artista. E assim, embora com relutância, o velho moleiro consentiu em tirar seu filho do latim trazendo-o para a vida. Rembrandt estudou durante alguns anos com os pintores Van Swanenbruch e Lastman, espantando a ambos pela sua precocidade, e aos vinte e seis anos estabeleceu-se em Amsterdão, mergulhando na estimulante vida e no pensamento desse século dezessete, que foi o "pulso do universo".

Amsterdão, nessa época, era considerada a mais interessante cidade da Europa, e dentro de pouco tempo Rembrandt passou a ser conhecido como o homem mais interessante de Amsterdão. O mundo estava a seus pés, e ele o deliciava com sua arte e o entretinha com sua generosidade.

Encontrou Saskia, casou com ela e adorava-a. Pintou-lhe o retrato muitas e muitas vezes. E pintou seu próprio retrato repetidamente. Não por vaidade — mas pelo puro prazer de viver. Expressar-se individualmente era a verdadeira aspiração de sua vida, e o auto-retrato era simplesmente um modo mais íntimo de alcançar essa expressão. Pintando-se a si mesmo, nunca se lisonjeava. Era impiedoso tanto para expor as fraquezas quanto a força de seu caráter. E o mesmo sucedia com os outros retratos que pintava. Seus quadros eram todos humanos, todos demasiadamente humanos, e é por isso que ainda hoje são capazes de repercutir dentro de nós, com tanta simpatia. Nós os reconhecemos imediatamente como nossos amigos. Porque seus pensamentos são nossos pensamentos, suas falhas, nossas falhas, suas esperanças, nossas esperanças. Rembrandt foi um dos primeiros artistas europeus a tirar a pintura dos céus, estabelecendo-a como um espelho da imperfeição e da glória da terra.

Não somente nos retratos, como também nos assuntos bíblicos e mitológicos. Rembrandt aspirou ao sentido humano mais do que ao divino. Seus Cristos e Madonas, tan-

to quanto seus deuses e deusas pagãs, nada têm de uma atmosfera remota, idealizada e eterna. São humanos. Representam as aspirações, as lutas, os sonhos, as realizações, as esperanças, os desapontamentos, os sofrimentos e, acima de tudo, a eterna fé e coragem do gênero humano. Nos quadros de Rembrandt, Jesus não é Filho de Deus, mas Filho do Homem.

★

Até aqui no entanto, Rembrandt achara mais agradável ser contado entre os filhos dos homens. O mundo era bom para ele. Em seus quadros, a nota de alegria predominava sobre o tom abafado de tristeza. Mas esse tom de tristeza estava-se tornando cada vez mais audível em sua vida, e mesmo em seu trabalho. Saskia deu-lhes três filhos, e dois deles morreram na infância. E, então, oito anos apenas depois de seu casamento, a própria Saskia adoeceu e morreu.

Essa tragédia marcou o fim da fortuna de Rembrandt. Como um foguete, sua luz havia disparado, e súbitamente se perdera nos ares, sendo ele deixado nas trevas. No mesmo ano em que perdeu sua mulher, perdeu também a proteção de seus clientes. E a maneira pela qual a perdeu possui um lado cômico tanto quanto trágico. Os ricos burgueses de Amsterdão cujo senso de dignidade era maior do que o senso de humor, haviam incumbido Rembrandt de pintá-los em suas glórias militares. Seu quadro, hoje conhecido, como a famosa **Patrulha Noturna**, despertou a ira desses cidadãos. E esse desgosto resultara do fato de estar o quadro excessivamente bom. Em vez de alinhá-los a todos e de dar a cada um deles um lugar equivalente sob a luz, Rembrandt distribuiu-os de modo a produzir uma unidade artística. Resultado: uma obra-prima de composição e um grupo de patronos desgostosos. Alguns aparecem em plena luz. Outros foram pintados parcialmente na luz e parcialmente na sombra. E ainda



Rembrandt — "Auto-retrato"

outros, mostrados somente de perfil. Todos eles se queixavam de que haviam pago a mesma quantia pelo retrato. Por que, então, Rembrandt não lhes deu um igual destaque, no conjunto geral? A essa crítica Rembrandt retrucou que era um atrista e não um recenseador. Sua função era criar beleza e não contar cabeças. Esta réplica tinha bom senso mas representava um mau negócio. As encomendas começaram a diminuir. Agora pintava cada vez mais exclusivamente para si mesmo. Não era mais obrigado a atender às vaidades e aos caprichos do rico. Sua arte tornou-se pela primeira vez a expressão de sua própria personalidade, sem inibições. Rembrandt conseguira sua liberdade, e perdera seu meio de vida.

★

A partir desse tempo, sua queda foi rápida. Amante da vida, e particularmente da vida de família, trouxe para viver com ele outra mulher, Hendrickje Stoffels. Mas não pôde fazer dela sua esposa, porque Saskia havia escrito em seu testamento uma cláusula estipulando que, se ele se casasse de novo, perderia a tutela de seu único filho vivo, Tito. A mulher que viera para sua casa, como sua amante, era em todos os sentidos digna dele. Mas os burgueses de Amsterdão, e especialmente os parentes de Saskia, encontraram nessa ligação mais uma desculpa

Rembrandt — "Retrato de mulher".

Rembrandt — Retrato de Dirk Van Os.





Rembrandt — "Tito na cadeira de braços".

para atormentá-lo. Da desatenção passiva foram à perseguição ativa. Difamaram-no o caráter, tomaram-lhe a casa, e finalmente forçaram-no à falência. Viuse obrigado a mudar-se para uma casa pequena e insalubre no gueto judeu.

Mas sua arte continuou subindo a maiores e maiores alturas. Nos momentos mais felizes, pintava a vaidade do rico. Agora pintava a humildade do pobre — os camponeses holandeses, os pescadores em seu trabalho e os rubinos e doutores judeus em suas preces. Característico desse período é o *Tobit Cego*, uma água-forte que apresenta um fraco e patético velho, cujos braços estendidos dirigem-se para a porta. Acabara de ouvir as batidas de seu filho. E na pressa de ir-lhe ao encontro, derrubara a roda deitar. Seus movimentos, tentando encontrar um caminho até a porta são ao mesmo tempo ousados e tímidos. Percebe-se facilmente que sua cegueira é recente, porque os objetos da sala não são familiares ao seu tato. Ainda não sabe o caminho direto até a porta. Seu braço direito estende-se indeciso. Não consegue alcançar a maçaneta da porta — uma representação patética da impotência e do fracasso. "Essa água-forte", escreve Charles Blanc, "é a mais fina gravura do mundo. Mesmo se cobrissemos a cabeça de Tobit, todo seu corpo, seus braços, suas pernas, ainda seriam os de um homem cego".

Quando Rembrandt gravava *Tobit Cego*, sua vista começava a falhar. A fim de manter sua maestria no detalhe, era agora obrigado a pintar os retratos maiores do que o natural. As qualidades essenciais de sua arte começavam a decair, mas definitivamente, a deixá-lo.

No entanto produziu, nessa ocasião, o que muitos de seus críticos consideraram sua maior obra-prima — o famoso quadro dos *Mercadores de Roupas* mais conhecido como *Os Sândicos*.

Foi graças aos esforços de seus amigos ainda fiéis que Rembrandt conseguiu a incumbência de pintar *Os Sândicos*. Tanto cinquenta anos nessa época — estava profundamente envelhecido no corpo, mas chegara jura-

mente à plena maturidade de seu gênio.

O quadro dos sândicos representa cinco funcionários da Fábrica de Roupas e seus empregados. São essas as únicas figuras no quadro, mas não as únicas pessoas na sala, como se percebe pela expressão dos seis rostos que se podem ver. Estão todos, evidentemente, discutindo um assunto de interesse comum. A figura central preside a mesa com o livro de assentamentos aberto diante dele. Tenta explicar alguma coisa a um dos membros que se encontra na sala, mas não no quadro. Todos os outros rostos se voltam na direção do invisível importuno. Alguns olham com seriedade, outros divertidos, ainda outros desdenhosos, como se estivessem impacientes com a desnecessária interrupção. Os olhos, que olham por sob os chapéus negros, em forma de sino, estão cheios de astúcia, de bom humor, de afável compreensão. A chama da saúde brilha em todos os rostos, mesmo no do mais velho dos homens, de cabelos grisalhos, cuja mão pausa firmemente no nó do braço de sua cadeira. Tanto essa cadeira como o pedaço de madeira ao fundo, são de uma cor de mogno escuro. Mas essa cor está subordinada à claridade do pano da mesa, na frente — a maior riqueza imaginável de vermelhos, que atinge o escarlate à esquerda, na mancha em que a luz cai diretamente. Todo o quadro transpira um calor luxurioso de bem-estar e prosperidade. Os negociantes de Amsterdão immortalizados pelo menos negociante de seus cidadãos.

O dinheiro conseguido com esse quadro foi logo tragado pelo servidão de suas dívidas. Seus quadros, que apenas alguns anos antes haviam alcançado preços fantásticos, eram agora oferecidos em leilão. E encontravam poucos compradores. E assim a incapacidade do público ignorante. Seu filho Tito abriu uma loja de arte de sociedade com Hendrick e Estêvão. No entanto mesmo através desse meio não pôde dissipar seus créditos. Rembrandt sofreu o mesmo destino das que são vítimas de uma paixão desmedida. A vida de Rembrandt foi uma luta constante com a pobreza e a miséria. A vida de Rembrandt foi uma luta constante com a pobreza e a miséria. A vida de Rembrandt foi uma luta constante com a pobreza e a miséria.



Rembrandt — "O Apóstolo São Bartolomeu".

tro de sua própria época, tornou-se um antigo e esquecido clássico.

Temos um dos auto-retratos por ele gravados nesse período. Está sentado a uma janela, desenhando. Faltam o casaco bordado, a espada balanceante o bigode lento, o chapéu lascivo e o brilho malicioso dos olhos. Veste agora uma velha e amarrada blusa de trabalho. Seus raios cabelos estão cobertos por um grande chapéu pontudo de abas largas. O rosto é triste, pálido e enrugado pelo sofrimento. O tempo e as preocupações já deixaram as suas marcas. Ainda assim, as linhas dos lábios são fortes, decididas, confiantes. Viesse o que viesse lutaria até o fim!

E teve de lutar. Mas sem nenhum proveito. Golpes sobre golpes o atingiram em rápida sucessão. Hendrick caiu seriamente doente. Escreve desenganada. Horas antes soca à sua cabeceira, ansiosa preocupação de saber como iria pagar os médicos. Ela sarou, mas por pouco tempo. Voltou de novo para o leito, e dessa vez não houve cura.

Precisando pagar os funerais da companheira, foi obrigado a vender a sepultura em que enterrara sua mulher. Mas ainda não chegara o fim. A 4 de setembro de 1668, Tito seu único filho, morreu. A morte do filho deixou apenas alguns meses depois de seu casamento.

Rembrandt ainda viveu bastante para ver o nascimento de uma filha de Madalena a viúva de Tito. Batizaram-na com o nome de Tita, em memória de seu pai morto.

Privações, pobreza, tristeza, desatenções — e depois grande silêncio. Os deuses cansaram-se de ludibriá-lo. Afinal, tiveram piedade dele, e lhe fecharam os olhos.

Mas divertiram-se com uma última brincadeira à sua custa. Desdenharam-na na morte, tanto quanto o haviam negligenciado em vida. Esse homem, que legara ao mundo centenas de tesouros sem preço, foi enterrado pelo mesmo preço, apenas de três florins (mais ou menos cinco dólares e vinte centavos).

Do livro "Vida dos Grandes Pintores".

EXISTEM pessoas que se julgam as mais infelizes do mundo. Achem que ninguém sofre tanto, ninguém é menos amada, ninguém tem menos sorte do que elas próprias. Julgam-se criaturas únicas, que carregam dentro de si toda a infelicidade que há sobre a terra.

Lamentam-se contam suas mágoas à pessoas que muitas das vezes não merecem confiança, provocam a piedade quando não o ridículo, relaxam na sua aparência física, tornam-se irritantes, transformando-se, enfim, em criaturas desagradáveis que ninguém tem a paciência de ouvir e suportar.

No entanto, o erro está nessas próprias pessoas. Não têm força bastante para reagir, entregando-se facilmente ao desespero, quando uma atitude enérgica poderia livrá-las de todos esses males.

O primeiro passo, seria o seu próprio embelezamento; engordar si está magra, emagrecer si está gorda. A ginástica teria grande influência nesse programa, porque além de ajudar a corrigir os defeitos físicos, contribuiria para eliminar a depressão mental. Um novo penteado, um "make-up" diferente, vestidos simples, elegantes e adequados, se encarregariam do resto.

Dentro de algum tempo ela estaria tão ocupada com os seus problemas de beleza que aos poucos iria esquecendo as suas tragédias.

Juntamente com essa mudança física, viria a reação mental; deixaria então a "infeliz" de comentar tanto os seus males, passaria a se julgar bem mais atraente e merecedora de atenções, teria mais confiança em si própria, e, verificaria que as pessoas que antes fugiam da sua companhia já agora demonstram um maior interesse, chegando mesmo a procurar essa mesma companhia que antes repudiara.

E assim, teríamos uma infeliz a menos no mundo...

Se este é o seu caso, minha amiga, inicie hoje mesmo a sua reação. Pode estar certa de que vale a pena.

KITTY

★

Ella Raines, a famosa "estrela" da Universal, apresenta uma nova sugestão para as praias. — uma combinação de sueter e "short" de grande vivacidade e linhas audaciosas...



NOS BASTIDORES FEMININOS



Cabelos soltos

De fato, nada há de mais feminino do que uma linda cabeleira. Cabelos soltos dão à mulher um pouco mais de feminilidade e sedução. Mas é preciso que estejam sempre impecavelmente limpos, sedosos e brilhantes. Além do mais é preciso possuir um rosto no qual esse penteado vá bem. Essas quatro belidades ilustram as nossas palavras. Myrna Dell — Cabelo ligeiramente "puxado". Ondas na frente. Enlevo de veludo preto. Mona Maris — cabelo suspenso dos lados. "Boucles" no alto da cabeça — estilo gram. Enlevo uma papoula de tafetá. Nan Leslie — cabelo repartido ao lado com ondas e "boucles" soltos. Susan Hayward — penteado "juvenil" completamente solto, deixando a testa inteiramente livre. Na página ao lado: Ann Jeffreys — larga onda na frente, "boucles" desmanchados sobre a testa e caindo sobre os ombros. — Fotos da RMO Rádio.



ciis di
Alén
noosu
— ce
sile —
e soln
lesum-





PA

P
ARA
tões
beig
bastante
à esta g
da Univ
Em baix
a sua o
largas.



PARA GRANDE GALA

PARA as grandes noites, apresentamos às nossas leitoras as mais deslumbrantes sugestões que Hollywood envia: Modelo juvenil e de grande encanto, feito em "tulle" bege. Drapé sobre o busto, estendendo-se sobre os braços formando mangas. Saia bastante ampla com metros e metros de "tulle". Larga pele de vidrilhos dá maior realce à esta graciosa "toilette". Usa-a, Myrna Dell, da RKO. Na página ao lado: Ella Raines, da Universal, apresentando um lindíssimo modelo em tecido adamascado, negro e ouro. Em baixo: Modelo "s sofisticado" de Jean Greer, da RKO. E' de linhas simples residindo a sua originalidade no tecido que imita a pele do leopardo. Mangas modernas de cavas largas. Saia "godet". E, finalmente, à direita, um outro modelo de Ella Raines, este em seda branca com originais bordados em vidrilho também branco.





FIGURINOS PARISIENSES

Grande "redingote" de seda verde escuro, para as tardes mais frescas do verão. Mangas muito largas. Original de Paquin. — E' de 100 lyneux este encantador vestido de linho com pala na blusa e "pé" que vão da pala até em baixo na saia. Mangas de punho e "pé" de couro em cor viva.



A esquerda: Modelo para a noite, de Lucien Lelong, executado em cetim cor de bronze. Túnica mais comprida atrás, drapes sobre o busto, "pestana" em toda a extensão da saia. A direita: Elegante modelo de rayon preto, criação de Hatie Carnegie. Especialmente desenhado para as últimas horas da tarde, tem interessante capote que forma capuz. Saia franzida na frente.





CHAPEUS DE PARIS

OS chapeleiros franceses esmeram-se na criação de novos modelos de chapéus para verão, procurando cada um deles sobressair-se em originalidade e bom gosto.

Nossas leitoras poderão ter uma idéia dessas coleções pelos modelos que aqui apresentamos.

★

E' de Jeanette Colombier este modelo de palha branca, com fita e véu preto.

*

Também de Le Mounier é este "chiquíssimo" "turbant" de jersey verde pistache. E' todo drapado, com farto "chou" de um lado.

*

Pequeno modelo de palha em côr natural, com enfeites de penas bege e marron.

*

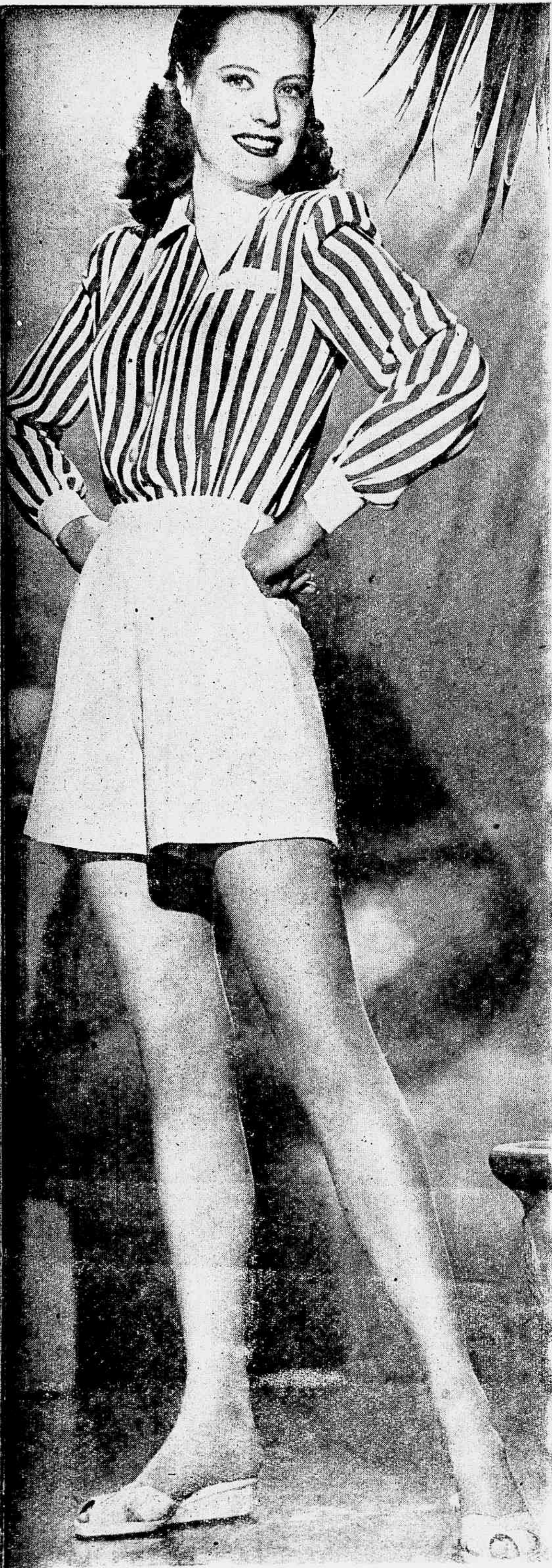
Na página ao lado :

Modelo de Agnès em palha preta. Aba larga, reta, com grande laço pespontado na frente.

*

Chapéu de interessante palha bege, de estilo "breton". Tem sob a aba grande laço azul-marinho de "gros-grain". Modelo de Le Monnier.





Para os dias quentes do verão

...dos modelos para o verão.
...Ambas bastante originais.
...um modelo simples, com
...em seda vermelha
...de linho branco. O
...originais lenços estampados

UM
NO

A

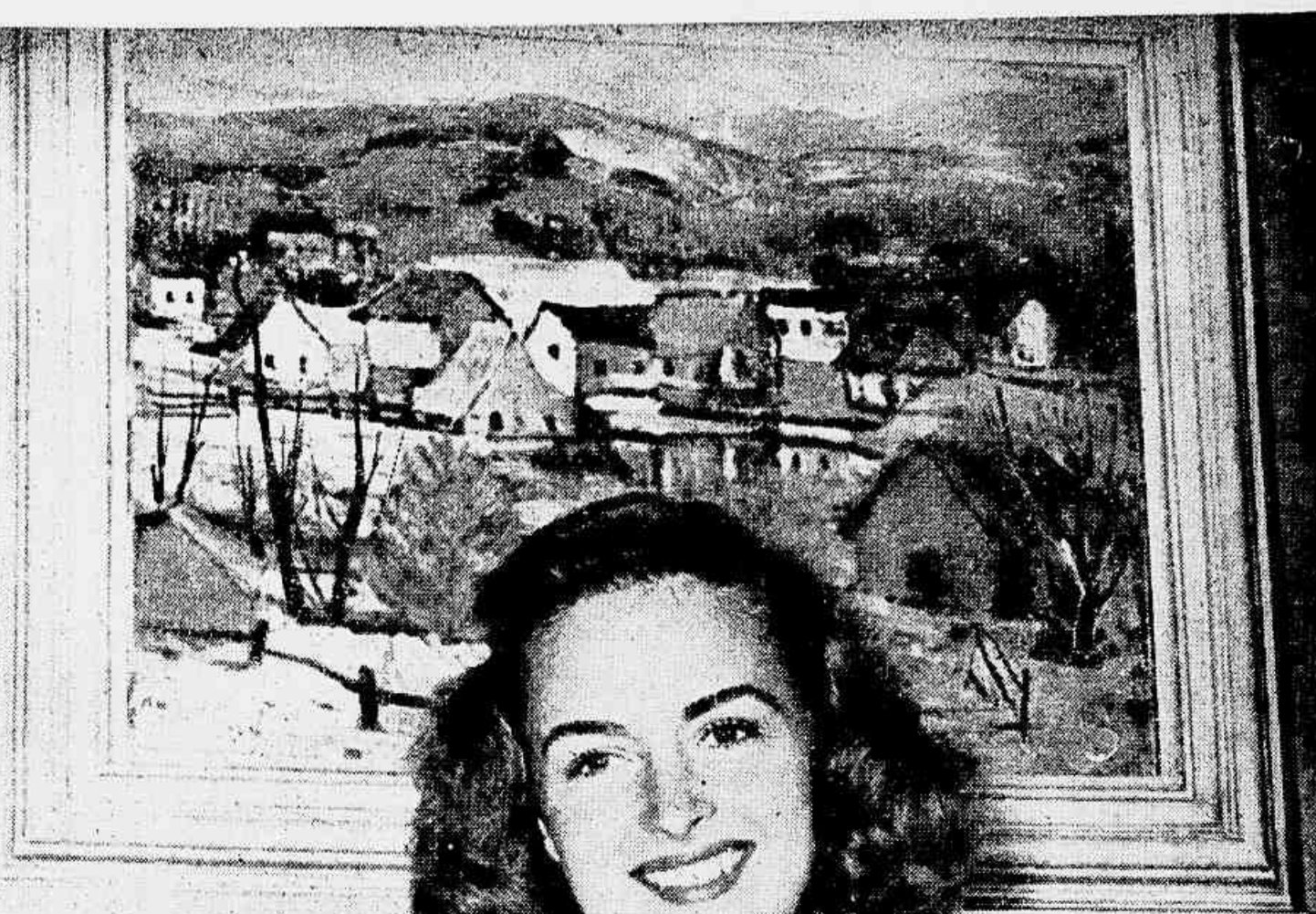
será Jan
benquista
estende
ambiente
billário
tudo ela

Nas gra
A lareir
lhosas f
senho d
as suas
"living"
formanc
traje m
toda fra
mexican
bilissim
plantas,

UMA "ESTRELA" NO SEU LAR

A SIMPÁTICA DONNA REED, acaba de atingir o ponto alto de sua carreira. Vai ser dirigida por Frank Capra em "It's a Wonderful Life" e o seu galã será James Stewart. Donna, além de excelente atriz é benquista pelo seu humor e amabilidade. Sua simpatia se estende às coisas que a rodeiam, como por exemplo o ambiente em que vive. Donna mesmo escolheu todo o mobiliário e decoração que guarnecem sua nova casa e tudo ela exhibe com orgulho.

Nas gravuras que ilustram esta página, vemos à direita: A lareira de tijolos, seu quadro favorito e duas maravilhosas figuras de bronze. Notem a originalidade do desenho da sua blusa. São soldados escoceses, alguns com as suas gaitas... Em baixo, à esquerda, um canto do "living". Poltrona verde escuro, cortina do mesmo tom formando contraste com os móveis claros. Também o seu traje merece destaque. A saia é de linho azul marinho, toda franzida, com barras em cores vivas e com motivos mexicanos bordados na mais larga. E finalmente, agradável "terrace" à beira da piscina. Donna adora as plantas, dedicando grande parte do seu tempo livre ao seu cultivo.





U
Mo
hairs
numa
ra, r
greda
bros
abaix
Os
fissã
porq
e no
que
Er
deste
de
arre
uma
às
a p
Na
neir
os r
pro
mel
por
são
osco
tact
D
tatu
cad
An
chá
tas,
lan
pre
can
va
far
se
exp
S
per
de
qu
C
va
en
alc
I
cir
da
to
sa
ba
de
de
Q
m
ca
a
co
ur
pr
se
fo
m
e
E
d
t

Os amigos

UM chamava-se "Esperando", o outro, "Dançarino". A sua posição social: ladrões.

Moravam no extremo da cidade, no bairro que se estendia ao longo do rio, numa dessas horríveis choças de madeira, meio apodrecidas, enlambuzadas de greda e que pareciam montões de escombros que houvessem arrojado da colina abaixo.

Os dois amigos iam exercer a sua profissão nas povoações vizinhas da cidade porque nesta era muito difícil roubar e no bairro que habitavam não havia a que deitar mão.

Eram ambos novos, inteligentes e modestos. Apropriavam-se de um pedaço de pão, uma blusa, um machado, os arreios de um cavalo, uma camisa ou uma galinha, e não voltavam tão cedo às propriedades onde tinham realizado a proeza.

Não obstante uma tão prudente maneira de proceder, os aldeões conheciam os muito bem e juravam-lhes pela pele, prometendo moê-los à bordoadá na primeira ocasião que para isso se lhes proporcionasse. Verdade seja que essa ocasião favorável não se apresentava e os ossos dos dois amigos continuavam intactos ao fim de seis anos de ameaças.

Dançarino era homem de elevada estatura, corcovado, seco e com a pele sulcada de veias. Teria uns quarenta anos.

Andava com a cabeça curvada para o chão, de mãos cruzadas atrás das costas, sem pressa mas com passo largo, lançando de revez olhares inquietos e prescutores para todos os lados, piscando os olhos com ar preocupado. Usava o cabelo curto, barba cuidada e um farto bigode grisalho que parecia eriçar-se de cólera, e lhe dava ao rosto uma expressão de rudeza.

Sem dúvida partira ou descolara a perna esquerda e tinham-lha encaado de tal maneira que ficara mais comprida que a direita.

Quando a levantava para andar, dançava doidamente no ar, e era essa particularidade que lhe havia grangeado a alcunha por que era conhecido.

Esperando, mais velho do que ele uns cinco anos, era mais baixo e mais espadado. Tossia constantemente com uma tosse surda e o rosto, de grandes maçãs salientes, macilento, ornado de longa barba preta já a tornar-se grisalha, era de uma cor terrosa e doentia. Os grandes olhos negros olhavam timidamente. Quando andava franzia os lábios em forma de coração e assobiava baixinho uma canção monótona, muito triste e sempre a mesma.

Vestia casaco curto de farrapos multicores, tão matizado que fazia lembrar uma colcha.

Dançarino usava uma blusa cinzenta, presa com cinturão.

Esperando nascera ali no bairro. O seu camarada, filho de um sacristão, fora noutro tempo criado de quarto e mareador. Nunca se via um sem o outro e os aldeões diziam ao vê-los:

— Já voltaram outra vez os amigos? É preciso cautela.

— Diabos os levem!

— Não reventarão um dia?

Os dois cortavam pelos atalhos, olhando com cuidado em torno de si e evitando maus encontros.

Esperando tossia e entoava a sua canção faverita, enquanto a perna do seu camarada badalava desesperadamente no ar como se quisesse arrancar-se e fugir ao perigoso caminho que o seu dono levava. Na orla do bosque, entre o canteiro, falavam baixinho e discutiam acerca do que poderiam roubar facilmente para arranjar de comer.

No inverno até os lobos vivem mal, apesar de mais dispostos que os dois amigos para a luta pela vida. Fracos, raivosos e famintos vão pelos caminhos e, embora se possa matá-los, temem-os porque têm garras e dentes para defender-se e, sobretudo, porque nada os entenece nem abrande. E isto é um fato importantíssimo, pois que, para vencer na luta pela vida, o homem necessita ter, ou muito talento ou um coração de pedra.

No inverno, que era áspero para os dois amigos, iam frequentemente mendigar pelas ruas da cidade, procurando esquivar-se aos olhares da polícia. Então, raras vezes roubavam. Enquanto a vagabundear em volta das povoações, tinha seus perigos porque o frio era muito e a neve conservava os traços das suas pégadas.

Os camaradas esgotavam as forças físicas para combater a fome e é possível que ninguém aguardasse com mais impaciência do que eles, a chegada da primavera.

Mal esta chegava, os amigos, esqueléticos e doentes, saíam do seu covil e contemplavam cheios de júbilo os campos onde a neve se fundia rapidamente, deixando por momentos ver a terra parda. Os charcos brilhavam como espelhos e os arroios sussurravam alegremente. O sol, fecundante e bom, prodigalisava a terra carícias desinteressadas e aquecia com os seus raios os dois amigos que falavam, com alegria, do tempo em que a terra, já seca, lhes permitiria entrar de novo em campanha.

Frequentemente, Esperando, que sofria de insónias, despertava muito cedo o companheiro e dizia-lhe alegremente:

— Vamos! levanta-te, que já chegaram as gralhas!

— As gralhas?

— Palavra; ora escuta lá como piam.

E saindo da choça fitavam por largo espaço, muito atentos, as negras mensageiras da estação primaveril, diligentemente aplicadas a construir novos ninhos ou a reparar os antigos, enchendo o espaço com os gritos penetrantes e reciosos.

— Agora devem chegar as calhandras, — disse uma manhã Esperando; e entreteve-se a tecer um barbante velho, já meio apodrecido.

Quando as calhandras chegaram, os amigos partiram para o campo e estenderam a rede num sítio em que já não havia neve. Depois, correndo por ali afóra, pela campina húmida e suja, enxotavam para a rede as pobres aves que, famintas e cansadas da viagem emigratória, buscavam alimento na terra encharcada e apenas livre do seu manto de neve alvinitente. Em seguida os dois amigos iam vender os pássaros assim apanhados, a cinco ou dez kopeks a peça.

Mais tarde, já pela estação dentro, cresciam as ortigas que apanhavam e vendiam aos hervanários.

A primavera proporcionava-lhes di-

riamente alguma coisa de novo e de imprevisto, por insignificante que fosse, com que pudessem ganhar a vida. E eles tudo sabiam aproveitar; vimes, pássaros, cogumelos, morangos, a nada as suas mãos perdoavam. Quando os soldados se exercitavam no tiro ao alvo, os dois tratavam logo de reconhecer o terreno para apanharem as balas que depois vendiam a doze kopeks a libra. Mas se todas aquelas ocupações bastavam para que os amigos não morressem de fome, só muito raras vezes lhes dava a possibilidade de apresentar bom semblante e de experimentar a agradável sensação que um estômago cheio proporciona, e menos ainda a atividade que desenvolve e facilita a absorção dos alimentos.

Num dia de abril, quando a ramaria das árvores apenas mostra os botões da sua florescência, quando os bosques parecem envolvidos numa claridade azulada e branda e quando a herva desponha levemente na superfície dos campos escuros e fortes, inundados de sol, seguiam os dois amigos a estrada real fumando cigarros da sua própria fabricação e conversando.

— Cada vez tosseis mais! — dizia Dançarino advertindo assim tranquilamente o companheiro.

— Pouco importa. Não me ralo. O sol me aquecerá e se encarregará de curar-me.

— Hum!... Parece-me que o melhor que tinhas a fazer era entrar no hospital.

— Ora!... Para que serve isso? Se tenho de morrer, morreréi.

— Lá disse não há dúvida.

O caminho que seguiam era velado de uma extensa fileira de betulas que projetavam sobre eles a sombra da sua tênue ramagem. A passarada saltitava adiante deles chilreando vivamente.

— Andas mal, há tempo, — disse Dançarino pausadamente.

— Sinto uma grande opressão no peito, — tornou Esperando. — Como o ar é pesado e húmido custa-me respirar.

E, parando, começou a tossir.

Dançarino parou também e olhou-o vagamente sem deixar de fumar.

Esperando, a quem o acesso de tosse convulsionava dando-lhe ao rosto uma cor violácea, esfregava o peito com as mãos crispadas.

— Tenho o pulmão desfeito, — disse quando acabou de tossir.

E continuaram a andar, espantando os pardais.

— Agora vamos até Muchina, — disse de novo Dançarino, deitando fóra a ponta do cigarro e cusplindo. — Damos a volta por trás... talvez encontremos alguma coisa. Depois metemos pelo bosque Siwzoff e vamos até Kusnechika. De Kusnechika voltaremos por Markovka e depois pra casa.

— Temos que andar umas trinta verstas, disse Esperando.

— Contanto que sirva de alguma coisa...

À esquerda do caminho estendia-se um bosque monótono, uniformemente sombrio e pouco atraente. Através da secca ramaria nem um só trecho de um verde suave e fresco prendia a vista com agrado.

Na orla desse bosque bastava um cavalicoque de pelo comprido e eriçado, lazarento a mais não ser e cujo es-

queleto se desenhava nitidamente com tanto relevo como os arcos de uma pipa. Os companheiros detiveram-se ao vê-lo andar lentamente, baixando os belos para o chão de onde arrancava e comia a herva seca depois de a mastigar vagarosamente com os dentes gastos e amarelados.

— O jejum pô-lo na espinha, — disse Esperando.

— Bonito! bonito! — e Dançarino tentava aproximar-se do animal.

O cavalinho olhou-o, agitou negativamente a cabeça e deixou-a pender de novo para o chão.

— Não quer ir contigo, disse Esperando supondo interpretar o cansado movimento do cavalo.

— Bah!... se o levassemos aos tártaros talvez nos dessem sete rublos por ele — disse Dançarino, pensativo.

— Qual! isso sim! Não os vale.

— E a pele?

— A pele! Julgas que te dão sete rublos por ela? Três, se derem.

— Mãos a obra.

— Espera. Repara que aquilo não é pele; é um lenço velho.

— E' o mesmo, sempre nos darão alguma coisa por ele.

— Sim; não há dúvida.

Dançarino fitou o companheiro e, parando, perguntou:

— Vamos?

— E' perigoso, — tornou Esperando, um tanto indeciso.

— Porque?

— Por causa das pégadas. A terra está húmida e podem conhecer por onde o levamos.

— Calçamo-lo; envolvemos-lhes as patas com ervas e folhagem.

— Como quiseses.

— Hurra! Metemo-lo no bosque e esperamos em baixo, na ribeira, que seja noite e então tiramo-lo e vamos levá-lo aos tártaros. Não é longe... coisa de três verstas.

— Que remédio há? — disse Esperando com um gesto resignado; e acrescentou: — Vamos. Vale mais um toma... O diabo é se...

— Não há perigo, — disse Dançarino. Abandonaram a estrada e, escurando os bosques.

O cavalo olhou-os, relinchou e continuou pastando na herva seca.

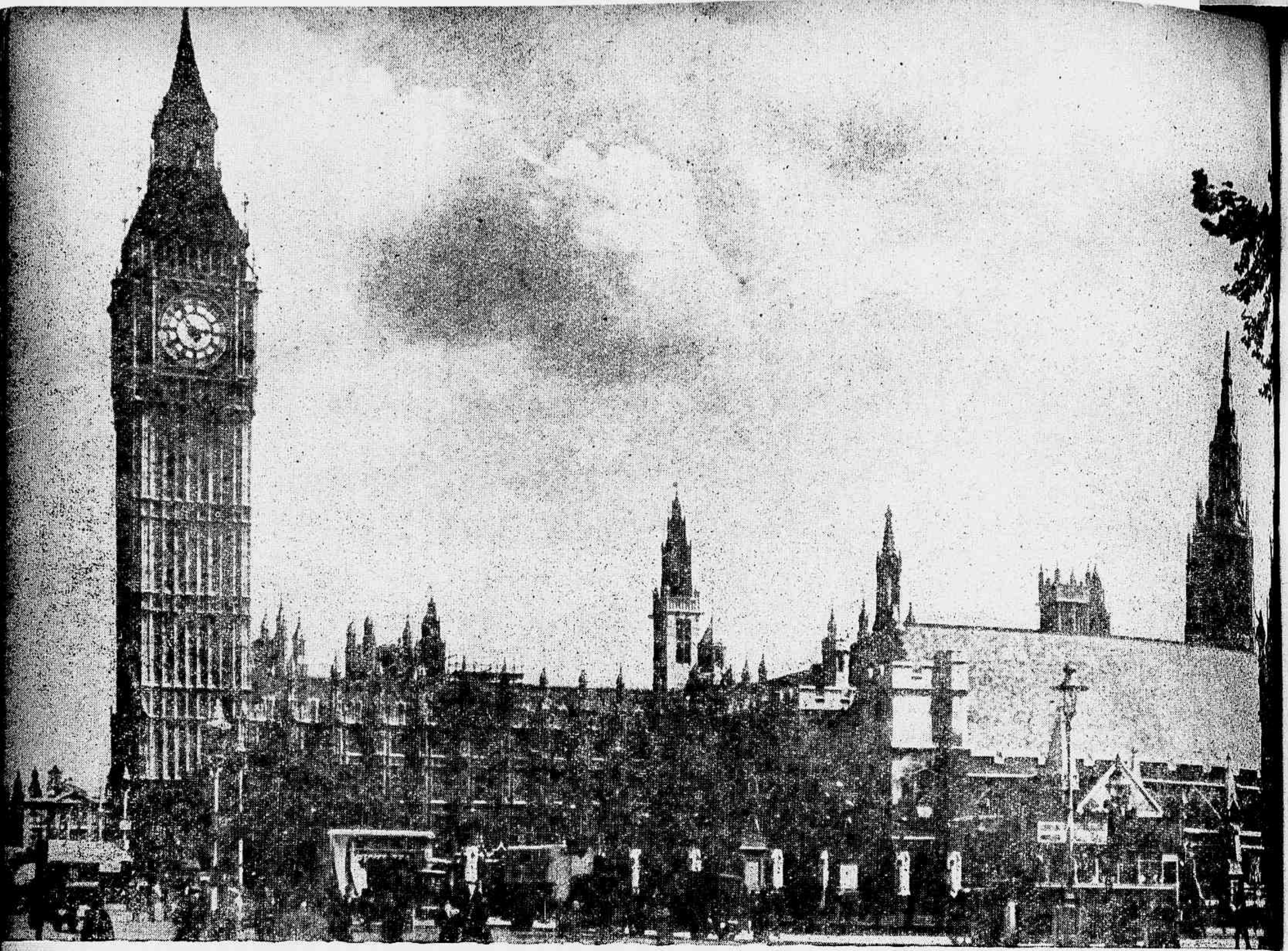
A sombra, a solidão, um pesado silêncio dominavam o pequeno vale coberto de arvoredo. Unicamente o murmúrio do rio se apercebia monótono e triste como um queixume.

Das escarpadas vertentes da garganta pendiam os ramos secos das nogueiras, dos bórdos e das madresilvas silvêtres. De todo os lados irrompiam raízes postas a descoberto pelas chuvas caudalosas da primavera.

No bosque ainda sem vida, o crepúsculo combinava as tintas mortas da paisagem à majestosa e fúnebre paz de cemitério que ali reinava.

Os amigos estavam, havia tempo, sentados perto de um macisso de álamos brancos, ocultos no fundo do vale, juntos a um montículo de terra. Aqueciam as mãos numa fogueira que vivamente ardia na frente deles e que de quando em quando alimentavam com ramos secos esferçando-se por que brilhasse com luz sempre igual sem deitar fumo.

(Continua na pág. 51)



Vista do edifício do Parlamento Britânico.

A HISTORIA DA BANCADA DE IMPRENSA DA CAMARA DOS COMUNS

LONDRES, outubro — Uma das primeiras coisas em que pode reparar qualquer um que entre pela primeira vez na Câmara dos Comuns é a bancada de imprensa. É uma galeria bastante larga, situada no extremo norte do salão, exatamente sobre a cadeira do "speaker" (como é chamado o presidente). Contém essa galeria várias fileiras de cadeiras, das quais 93 são reservadas exclusivamente aos repórteres dos grandes jornais e agências telegráficas. É desses lugares que os jornalistas e correspondentes enviam o seu noticiário sobre os debates da Câmara aos seus milhões de leitores espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Onde Charles Dickens se revelou um grande reporter parlamentar e político.

Por E. R. THOMPSON

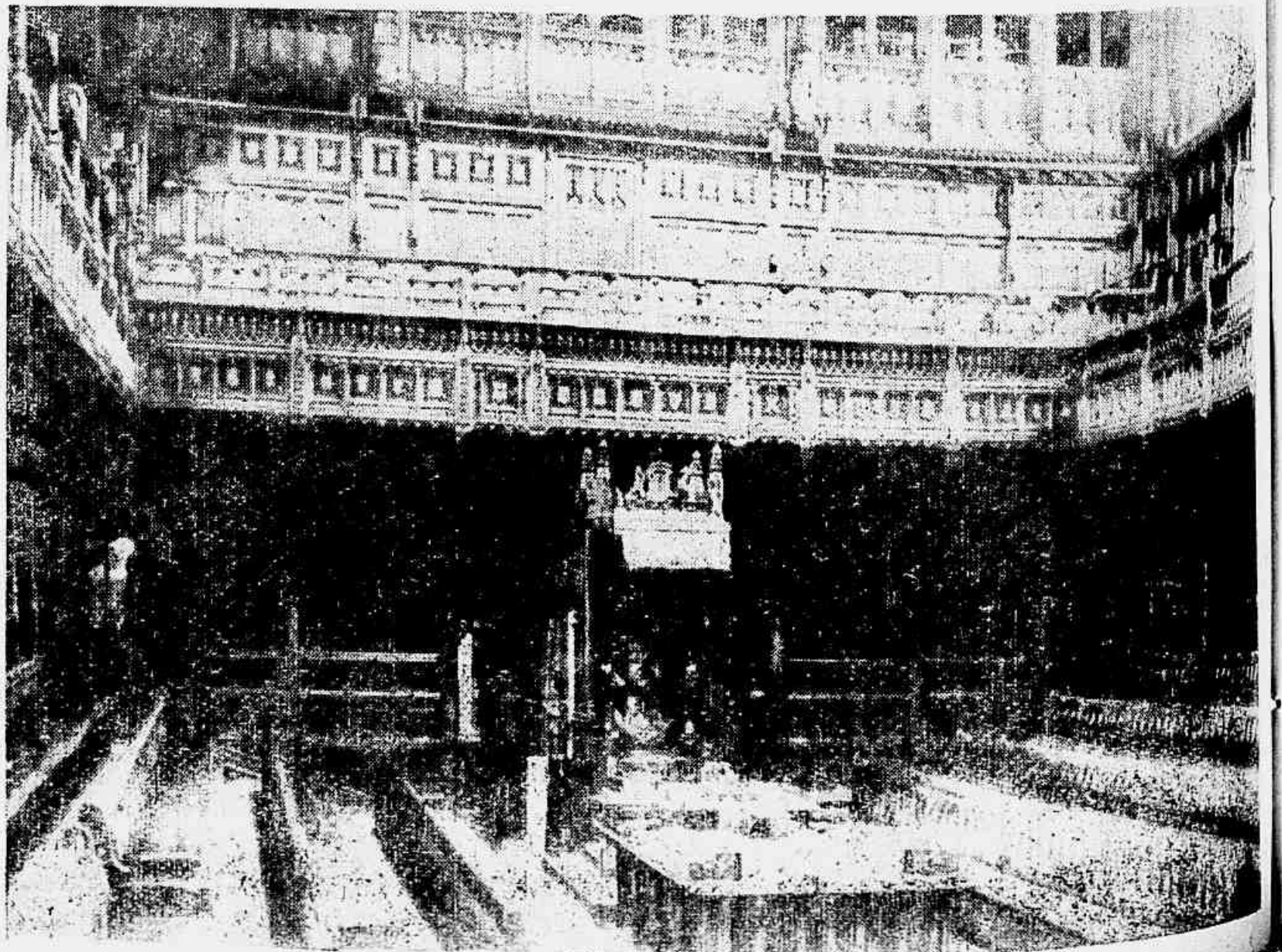
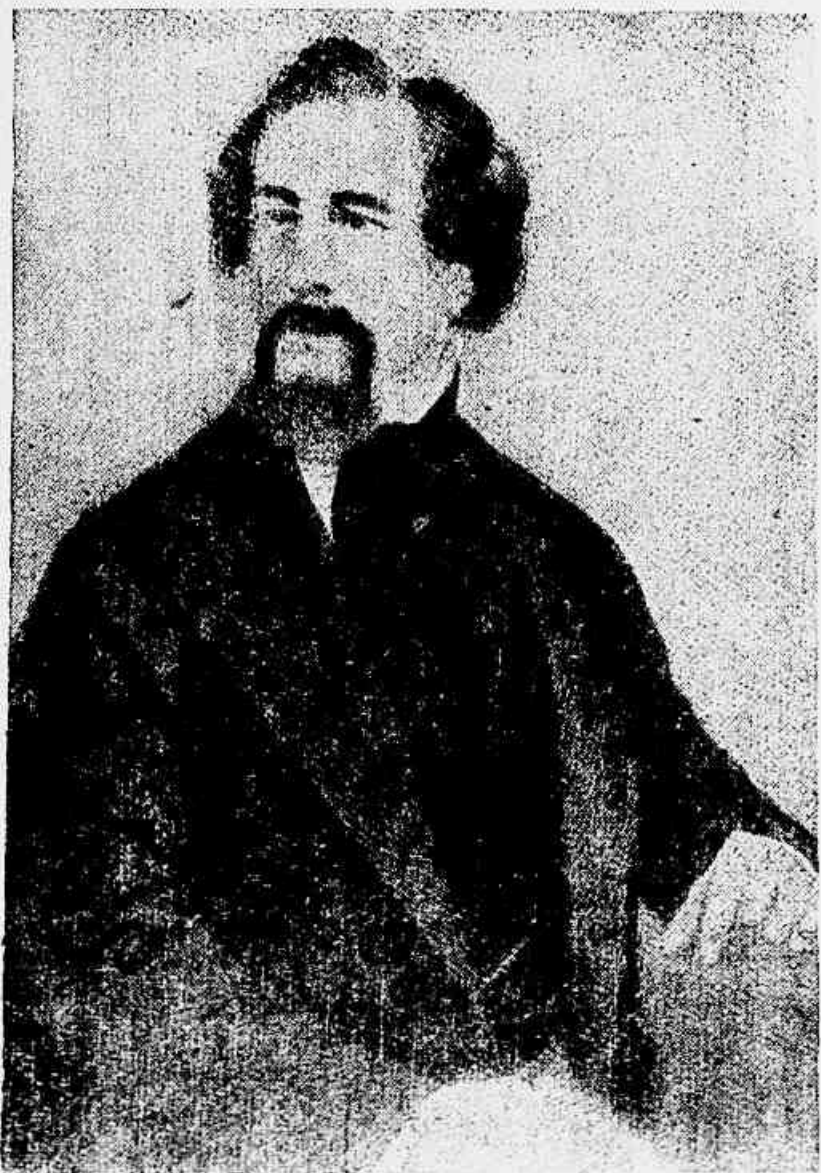
Dessa galeria partem todas as grandes reportagens sobre os trabalhos que se desenrolam na Câmara, reportagens transmitidas para o mundo exterior pelos muitos quilômetros de fios telegráficos e telefônicos que compõem o que bem se poderia chamar de sistema nervoso da democracia britânica.

No entanto, essa magnífica rede de serviços de comunicações não constitui absolutamente o único ponto interessante que se pode encontrar no "canto dos jornalistas" da Câmara dos Comuns. Isso porque a bancada da imprensa já é uma instituição à parte, possuidora das suas convenções e princípios particulares, do seu código de maneiras, e das suas tradições pessoais, que como tudo o mais que se relaciona com o Parlamento Britânico repousam em muitos séculos de uso e observância.

Para se destacar uma data especial capaz de falar

(Continua na pág. 50)

A esquerda: Charles Dickens — o maior dos reporteres da Câmara dos Comuns, onde estreou na profissão de jornalista em 1832, escrevendo para "The True Sun" e inaugurando a nova escola da reportagem parlamentar. A direita, um aspecto interior da Câmara dos Comuns.





Vista parcial da cidade de Manhumirim, grande centro produtor de café da Zona da Mata.

Reportagem de MICHEL SIMÃO

MANHUMIRIM, chamada a Cidade-Dinamo da Zona da Mata, é relativamente nova e ainda em formação. Aninha-se nas verdes montanhas de Minas, a poucos quilômetros do Pico da Bandeira, situando-se, portanto, nas cordilheiras que servem de base ao ponto mais alto do Brasil. A cidade, pelo seu aspecto montanhoso, lembra a lendária Ouro Preto. Com altitude superior a 600 metros, apresenta um clima agradável. Com uma população de pouco mais de 6.000 habitantes, composta de gente simples, modesta e laboriosa, Manhumirim é sede de um dos mais prósperos e ricos municípios do Estado de Minas Gerais, graças ao espírito laborioso de sua gente, que se traduz e se reflete, com evidência, no seu desenvolvimento comercial, que é um índice vivo de cultura e

MANHUMIRIM

O maior centro exportador do "ouro verde", de Minas Gerais — O alto comércio mal satisfeito com a Leopoldina Railway e com a Ligth — Mais de trezentas mil sacas de café apodrecem nos armazéns da cidade, por deficiência de transporte — Grandes prejuízos.

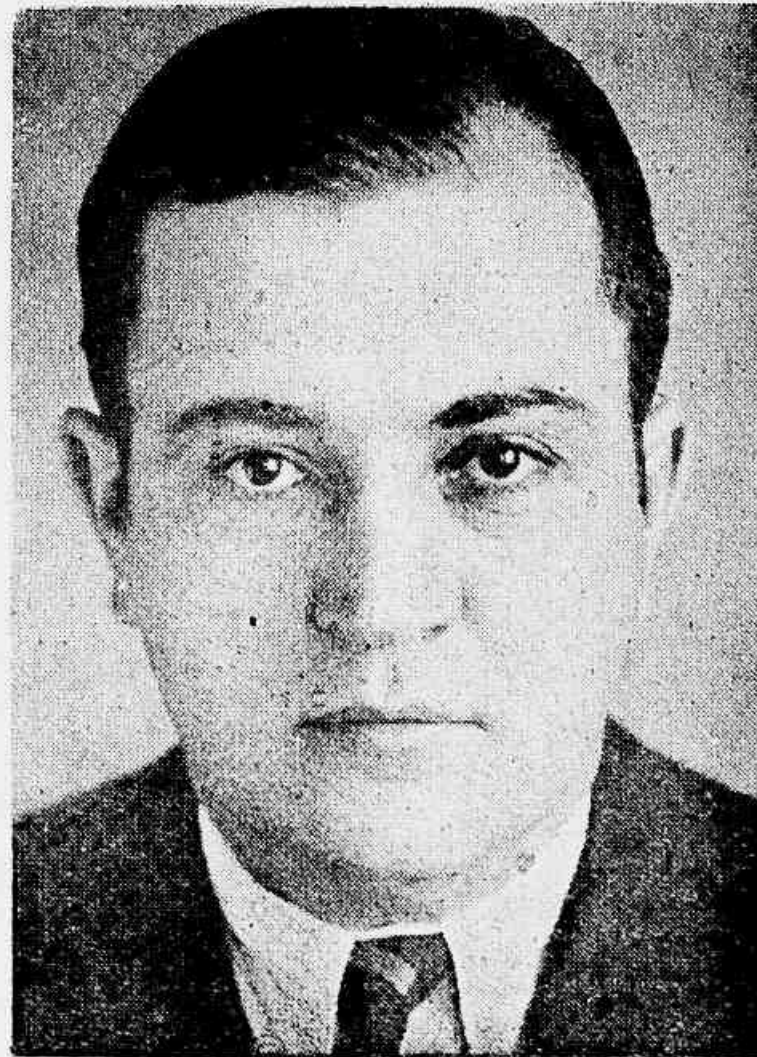
elevada mentalidade. E' com justo orgulho detentora do título de maior exportadora de café da Zona da Mata, exportando anualmente, em média, de 250 a 300 mil sacas desse valioso produto, que se destinam ao Rio de Janeiro e Santos.

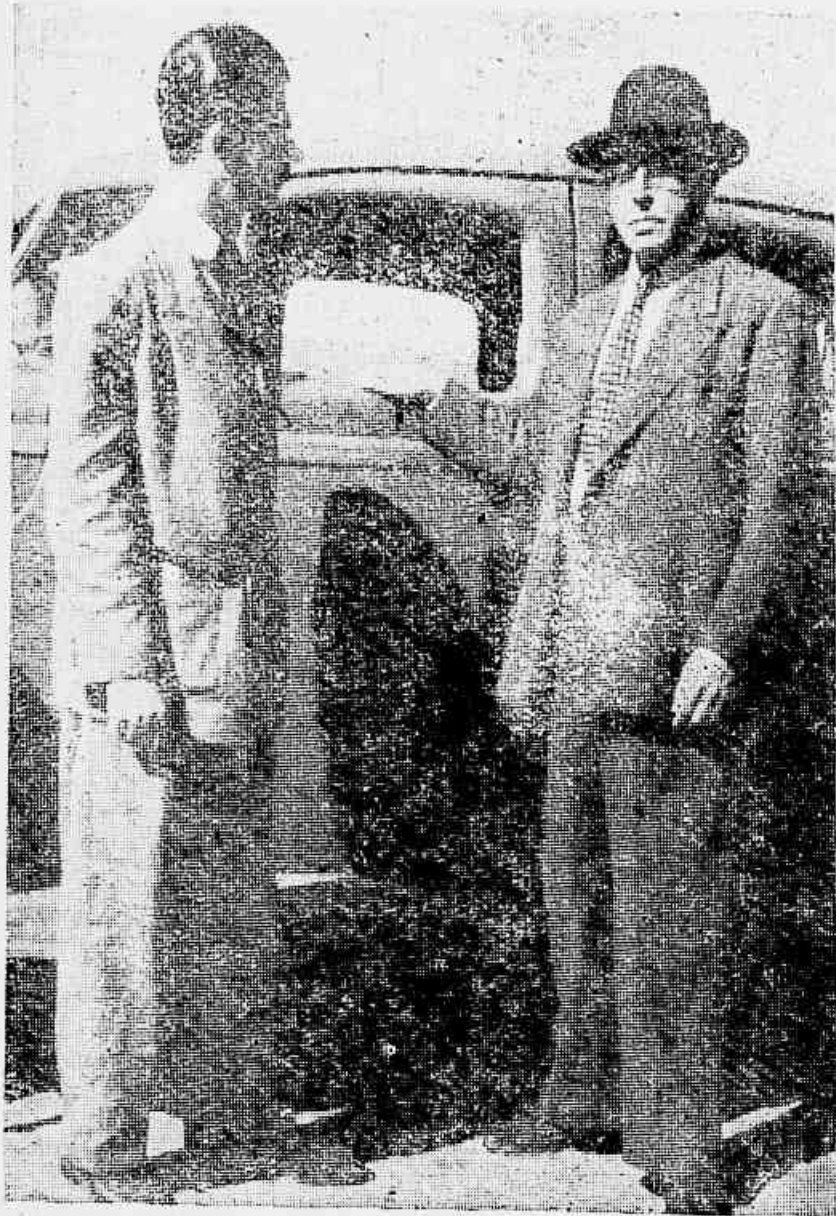
Dirige-lhe os destinos administrativos, presentemente, a partir de 28 de março do corrente ano, o dr. José Soares de Figueiredo, clínico de reputação firmada, espírito democrático e elemento de real projeção no município.

Conquanto com apenas seis meses de ação governamental, já se vem fazendo sentir, sob os mais variados aspectos, sua capacidade de trabalho e os elevados propósitos de seu governo.

Cidade de topografia relativamente montanhosa como muitas outras da Zona da Mata, ingentes esforços se tornam imprescindíveis no tocante a uma ação administrativa

Em baixo, à esquerda: A gravura mostra o momento em que eram iniciados os trabalhos de construção do trecho de estrada que ligará Manhumirim à Rio-Bahia, grande aspiração do povo desse município. Estão presentes o prefeito José Soares de Figueiredo e figuras destacadas do comércio e da sociedade locais. À direita: Dr. José Soares de Figueiredo, prefeito municipal de Manhumirim.





A esquerda: O autor desta reportagem ouvindo o senhor Narciso Rabello (o da direita) sobre os problemas de Manhumirim. Ao centro: Michel Simão obtendo do dr. Hugo Rabello (o da esquerda), secretário da Associação Comercial, os dados que orientaram a confecção deste trabalho. Em segundo plano vê-se o senhor Narciso Rabello, figura exponencial de Manhumirim. A direita: o dr. Paulo Tostes, numa magnífica charge de Michel.

eficiente, com referência, principalmente, a empreendimentos de embelezamento urbano.

Não obstante, patenteiam-se, desde logo, iniciativas várias, caracterizadoras do dinamismo administrativo do Prefeito José Soares de Figueiredo. Com a altitude de 600 metros, uma população de 6.000 habitantes, sede de um município de 33.000, Manhumirim é uma cidade de clima excelente, dotada de iluminação elétrica, calçamento a paralelepípedos, abastecimento d'água, etc.

Com um comércio altamente desenvolvido, integrado por uns quarenta estabelecimentos de expressiva significação, entre os quais grandes firmas atacadistas, Manhumirim vê incrementada cada vez mais a sua produção e exportação de cereais, principalmente feijão, milho e batatas, de madeiras e ovos, além da que constitui a sua principal base econômica, o café. Essa grande produção e exportação tem acarretado sério problema para o município, no que diz respeito a comunicação e transporte. Até há pouco o único meio de que se servia para escoar seus produtos e os da vasta zona, que por ali passam, pois Manhumirim é o ponto-chave de um grande centro de convergência, eram os "fáceis" wagons da "atenciosa" Leopoldina Railway, que obrigou essa grande praça a acumular em seus armazéns perto de meio milhão de sacas da preciosa rubiácea e que, há quatro anos, vem com a sua irritante calma prometendo uma providência que nunca chega, motivando, assim, o apodrecimento de grande quantidade do cobiçado produto nos armazéns da cidade, com imensos prejuízos para o comércio cafeeiro local. E como a providência não apareceu, decidiram os compradores de café resolver por si mesmos a situação. Congregados em torno da Associação Comercial da cidade, da qual é presidente o sr. Narciso Dias Rabello, figura de real expressão nos meios sociais e econômicos do município, assentaram desistir da Leopoldina e puxar seus cafés, por caminhão, para Por-

to Novo (onde há estação daquela ferrovia e também da Central), enfrentando péssimas estradas até atingir a Rio-Bahia (cerca de 50 quilômetros até essa grande rodovia federal) e aí despachar diretamente o café para Santos ou para o Rio. Agora, um punhado de homens do comércio local, havendo conseguido determinada ajuda do governo do Estado, vem de empreender a tarefa de construir um ramal rodoviário, que porá Manhumirim em ligação direta com a Rio-Baía, com uma extensão, apenas, de 25 quilômetros. Tratando-se de uma obra que constitui justa aspiração do povo manhumirense, vem empolgando a todos e decretará, por certo, a independência do município, em questões de transporte, o que é sobretudo de justiça em face da significação econômica e da posição do grande centro exportador. Procura-se afastar assim, do domínio de uma ferrovia que, sem ter, até há pouco, as vistas de um governo fiscalizador voltadas para ela, vinha explorando as nossas faltas de rodovias de penetração e obrigando núcleos da importância de Manhumirim a submeter-se, forçando o apodrecimento do café, pagamento adiantado de fretes de despacho, armazenamentos intermináveis, aquisições de wagons pelos próprios interessados, seguros com a própria estrada, etc., e muitas outras cousas inacreditáveis.

Abordou, enfim, a Leopoldina, com relação a Manhumirim, todos os ângulos possíveis e imagináveis para forçar essa grande praça comercial a manter-se inteiramente à sua mercê. Mas, a reação apareceu. E homens como os senhores Teófilo Tostes, Narciso Dias Rabello, Dr. José Soares de Figueiredo, Dr. Paulo Tostes, Olimpio de Oliveira Teixeira, Semi Abi-Samara, Osvaldo Frossard, Dr. Joaquim Cabral, Dr. José Nolasco, Dr. Ofir de Oliveira Costa e outros, saíram a campo e promoveram iniciativas tendentes a libertar Manhumirim do predomínio dessa ferrovia. E a providência foi a iniciativa da construção de um ramal

rodoviário ligando Manhumirim à Rio-Bahia, já em andamento.

Esses nomes, por certo, ficarão gravados na gratidão do município, como pioneiros desse movimento, que é o sangradouro pelo qual se escoará a produção de Manhumirim, proporcionando-lhe o lugar que por justiça lhe compete.

E embora o transporte rodoviário esteja ainda grandemente dispendioso, pois que o percurso feito, no momento, é bastante longo e de péssimas estradas, verifica-se, já, intensíssimo movimento rodoviário na cidade. Cerca de 100 caminhões chegam e saem diariamente, procedentes dos municípios do interior ou com destino a Porto Novo, levando café, cereais, etc., e trazendo produtos destinados ao comércio. E Manhumirim se apresenta com "ida tripudante, comércio intenso, empreendimentos múltiplos, construções várias, principalmente as edificações da firma Tostes & Cia., que vem construindo uma bela avenida com uma extensão de 500 metros, para edificação, tendo já iniciado as construções com um grupo de dez casas.

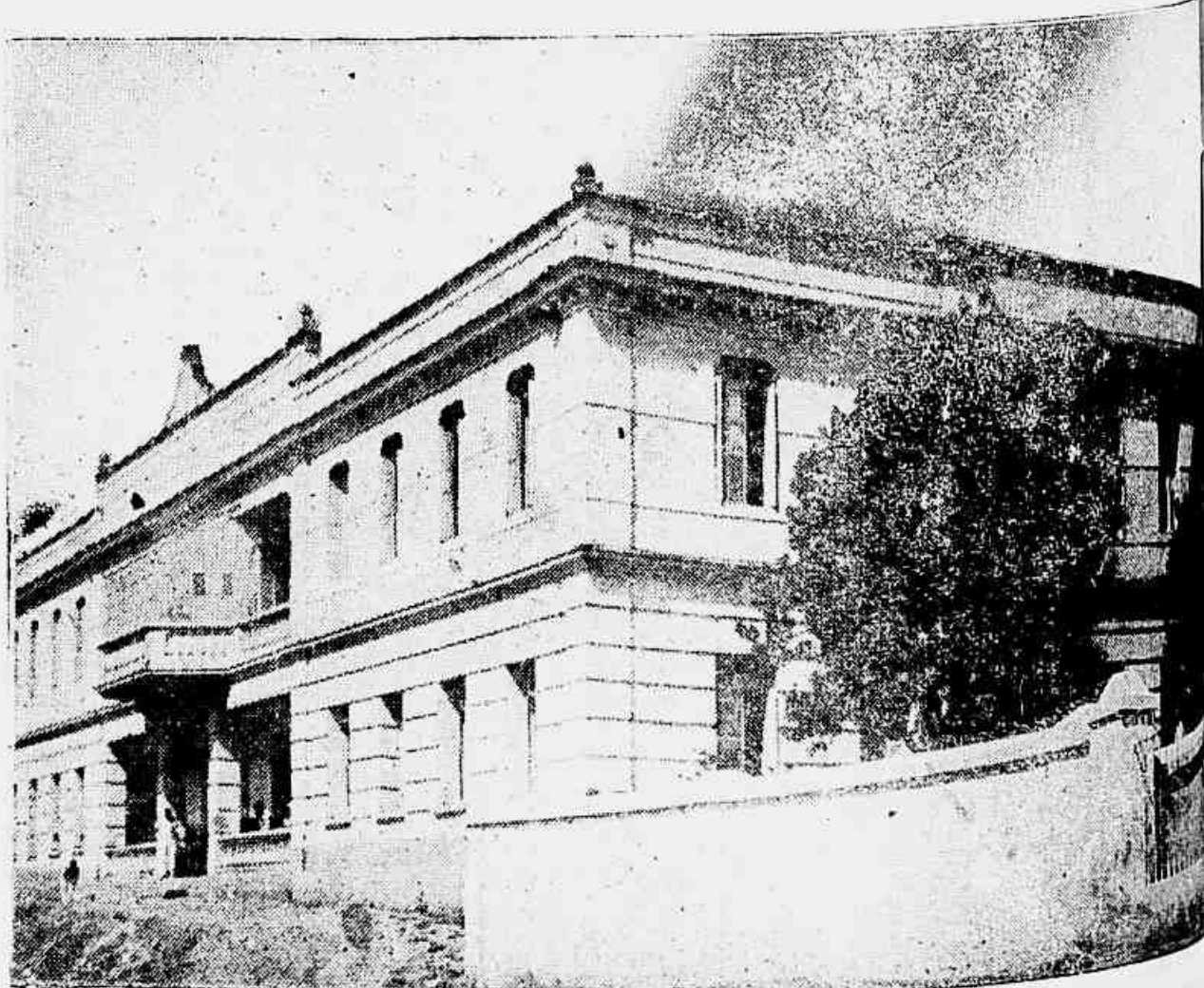
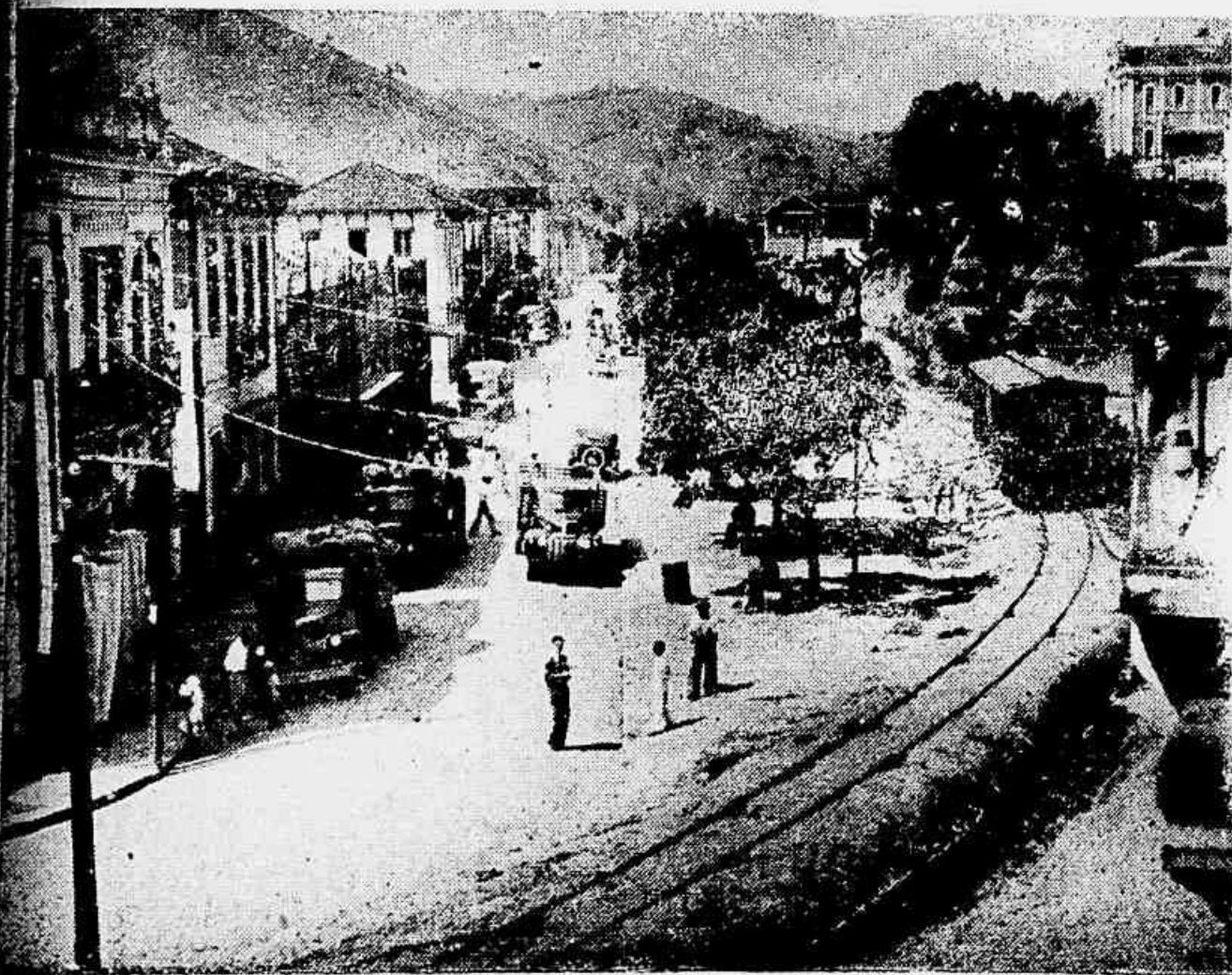
A par desse aspecto comercial também culturalmente é Manhumirim um centro de expressiva significação.

Há, na cidade, um Seminário Católico, o Colégio Pio XI, a Escola Normal "Santa Teresinha", o Grupo Escolar "Alfredo Lima", uma Biblioteca Pública Municipal, existindo, ainda, na sede do distrito de Presidente Soares, o Colégio Evangélico de Alto Jequitibá, Escolas Reunidas, além de 22 Escolas Mistas Municipais, mantidas pela Prefeitura, e espalhadas pelo interior do município.

No tocante à Saúde Pública existe, na cidade, o Hospital S. Vicente de Paulo, a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância "Darcy Vargas", o Posto de Saúde recém-criado, etc.

Pleiteia também o seu povo ligação dos fios telefô-

Em baixo, à esquerda: Aspecto do bairro comercial de Manhumirim. A direita: Fotografia do Hospital São Vicente de Paula, que serve com eficiência a população.





A esquerda: Aspecto típico das zonas cafeeiras: tropas que trazem o café das fazendas para os armazéns da cidade. A direita: Avenida "Vila Izabel", de casas mandadas construir pela firma Tostes & Cia.

cos da Ligth (Companhia Telefônica Brasileira) de Caran-
gola a Manhumirim.

Seu adiantado grau cultural e comercial justifica a
atenção dessa empresa e os esforços possíveis no sentido
de atender a tão justa aspiração.

★

Queremos aqui registrar, em ligeiros perfis, algumas
das figuras marcantes da vida manhumiriana, numa justa
homenagem aos batalhadores do progresso de Manhumir-
rim:

DR. JOSE SOARES DE FIGUEIREDO — Ainda relativa-
mente moço, é o atual prefeito de Manhumirim. Médico de
reputação firmada, residente no município há vários anos,
perfeitamente radicado no meio, desfrutando, por isso, de
um vasto círculo de relações e de incontestável influência
política no município. Prefeito desde 28 de março do cor-
rente ano, tem imprimido à sua ação uma orientação de
ordem e de respeito aos direitos em geral, e promovido
iniciativas de grande alcance em favor do progresso de
Manhumirim.

gresso do município, empreendeu, ultimamente, a cons-
trução de diversas casas residenciais na cidade, havendo
aberto e construído uma avenida inteira, a Benjamin
Constant. Principal arquiteto da campanha da rodovia
Manhumirim-Rio-Bahia, deve-se-lhe a materialização do
início dessa grande realização, de expressivo significado
para o progresso do município. Um dos mais antigos resi-
dentes na cidade, em quase todos os empreendimentos lo-
cais vê-se o reflexo da ação do sr. Teófilo Tostes. E
sempre desinteressadamente, colaborando pelo prazer ape-
nas de colaborar. Teófilo Tostes é um dos baluartes da
grandeza de Manhumirim.

SEMI ABI-SAMARA — Libanês de nascimento e brasi-
leiro de coração, é manhumiriano sincero, grande pro-
pugnador do progresso do município. Há mais de qua-
renta anos reside na cidade, colaborando sempre em fa-
vor do bem estar do meio em que vive. Possuidor de gran-
des recursos econômicos, adquiridos com seu trabalho
honesto, é o sr. Semi Abi-Samara um dos elementos de
grande projeção no município.

DR. PAULO TOSTES — Advogado e negociante de café é,
o dr. Paulo Tostes um dos entusiastas do engrandecimento
de Manhumirim. Filho do sr. Teófilo Tostes, muito tem
do espírito e do dinamismo de seu pai. Pronto sempre a co-
laborar em favor das iniciativas de sentido progressista
do município. Embora ainda bastante moço, muito já lhe
deve o município.

OSVALDO FROSSARD — É um dos líderes do movi-
mento esportista da cidade, sendo o fundador da Associação
Esportiva Atlética, uma das grandes organizações do gê-
nero no Estado, em cuja direção sempre se tem mantido,
havendo construído as respectivas quadras de volei, bas-
quete, patinação, etc. Ao sr. Osvaldo Frossard muito já
deve o município de Manhumirim.

RUBENS RIBEIRO — A serviço da conceituada
firma Mendes de Souza & Cia., grande compradora de
café, com matriz em São Paulo e filiais por alguns Estados
do Brasil, vem percorrendo, como seu procurador geral,
todo o Estado de São Paulo e Minas Gerais. Vem dirigi-
do com rara capacidade os negócios dessa firma, desfru-
tando ótimas amizades dado o seu fino trato e cavalhei-
rismo invulgar.

ODILON BARRETO — Comprador de café, sócio da firma
Irmãos Barreto, é o sr. Odilon Barreto um cidadão dotado
de grande capacidade de trabalho. Possuidor de espírito
filantrópico, grandes são os serviços por ele prestados às
obras de benemerência de Manhumirim. O Hospital São
Vicente de Paulo, o Abrigo São Vicente de Paulo, o Posto



Teófilo Tostes, manhumiriano de quatro costados, grande
"blagner" e caçador inveterado, fixado numa sugestiva
"charge" por Michel.

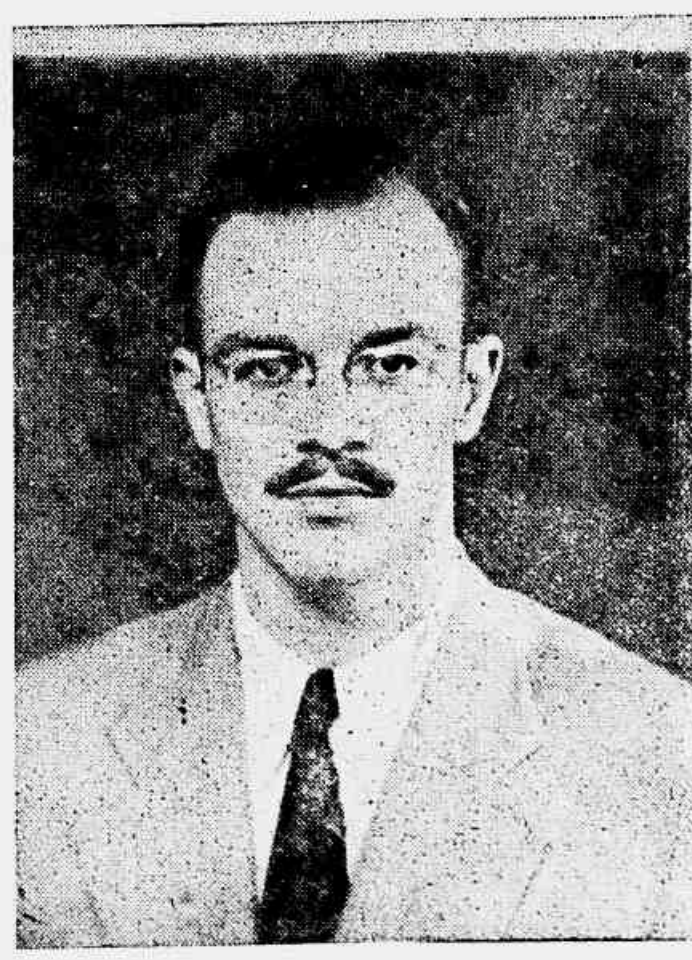
de Puericultura em construção, etc., existentes nessa cida-
de, resultam de um esforço constante do sr. Odilon Bar-
reto, que se tem mantido sempre à frente dessas orga-
nizações. Muito lhe deve, portanto, Manhumirim.

★

Tendo à frente de seus destinos o Prefeito José Soares
de Figueiredo, e com a colaboração dos srs. Teófilo Tostes,
Cel. Narciso Rabelo, Olímpio de Oliveira Teixeira, Dr.
Paulo Tostes, Dr. Joaquim Cabral, Cel. Aristides Soter
Braga, Dr. Ariosto Guarinello, Rev. Cicero Siqueira, Dr.
Emílio Miguel Khede, Odilon Barreto, Osvaldo Frossard,
Alair José Dias, Alvaro de Oliveira Costa, Elias Sathler,
José Raimundo de Sousa, João Duarte e vários outros, Ma-
nhumirim ocupará, dentro em breve, pelas suas múltiplas
possibilidades econômicas, um lugar de acentuado realce
no concerto das municipalidades de Minas e do Brasil.

TEÓFILO TOSTES — Chefe e fundador da maior
firma do município — Tostes & Cia., da qual é sócio o
sr. Anselmo Gomes Campos, é o sr. Teófilo Tostes um
espírito ativo e empreendedor, a par de um temperamento
jovial e comunicativo. Graças ao seu entusiasmo pelo pro-

Em baixo, à esquerda: Dr. Joaquim Cabral, secretário da Prefeitura, e diretor do jornal "Manhumirim". Ao centro: Dr. Tibúrcio Soares Rodrigues, médico do Hospital São Vi-
cente de Paula, um dos baluartes do progresso de Manhumirim. À direita: O sr. Rubens Ribeiro, superintendente da firma Mendes de Souza & Cia.



PARECE BOI

(Continuação da pág. 28)

Deixaram-na descansar um pouco, manietada ali à sombra da timbaúba, e depois o Julico procurou com a faca o cordão de grossa veia no pescoço largo. A lâmina afundou, com destreza, no couro negro. Houve um urro de dor, e Julico firmou com custo a cabeça da rez contra o chão, enquanto Tuca aparava o sangue numa vasilha de folha.

Arrepios passavam pelo corpo derribado, fazendo estremecer as patas amarradas, as paletas, as ancas fortes, como se a vida fugisse em descargas elétricas. Depois, tudo foi serenando. A língua fugiu da boca, suja ainda dos detritos da última ruminância; os estremecimentos pararam; os olhos adquiriram um tom baço de bolas de vidro azul. Só, a espaço, a cauda ainda tinha arrepios de vida, torticolando pelo chão. Tuca, atento aos movimentos do animal, declarou, por fim — "está morta!" Então começaram a carnear.

Pouco a pouco, vindas de longe, abandonando o pasto, outras rezes vieram chegando, a farejar o sangue derramado. Em breve, umas trinta já estavam paradas junto à cerca de arame, arfando as grossas ventas, procurando adivinhar...

Súbito, um boi brasino soltou um berro sentido, com tremulações quase humanas. E logo o gado todo rompeu a mugir, soturnamente, num lamento forte e triste que se espraiava longe, pela pastaria afóra.

— Bicho de sentimento! — comentou o Julico, cortando com pericia a volta da orelha da novilha morta. — Quando sente cheiro de sangue companheiro vem chorar ao seu pé!

Toda de preto, num vestidinho de algodão, a viuva do Zé Casuza passou por eles: "Bás tarde!"

— Boas!

— Bueñas!

Ligeira, cruzando a porteira do piquete, tomou o trilhozinho que ia direito ao cemitério, junto ao capão dos butiás.

— E' sexta-feira, dia de visitar a campa do marido, — comentou o Tuca — e já faz três anos que o Casuza se foi!

Julico suspendeu a faca, olhou o vultozinho que se apagava na distância e, lembrando as vãs tentativas de corte que fizera à viuva: "aquela não esquece os mortos!"

Nisto um peãozinho que os ajudava, o Tico, apartou convicto: "vive chorando o home dela! Nhá Téa tem sentimento que nem boi!"

Julico ia protestar, zangado, mas o peãozinho tinha um ar tão sincero e um olhar tão doce, ao dizer aquilo, que se estava vendo virem as palavras mesmo do coração.

O boi brasino tornou a mugir, tristonho, e o gado todo o acompanhou, como um cantochão.

Julico desceu a faca sobre o couro sangrento da rez e concordou: "home, vosmecê tem razão: gente não guarda tristeza assim! Nhá Téa parece boi, mêmô!"

Ao longe, um vultozinho negro desaparecia entre os butiazeiros do cemitério...

A historia da Bancada de Imprensa da Camara dos Comuns

(Continuação da página 46)

bem alto sobre as tradições da bancada da imprensa, basta citar-se o dia 19 de fevereiro de 1835, um dia situado exatamente há 111 anos. Foi então que, pela primeira vez na história, se criou uma bancada especialmente destinada a acolher os jornalistas encarregados de fazer reportagens dos trabalhos da Câmara dos Comuns. Como se sabe, até então a Câmara, demasiadamente ciosa dos seus privilégios e prerrogativas, mantinha-se irredutivelmente aferrada ao "segredo" dos seus trabalhos — em razão, ainda, do receio provocado pela longa luta sustentada pelos Comuns contra a Corôa. Por isso mesmo, nenhum "estranho" era admitido a presenciar os seus trabalhos. A primeira tentativa notável feita no sentido de "furar" o segredo da Câmara, afim de dar ao público leitor uma idéia do que ali se passava, teve lugar há mais de um século passado quando John Dyer, que redigia um pequeno diário manuscrito que circulava entre os deputados, à hora do café, quis ter o direito de assistir às sessões da Casa. Isso se deu durante o reinado de William e Mary. Depois disso, surgiu Cave, o redator-chefe e editor do "Gentleman's Magazine" — que tanto sucesso obteve na sua época. Cave teve a idéia de aproveitar-se de todas as fontes de informações possíveis para saber o que se passava na Câmara — e para isso lançava mão do que lhe segredavam os porteiros, os amigos dos deputados e os próprios deputados mais faladores. De posse dessas informações, Cave passava-se a um hábil comentarista, Samuel Johnson, então moço, que se encarregava de transmiti-las aos leitores do "Gentleman's Magazine" sob a forma de magníficas crônicas parlamentares, que lhe deram justa fama.

Entretanto, cresciam cada vez mais as exigências do público londrino, que queria estar mais ao par do que se passava atrás das portas fechadas da Câmara. Foi

SOFRE DO FIGADO?
TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

quando se fez nova tentativa para conseguir uma reportagem perfeita e real dos trabalhos da Câmara — graças a William Woodfall. Isso se passava nas últimas décadas de 1700. Woodfall deixava-se ficar sentado todo o tempo na galeria das visitas e procurava gravar de memória os debates, reproduzindo-os depois na folha de sua propriedade, o "Morning Chronicle". Pouco depois, porém, quando um escossês de nome Perry adquiriu esse jornal lembrou-se de organizar uma turma de repórteres para anotar os trabalhos da Câmara, reproduzindo-os depois na íntegra no seu diário. Pode-se dizer que foi com isso que surgiu a reportagem perfeita dos trabalhos parlamentares.

Por outro lado, as relações entre os repórteres e as autoridades da Câmara nem sempre foram de boas — e não foram poucos os que tiveram que justificar a sua atuação perante a comissão de polícia daquela casa legislativa. O trabalho dos repórteres era o que se podia esperar de pior. Mas os jornalistas não desanimavam e, em 1800, Samuel Taylor Coleridge tornou-se conhecido como o melhor repórter da Câmara e ficou famoso com a versão que deu do discurso que William Pitt pronunciou contra Napoleão. Pouco depois, porém, Taylor confessava publicamente: "Preciso abandonar o jornalismo. É uma profissão extremamente fatigante. Assisti duas vezes aos debates e da primeira fiquei vinte e cinco horas em atividade ininterrupta, em situação absolutamente desconfortável".

Depois, surgiu o maior de todos os repórteres até então aparecidos para o trabalho nos Comuns — o jovem Charles Dickens. Estávamos em 1832, e o novo jornalista escrevia para um diário chamado "The True Sun". Dickens fez nascer a nova escola de reportagem. Era um grande taquígrafo — e pode-se calcular a vantagem que levava sobre os demais. Três anos após a sua estréia como cronista parlamentar, as autoridades da Câmara dos Comuns inauguravam oficialmente a bancada de imprensa, que se mantém inalterável até hoje. Naquele dia 19 de fevereiro de 1835 os homens da imprensa venceram uma grande batalha contra o preconceito e puderam trabalhar com toda a liberdade, transmitindo aos seus leitores tudo o que se passava na Câmara Inglesa com absoluta correção e fidelidade. E assim vêm fazendo até hoje e continuarão a fazê-lo, enquanto a Câmara dos Comuns for o que tem sido — o refúgio supremo da verdadeira democracia moderna. (Distribuído pelo British News Service).

ADQUIRA O DIREITO
DE SER JOVEM E BELA
Usando

VELAS ANTISSEPTICAS

TAVARES
MARCA REGISTRADA

AGORA EM NOVA
EMBALAGEM



Em todas as Farmácias e Drogarias do Brasil

GABRIEL RANGEL

FONE 23-4742

Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA

RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2ª Loja

CASA ANGLO-BRASILEIRA

Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo 131

VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: Si vem regularmente em dias certos e em quantidade certa sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc. tudo está bem. Mas si aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

ANEL ZODAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó nº 18, Rio de Janeiro.

STANDARD
CRB 115,00

FEDERAL
CRB 165,00

INCA
CRB 285,00

AMERICA
CRB 150,00

CAPITAL
CRB 265,00

BRASIL
CRB 300,00

Os dois retratos

(Continuação da pág. 19)

Respondi-lhe apenas que sim.

— "Sou por acaso anormal? Não é nada agradável ser considerada diferente. Sou igual a qualquer pessoa, ouviu? Igualzinha em tudo. Por favor, não me repita isto, nunca mais, sim?"

Desde aquele dia Jean passou a evitar-me. Dedicava-se completamente às suas amigas inglesas. Se eu me aproximava, calava-se repentinamente. O riso sumia-lhe dos lábios. Tratava-me com repulsiva frieza. Compreendi então que Jean enjoara de mim. A notícia que lhe dei do livro então precipitou os acontecimentos. Senti-me inferior e odiei a minha inferioridade. Eu tinha descoberto tanta coisa nela e ela nada tinha achado de interessante em mim!

Novamente transformei-me na antiga pequena excêntrica que vivia sózinha e afastada de todos. Depois daquela decepção não consegui mais conversar com minha amiga imaginária.

Aos poucos fui sentindo que a imagem de Jean saíra do meu coração. Tentei esquecê-la. Não pude. O máximo que poderia era deixar de adorá-la. Esquecê-la, nunca.

Felizmente aquele ano passou depressa. Jean não voltou no outo.

Certa vez, depois de muito tempo, encontrá-la novamente. Conversamos e despedimo-nos. Durante o curto momento em que falávamos, pude então conhecer a verdadeira Jean. Agora que o tempo apagara a chama do meu entusiasmo, vi pela primeira vez minha ex-amiga, sem o perigoso auxílio da imaginação. Que enorme poder tem ela para modificar as coisas! Jean era relativamente pequena, seu inglês nada tinha de suave, era até bem metálico e seus olhos (ah como poderei conformar-me?) seus olhos, longe de serem magnificamente azuis, eram cinzentos e sem expressão.

A viagem terminara. Voltei à realidade. Não sofrera tanto assim. O verdadeiro retrato de Jean, atenuara o choque das recordações...

OS AMIGOS

(Continuação da pág. 45)

Perto deles estava o cavalo.

Tinham-lhe embrulhado o focinho numa manga arrancada aos andrjos de Esperando e haviam-no amarrado depois ao tronco de uma árvore.

Esperando, acorrido em frente da fogueira, fitava as chamas, pensativo, e assobiava a sua canção favorita, enquanto Dançarino, tendo cortado um punhado de vimes, fabricava uma cesta, silenciosamente, absorvido no trabalho.

O estribilho melancólico do rio e o suave e triste assobio do homem desgraçado, fundiam-se num só acorde, flutuando lamentosamente no silêncio noturno do bosque. De quando em quando, os ramos secos espirravam e estalavam na fogueira, parecendo desprender de si gemidos e suspiros. Dir-se-ia que sympathizavam com a vida, mais lenta que a sua morte pelo fogo, e mais dolorosa, portanto.

— Vamos já? — perguntou Esperando, de repente.

Ainda é muito cedo. Iremos quando for completamente noite, — respondeu Dançarino sem levantar a cabeça do trabalho que tinha entre mãos. Esperando suspirou e pôs-se a tossir.

— Tens frio? — perguntou-lhe o companheiro depois de breve pausa.

— Não. Estou triste... e não sei porque.

— És extraordinário!

— Rói-me o coração.

— Isso é da doença.

— E' possível. E, daí talvez seja outra cousa.

Dançarino ficou um instante calado e depois disse:

— Não penses nisso.

— Em quê?

— Em nada.

— Pois olha; — disse Esperando, animando-se de súbito, — não posso deixar de pensar. Vejo-o, — e indicou o cavalo, — olho para ele e lembro-me que também tive um parecido. Era também pequeno e fraco, mas nunca tive melhor ajuda para o trabalho. Cheguei a ter dois... Naquele tempo trabalhava eu que era um gosto!...

— E que te resta de tudo isso? — perguntou Dançarino, seca e friamente. — Não gosto de te ouvir falar dessas cousas. Levas agora uma vida livre e não fazes se não suspirar! Porque?

Esperando deitou silenciosamente ao fogo um punhado de ramos secos que partira em pequenos bocados e seguiu com a vista as fagulhas que se dispersavam no ar extinguindo-se gradualmente na atmosfera húmida; pestanejava sem cessar e o rosto toldava-se-lhe pouco a pouco de tristeza.

Voltou a cabeça para onde estava o cavalo e pôs-se a examiná-lo atentamente.

O animal permanecia imóvel como se estivesse cravado na terra e a cabeça desfigurada pela açaimo da manga, pendia-lhe gravemente para o solo.

— Raciocinemos friamente — disse Dançarino com acento sugestivo. A vida é o dia e a noite; e assim se passam as vinte e quatro horas. Vivemos dia a dia.

Se há que comer, melhor; se não há, resmungue-se um pouco, mas cala-se a gente logo porque não vale de nada resmungar. Mas quando tu te pões a falar do que falaste agora, tornas-te aborrecido. Eu bem sei que isso é devido à doença, mas...

— Sim, sim; deve ser isso. A doença — retorquiu Esperando; e depois de um momento de silêncio acrescentou: — E talvez também da fraqueza do coração.

— Mas o coração enfraqueceu-te por causa da doença, — declarou Dançarino em tom dogmático. Cortou uma vara de vime, brandiu-a com força fazendo com que a deslocação do ar produzisse um silvo e continuou dizendo gravemente: — Eu cá tenho saúde; comigo não se dá isso.

O cavalo escarvou a terra. Estalou um ramo seco e uma porção de terra foi cair na ribeira fazendo glu, glu, juntando novas notas à sua tranquila melodia. Duas aves desprenderam o voo e partiram soltando gritos vibrantes e assustados. Esperando seguiu-as com a vista e perguntou em voz baixa:

— Que espécie de pássaros serão estes? Estorninhos não me parece que sejam; os estorninhos não têm que fazer no bosque, gostam mais de viver perto das habitações. Devem ser papagaios da Bohemia; sim, não é outra cousa.

— Talvez sejam galinhas, — disse Dançarino.

— Ainda é cedo; e, além disso, as galinhas vivem nos pinhais, não vêm para o bosque. São papagaios da Bohemia, não há que ver.

— Que me importa a mim que sejam uns ou outros?

— Então... — e Esperando suspirou outra vez, sem causa aparente.

A obra de Dançarino adiantava-se com rapidez; já tinha feito o fundo da cesta e começava a entrançar-lhe habilmente os lados. Adelgaçava os vimes com a navalha, cortava-os depois com os dentes, espetava-os, ligava-os e, entrelaçando-os rapidamente com as pontas dos dedos, resfolegava, ericando ainda mais o bigo-de.

Esperando olhava, ora para o camarada, ora para o cavalo que parecia petrificado, com a cabeça sempre inclinada para o chão. De quando em quando, olhava para o céu já inundado de sombra e onde nem uma estrela brilhava. Súbitamente, disse com uma intonação estranha:

— O dono ha de vir buscar o cavalo e não o encontra; há de procurá-lo por toda a parte... inútilmente.

(Continua na pág. 56)



Defenda-se da PIORRÉIA

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se nota que as gengivas sangram ao escovar os dentes... se as tem moles e sensíveis — defenda-se da Piorréia! São sinais de alarma desta terrível enfermidade — que mina as gengivas e afrouxa os dentes.

Defenda-se da Piorréia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram uma surpreendente melhora com apenas um mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista com frequência e siga os conselhos dele. E para o embelezamento dos dentes e a saúde e vigor das gengivas — comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com Forhan's



4FPI



Combatem suavemente a preguiça intestinal.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PÉLE
A VENDA EM TODA PARTE

Vinho da MADEIRA
H.M. BORGES, SUCCS LIDA
Fundado em 1874 - Vila da Madeira

Vinho da MADEIRA
H.M. BORGES, SUCCS LIDA
Fundado em 1874 - Vila da Madeira

Vinho da MADEIRA
H.M. BORGES, SUCCS LIDA
Fundado em 1874 - Vila da Madeira



**QUE PENTEADO
VOCÊ USA?**

SISTEMA arame farpado?

Há muitos fixadores baratos aparentemente e que deixam o cabelo aberto ou eriçado parecendo arame farpado... Use Brylcreem que, sendo produto de qualidade, não é caro porque rende muito mais! Brylcreem foi submetido a todas experiências em cerca de 60 países onde se vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente. Com Brylcreem no seu cabelo você estará sempre penteado. Fixa ao natural, sem colar ou grudar. Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, mantendo-o suave e sedoso. Não obstrói os poros, evita a queda e a caspa. É produto científico! Não se esqueça de que a qualidade do seu penteado reflete sua distinção pessoal!

Use na sua cabeça o que a sua cabeça vale!

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

NUNCA EXISTIU IGUAL

NOS BASTIDORES

O hábito de conversar, índice de refinamento — Caruso e a polícia ianque — O caso dos cavalos de Sarah Bernhard — "Não fui ao banquete porque não estava com fome!" — Stravinski não reconheceu a própria música.

COM a decadência dos grandes palcos europeus, que só agora têm oportunidade de reconstruir o seu prestígio, abalado pela guerra, o Metropolitan de Nova York ganhou o título de principal cena lírica do mundo. Aquele grande teatro, contudo, assim como a nossa versão nacional, o Municipal, tem acolhido grandes e pequenos artistas — em tamanho como em talento. Seus muros têm sido assistido, impassíveis, a ovações e vaias se bem que, lá, nunca tenha havido intromissão da polícia para conseguir assegurar o silêncio necessário ao prosseguimento do espetáculo...

Aliás, um hábito que vem de longe, privilégio da nobreza entediada que frequentava os primitivos espetáculos, é, justamente, não prestar a menor atenção ao que vai na cena, em determinados trechos, entabulando, indiferente, animada conversa.

Assim, no próprio Metropolitan é curioso observar como o movimento de democratização da arte, que pôs, inclusive, as entradas ao alcance de número mais elevado de amantes da ópera, determinou uma modificação no procedimento rude dos granfinos que julgavam que a inatenção era a última palavra em matéria de refinamento... Os que pagavam um preço módico, para assistir, de pé, os es-

petáculos evidentemente não poderiam admitir que, além do inconveniente da postura, houvesse o ruído da palestra, e conseguiram que os mexericos fossem adiados até os intervalos, ficando os que ao teatro compareciam somente em virtude da bela ocasião que aquela "reunião social" proporcionou, a exibir as respectivas toilettes sem comentários perturbadores.

CARUSO, A POLÍCIA E UMA OVAÇÃO

Leonard Liebling, em artigo publicado no Musical Courier, enfileira uma série de anedotas a respeito dos primeiros tempos do Metropolitan, quando os grandes cantores europeus enfrentavam, receosos, "a cáfila rica e coberta de jóias, mas completamente ignorante", que tomava assinatura, sustentava o teatro e lá ia mais para se exibir ou, como era o caso de muitos banqueiros decréptos, para admirar a plástica das bailarinas.

Caruso, àquela época, gozava de um prestígio difícil de se compreender. Ele passou, hoje, o tempo que uma personalidade forte, original, uma voz como a dele, despertavam um entusiasmo cuja medida é desconhecida entre nós.

Sarah Bernhard, quando chegou à Europa, contou coisas perfeitamente absurdas a respeito da sua viagem ao Brasil. Disse, inclusive, que os estudantes cariocas

Caruso, que a polícia americana prendeu e o público ovacionou.



DO METROPOLITAN

tinham sido tomados de tal entusiasmo que haviam desatrelado o seu carro e insistido em puxá-lo, eles próprios, improvisando-o em burros, trôpegos e ineficientes puxadores de tão preciosa carga...

Se a atriz exagerava bastante e mereceu, mesmo, pelo seu cabotinismo, algumas farpas de Eça de Queiroz, que dedicou mais de um artigo ao acontecimento; se, na verdade, Sarah Bernardt fizera uma chegada sensacional mas não tão sensacional como ela própria fazia anunciar, a verdade é que, naquele tempo, a política alevava menos paixões do que as atrizes e devemos lembrar, logo, a famosa briga em torno da Casloni, robustíssima cantora italiana, na qual inclusive Machado de Assis tomou partido, e violentamente, ele, que, em assuntos políticos, mantinha, sempre, sua objetividade um tanto cética.

Assim, Caruso, nos Estados Unidos, gozava, naquele tempo, meio romântico de arrebatamentos, um prestígio difícil de se explicar em termos da situação contemporânea dos artistas, mas facilmente compreensível se recordarmos como tudo decorria naquele tempo, em que o contrário do conservador, do homem retrógado não era o elemento integrado no seu tempo e lutando pelo progresso — era o boêmio, dispersivo, amante do vinho, das mulheres e da música.

Pois bem, o famoso cantor fora preso, pouco antes, em condições que feriam, decididamente o pudor puritano do público, descendente daquele grupo de intransi-

Igor Stravinski, o compositor russo que não reconheceu a própria partitura...



Mary Garden que aparece, no clichê, no papel de Mélisande foi apresentada como principal atração da Ópera de Manhattan, de Oscar Hammerstein.

gentes protestantes que viera da Inglaterra tangido pela luta religiosa. Caruso estava nervoso. Como agiria a platéia? Uma grande ovação acolheu-o quando ele pisou no palco. O espetáculo foi um sucesso. O público delirou.

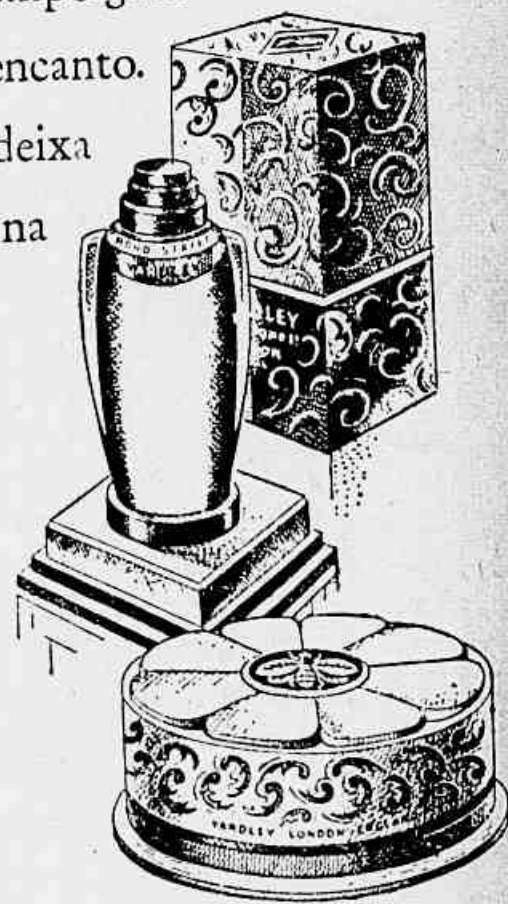
Quando terminou a ópera Leonard Liebbling foi encontrá-lo chorando:

— Eles me amam... Eles me amam, disse o tenor em italiano e italianamente; explosivo, afetivo e exuberante.



"Bond Street" — O PERFUME IRRESISTÍVEL

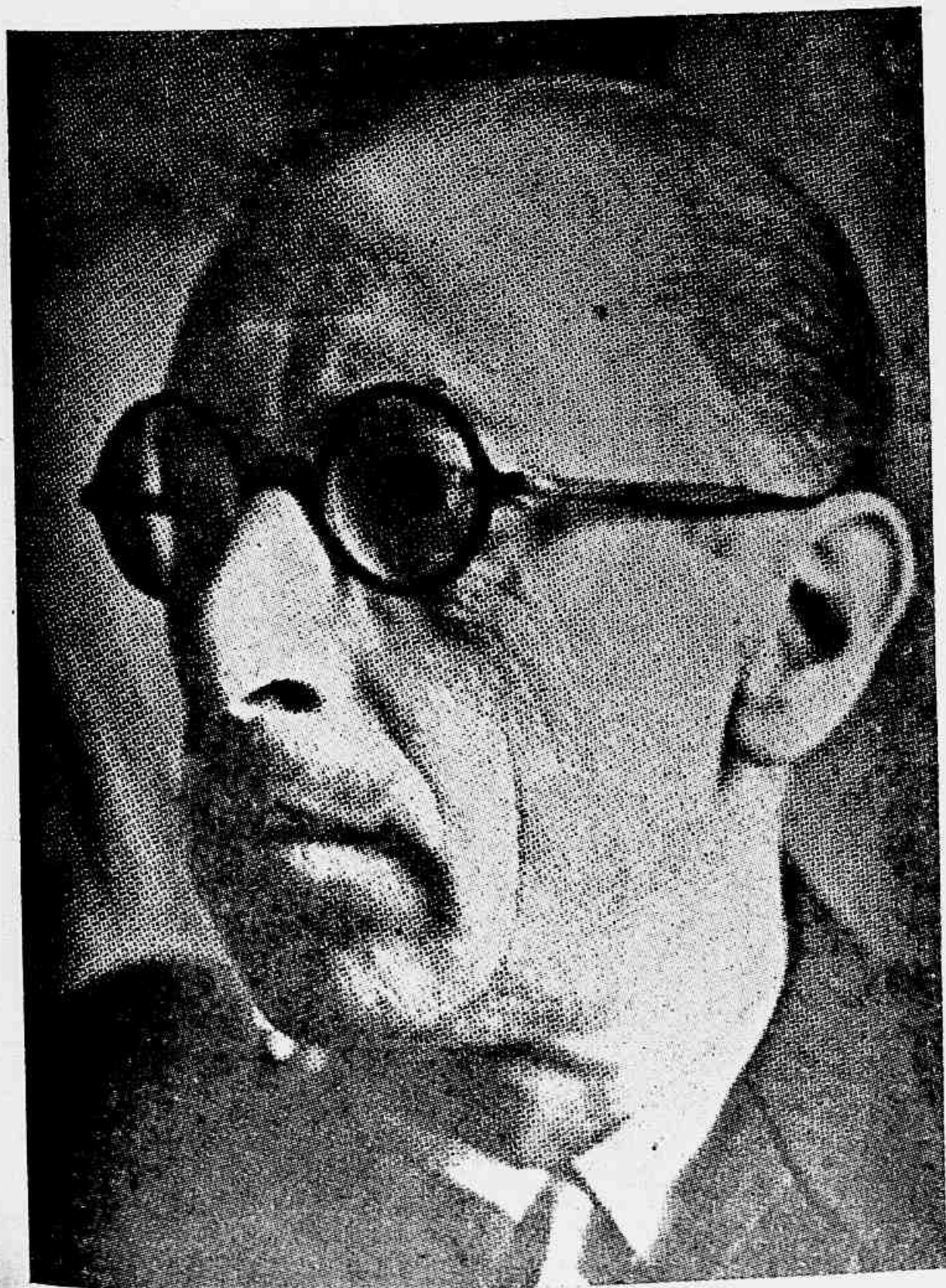
Complemento perfeito de joias e champanha, da atração do seu vestido tão sàbiamente escolhido, "Bond Street" rodeia-a com uma fragrância tão sutil que você se sente empolgada pela confiança em seu próprio encanto. E, tal como sua personalidade, deixa uma recordação que perdura na memória muito tempo após ter dito Boa Noite!



Yardley
de Londres

YARDLEY • 33 OLD BOND STREET • LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 * Rio de Janeiro



GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



TRANSPIROL



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro "Receitas com Maizena Duryea", onde encontrará 74 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.



MAIZENA DURYEA

A MAIZENA DURYEA 30
Caixa Postal, 6-B - São Paulo 37
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

Verifique o
acompanhamento indio
e o nome Duryea



DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino
Rua Cap. Salomão, 67
Telefone: 4-1569



A COMPETIÇÃO E A FOME

Quando Oscar Hammerstein resolveu deixar de lado o Metropolitan, que, naquela época, andava com um elenco desfalecido e um repertório fraco, surgiu o plano de um outro teatro de ópera, que não demorou em aparecer, com Mary Garden, uma das maiores cantoras de todos os tempos, como principal atração.

Pouco tempo depois, Gatti Cassazza, empresário do Metropolitan, voltava da Europa e alguns amigos pensaram em oferecer um banquete em sua homenagem.

O empresário, entretanto, não contava com a simpatia de seu competidor, Hammerstein, que, apesar de convidado, não compareceu.

— Por que você não foi ao banquete do Gatti Cassazza? perguntou-lhe um amigo deste último, prevendo uma intriga bem urdida.

— Porque não estava com fome, respondeu, friamente o maestro americano.

E foi essa réplica que causou o rompimento definitivo dos dois, indo figurar nos anais da cena lírica americana. Aliás, bem plausível era a resposta de Hammerstein, uma vez que, bem alimentado, certamente, ele nunca deixou de ser.

MORTE E TRANSFIGURAÇÃO DE UMA CANTORA

A esposa de Gatti Cassazza, a irrequieta australiana Frances Alda, que durante vários anos foi uma estrela do Metropolitan e também o maior "moleque" que apareceu por aquelas paragens, contava,

com a mesma rudeza afolta que sempre a caracterizou, determinado episódio a respeito do principal teatro de ópera americano.

Dizia Alda que, conhecendo os pudores excessivos de uma colega, cujo nome não cita para poupar-lhe o vexame, resolveu pregar-lhe uma grande peça. Na cena em que a referida pudica cantora deveria cobrir a cabeça se aproximou e puxou-lhe a saia de maneira a que, na queda, o vestido subiu bastante mostrando as bem feitas pernas da vítima — exibição que, naquele tempo, era considerada uma imoralidade. Os cavalheiros tomaram os binóculos para apreciar o espetáculo raro. Mas não durou muito. A cantora levantou-se, endireitou o vestido e, placidamente, tornou a morrer, com o ar de quem diz: Antes de tudo a moral; depois, a arte.

STRAVINSKI NÃO RECONHECEU A PRÓPRIA MÚSICA

Stravinski, quando veio reger obra no Metropolitan, naturalmente como compositor, resolveu fazê-lo de cóp.

Mas acontece que, mal tomou a batuta e deu o sinal para que a orquestra começasse, voltou-se, espantado, diante dos primeiros acordes:

— Mas... eu não compuz isso!

Os membros da orquestra insistiram. Mostraram a partitura. Stravinski ficou embaralhado... A memória tem dessas coisas...

A situação automobilística

NOVA YORK (SIPA) — De dia para dia, — diz a imprensa norte-americana, — vai-se tornando menos provável que esse ano vejamos nas estradas dos Estados Unidos muitos automóveis novos. Efetivamente, a escassez de materiais está obstando de tal modo, neste país, a fabricação de automóveis, que já se receia que em vez dos seis milhões que a indústria se propunha produzir no ano corrente, talvez nem sequer chegue a produzir dois milhões e meio.

A greve dos mineiros de carvão ameaçou-nos com a paragem forçada de muitas fábricas de automóveis, bem como de muitas fábricas de acessórios para os mesmos, e essa ameaça já em muitos casos se converteu num fato consumado. As empresas siderúrgicas do país estão hoje oferecendo somente a quantidade mínima de aço indispensável à indústria do automóvel, que não poderá satisfazer às suas necessidades neste capítulo senão com o aço laminado a frio das fábricas atualmente em construção; mas estas não começarão a produzi-lo senão para o fim do ano próximo.

A escassez de vidro e produtos têxteis de que a indústria automobilística necessita não se fará de maneira aguda até que a referida indústria esteja em plena laboração. Por agora, a indústria vidreira não pode proporcionar-lhe vidro para mais de 4.500.000 automóveis por ano,

devido à escassez do carbonato de sódio anidro, e não se julga que as fábricas desta substância possam aumentar sua capacidade produtiva daqui a um ano ou mais.

Muitas fábricas de acessórios para automóveis estão inativas, ora devido a greves, ora à escassez de materiais. Uma das grandes empresas fabricantes de automóveis afirma que se encontram inativas mais de trinta fábricas de acessórios. A preferência dada pelo governo às fábricas de materiais de construção e de certos artigos destinados a exportação, contribuirá para tornar ainda mais aguda a escassez de aço e de outros materiais necessárias à fabricação de automóveis.

Mas, se é bastante difícil obter automóveis americanos novos, em compensação estão-se importando ultimamente nos Estados Unidos muitos automóveis ingleses de tipo minúsculo como os Austin e Ferguson bem como motocicletas e bicicletas. Cresce de dia para dia o número desses pequenos automóveis nos Estados Unidos aumentando paralelamente a possibilidade de que venham a ser importados carros de outras marcas.

CONSELHOS

Se o seu marido gosta de conversar procure cercar-se sempre de alguns casais amigos... Ele sentirá prazer em ter boa companhia, e apreciará melhor os momentos em que ficar a sós com a mulherzinha...

OS AMIGOS

(Conclusão da pág. 58)

tossindo surdamente e expectorando sangue em abundância.

— Deltas golfadas? — perguntou o amigo, em pé, junto dele, mas afastando a vista para outro lado.

— Estou deitando muito sangue pela boca, — respondeu Esperando debilmente, como num sopro, e começando novamente a tossir.

Dançarino proferiu uma praga cínica, em voz alta e acrescentou:

— Se chamasse alguém?

— Quem?

— Se te pudesses levantar e fossemos muito devagarinho... talvez...

— Não!

Dançarino sentou-se junto à cabeça do amigo e agarrando nos joelhos com as mãos, ficou-se contemplando o enfermo.

O peito de Esperando arfava em movimentos irregulares com um rouco surdo.

Os olhos iam-se-lhe escondendo nas órbitas e os lábios empalideciam com uma rapidez pasmosa parecendo que iam colar-se-lhe aos dentes.

Do canto esquerdo da boca jorrava um fio de sangue negro que escorria pela face.

— Continua? — perguntou Dançarino em voz baixa, num tom em que havia um que de respeito.

O rosto de Esperando estremeceu.

— Continua, sim.

Ouviram-se um debil rouquejar. Dançarino apolou o rosto nos joelhos e ficou silencioso.

Por cima deles erguia-se a vertente do barranco sulcada de profundas ondulações produzidas pelas chuvas torrenciais da primavera e lá em cima assomava uma fileira de árvores iluminadas pela lua e projetando no barranco as suas sombras esgulas e espectres.

O talude fronteiro, de pendente mais suave, era coberto de arbustos; aqui e além, surgiam massas sombrias e os troncos acinzentados dos álamos, entre os quais se distinguiam nitidamente os ninhos, estendiam-se como braços angulosos e contorcidos. E o vale, banhado pela lua, parecia um sonho, um fastidioso sonho, falho das cores da realidade. O murmúrio pacífico da corrente aumentava aquela ausência de vida acentuando a triste tranquilidade do quadro.

— Al que morro! — balbuciou Esperando em voz apenas perceptível. E repetiu logo em voz alta e firme:

— Eu morro! camarada.

Dançarino, comovido, tremia. Agitou-se, resfolegou violentamente e levantando a cabeça dos joelhos, disse muito baixinho como se receasse distraí-lo:

— Não tenhas medo!

E inclinando-se sobre o rosto do amigo murmurou:

— Isso não há de ser nada! Pode ser que seja simplesmente... vamos, meu amigo...

Isso não é nada, asseguro-to!

— Meu Deus! — suspirou Esperando.

— Isso não há de ser nada, — repetiu Dançarino inclinando-se ainda mais para o amigo. — Vá tem coragem! Talvez isso te passe depressa...

Mas Esperando tornou a tossir. Um novo ruído se lhe escapou do peito; dir-se-ia que lá dentro se esfarrapara qualquer coisa semelhante a um trapo molhado.

Dançarino olhava-o retorcendo o bigode, absorto num profundo silêncio.

Esperando acabou de tossir e pôs-se a respirar entrecortada e ruidosamente como se tivesse acabado uma vertiginosa corrida. Esteve assim muito tempo. Depois começou a falar e as palavras saíram-lhe num murmúrio, entrecortado de quando em quando por aspirações cada vez mais fracas.

Parecia que cada uma dessas palavras arrastava consigo um pedaço de vida.

— Perdoa-me... camarada... se te...

— Também... por essa história... do cavalo... Perdoa-me, meu irmãozinho!

— Tá é que tens a perdoar-me, — interrompeu Dançarino que, depois de curta pausa, acrescentou:

— Mas aonde hei de eu ir agora e que farei sem ti?

E gemeu com acidez a frase:

Momentos depois parecia ressonar. Estirou as pernas, afastando-as um pouco uma da outra.

Dançarino não desfitava os olhos dele.

A ramaria do bosque imobilizava-se numa desesperante impassibilidade.

Decorreram alguns minutos longos como horas.

— Irirãozito, como te sentes? — perguntou Dançarino.

Mas o amigo não lhe respondeu; estava estendido, sem movimento.

Dançarino permaneceu largo tempo junto do camarada; depois levantou-se, tirou o gorro, fez o sinal da cruz e afastou-se lentamente seguindo pela margem do rio.

O seu rude semblante contralava-se numa dolorosa e trágica expressão; as sobrancelhas e os bigodes eriçavam-se-lhe mais que de costume e avançava, pisando violentamente a terra como se quisesse fazer-lhe mal.

Começava o dia a assomar num céu pardacento e sem doçura e o pequeno vale continuava abismado num silêncio profundo; unicamente o rio prosseguia, impassível, a sua cantilena monótona e enfadonha.

De súbito ouviu-se um ruído; talvez um pedaço de terra que soltando-se do barranco se despenhava no abismo, rolando até ao fundo da torrente.

As grialhas despertaram ao ouvi-lo e desprendêram o vóo, soltando vibrantes gritos de alarme.

Mas esses gritos não perturbaram por muito tempo a silenciosa placidez do vale. Apenas se elevaram, foram-se diluindo no ar húmido e frio da torrente.

Micróbios electrocutados

SCHENECTADY (SIPA) — Os germes patogênicos, como sejam os do sarampo e da papeira, para não mencionar senão duas das doenças que tanto atacam as crianças, e, claro está, os micróbios também de muitíssimas outras moléstias, estariam rangendo os dentes, se os tivessem, de pura raiva, contra a mil vezes malcanta (no parecer deles) General Electric Company, porque são precisamente as novas lâmpadas germicidas desta empresa que estão levando ao seio das casas de família, às escolas e até mesmo aos galinheiros, os salutares raios ultra-violetas.

O que essas lâmpadas fazem na realidade é reproduzir a energia ultra-violeta do sol. A radiação que emitem e que se deve à passagem da corrente elétrica através dos vapores de mercúrio a baixa pressão extermina os micro-organismos, desde os esporos e fermentos, até os germes das doenças.

Até há pouco, a papeira, as bexijas loucas e outras doenças infecciosas comuns, não encontravam outra oposição além da resistência que lhes ofereciam os organismos saudáveis. Atualmente, o Departamento de Saúde Pública do Estado de Nova York está procedendo a experiências nas escolas com as lâmpadas de raios ultra-violetas, que também se encontram instaladas em hospitais, fábricas, casas de família, fazendas e estâncias, sendo excelentes os resultados com elas obtidos.

Seja por exemplo o caso de Evanston, no Illinois, onde, segundo afirmam os médicos, se conseguiu reduzir de 90 por cento a propagação das infecções do aparelho respiratório entre os bebês por meio da instalação de lâmpadas germicidas nas respectivas alcovas, em contraste com as alcovas não dotadas de tais lâmpadas. No decurso duma epidemia de sarampo, no oeste dos Estados Unidos, nas aulas das escolas públicas onde se haviam instalado essas lâmpadas, a propagação do contágio entre as crianças limitou-se a 12,6, ao passo que nas aulas não protegidas pelos raios ultra-violetas, essa proporção chegou a ser de 51,8 por cento.

Saber receber é uma arte. Seja simples e agradável. Tenha uma palavra agradável para cada um e esteja sempre atenta à que a palestra não se restrinja a um grupo. É preciso que ninguém sinta que está "sentado".



Fragrância deliciosa que cativa e atrai

...Evocação adorável da primavera,

o aroma da Flôr de Maçã a envolverá

numa aura de feminina atração...

Arroz: 35, - Talco: 50, - Sabonete: ex. cl 3 - 65,

Lindíssimos estojos em várias composições

h e l e n a r u b i n s t e i n

RIO DE JANEIRO: AVENIDA RIO BRANCO, 311 — TEL. 42-1442

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Pega no nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40. Sob. Mo
Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....

Numeros atrasados desta Revista no Pará pedir á

ALBANO H. MARTINS & CIA.

Travessa Campos Sales, 85 - Belém



SEAGERS
 ((DIGA Siga))
 DESDE 1805
SEAGERS
 SIGNIFICA
 SUPERIORIDADE

OS AMIGOS

(Continuação da pág. 51)

Agitou as mãos num gesto vago, fez uma cara imbecil e piscou os olhos como se lhe tivessem assestado um foco luminoso.

— Porque dizes isso? — perguntou Dançarino ásperamente.

— E' que me lembrei de uma história — retorquiu Esperando, como a desculpar-se.

— Qual história?

— Vou contar-ta. Uma vez roubaram também um cavalo... o cavalo pertencia

ao meu vizinho Miguel, um aldeão muito gordo e picado das bexigas.

— Bem; e que mais?

— O cavalo foi roubado... no outono. Andava a pastar num campo de trigo e... desapareceu. Quando o Miguel percebeu que tinha ficado sem o cavalo, caiu no chão e pôs-se a chorar e a gri-

tar... a gritar... Parecia que lhe tinham quebrado as pernas!

— E depois?

— E depois... ficou assim por muito tempo.

— E a que propósito vem isso agora?

Ao ouvir aquela pergunta disparada a queima roupa, Esperando afastou-se um pouco do camarada e respondeu timidamente:

— E' que... me recordei, porque os camponeses sem cavalo caem na miséria.

— Repara no que te digo — disse Dançarino torvamente, fitando no companheiro um olhar penetrante, — não vês a falar-me nisso. As tuas histórias não seivem para nada. Percebeste? Não tens nada com isso!

— Mas faz pena! — retorquiu Esperando com um encolher de ombros.

— Pena! Não tenhas medo de ninguém tem pena da gente.

— Sim; lá isso é verdade.

— Então cala-te. Vamos embora.

— Já?

Esperando chegou-se para a fogueira, despertou-a com um pau e olhando para Dançarino que se entregava de novo à sua tarefa, disse num tom doce e suplicante:

— Deixemo-lo ir embora!

— Vêlo que estás hoje de muito mau humor, — disse Dançarino com aspecto contrariado.



McC

PETROLEO... Conservador de Qualidade

Muitas pessoas sabem que se usa acondicionar geleias com o auxílio de parafina. Embora menos conhecidos, há, porém, incontáveis outros trabalhos feitos pela parafina e outros produtos de petróleo, para proteger a pureza, a qualidade e o sabor dos alimentos. O ar e a umidade são "barrados" dos recipientes de alimentos pelas parafinas Esso, enquanto que nem o tempo nem o tratamento pouco cuidadoso podem causar danos aos produtos conservados em embalagens impregnadas de outro derivado petrolífero: o asfalto.

Outros produtos Esso entram na composição de pinturas, lacas e polimentos que protegem o metal, a madeira e o couro, para assegurar conforto, segurança e comodidade a milhões... reafirmando assim a liderança do

Oval Esso na indústria petrolífera, desde 1870



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA A FRENTE

RUGOL
 O CREME
 EM RELEZADOR DA PELE

— Digo-te sob minha palavra de honra que o assunto precisa ser refletido, respondeu Esperando em voz baixa convincente. — E' preciso! E' preciso levar o cavalo a quatro vestas daqui, se os lártaros não o quiserem o que vamos de fazer?

— Isso é comigo.

— Como quiseres. Mas valla mais lá-xá-lo ir embora. Que vá para onde quiser. Se está já meio arrebatado...

Dançarino não descerrou os lábios, os dedos moviam-se-lhe nervosamente.

— Se ficarem com ele, quanto mais não? — continuou obstinadamente.

perando. — E esta é a melhor ocasião. Daqui a pouco é completamente

Depois de curta pausa e numa outra dem de idéias, prosseguiu: — Se ti-

semos seguido a margem da corrente, Dubenka talvez tivéssemos arrastado

cousa melhor.

O monótono discurso de Esperando flutuando no ar de envolta com o murmúrio da torrente, irritava os nervos de Dançarino. Calava-se, cerrando os dentes, mas partia os vimes entre os dentes tal era a sua excitação.

O cavalo soltou um relincho parecendo com um profundo suspiro e começou a agitar-se. Dúbiamente visível na

DENTIFRICIOS PANINAIN

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e eles fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fadiga, seguida pela prisão de ventre. V. se sente comprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que cada litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-o conforme as instruções. São essenciais para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: C-5.

**AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
**LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE**

elevou-se pouco depois, por detrás deles cobrindo a suave melodia da corrente.

— Vês o parvo?... Repara; tropeçou e caiu ao rio, — disse Esperando.

Dançarino colérico, bufava sem responder.

No pesado solo, que ladeava a corrente, o brando e misterioso estremecimento do matagal desceia até eles desde o ponto em que as brasas brilhavam na treva, num montão vermelho, como monstruosa pupila malvada e cruelmente trocista.

Surgiu a lua.

E o seu brilho transparente e suave encheu de opaca claridade o pequeno vale. As sombras delineavam-se, definiam-se; o bosque tornou-se mais espesso e a calma pareceu mais profunda e mais severa. Os álamos brancos, prateados pela lua, destacavam-se como cirios no fundo sombrio dos azinheiros, dos olmos e do matagal bravo.

Os dois amigos continuavam marchando pelo fundo do vale, mas penosamente, porque os pés tão depressa escorregavam como se enterravam profundamente no barro.

Esperando respirava com esforço, em

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

aspirações curtas e desiguais. Salam-lhe do peito silvos, estertores, gritos lamentosos; parecia um velho relógio escangalhado.

Dançarino caminhava na frente e a sombra do seu corpo projetava em cheio sobre Esperando.

— Vamos andando, mas para onde? Que vamos fazer? Disse Dançarino num tom resmungão e descontente, quebrando o silêncio.

Esperando suspirou e ficou calado.

— Além disso... a noite é mais pequena que o bico de um pardal. Chegaremos de dia à aldeia e que havemos de comer?... Vamos passear com as "madamas".

— Não me sinto bem, meu amigo, — murmurou Esperando.

— Com que então não te sentes bem? — perguntou irônica Dançarino. — Ora vejamos o que são as cousas! E que tens tu?

Custa-me a respirar, — respondeu o ladrão doente.

que o envolvia, parecia mais disforme e miserável.

Dançarino olhou-o e cuspiu no lume. — As aves já estão fora, nos charcos...

— Os patos e os gansos.

— Já acabaste? — disse Dançarino, desgostado, interrompendo o amigo.

— Não te zangues por tão pouco, camarada! Que vá para o diabo! não é isso?

— Já comeste hoje alguma coisa? — perguntou Dançarino encolerizado.

— Não, — respondeu Esperando assustado com a brusca transição de tom com que Dançarino lhe falava.

— Pois bem; desisto do cavalo e não me ralo que rebentes praí!

Esperando, sentencioso, viu-o reunir uma mão cheia de vimes e ouviu-o fungar, enjoadado. O reflexo da fogueira iluminava-lhe em cheio o rosto vermelho, irritado e em que o bigode se eriçava cada vez mais.

Esperando voltou-se e suspirou profundamente.

— Torno a dizer-te que pouco me importo. Faze o que quiseres, — exclamou Dançarino com voz áspera e enrouquecida.

— Bem.

— Mas advirto-te que se continuas com rodelos desse gênero deixo de ser teu companheiro. Já te disse o bastante. Bem te conheço. Temos dito.

— És muito original! um tipo verdadeiramente original.

— Bem; acabou-se!

Esperando sentiu uma crispação e pôs-se a tossir. Quando lhe passou o acesso de tisse disse com dificuldade por entre suspiros:

— Se disse tudo isto foi principalmente porque é perigoso...

— Basta! — gritou Dançarino nervosamente.

E levantando do chão o molhe de vimes, pô-lo às costas, pendurando no braço o cesto po rconcluir, e pôs-se em pé.

Esperando levantou-se também, e, depois de lançar para o companheiro um rápido olhar, aproximou-se lentamente do cavalo.

— Eh! eh!... quieto! Espera aí, imbecil!

Dançarino seguiu com a vista o companheiro que se ocupava do cavalo e lhe tirava o farrapo que o subjugava pelo focinho.

Os seus lábios de ladrão empedernido começaram a tremer.

— Vens, ou não — disse, pondo-se em marcha.

— Já vou, — respondeu Esperando.

E abrindo caminho através do matagal, seguiram ambos pela margem da torrente, silenciosos, abismados na escuridão noturna que os protegia.

O cavalo seguia-os.

Um ruído de água, entrechocando-se,



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

Regina

O SABONETE MARAVILHA!



A VENDA EM TODO O BRASIL ★

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante", ultra-moderno, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



Aspecto da visita do novo Ministro da Viação, Engenheiro Clóvis Pestana, à Agência Nacional, vendo-se S. Excia. à esquerda, em companhia do Dr. Waldemar Silveira, Diretor Geral daquele Departamento.

— Custa? E porque é que não podes respirar?

— Naturalmente por causa da minha doença.

Dançarino deteve-se e agitando o dedo em frente do nariz de Esperando, acrescentou: — Não podes respirar por causa da tua toleima. E' como canta. Percebeste?

Esperando curvou a cabeça quando pôde e disse em ar de desculpa:

— Tens razão.

Querla dizer mais alguma cousa, mas a tosse voltou e impediu-lho.

Apoiou as mãos no tronco de uma árvore e tossiu largo tempo, batendo os pés com força e sacudindo a cabeça, com a boca extraordinariamente aberta.

Dançarino fitou atentamente aquele semblante transtornado que a luz da lua tornava verde-terroso.

— Vais acordar todos os lobos da floresta! — disse-lhe com azedume.

Assim que Esperando acabou de tossir e pôde respirar livremente, com a cabeça delta-la para trás, disse-lhe com acento autoritário:

— Sentemo-nos e descansa.

E ambos se sentaram na terra húmida, na sonhria projetada pelos matagais.

Dançarino fez um cigarro, acendeu-o, atendeu como ardia e disse pausadamente:

— Se tivéssemos em casa alguma cousa que comer, já teríamos voltado.

— E' verdade, — disse Esperando com um gesto de cabeça.

— Mas como em casa não temos nada, é preciso continuar a andar.

— Sim; é preciso seguir.

— Muito embora escuzassemos de ir a parte alguma; tudo será inútil. Somos tão estúpidos que...

A voz seca e áspera de Dançarino cortava o ar e parecia causar dolorosa inquietação em Esperando, que se volvia na terra gemendo e agitando-se convulso.

— Tenho fome! uma fome horrível! — acabou por dizer Dançarino num tom desfalecido e chelo de censuras.

Esperando levantou-se com ar decidido.

— Aonde vais? — perguntou Dançarino.

— Vamos embora!

— Que mosca te morden? Para que são agora essas pressas?

— Vamos!

— Pois vamos.

E Dançarino levantou-se por sua vez.

— Vamos, — disse — mas é inútil.

— Veremos o que sucede.

Esperando pôs-se a andar como se o levassem para a forca.

— Recuperaste o valor? — perguntou Dançarino.

— Que remédio! Fustigaste-me! não te fartaste de me censurar!... Ah! meu Deus!

— E' porque procedeste sem refletir?

— Porque?

— Sim; porque?

— Porque tive dó... na aparência.

— De quem?

— De quem?... Com todos os diabos!... Do homem!

— Do homem? — perguntou Dançarino pausadamente. — Ah! tens bom coração, mas não tens uma migalha de talento! Deves alguma cousa a esse homem? Percebeste? Se ele te deitasse as mãos ao pescoço, esmagava-te como se esmagasse uma pulga entre as unhas. E nestas condições lamenta-lo! Agora podes mostrar-lhe a tua simpleza e verás com te faz sofrer o que não sofreu Cristo, por essa tua compaixão. Arrancava-te as tripas com as próprias mãos, tirava-te o sangue das veias, gota a gota, lentamente, a ti, sim, pela tua compaixão! Pede antes a Deus que te emparedem vivo, sem piedade; será preferível para ti. Pede-lhe que a chuva te converta em barro!... Dó!... Deixa-te lá disso, estúpido!

Dançarino estava fora de si. A voz pungente e amarga, cheia de ironia e desprezo pelo companheiro, resoava por todo o bosque, repercutia-se infinitamente e a ramaria balouçava-se em tor-

no deles com um ligeiro estremecimento como se aprovasse aquelas palavras, duras mas justas.

Esperando, esmagado, avançava num passo mal seguro, as mãos nas algibeiras do casaco e a cabeça profunda e tristemente inclinada para o peito.

— Ouve: — disse por fim. — Estamos quase a chegar à aldeia... Eu irei só... não venhas comigo. Agarrarei, decididamente, o que encontrar à mão... e em seguida pra casa... Logo que chegar, deito-me. Sinto-me muito mal!... Sem falar em ti.

Apenas se percebia o que dizia. Estava sufocado, com um ruído estranho, uma efervescência no peito. Dançarino fitou-o com ar desconfiado e parou. Quis dizer-lhe alguma cousa, mas reconsiderou que seria inútil e continuou a andar sem dar palavra.

Andaram por muito tempo, devagar e silenciosamente.

A pouca distancia cantavam os galos e ladrava um cão. Uma ave adejava no espaço, pondo uma grande mancha negra na lactea claridade da lua. Em todo o vale fluíuava o seu grito agourento de mistura com o bater das asas.

— E' um corvo ou uma coruja? — perguntou Dançarino.

— Ouve, — exclamou Esperando deixando-se cair pesadamente no chão: — Vai tu; eu... fico aqui... Não posso mais!... Sufoco, anda-me a cabeça à roda...

— Estamos com sorte! — exclamou Dançarino. — Quer dizer que não podes mais?

— Não... não posso mais.

— Os meus parabéns!... Ora deixa-te disso!

— Sinto-me tão fraco!

— Grande milagre quando se anda um dia inteiro com a barriga a dar horas!

— Não, isto... isto é que estou a acabar. Repara... repara como o sangue sai!

E Esperando mostrou ao camarada a mão manchada de uma cousa escura.

Dançarino fixou nela a vista e perguntou com voz cava:

— E que havemos de fazer agora?

— Vai-te... Eu fico aqui... descansa-rel... e talvez...

— E aonde hei de eu ir? A não ser que vá à aldeia e diga que está aqui um homem doente.

— Não; anda com cautela... olha que te espincam!

— Sim; tens razão. Se lhes calo nas unhas...

Esperando estendeu a boca para o ar,

(Continua na pág. 59)

Encanto e frescor primavera

Ginosedol

O REMÉDIO DAS SENHORAS

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

GRATIS!

O catálogo pelo qual V. S. poderá escolher os óculos que mais lhe agradem.

Pega-nos pelo correio o novo **CATALOGO de OCULOS MODERNOS**

tendo a certeza de ser atendido por **LUTZ FERRANDO** com a mesma garantia e eficiência como se o fôsse pessoalmente pelos nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, o único ótica de confiança, que lhe oferece a garantia de 60 anos de experiência na confecção de óculos, exatamente calibrados de acordo com a receita do oculista. Adquirir seus óculos pelo sistema de reembolso.

PEÇA CATALOGO GRATIS A

LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR 88 - RIO DE JANEIRO

Tinhas? Peladas?
Afecções do Couro

Cabeludo?

REMOVAN

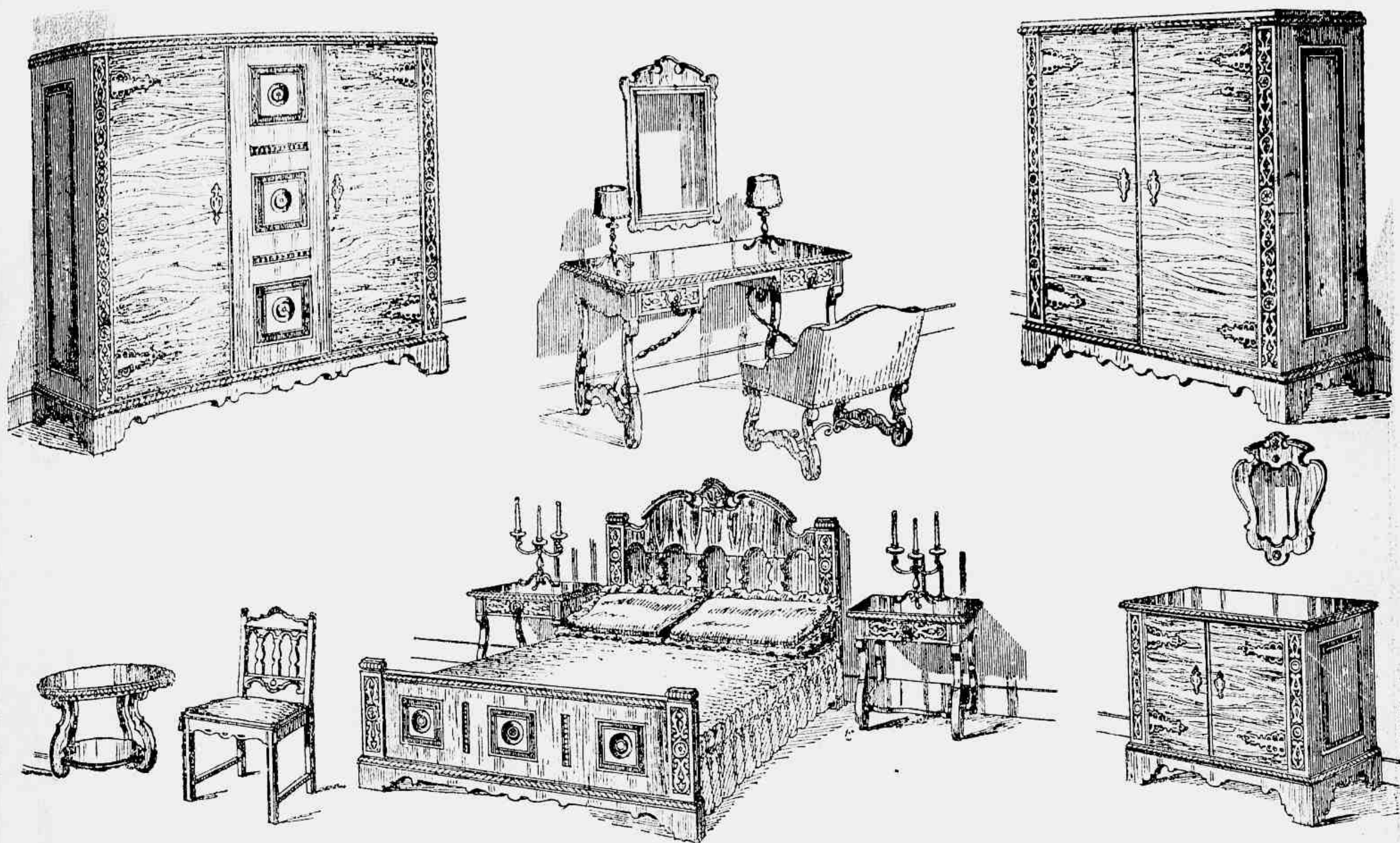
Nas Drog. e Farm.

CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO



DORMITÓRIO MEXICANO

No "cliché" acima, reproduzimos um modelo de quarto de dormir em estilo mexicano, ideal para adornar uma casa de campo. Os móveis são trabalhados em madeira clara e massiça, com aplicações de ferro batido. Além da ampla cama e dos dois armários, o mobiliário é composto de um toucador com espelho, uma cômoda e uma pequena mesa. Como adornos, dois "abat-jours" e castiçais.

MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

ANES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Hollywood

C.A. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

OIA ^{propag}
Arley